



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CÁSSIA CILENE DE ALMEIDA CHALÁ MACHADO

**“VOCÊ SABE COISA QUE EU NÃO SEI E EU SEI COISA QUE VOCÊ NÃO
SABE!”: AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA/DA PANDEMIA DE COVID-19 POR
PESSOAS IDOSAS EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO DA EJA**

Florianópolis – SC
2023

CÁSSIA CILENE DE ALMEIDA CHALÁ MACHADO

“VOCÊ SABE COISA QUE EU NÃO SEI E EU SEI COISA QUE VOCÊ NÃO SABE!”: AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA/DA PANDEMIA DE COVID-19 POR PESSOAS IDOSAS EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO DA EJA

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do Título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin

Florianópolis – SC
2023

Ficha de identificação da obra

Machado, Cássia Cilene de Almeida Chalá
“VOCÊ SABE COISA QUE EU NÃO SEI E EU SEI COISA QUE VOCÊ NÃO SABE!” : AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA/DA PANDEMIA DE COVID-19 POR PESSOAS IDOSAS EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO DA EJA / Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado ; orientadora, Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin, 2023.
298 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Pandemia da Covid-19. 3. Alfabetização na EJA. 4. Letramento Social. 5. Experiências de Pessoas idosas. I. Laffin, Maria Hermínia Lage Fernandes. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado

“VOCÊ SABE COISA QUE EU NÃO SEI E EU SEI COISA QUE VOCÊ NÃO SABE!”: AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA/DA PANDEMIA DE COVID-19 POR PESSOAS IDOSAS EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO DA EJA

O presente trabalho, em nível de doutorado, foi avaliado e aprovado em 16 de agosto de 2023 pela banca examinadora composta pelos membros:

Prof.^a Gilvanice Barbosa da Silva Musial, Dra.
Universidade Federal da Bahia

Prof.^a Marinaide Lima de Queiroz Freitas, Dra.
Universidade Federal de Alagoas

Prof. Elison Antonio Paim, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Samira de Moraes Maia Vigano, Dra.
Universidade do Estado de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão final do trabalho de conclusão, que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Educação

Prof. Ademir Valdir dos Santos, Dr.
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

Prof.^a Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin, Dra.
Orientadora

Dedico esta tese a todas as pessoas que, de modo muito significativo e singular, tornaram-se fontes de inspiração, contribuindo para o meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico, cujo apoio recebido fez com que a caminhada investigativa fosse intensa, rica e acolhedora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me fortalecer e proteger em todos os momentos da vida.

À Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e ao Colégio de Aplicação, pelo apoio e concessão de minha licença no período do doutorado.

À minha orientadora, professora Dr^a Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin, pelo seu empenho, carinho, entusiasmo e pela sua comprometida dedicação em não só conduzir, mas em trilhar lado a lado esse percurso investigativo.

A todos/as professores/as do PPGE/UFSC, pelo privilégio do aprofundamento teórico-metodológico, com arguições valiosas, e pela promoção do espaço de escuta, de socialização e construção de conhecimentos. Inclusive, as vivências acadêmicas – e pessoais – ocorreram tanto em contexto presencial como virtual (durante a pandemia), e ambas seguem ecoando em mim e nas contribuições para este estudo.

Às/aos colegas da minha linha de pesquisa Sujeitos, Processos Educativos e Docência – SUPED, especialmente a Ângela Della Fora, Adriane Corrêa da Silva, Ivanir Maciel Ortiz, Djalma Barboza Enes Filho, Etelvino Manuel Raul Guila, pelos incríveis momentos de escuta e de partilha de conhecimentos.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos – EPEJA e, nominalmente, à querida amiga Patrícia Barcelos Martins, pelos laços fortes de amizade e de grande parceria em eventos e produções acadêmicas.

Às/aos professoras/es examinadores/as da Banca de Qualificação, Dra. Gilvanice Barbosa da Silva Musial, Dra. Marinaide Lima de Queiroz Freitas, Dr. Lourival José Martins Filho e Dr. Elison Antonio Paim, pelas excelentes contribuições para o aprimoramento no processo formação-pesquisa-escrita; e à professora Eliane Santana Dias que aceitou ficar de suplente na banca.

Às/Aos professoras/es examinadoras/es da Banca de Defesa, Dra. Gilvanice Barbosa da Silva Musial, Dra. Marinaide Lima de Queiroz Freitas, Dra. Samira de Moraes Maia Vigano e Dr. Elison Antonio Paim, pelos elogios, realces e contribuições para o produto da tese. E extensiva aos suplentes, Dra. Sidneya Magaly Gaya e Dr. Lourival José Martins Filho.

Aos colegas do Colégio de Aplicação/UFSC, por todo incentivo e carinho e, nominalmente, a minha querida colega e amiga, Adriana da Costa, pela sua generosidade, competência e por não medir esforços para iluminar caminhos com/para os outros.

A Chefe de Departamento da EJA, Tamelusa Ceccato do Amaral, aos cinco coordenadores dos Núcleos da EJA pesquisados da Rede Municipal de Ensino

de Florianópolis e, em especial, à professora Dra. Deisi Cord e ao professor Dr. Daniel Godinho Berger, por toda competência e cooperação na pesquisa.

Às pessoas idosas – quatro mulheres e um homem – que gentilmente se dispuseram a compor o estudo, ao permitir e confiar a nós os seus guardados, suas histórias de vida e memórias, mesmo em um momento tão delicado, sofrido e incerto de pandemia de Covid-19.

À minha família pela paciência e apoio em todos os momentos vividos nessa caminhada investigativa e pelo orgulho que sentem de mim. Em especial, ao meu esposo Rodrigo, ao meu filho Octavio, à minha mãe Agda, à minha irmã Carla e ao meu afilhado Pedro.

Aos parentes e amigos/as que, mesmo distantes, estiveram na torcida pela conquista dessa etapa, como também entenderam os motivos da minha ausência no decorrer desse tempo do doutorado.



Fonte: Rafael Soriano. Setor de Comunicação do MST¹

*Estar no mundo sem fazer história,
sem por ela ser feito,
sem fazer cultura,
sem 'tratar' sua própria presença no mundo,
sem sonhar,
sem cantar,
sem musicar,
sem pintar,
sem cuidar da terra, das águas,
sem usar as mãos,
sem esculpir,
sem filosofar,
sem pontos de vista sobre o mundo,
sem fazer ciência, ou teologia,
sem assombro em face do mistério,
sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação,
sem politizar não é possível.
(Paulo Freire, 2002b)*

¹ Ilustração retirada do artigo do MST, em homenagem aos 99 anos de Paulo Freire, publicado em 19 de setembro de 2020, com acesso pelo link: <https://mst.org.br/2020/09/19/99-anos-do-homem-que-amava-as-gentes/>.

RESUMO

Esta tese, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, no âmbito da Linha de Pesquisa Sujeitos, Processos Educativos e Docência - SUPED, volta o seu olhar para as experiências vividas pelas pessoas idosas no contexto da pandemia, tendo em vista que suas vidas foram radicalmente impactadas ao serem marcadas como grupo de risco da Covid-19. Portanto, o estudo tem como objetivo geral apreender as experiências vividas na/da pandemia de Covid-19 – dentro e fora do espaço escolar – por pessoas idosas matriculadas em turmas de alfabetização da EJA na rede municipal de Florianópolis/SC. No tocante aos aspectos metodológicos, a referida pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório, mediante levantamento e análise de dados. Assim, aponta-se que a análise dos dados ocorre por meio da análise de conteúdo de forma categorial, sob a metodologia desenvolvida por Minayo (1998). As fontes da pesquisa caracterizam-se como bibliográficas, documentais e de campo. A pesquisa bibliográfica incide no levantamento de produções publicizadas em sete bases de dados (ambientes virtuais) e em livros, teses, relatos de experiência e dissertações, materiais esses impressos e digitais. Quanto à pesquisa documental, realizou-se o estudo de documentos legais, em nível nacional e local, com o foco na pandemia e nos processos educacionais para as turmas de EJA, especificamente aqueles voltados a atender às necessidades da população idosa. Já a pesquisa de campo abarca cinco escolas municipais, contendo turmas do 1º segmento da EJA, situadas em cinco bairros de Florianópolis. A investigação conta com a contribuição de autores como: Benjamin (1987a, 1987b, 1987c, 1994, 1995); Thompson (1981); Freire (1989, 1992, 1994, 2002a, 2002b, 2015); Beauvoir (2018), Morin (2021); Bosi (2003, 2010); Foucault (1987, 1997); entre outros. Os achados da pesquisa sobre a experiência da pandemia de Covid-19 para as quatro mulheres idosas e um homem idoso, revelam evidências do sentimento de aprisionamento pelo fato de pertencerem ao grupo de risco da Covid-19, em que a redução do convívio social e restrição de mobilidade para enfrentar pandemia acarretou maior fragilidade financeira e de saúde emocional. Pelas suas memórias, as pessoas evidenciaram os entrelaçamentos das experiências nas memórias de suas infâncias e das vivências das velhices, dentre elas, a escolar. Destacaram a decepção em relação ao governo de extrema-direita (2019-2022) e o repleto descontentamento frente à desvalorização e à falta de respeito da sociedade para com aqueles/as que conseguem envelhecer. Contudo, apesar de tudo que passaram, os/as participantes/as enfatizaram a importância do isolamento social para o resguardo de suas vidas, situando as dificuldades e os alcances do ensino no modo remoto, uma vez que não conseguiu atingir a todos/as. Para as pessoas que conseguiram participar, os dias de aulas eram os mais esperados, pois se sentiam menos angustiadas, devido ao acolhimento e ao compartilhamento de experiências e informações sobre a pandemia com os/as professores/as e os/as colegas, consistindo em um esperar por dias melhores. Já no que se refere aos usos das práticas de letramento, essas pessoas salientaram os saberes constituídos de experiências feitas do seu dia a dia e aqueles apropriados no âmbito do processo escolar de alfabetização. No conjunto desses saberes escolarizados, entrelaçados com suas vivências nas velhices, há uma percepção de constituição de letramentos sociais ao refletir sobre as implicações educativas e socioeconômicas da pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Pandemia da Covid-19; Alfabetização na EJA; Letramento Social; Experiências de Pessoas idosas; Velhices.

ABSTRACT

This work, submitted to the Graduate Program in Educational Sciences of the Federal University of Santa Catarina under the research line Subjects, Educational Processes and Instruction - SUPED, focuses on the experiences lived by elderly people related to the pandemic, since their lives were radically affected by being classified as a risk group for Covid-19. Therefore, the general objective of the study is to capture the experiences that older people attending EJA literacy classes in the municipality of Florianópolis/ SC had in/with the Covid 19 pandemic - inside and outside school. Regarding the methodological aspects, this research is characterized as qualitative, exploratory, through data collection and analysis. Thus, it is pointed out that data analysis is carried out through categorical content analysis according to the methodology developed by Minayo (1998). The research sources are characterized as bibliographic, documentary and field research. The bibliographic research focuses on the study of productions published in seven databases (virtual environments) and in books, theses, field reports and dissertations, printed and digital materials. As for documentary research, the study of legal documents was carried out at the national and local levels, focusing on the pandemic and educational processes for EJA classes, especially those focused on the needs of the elderly population. The field research includes five urban schools with 1st segment EJA classes, located in five neighborhoods of Florianópolis. The research draws on the contributions of authors such as: Benjamin (1987a, 1987b, 1987c, 1994, 1995); Thompson (1981); Freire (1989, 1992, 1994, 2002a, 2002b, 2015); Beauvoir (2018), Morin (2021); Bosi (2003, 2010); Foucault (1987, 1997); and others. The research findings on the experiences of the Covid 19 pandemic among the four elderly women and one elderly man, in which the reduction in social interaction and mobility restriction to face the pandemic resulted in greater financial and fragility emotional health. Their recollections revealed that their childhood memories and experiences as they grew older, including school, were intertwined. They emphasized their disappointment with the far-right government (2019-2022) and their widespread dissatisfaction with society's devaluation and lack of respect for those who manage to grow old. Despite all they have been through, however, participants emphasized the importance of social isolation in protecting their lives and located the difficulties and reach of *online* education as it could not reach everyone. For the people who were able to participate, the days of teaching were the most expectant, as they felt less burdened by receiving and sharing experiences and information about the pandemic with teachers and colleagues, consisting of a hope for better days in the future. In terms of using literacy practices, these individuals emphasized knowledge that was composed of experiences from their daily lives and was appropriate for the school literacy process. Within the totality of school literacy knowledge interwoven with their experiences in old age, there is a notion of building social skills as they reflected on the educational and socioeconomic impact of the Covid-19 pandemic.

Keywords: Covid-19 pandemic; EJA literacy; Social literacy; Experiences of older people; Old age.

RESUMEN

Esta tesis, presentada al Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Santa Catarina, constituye el campo de la Línea de Investigación Sujetos, Procesos Educativos y Enseñanza – SUPED, y se centra en las experiencias vividas por personas mayores en el contexto de la pandemia, considerando que sus vidas fueron radicalmente impactadas al ser señalados como grupo de riesgo para el Covid-19. Por lo tanto, el objetivo general de este estudio es comprender las experiencias vividas en la pandemia del Covid-19 dentro y fuera del espacio escolar por los adultos mayores matriculados en los grupos de alfabetización de la EJA en la red municipal de Florianópolis/SC. En cuanto a los aspectos metodológicos, esta investigación se caracteriza por ser cualitativa, exploratoria, a través de la recolección y análisis de datos. Así, se señala que el análisis de los datos ocurre a través del análisis de contenido de forma categorial, bajo la metodología desarrollada por Minayo (1998). Las fuentes de investigación están caracterizadas como bibliográficas, documentales y de campo. La investigación de carácter bibliográfica se centra en el estudio de las producciones publicadas en siete bases de datos (medios virtuales) y en libros, tesis, relatos de experiencias y disertaciones, materiales impresos y digitales. En cuanto a la investigación documental, se llevó a cabo el estudio de documentos legales, a nivel nacional y local, enfocados en la pandemia y en los procesos educativos para las clases de EJA, específicamente aquellos dirigidos a satisfacer las necesidades de la población de la tercera edad. La pesquisa de campo abarca cinco escuelas municipales, que contemplan las salas de aula del 1º segmento de la EJA, localizadas en cinco barrios de Florianópolis. La investigación cuenta con la contribución de autores como Benjamín (1987a, 1987b, 1987c, 1994, 1995); Thompson (1981); Freire (1989, 1992, 1994, 2002a, 2002b, 2015); Beauvoir (2018), Morin (2021); Bosi (2003, 2010); Foucault (1987, 1997); entre otros. Los resultados de la investigación sobre la experiencia de la pandemia de Covid-19 para las cuatro mujeres y un hombre de la tercera edad, relatan evidencias de un sentimiento de confinamiento por pertenecer al grupo de riesgo del Covid-19, en el que la reducción de la interacción social y las restricciones de movilidad enfrentar la pandemia resultó en una mayor fragilidad económica y de salud emocional. A través de sus recuerdos, las personas mostraron el entrelazamiento de experiencias en las memorias de su infancia y las experiencias de la vejez, incluida la escuela. Destacaron su decepción con el gobierno de extrema derecha (2019-2022) y su total descontento con la desvalorización y la falta de respeto de la sociedad hacia quienes envejecen. Sin embargo, a pesar de todo lo que pasaron, los participantes destacaron la importancia del aislamiento social para la protección de sus vidas, situando las dificultades y los logros de la educación en la modalidad a distancia, así como la dificultad de acceso para todos. Para las personas que consiguieron participar, los días de clase eran los más esperados, ya que se sentían menos angustiadas, debido al acogimiento y al intercambio de experiencias e informaciones con profesores y compañeros sobre la pandemia, convirtiéndose en la esperanza de días mejores. En cuanto a las prácticas de alfabetización, estas personas destacaron los saberes constituidos a partir de sus experiencias cotidianas y los apropiados en el ámbito del proceso de alfabetización escolar. En el conjunto de estos saberes escolares, entrelazados con sus experiencias en la vejez, se percibe la constitución de letramientos sociales al reflexionar sobre las implicaciones educativas y socioeconómicas de la pandemia del Covid-19.

Palabras clave: Pandemia Covid-19; Alfabetización EJA; Alfabetización social; Experiencias de las personas mayores; Vejez.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da Cartilha Caminho Suave, referente a 81ª edição de 1979.....	21
Figura 2 – Passos de realização do estado do conhecimento nesta tese.....	50
Figura 3 – Imagem da Fachada da Sede do NETI-UNAPI /UFSC.....	81
Figura 4 – Imagem das Fundadoras do NETI-UNAPI da UFSC.....	81
Figura 5 – Imagem da Fachada da EBM Donícia Maria da Costa.....	84
Figura 6 – Imagem do Prédio em que funcionava a Escola Aprendizes de Marinheiro em 1943.....	84
Figura 7 – Imagem da entrada da EBM Almirante Carvalhal.....	86
Figura 8 – Imagem da fachada da atual sede do Cedep.....	87
Figura 9 – Fotografia da fachada da EBM Intendente Aricomedes da Silva.....	88
Figura 10 – Número de matrículas no 1º segmento da EJA durante a pandemia de Covid-19 (2020-2022).....	89
Figura 11 – Matrículas de estudantes idosos e idosas em turmas do 1º segmento da EJA na pandemia de Covid-19 (2020-2022).....	90
Figura 12 – Número de matrículas de mulheres idosas e homens idosos em turmas do 1º segmento da EJA na pandemia de Covid-19 (2020-2022).....	92
Figura 13 – Capa do Plano Municipal de Contingência – Educação.....	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais informações acerca das buscas nos repositórios investigados.....	51
Quadro 1 – Principais informações acerca das buscas nos repositórios investigados (Conclusão).....	52
Quadro 2 – Dados sobre as produções analisadas nos repositórios selecionados no período entre 2020 e 2022.....	54
Quadro 2 – Dados sobre as produções analisadas nos repositórios selecionados no período entre 2020 e 2022 (Conclusão).....	55
Quadro 3 – Trabalho localizado na Revista Perspectiva/UFSC (2020-2022).....	55
Quadro 4 – Trabalho localizado na Movimento – Revista de Educação /UFF (2020-2022)..	57
Quadro 5 – Trabalho relato de experiência localizado na FAED/UEDESC (2020).....	58
Quadro 6 – Trabalho localizado no GT-18 dos Anais da 40ª Reunião Nacional Anped (2021).....	60
Quadro 7 – Trabalhos selecionados no Google Acadêmico (2020-2021).....	61
Quadro 8 – Trabalho localizado no Google Acadêmico (2020-2022).....	62
Quadro 9 – Categorias filosóficas e empíricas da pesquisa.....	74
Quadro 10 – Informações sobre as entrevistas.....	78
Quadro 11 – Dados sobre as/o sujeitas/o idosas/o da pesquisa.....	167
Quadro 11 – Dados sobre as/o sujeitas/o idosas/o da pesquisa (Conclusão).....	168

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 – Panorama das produções científicas encontradas no balanço bibliográfico em nível nacional e internacional nos portais da Capes; da ANPEd; da Scielo Online; do repositório institucional da UFSC, nas revistas científicas Perspectiva/UFSC e Movimento/UFF, no Google Acadêmico e produções da Faed/UDESC (2020-2022).....	53
Tabela 2 - Panorama de mortes por Covid-19 de pessoas idosas no Brasil (período de 16 de março de 2020 a 12 de outubro de 2022).....	119
Gráfico 1 - Matrículas na EJA em Florianópolis (2018-2022).....	154
Tabela 3 - Estabelecimentos de ensino, níveis e modalidades e matrículas, rede municipal de Florianópolis - 2014.....	156

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL – Academia Brasileira de Letras
AIA – Ano Internacional da Alfabetização
ALV – Aprendizagem ao Longo da Vida
ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CA – Colégio de Aplicação
CAAEE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCFV – Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
CCJC - Constituição e Justiça e de Cidadania
CDS – Centro de Desportos
CED – Centro de Ciências da Educação
CEDEP – Centro de Educação e Evangelização Popular
CEE – Comunidade Econômica Europeia
CEN – Coletivo de Entidades Negras
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito
CNS – Conselho Nacional de Saúde
COHAB – Companhia de Habitação Popular
CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
DABE – Diretoria de Alfabetização Baseada em Evidência
DAOP – Diretrizes, Dinâmicas e Ações Operacionais
DSEA – Diretoria de Suporte Estratégico à Alfabetização
DCFP – Diretoria de Desenvolvimento Curricular e Formação de Professores Alfabetizadores
DN – Departamento Nacional
EBM – Escola Básica Municipal
EJA – Educação de Jovens e Adultos
EPEJA – Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos
ESPPII – Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
ESSU – *Education Sector Strategy Update*
FAED – Centro de Ciências Humanas e da Educação

FAFICH – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
GT – Grupo de Trabalho
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INESC – Instituto de Estudos Socioeconômicos
INSS - Instituto Nacional do Seguro Social
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC – Ministério da Educação
MRS – Metodologia de Reconhecimento de Saberes
NED – Núcleo de Estudos sobre Deficiência
NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas
OSC – Organizações da Sociedade Civil, também conhecidas como ONGs
PBA – Programa Brasil Alfabetizado
PL – Projeto de Lei
PNA – Política Nacional de Alfabetização
Pnad- Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios
PNE – Plano Nacional de Educação
PNLD – Programa Nacional do Livro Didático
PPCI – Popularização do Conhecimento Científico
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
RS – Rio Grande do Sul
RNP – Rede Nacional de Ensino e Pesquisa
SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SC – Santa Catarina
SciELO – *Scientific Electronic Library online*
SEALF – Secretaria de Alfabetização
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SUS – Sistema Único de Saúde
SUPED – Sujeitos, Processos Educativos e Docência
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCU – Tribunal de Contas da União
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFAL – Universidade Federal de Alagoas
UF's – Unidades Federativas
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UNAPI – Universidade Aberta para as Pessoas Idosas
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP – Universidade Estadual Paulista
USP – Universidade de São Paulo
UTI – Unidades de Tratamento Intensivo

SUMÁRIO

<i>PRIMEIRA PARTE: PROBLEMATIZAÇÕES E APROXIMAÇÕES AO OBJETO DE ESTUDO</i>	17
1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	18
1.1 EXPERIÊNCIAS VIVIDAS, SENTIDAS E ESPERANÇADAS E O INTERESSE PELO OBJETO DA TESE	18
1.2 CONTEXTO E JUSTIFICATIVA DA INVESTIGAÇÃO	28
1.3 APROXIMAÇÕES AO OBJETO DE ESTUDO: AS EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS E ESCOLARES DAS PESSOAS IDOSAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	40
1.4 LEVANTAMENTO DE PRODUÇÕES SOBRE PESSOAS IDOSAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EJA NO CONTEXTO DE PANDEMIA (2020-2022)	48
1.4.1 O balanço de produções acadêmicas acerca das experiências de pessoas idosas em processos de alfabetização na EJA no contexto de pandemia da COVID-19 no Brasil (2020-2022)	49
2 OS DESAFIOS NO CAMINHAR DA INVESTIGAÇÃO NA PANDEMIA DE COVID-19 SOBRE PESSOAS IDOSAS EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO NA EJA	67
2.1 A BUSCA DE CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA CIENTÍFICA: POR UMA PRÁTICA CRÍTICA DE INVESTIGAÇÃO	71
2.2 O CONTEXTO DA PESQUISA NA EJA DA REDE MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS	79
2.2.1 Núcleo de Estudos da Terceira Idade – Universidade Aberta para as Pessoas Idosas – NETI-UNAPI da UFSC	80
2.2.2 Escola Básica Municipal Donícia Maria da Costa	83
2.2.3 Escola de Básica Municipal Almirante Carvalhal	84
2.2.4 Centro de Educação e Evangelização Popular – CEDEP	86
2.2.5 Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva	88
2.3 AS MATRÍCULAS NO I SEGMENTO DA EJA DAS ESCOLAS E INSTITUIÇÕES NO CAMPO DA INVESTIGAÇÃO	89
<i>SEGUNDA PARTE: CONCEITUAÇÃO DE VELHICES E EXPERIÊNCIAS</i>	95
3 FALANDO DAS VELHICES	96
3.1 VELHICES NA CONTEMPORANEIDADE	102
3.2 A VELHICE E A CHEGADA DA PANDEMIA DE COVID-19: APONTAMENTOS DO BRASIL E DO MUNDO	110
4 CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM WALTER BENJAMIN, PAULO FREIRE E EDWARD THOMPSON	124
4.1 CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM WALTER BENJAMIN	124
4.2 CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM EDWARD THOMPSON	129
4.3 CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM PAULO FREIRE	134
<i>TERCEIRA PARTE: A COMPREENSÃO DAS EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS E ESCOLARES NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE PESSOAS IDOSAS EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO NA EJA</i>	140

5 DOCUMENTOS LEGAIS E DE ORIENTAÇÃO SOBRE OS PROCESSOS EDUCACIONAIS VOLTADOS À POPULAÇÃO IDOSA	141
5.1 A POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO - PNA (2019-2022)	141
5.2 PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS (2015-2025): DE OLHO NA EJA E NOS/AS ESTUDANTES IDOSOS/AS	152
5.3 PLANO MUNICIPAL DE CONTINGÊNCIA - EDUCAÇÃO (2022)	157
5.4 DE ESTATUTO DO IDOSO PARA ESTATUTO DA PESSOA IDOSA: QUE DIFERENÇA ISSO FAZ?	160
6 SAINDO DA INVISIBILIDADE: AS SUJEITAS IDOSAS E O SUJEITO IDOSO DA PESQUISA	165
6.1 QUEM SÃO ESSAS MULHERES E ESSE HOMEM EM EXPERIÊNCIAS DA INFÂNCIA E DAS VELHICES?	166
6.1.1 Joana e sua alegria de viver	168
6.1.2 Cândido e o seu envolvimento com o mundo	169
6.1.3 Solange, a nova cidade e o início dos seus estudos	169
6.1.4 Paula e a necessidade de sentir-se alfabetizada	169
6.1.5 Carla, sua relação com o mundo e com a própria história	170
6.2 ENTRELAÇAMENTOS DAS EXPERIÊNCIAS NAS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E DA VIVÊNCIA DAS VELHICES, DENTRE ELAS, A ESCOLAR	170
6.3 O QUE VALE É A VIDA! – AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA E O ESPERANÇAR REVELADO PELAS PESSOAS IDOSAS	184
6.4 “EU CONSEGUI ACOMPANHAR ALGUMA COISA PORQUE AÍ COMEÇAVA A ME DOER O OLHO”: A EXPERIÊNCIA ESCOLAR PELO ENSINO REMOTO NA PANDEMIA DE COVID-19	193
6.5 “VOCÊ SABE COISA QUE EU NÃO SEI E EU SEI COISA QUE VOCÊ NÃO SABE, ENTÃO É MUITO IMPORTANTE A GENTE TROCAR”: A APROPRIAÇÃO DOS SABERES DO MUNDO LETRADO	200
6.5.1 Mas o que significa o fato de Paula se reconhecer como alfabetizada, as proximidades e os distanciamentos que essas pessoas idosas identificam em relação aos saberes do mundo letrado?	202
7 CONSIDERAÇÕES	208
REFERÊNCIAS	216
APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO RECEBIDO E ASSINADO PELO/AS ENTREVISTADO/AS	241
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS PESSOAS IDOSAS	244
APÊNDICE C – ENTREVISTAS DAS PESSOAS IDOSAS	250
C.1 Saberes da experiência de Joana	250
C.2 Saberes da experiência de Cândido	259
C.3 Saberes da experiência de Solange	269
C.4 Saberes da experiência de Paula	277
C.5 Saberes da experiência de Carla	284
ANEXO 1: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	296

***PRIMEIRA PARTE: PROBLEMATIZAÇÕES E
APROXIMAÇÕES AO OBJETO DE ESTUDO***

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

1.1 EXPERIÊNCIAS² VIVIDAS, SENTIDAS E ESPERANÇADAS E O INTERESSE PELO OBJETO DA TESE

O processo investigativo desta tese, tão complexo, intenso e desafiador, vivido no curso do doutorado em pleno auge da pandemia de Covid-19, vem somar-se – substancialmente – às experiências já vividas e que dão sentido à minha existência. Aliás, é sempre bom lembrar que a existência é construída por um movimento dialético entre subjetividade (individual) e objetividade (sociocultural).

Desse modo, o emprego da primeira pessoa do singular (eu), para esse momento de escrita, vem carregado de mim e de outros/as sujeitos/as, em que esse olhar para o vivido, possibilitou-me rememorar o passado, a fim de desvelar os meandros da experiência com as pessoas mais velhas juntamente com outras gerações. Isso me permitiu redescobrir sentidos e caminhos, os quais me possibilitaram compreender e ressignificar as experiências e os conhecimentos adquiridos, na ampliação e no aprofundamento dos conhecimentos científicos e no transbordamento dos saberes populares. Essa posição traz em si a ideia de que “[...] nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade [...]” (BENJAMIN, 1995, p. 104-105).

Das marcas da experiência vivida, trago o meu brincar de faz de conta, em que a sala de aula já se fazia presente no meu imaginário. Creio que o fato de ter ingressado precocemente na década de 1970 na pré-escola, com apenas dois anos e meio de idade, tenha contribuído para isso, pois o desejo de frequentar o espaço escolar dava-se pela ausência de não ter com quem brincar em casa, uma vez que minha única irmã já estava em processo de escolarização.

Nos fragmentos de minha memória, vêm à tona as experiências de infância na alegre companhia de minha tia-avó Nélide (*in memoriam*), a qual foi por muitos anos professora na zona rural em Santana do Livramento/RS e, pelo menos uma vez por ano, costumava nos visitar em Pelotas/RS, sempre trazendo novas histórias da Dona Carochinha

² Na presente tese, toma-se o conceito de experiência histórica, a qual se constitui entre o ser social e a consciência social, que é registrada com o olhar para as “lâmparas do passado”, pela rememoração desse passado e converge no presente como compromisso existencial de classe, do diálogo, da utopia e da esperança de Walter Benjamin (1987a, 1987b, 1987c, 1994,1995), Edward John Thompson (1981) e Paulo Freire (1989, 1992, 2002a, 2002b).

para contar. Algumas vezes chegamos a visitá-la na campanha³ e o cômodo da sua casa que mais me encantava era a sala de aula, construída para alfabetizar os filhos, tanto de vizinhos como de seus peões.

Em relação ao meu processo de alfabetização, ingressei no ano de 1978, na primeira série, com apenas 5 anos de idade, e logo no primeiro dia de aula a professora anunciou que “aprender a ler e escrever era coisa séria e, portanto, não havia motivos para brincadeiras”. O seu recado não demorou muito para ser compreendido, o meu corpo mal podia se mexer na carteira, eu precisava estar sempre atenta às ordens da professora, assim como ter a letra bonita, o caderno caprichado e colaborar com o silêncio para conseguir ter concentração no treino do traço correto das letras e saber os seus respectivos sons. Enfim, essa maçante rotina na prática pedagógica só aumentava a minha insegurança e reduzia a vontade para aprender a ler e escrever.

Walter Benjamin (1892-1940), em seu fragmento intitulado *O jogo de letras* (1995), sinalizou as marcas de saudades da sua infância em Berlim, por volta de 1900, referindo-se ao momento de sua alfabetização, cujo fascínio se voltava para o brincar com os jogos de letras. Mas, o que o autor buscava mesmo no jogo era

[...] a infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenavam como uma palavra. A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-la de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar; porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo [...]. (BENJAMIN, 1995, p.105).

Compreendi que, para Benjamin, a infância é onde se pode encontrar a essência da experiência para as demais fases da vida, cujo modo de (re)conexão se dá no retorno desse sentimento, ou seja, quando há o desejo de “ensopar-se” na abundância das vivências do passado.

De igual modo, Paulo Freire (1921–1997) enfatizou a sua rica experiência de alfabetização à sombra das árvores no quintal de sua casa em Recife, na companhia de seus

³ Diz respeito ao termo Campanha Gaúcha por referir-se a uma mesorregião do Sudoeste do Rio Grande do Sul (ocupando 63% do território gaúcho), ocupando quase toda linha de fronteira com o Uruguai e parte da fronteira com a Argentina, perfazendo 19 municípios gaúchos, dentre eles: Sant’Ana do Livramento, Bagé, Dom Pedrito, entre outros. Na região do Pampa, com suas planícies pastoris e coxilhas. “[...] A região sul tem, na pecuária, uma tradição que se iniciou com a colonização do Brasil [...]” (INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORESTAS, s/d).

pais. Inclusive, em sua obra *A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam* (1989), destaca que a sua curiosidade perante a realidade se deve ao estímulo recebido de seus pais, em que a rica compreensão do mundo particular fez com que o menino Freire conseguisse apreender a leitura da palavra – ler o mundo à sua volta –, de forma espontânea e reflexiva. O excerto a seguir, elucida essa verificação.

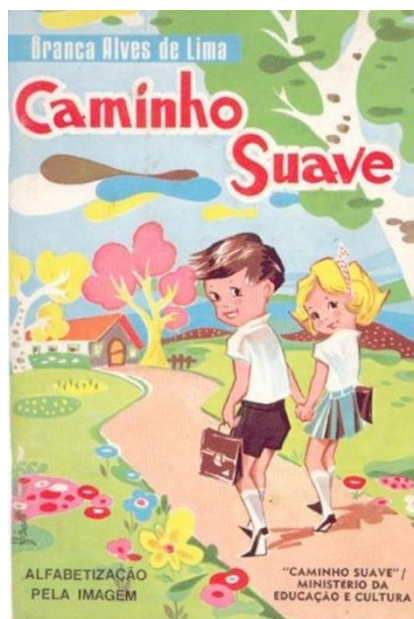
[...] A decifração da palavra fluía naturalmente da ‘leitura’ do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz [...]. (FREIRE, 1989, p.11).

Portanto, nos fragmentos de memória de ambos os autores, pude identificar uma concepção de infância que considera a criança como sujeito histórico e, como tal, sua educação ocorre nos diferentes espaços da vida coletiva. Sendo esse momento marcado pelo fascínio perante às descobertas, por momentos e sentimentos mais puros e intensos, como também pelo desenvolvimento de habilidades fundamentais para a formação humana.

Retornando ao meu processo de alfabetização, aprendi a ler e escrever por meio da cartilha *Caminho Suave*, que, por muitas décadas, foi utilizada para conduzir a alfabetização de inúmeras pessoas em todo território brasileiro. Contudo, em meados de 1990⁴, a cartilha passou a perder o seu prestígio, notadamente com o surgimento de novos estudos da psicolinguística e da sociolinguística, que defendiam e abordavam a alfabetização como um processo muito mais amplo e complexo do que propriamente ensinar a decifrar letras e sílabas. A figura 1 apresenta a capa da cartilha *Caminho Suave*, utilizada no meu processo de alfabetização.

⁴ “[...] A cartilha Caminho Suave integrou o PNLD até 1996, quando foi dele excluído. Como consequência da exclusão do Programa, a Editora encerrou suas atividades, repassando os direitos de publicação dos livros para a Editora Edipro, que em 2011 publicou a 131ª edição da referida cartilha [...]” (PERES; RAMIL, 2015, p. 56)

Figura 1 – Capa da Cartilha Caminho Suave, referente a 81ª edição de 1979



Fonte: Centro de Referência em Educação Mário Covas.

Segundo Carvalho, Rocha e Santos (2018), a cartilha⁵ *Caminho Suave*, idealizada pela educadora Branca Alves de Lima, teve a sua primeira edição lançada em 1948⁶ e acompanhava um panfleto com orientações para aplicação do método de alfabetização pela imagem, intitulado Auxiliar de Alfabetização. Mas com o passar dos anos, esse panfleto foi substituído e expandido para um Manual do Professor.

A ideia de criação da *Caminho Suave* tem a sua origem nas próprias dificuldades pedagógicas enfrentadas por Branca, pois, na época, identificou que o uso do método global⁷ para alfabetizar as crianças tornava esse processo bem mais complicado, o que fez com que a educadora decidisse buscar a inovação⁸ para o processo de alfabetização.

⁵Tornou-se um dos maiores fenômenos editoriais na história das cartilhas e dos manuais propostos aos professores em nosso país.

⁶É fundamental destacar que, no período de criação da *Caminho Suave*, o Brasil tinha um sério problema a resolver, posto que era referência de um país majoritariamente rural e analfabeto.

⁷ O aprendizado tem por início as frases, das quais são destacadas as palavras para só depois, as sílabas e as letras. Segundo Mendonça (2011), autores como Claparède, Renan, entre outros, expõem os fundamentos teóricos do método global, em que, para eles, “[...] o conhecimento aplicado a um objeto se desenvolve em três atos: o *sincretismo* (visão geral e confusa do todo), a *análise* (visão distinta e analítica das partes) e a *síntese* (recomposição do todo com o conhecimento que se tem das partes) [...]” (MENDONÇA, 2011, p.27, grifo da autora).

⁸ A primeira aplicação da Cartilha foi de modo artesanal e ocorreu na turma em que Branca lecionava, e os resultados obtidos confirmaram a eficácia do método misto. Também, mesmo diante da falta de apoio editorial, Branca não exitou em abrir a sua própria editora, a Caminho Suave Ltda (CARVALHO; ROCHA; SANTOS, 2018).

A referida cartilha acabou caindo em desuso, contudo volta a ter evidência no ano de 2020, no governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), sobretudo no momento em que Bolsonaro tece críticas em relação aos livros didáticos adotados para o processo de alfabetização atualmente, considerando-os “com palavras desnecessárias”, assim destacado na reportagem da BBC News Brasil, publicada em 13 de janeiro de 2020 (GUIMARÃES, 2020).

Nos três primeiros anos escolares, pude contar com o auxílio de minha mãe nos estudos e tarefas, mas, a partir da quarta série, já não foi mais possível. Isso porque, em sua infância, minha mãe precisou abdicar do seu tempo escolar para assumir o árduo trabalho na chácara juntamente com os seus pais e irmãos, de modo que o seu desejo de estudar somente veio a se concretizar no momento de sua separação.

Com a separação de meus pais, no ano de 1986, pude conhecer a dura realidade da vida, ainda que com 11 anos de idade. Foi durante a graduação que pude identificar algumas semelhanças do que vivenciei ainda na infância com a experiência vivida por Paulo Freire, quando possuía a mesma idade que eu. Não foram poucas as dificuldades financeiras e emocionais que enfrentei, mas, com o passar dos anos, fui percebendo o quão libertador foi essa decisão, tanto para a minha mãe, como para nós, enquanto suas duas filhas.

Da oitava série até o curso de magistério, no Ensino Médio, as experiências escolares, propiciadas na nova escola (privada), reavivaram o desejo de estudar para me tornar uma professora, de tal maneira que, ao cursar o magistério no ano de 1988, os momentos de estágios e pré-estágios foram de grande importância, embora desafiador, para a minha formação inicial, pois essa oportunidade de compartilhar as construções de aprendizagens estabeleceram relações entre o aprendizado teórico e a realidade concreta.

Aliás, o primeiro contato com a realidade escolar foi impactante, pois me deparei com crianças oriundas dos segmentos de classe mais pauperizadas, matriculadas em uma escola pública no bairro Santa Teresinha, na cidade de Pelotas/RS. Muitas delas desprovidas de material adequado para o estudo, com problemas de pediculose e escabiose, sedentas de fome, de atenção, de cuidado e proteção e, obviamente, de um processo de ensino-aprendizagem que lhes incluísse.

De modo que o estágio de magistério, realizado no ano de 1989, foi me propiciando maior segurança⁹ na sala de aula, como também fui compreendendo o valor afetivo na

⁹ O desejo de dar aula precisou vencer o medo (como eu deveria me portar perante à turma) e a segurança (se o modo de conduzir o ensino faria com que os/as estudantes aprendessem) na minha prática pedagógica. Também, o fato de realizar o estágio do magistério com dezesseis anos de idade, fez com que muitos pais

relação professora-estudantes para o aprendizado. Assim, busquei ter um olhar particularizado com cada estudante para observar o seu desempenho no decorrer do processo de alfabetização (na língua materna e na matemática). Porém, nessa época, eu sequer imaginava que os resultados obtidos estavam inteiramente relacionados com as minhas escolhas pedagógicas.

E, em 1990, pelas boas referências acerca do meu estágio de magistério, fui contratada para atuar como professora na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE¹⁰, no bairro Cohab¹¹ Tablada, em Pelotas/RS. Foi nessa experiência rica e desafiadora que pude presenciar, de forma mais direta, as condutas de preconceito, indiferença e de aversão das pessoas ditas “normais” para com aquelas diagnosticadas com deficiência.

E, ainda hoje, como ressalta Gesser (2020), a inclusão ainda não se tornou uma realidade no Brasil, tendo em vista que não abarca todas as pessoas e que o seu processo ocorre entre avanços e retrocessos¹². Para a autora, a dificuldade da escola regular em ser inclusiva¹³ deve-se ao ideal¹⁴ de estudante que ela está preparada a acolher, ou seja, somente aquelas pessoas com plenas condições físicas e mentais para se adaptar aos espaços escolares e às práticas pedagógicas, que pouco tiveram alterações com o passar dos anos, sobretudo, no que diz respeito ao acesso do conhecimento e ao acolhimento às diferenças.

Portanto, frente a tudo que foi vivido na condição de professora da APAE, considero que, na história de inclusão de grupos sociais vulnerabilizados, o educador Paulo Freire semeou em sua vida e obra a esperança de um mundo melhor, mais humano, mais digno e justo, quando, ao ampliar a forma de como se deve enxergar a educação e sua função no mundo, manifesta um olhar inclusivo. Cabe frisar que Paulo Freire inspira-nos a subverter essa lógica opressora ao desenvolver uma pedagogia de resistência à opressão.

demonstrassem certo descrédito perante a minha capacidade em ter o pleno “domínio perante as crianças” e dar conta de suas aprendizagens.

¹⁰ Refere-se a uma instituição filantrópica.

¹¹ A sigla COHAB significa Companhia de Habitação Popular.

¹² Dentre os retrocessos ocorridos na atual conjuntura do governo de Bolsonaro (2019-2022), Gesser (2020, n.p.) pontua a aprovação da nova Política Nacional de Educação Especial, publicada em 30 de setembro de 2020, pelo governo federal brasileiro, em que esta permite a segregação de estudantes com deficiência em instituições de ensino especial, ou seja, reitera uma situação de total exclusão, a qual tinha sido eliminada e tendo avanços inclusivos em governos anteriores.

¹³ Gesser (2020) refere-se à inclusão em seu sentido pleno, que vai além da inclusão educacional, pois se trata de inclusão social.

¹⁴ Fundado na ideologia dominante de um tipo de projeto social, cultural e educativo.

Ciente da necessidade de dar continuidade em minha formação, uma vez que ela “deve ser permanente” (FREIRE, 2002a, p 11), no ano de 1991, ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL e, no final do estágio, em 1995, tive a dupla felicidade: fui aprovada no estágio obrigatório¹⁵ e dei à luz meu filho Octavio. Nesse momento da minha formação, eu já me sentia mais segura, consciente do meu pertencimento à classe trabalhadora e da importância do meu agir no e com o mundo, logo, o meu compromisso com a transformação social.

Ao estar aberta a novos conhecimentos, no ano de 1999, fui contratada na escola de informática da franquia *Computertots*, em Pelotas/RS, momento em que tive a possibilidade de trabalhar com *softwares* educativos para crianças e adolescentes, assim como adquirir maior domínio com as tecnologias digitais, pois os funcionários recebiam treinamentos e cursos de informática.

Depois dessa experiência profissional na *Computertots*, as demais foram majoritariamente¹⁶ com crianças, pessoas jovens, adultas e idosas de escolas públicas, da rede municipal e federal, em que sempre busquei o meu aperfeiçoamento, realizando cursos de especialização, participando de palestras, estudos, leituras e trocas pedagógicas.

Nas experiências profissionais, há sempre aquela mais marcante e, no meu caso, ocorreu na Educação de Jovens e Adultos em Pelotas/RS, sobretudo ao conhecer a estudante Idalina (*in memoriam*) que, com 80 anos de idade, iniciava os seus estudos no ano de 2003, estando cheia de vontade de ser alfabetizada.

A história de vida de Idalina tinha inúmeras semelhanças à história de minha avó Diamantina, pois ambas nasceram e residiram boa parte de suas vidas na zona rural, ficaram viúvas muito cedo e batalharam para que os seus filhos (e filhas) fossem para a escola, sendo motivo de muito orgulho o fato de serem alfabetizados/as.

Inclusive, o próprio modo com que a estudante idosa se referia a mim, produzia conexões associativas a esse estado agradável de ternura vivido na presença de minha avó materna. E, no que se refere a sua aprendizagem, costumava fazer um comparativo entre a maneira como estava aprendendo a ler e escrever e a do seu neto, como também nem sempre conseguia perceber e se alegrar com os seus mínimos progressos. E foi nessa época

¹⁵ Esse estágio foi realizado em uma turma denominada de terceira série no Ensino Fundamental, no bairro Santa Teresinha – Três Vendas, Pelotas/RS.

¹⁶ Concomitantemente com as turmas na Educação Básica, no período de 2002 a 2006, tive a experiência na Educação Infantil, no Clube Brilhante em Pelotas/RS, quando fui contratada como professora e estive na coordenação pedagógica em um determinado momento.

que fui reconhecendo as minhas limitações pedagógicas para atender às dificuldades nos processos e resultados da alfabetização de pessoas idosas na EJA.

Considero que o pouco contato com a EJA, em minha formação acadêmica, tenha contribuído para essa situação, cujo ensino no curso de Pedagogia era mais voltado para o processo do desenvolvimento da aprendizagem de crianças do ensino fundamental e para atuar no antigo curso de magistério, o que, de fato, deixou de abarcar as situações pedagógicas para atender às necessidades de aprendizagens específicas de estudantes jovens, adultos/as e idosos/as.

As reflexões oriundas do meu fazer pedagógico, mais precisamente na vivência com a estudante Idalina, foram provocadoras para a busca de ressignificação de minha trajetória pedagógica e de vida, ao desejar buscar maior aprofundamento teórico, com a pretensão de realizar o curso de mestrado em uma universidade pública. Por esse motivo, o relato dessa experiência faz-se presente em minha dissertação de mestrado, intitulada *O empoderamento¹⁷ de idosos na escolarização da EJA do Núcleo de Estudos da Terceira Idade/UFSC*, a qual foi desenvolvida – e defendida no ano de 2017 – no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, sob a orientação da professora Dra. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin.

Vim para Florianópolis em 2008 e, por duas vezes, assumi aulas com caráter temporário nos anos iniciais no Colégio de Aplicação – CA/UFSC, na disciplina de Educação Geral, momentos em que pude vivenciar outra realidade de educação pública, no que se refere às condições de trabalho. Ou seja, com salas de aula com instalações e acomodações apropriadas, número limitado de alunos por sala de aula (no máximo de 25 estudantes por sala), com carga horária semanal, tempo para planejamento e remuneração adequada.

Na primeira vez (2008-2009) em que atuei no CA/UFSC, pude trabalhar – na turma de 3º ano A – com uma proposta pedagógica por projetos, incorporando os pressupostos construtivistas, sob a coordenação da Orientadora Educacional, Maria Elza¹⁸.

¹⁷ Essa categoria foi investigada no curso de mestrado, como concepção emancipadora à luz da perspectiva Freireana, uma vez que a defesa é de *empowerment* de classe social (FREIRE; SHOR, 1986). Trata-se, portanto, de um processo político de luta das classes oprimidas para a conquista da sua própria liberdade, frente aos mecanismos de opressão, “[...] um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta [...]” (FREIRE; SHOR, 1986, p.138).

¹⁸ O Projeto intitulado *Um caminho diferente para aprender a ler e escrever*, criado em 1991, sob a orientação da Orientadora Educacional, professora Maria Elza, visava, nas turmas (de letra A) dos anos iniciais em 2008,

Já na segunda vez, em 2013 – 1º semestre de 2014, foi possível trabalhar na construção de projetos¹⁹ trimestrais, cujos temas escolhidos emergiram da realidade e interesse/s da turma, visando sempre relacionar conhecimentos de diferentes áreas em projetos de estudo. Momentos esses extremamente significativos em minha formação. Foi nesse espaço que assumi a vaga de efetiva, em 2014, como professora da Educação Especial, na qual ainda atuo até hoje e me dedico a agir e pensar cotidianamente na inclusão de todos/as.

Além disso, o ingresso no curso de mestrado possibilitou-me alcançar voos ainda maiores de conhecimento, e que, para tanto, foi essencial o fato de integrar o grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos – EPEJA, pois as discussões e leituras propiciadas traziam subsídios para compreender os textos mais densos e profundos das disciplinas ofertadas no Programa de Pós-Graduação em Educação.

De igual modo, a convivência no EPEJA, sob a coordenação da professora Dra. Maria Hermínia, possibilitou-me desenvolver um pensar mais reflexivo, fruto das ações propiciadas no trabalho coletivo²⁰ acerca do campo da EJA, sendo, na maioria das vezes, socializadas em produções científicas pelos próprios integrantes do grupo e em rede – agregando pesquisadores de outras universidades nacionais e internacionais.

No ano de 2019, ingressei no curso de doutorado no PPGE/UFSC, na linha de pesquisa Sujeitos, Processos Educativos e Docência – SUPED, em que pude participar de discussões acerca dos sujeitos na/da educação com ênfase nas dimensões étnico-raciais, corporais, de gênero, nas políticas educacionais e conjunturas socioculturais e políticas, entre outras, cujos suportes teóricos foram essenciais para refletir sobre as questões relacionadas às pessoas idosas e sua escolarização em momento de pandemia²¹.

Em 2020, devido à ocorrência da pandemia de Covid-19 em nosso país, as aulas das disciplinas cursadas no doutorado foram reprogramadas para ambiente *online*, na

buscar novas possibilidades de intervenções pedagógicas para crianças das turmas A na perspectiva construtivista, “[...] visando promover um ensino de qualidade/sucesso para todos, incluindo alunos com necessidades especiais [...]” (UM CAMINHO..., 2023). Momento esse em que a família era incluída nas atividades escolares, como exemplo: no projeto acerca da cultura açoriana, em que houve o momento da oficina com as pessoas idosas (avó de um estudante e as suas amigas) para explicar e ensinar sobre a renda de bilro, momento de culinária com um dos pais de estudantes, ou seja, o intuito era de valorização de saberes.

¹⁹ Com momentos de planejamento conjunto das três professoras de Educação Geral, visando a articulação e troca de conhecimentos entre as turmas de 4º anos (de letras A, B e C).

²⁰ Compreendo que as ações organizadas pelo EPEJA, como fóruns, encontros e seminários, têm contribuído para delinear, em conjunto, as reais necessidades, as especificidades e as categorias constituintes do campo epistemológico da EJA, assim como articular os movimentos de militância e exigir políticas públicas.

²¹ Quanto aos desafios encontrados no desenvolvimento da pesquisa, no contexto de pandemia, esse assunto receberá maior atenção em um capítulo específico na tese.

Plataforma da UFSC, particularmente a da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa - RNP²². De igual modo, pude cursar a disciplina *Tópicos Especiais em Trabalho – Educação I*, ministrada pela professora Dra. Jaqueline Pereira Ventura do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense – UFF; sendo possível, ainda, participar de inúmeros eventos científicos (na modalidade *online*).

No decorrer da pandemia, busquei manter o contato com os acontecimentos reais vividos pelas pessoas idosas, saber das suas necessidades, conhecimentos prévios e dúvidas acerca de assuntos relacionados à saúde.

Assim, no ano de 2021, participei de dois cursos de extensão promovidos pela UFSC. O primeiro curso, denominado *Educação em saúde no processo de envelhecimento*²³, ocorreu no período de agosto a setembro de 2021; e o segundo, intitulado *Curso sabedoria digital e processo de envelhecimento*²⁴, que aconteceu no período de outubro a novembro de 2021.

A minha participação nos dois cursos de extensão foi de suma importância para conhecer algumas vivências de pessoas idosas na pandemia, cujos relatos assinalam a

²² Trata-se de “[...] uma plataforma de comunicação e colaboração digital que trabalha para promover e implementar a inovação em aplicações de tecnologia da informação [...]” (BRASIL, 2018). A mesma, mediante a Portaria Interministerial Nº 3.825, de 12 de dezembro de 2018, passa a integrar o Programa Interministerial de Implantação e Manutenção da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa - RNP e de seu Comitê Gestor.

²³ O público-alvo eram as pessoas idosas e os diferentes profissionais que atuam com elas, como: cuidadoras/es, professoras/es, enfermeiras/os etc. Foi grande a adesão de pessoas idosas, inclusive com baixo poder aquisitivo. As temáticas ministradas eram voltadas à saúde e ao bem-estar na velhice, sendo enfatizada a importância de realizar atividades físicas no decorrer da vida e na pandemia. Já a nutricionista, enfatizou a importância de uma boa alimentação, considerando a escolha das panelas como um fator importante. Destacou as panelas de ferro, de vidro e de cerâmica como as melhores para a saúde. Porém, algumas pessoas idosas questionaram o alto custo dessas panelas e a dificuldade financeira em adquiri-las. Outro dado relevante refere-se à importância de buscar manter a autonomia da pessoa idosa nas mínimas tarefas diárias, pois precisa perceber-se apta e envolvida nas situações cotidianas para manter a sua autonomia (como necessidade individual e social), que intervêm na sua independência, no seu psicológico e na sua capacidade cognitiva. Muitas pessoas idosas, no decorrer do curso, apresentaram dificuldades em acessar os vídeos, o *chat*, abrir o microfone para falar, demonstrando a pouca familiaridade com o mundo digital, o que acabou prejudicando (inibindo e limitando) a participação de muitas pessoas.

²⁴ O referido curso era voltado às pessoas idosas e aos diferentes profissionais que atuam com elas, possuindo como principal temática as tecnologias digitais na atualidade. Com uma linguagem acessível, foi explicado o que era Netiqueta, ou seja, as maneiras e normas gerais de bom senso que proporcionam o uso da internet de forma mais segura e eficiente, evitando assim, estragos para a imagem do/a internauta. Houve o destaque para o perigo com o mau uso do celular (evitar cair em golpes bancários, notícias falsas etc.) e por inúmeras vezes, foi frisado o cuidado para não compartilhar conteúdos ofensivos ou impróprios. Também foi apresentado o passo a passo para o acesso ao aplicativo meu.gov.br. Houve pouca adesão de pessoas idosas no curso. Muitas pessoas idosas destacaram a importância do uso do celular na pandemia, principalmente para não se sentirem solitárias e deprimidas.

discrepância do envelhecer em nosso país, tendo em vista que a maior adesão foi de pessoas idosas²⁵ com renda mais alta e com maior nível de escolaridade, possuindo bons equipamentos, boa conexão e familiaridade com a internet, ou seja, em condições muito melhores para proteger a sua saúde e vida na pandemia de Covid-19.

Com as experiências universitárias, passei literalmente a entender que, “[...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...]” (FREIRE, 2002a, p.32). Portanto, o que Freire (2002a) procurou dizer foi que só se ensina na insaciável busca, já que a indagação faz parte da natureza da prática docente. De tal modo que, para esse autor, o processo de ação-reflexão-ação é a base para uma docência em movimento dinâmico, dialético, que está em consonância com as exigências das circunstâncias do fazer (ARAÚJO; RAMINHO, 2021).

Portanto, como professora da educação básica no Colégio de Aplicação do Centro de Ciências da Educação - CED da UFSC e como estudante de doutoramento (PPGE/UFSC), assumi a minha postura investigativa, não me satisfazendo com o fato de que muitas pessoas com 60 anos ou mais de idade não encontram, em seu cotidiano (familiar e social), a confirmação de que são capazes de estudar na velhice, assim, ao indagar-me, recorro aos estudos teóricos e à prática, que ajudarão a desvendar as questões apresentadas nesta investigação (no curso de doutorado) relacionadas à experiência vivida na velhice no contexto histórico de pandemia.

Desse modo, diante da pandemia genocida de Bolsonaro (2019-2022), faz-se imprescindível, nesse percurso investigativo, o esperar em Freire, quando menciona: “[...] É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã [...]” (FREIRE, 1992, p. 10-11). De modo que, é nesse esperar de ir atrás, de (re)construir, de resistir, de lutar e de acreditar que conduzo para a apresentação do contexto e justificativa de meu estudo.

1.2 CONTEXTO E JUSTIFICATIVA DA INVESTIGAÇÃO

Esta tese de doutorado volta o seu olhar para as experiências de vida e de estudo das pessoas idosas da classe trabalhadora no contexto de pandemia de Covid-19 em nosso país, particularmente àquelas em processo de alfabetização em turmas da Educação de

²⁵Com base na apresentação de cada participante, sobretudo no destaque da sua profissão (ou na situação de aposentado/a).

Jovens e Adultos – EJA, na rede municipal de ensino de Florianópolis, no estado de Santa Catarina.

A escolha do tema originou-se, essencialmente, pelo fato da população idosa ter sido identificada como o grupo de risco de maior vulnerabilidade para a doença de Covid-19 – pela incidência e letalidade –, fazendo com que a vida de cada mulher e homem idoso fosse radicalmente impactada. Além disso, buscou-se dar continuidade à investigação voltada às pessoas idosas em processos de escolarização, dando continuidade à linha de investigação iniciada na dissertação de mestrado.

Para caracterizar a população idosa, foi adotada a classificação da Organização Mundial da Saúde – OMS²⁶ (2005), assim, em países em desenvolvimento – como é o caso do Brasil – são consideradas pessoas idosas aquelas com 60 anos ou mais de idade e, em países desenvolvidos, as com faixa etária de 65 anos ou mais. Esse recorte etário da OMS (2005) foi recepcionado pela legislação brasileira, notadamente nas leis basilares, a exemplo da Política Nacional do Idoso, instituída pela Lei Federal nº 8.842/1994.

No que tange à classificação estabelecida pela OMS para a população idosa, deve-se levar em conta que, em países desenvolvidos, o processo de envelhecimento não é algo recente, por isso que, nesses países²⁷, as políticas públicas voltadas ao público de mais idade ganharam maior expressão na década de 1970, pois, nessa época, a população idosa vinha aumentando significativamente. Assim, o principal objetivo era a manutenção do papel social e/ou a reinserção social das pessoas idosas, cujo propósito era prevenir a perda de sua autonomia. E, no que se refere à manutenção da renda destinada àqueles com mais idade, isso já tinha sido solucionado pelos sistemas de seguridade social (CAMARANO; PASINATO, 2004).

Quanto ao emprego do termo “pessoa idosa” nesta investigação, buscamos contribuir para um *status* mais positivo, frente às diversas condições e dimensões da velhice em nossa sociedade, inclusive, estando em conformidade com a Lei nº 14.423, publicada em 22 de julho de 2022, que diz respeito ao Estatuto da Pessoa Idosa, em que a alteração do

²⁶ É importante frisar que a classificação da OMS (2005) tem por base o nível socioeconômico de cada nação.

²⁷ Quanto à quantidade de pessoas idosas, os países desenvolvidos tiveram mais tempo para se organizar, assim, aponta-se como exemplo o caso da França, que levou mais de 100 anos para ter a população idosa, em comparação ao Brasil que alcançou em pouco menos de 40 anos.

termo no novo Estatuto visa combater à desumanização na/da velhice, ao garantir maior visibilidade e proteção às mulheres idosas.

O dado acima mencionado interfere na qualidade de vida, na atenção prestada a essa população de mais idade, mas, de modo algum, pode servir de justificativa para a situação de maior vulnerabilidade e risco social das pessoas idosas na pandemia, conduzida pelo governo de Jair Messias Bolsonaro²⁸ (2019-2022).

Entende-se, portanto, que a pandemia de Covid-19 precisa ser vista do ponto de vista sociológico, posto que a sua dimensão e complexidade são extremamente mais amplas do que a própria doença em si (MORIN, 2021). Inclusive, o antropólogo, sociólogo e filósofo, Edgar Morin, no auge dos seus 100 anos de idade, será o autor de referência, por suas reflexões lançadas no cenário de pandemia da Covid-19, com muitas lições e desconstruções.

Quanto ao recorte temporal, adotou-se o período mais agudo da pandemia que abarca o mandato em que Jair Messias Bolsonaro esteve na presidência, ou seja, entre os anos de 2019²⁹ e de 2022, momento este marcado pelo desmonte de políticas de bem-estar social no Brasil. Além disso, houve, no seu mandato, um total descaso no enfrentamento da Covid-19, assinalado pela sua inação e banalização perante a grave doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2. De modo que, devido à negligência e ao oportunismo desse governo, que decidiu faturar com a morte, inúmeras histórias foram antecipadamente interrompidas, com vidas ceifadas (sobretudo de pessoas idosas) e famílias inteiramente dilaceradas.

Assim, a principal justificativa deste estudo refere-se às vulnerabilidades sociais das pessoas idosas, que foram ainda mais agravadas na pandemia ao serem apontadas como um dos grupos de risco de maior incidência e de letalidade pela Covid-19. Isso porque foi descoberto, por meio de pesquisas científicas, que a idade era o fator de risco mais significativo para essa doença. E que, na divisão dos tradicionais grupos etários em nosso país, os maiores valores das taxas de mortalidade correspondem ao segmento etário da

²⁸ O governo de Jair Bolsonaro teve início no dia 1.º de janeiro de 2019 e finalizou em 31 de dezembro de 2022.

²⁹ Buscando de forma breve situar os fatos, uma vez que, no decorrer do estudo receberá maior destaque. Em 31 de dezembro de 2019, a China notificou a Organização Mundial da Saúde – OMS devido ao aumento de casos de pneumonia atípica na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se, portanto, de um tipo de coronavírus que ainda não tinha sido detectado em seres humanos (OPAS, [s.d.]). E, ainda, no mês de janeiro de 2020, o governo chinês confirmou mais casos dessa infecção provocada pelo vírus.

população idosa, com “[...] taxas que variam de 50% a 84% dos mortos no Brasil por essa doença [...]” (SILVA JÚNIOR, 2020, p. 1).

Em suma, diante de tantas identidades forjadas na pandemia de Covid-19, de pessoas idosas (majoritariamente pobres), de povos indígenas, da população negra etc., resultantes da inação governamental no enfrentamento à doença e do dilema ético e jurídico de escolher quem vive e quem morre na fila de uma UTI, nada pode apagar o extermínio dos excluídos. Assim, escrever este estudo sobre vidas invisibilizadas em nossa sociedade é um ato de resistência.

Enquanto ato de resistência, aponta-se a relevância social, acadêmica e política dessa investigação, a qual se dá na urgência de trazer cada vez mais visibilidade às pessoas idosas comuns em nossa sociedade, a fim de quebrar o seguinte estigma: de que elas não são capazes de ampliar os seus conhecimentos na velhice, o que, igualmente, irá fomentar o ingresso delas na EJA, pois, apesar de suas vidas serem encharcadas de saberes, o direito à educação, por não se efetivar, acaba se expressando como sonho a ser alcançado.

Outrossim, essa investigação se propõe a defender a importância do saber popular para o saber acadêmico (e vice-versa), em que a inter-relação entre os conhecimentos distintos acabará realçando o papel social da universidade, da escola pública e da pessoa idosa na EJA e em sua sociedade.

Cabe esclarecer que, apesar da EJA não se restringir à escolaridade formal (VENTURA, 2012, p. 72), a presente investigação corresponde à essa vertente, uma vez que visa evidenciar as experiências escolares de pessoas com 60 anos ou mais de idade, que, apesar do cenário regido pela pandemia de Covid-19, realizaram as suas matrículas em turmas do primeiro segmento³⁰ – da EJA – do ensino fundamental, mas pouco se sabe a respeito de seus percursos escolares dentro e fora das escolas, sobretudo, sob a perspectiva do/a sujeito/a do conhecimento, isto é, os/as próprios/as estudantes idosos/as.

É importante frisar que a EJA é a modalidade de ensino da educação básica que expressa a conquista do direito à educação, pois a sua oferta é destinada a todas as pessoas –

³⁰ Atualmente, a EJA da rede municipal de Florianópolis está organizada em dois segmentos, o primeiro segmento (I segmento) equivale aos anos iniciais do Ensino Fundamental e o segundo segmento (II segmento) aos anos finais do Ensino Fundamental. De modo que, Sendo que, “[...] o I segmento, prioriza a Leitura como Princípio Educativo e, o II segmento, se fundamenta na Pesquisa Princípio Educativo (PPE)” (FAGUNDES, 2020, p. 25).

jovens, adultas e idosas – que, durante a infância e/ou adolescência, não tiveram acesso ou continuidade em seus estudos, quer pelas péssimas condições de subsistência, quer pela oferta irregular de vagas ou ainda pelas inadequações do sistema de ensino, dentre outras razões apontadas (LAFFIN; SANCEVERINO, 2021).

Gadotti (2013) menciona que o direito à educação está atrelado a outros direitos, inclusive ressalta as condições desiguais para o estudo das pessoas não alfabetizadas ou com pouca escolarização, em que, assim, explana:

[...] a luta pelo direito à educação não está separada da luta pelos demais direitos. E não basta oferecer um programa de Educação de Adultos. É preciso oferecer condições de aprendizagem, transporte, locais adequados, materiais apropriados, muita convivência e também bolsas de estudo. Há, em nosso país, muitas bolsas de estudo para pós-graduados que se dedicam, exclusivamente, aos estudos, e nenhum auxílio para os analfabetos que precisam trabalhar para se sustentar e enfrentam as piores condições de estudo [...]. (GADOTTI, 2013, p. 26).

Compreende-se, portanto, que para a efetiva universalização da educação, cabe ao Estado – como sua obrigação constitucional – criar condições objetivas que possibilitem, de maneira concreta, o acesso e permanência de todos/as os/as estudantes desde a educação infantil até a Pós-Graduação.

No que se refere à exclusão educacional da população idosa brasileira, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2019, o analfabetismo está inteiramente relacionado ao fator idade, ou seja, afeta muito mais população idosa do que outros grupos etários, sendo que, essa gritante disparidade, revela que para o Estado e a sociedade, o direito à educação de pessoas com 60 anos ou mais de idade ainda não é tratada como prioridade. Além disso, a falta de investimento público para a garantia de acesso e permanência à educação formal para todos/as, contribui para que o público de mais idade esteja mais vulnerável e dependente das políticas sociais.

E ainda, segundo a PNAD Contínua de 2019, o Brasil permanece no topo das altas taxas de analfabetismo no mundo, sendo que a situação mais crítica se concentra na população de mais idade. No comparativo realizado, foi constatado que a população idosa é três vezes mais afetada do que a faixa etária jovem. Portanto, diante de toda demanda potencial para a EJA no território brasileiro, sobressai o alto contingente de mulheres e homens idosos. Frente a isso, entende-se que é preciso buscar mais igualdade na promoção do acesso e permanência do público-alvo da EJA (pessoas jovens, adultas e idosas).

Vera Masagão Ribeiro (2001), em seu artigo sobre as questões em torno da construção de indicadores de analfabetismo e de seu oposto, denominado letramento, dedicou-se em esmiuçar a situação brasileira em relação a três estratégias³¹ de medição de analfabetismo e letramento, a saber: 1) os censos populacionais, 2) as avaliações dos sistemas de ensino e 3) os estudos por amostragem. Revela, em seu parecer, que todas as estratégias possuem problemas metodológicos e implicações políticas e ideológicas.

A autora supracitada considera imprescindível realizar críticas em relação aos mitos associados ao letramento, refutar a disseminação de estigmas associados ao analfabetismo e promover a divulgação de pesquisas sobre o letramento, sobretudo com devolutivas dirigidas à população, pois será uma rica oportunidade para que a sociedade possa refletir sobre a própria cultura e, até mesmo os achados das pesquisas, podem apontar caminhos no âmbito escolar e de outras instituições.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua - PNAD Contínua (IBGE), de 2019, o analfabetismo no Brasil atinge muito mais as pessoas idosas do que as jovens, como também mais idosos negros (35,4%) do que brancos (21%). Em outra pesquisa realizada pela PNAD, publicada em 15 de julho de 2020, o analfabetismo no Brasil se apresenta em queda, contudo essa redução torna-se insignificante diante de 11 (onze) milhões de brasileiros e brasileiras que ainda permanecem sem condições de ler e escrever. Isto é, a taxa de analfabetismo que em 2018 era de 6,8 %, passa em 2019 para 6,6%, portanto essa queda representa 200 (duzentas) mil pessoas que conseguiram sair dessa condição.

Em nosso país, a taxa de analfabetismo, teve maior crescimento na medida em que passou a considerar as faixas etárias mais elevadas da população, ou seja, ao incorporar o grupo etário de 60 anos ou mais de idade. Aliás, no *ranking* das taxas do analfabetismo, a predominância é de mulheres idosas, negras e pobres, das quais uma pequena parcela consegue ingressar em turmas de EJA (VIGANO, 2020).

O direito à educação está previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e na Constituição Federal (1988), em que o art. 205 torna-se peça-chave para compreender a real importância de outros direitos humanos e sociais preconizados pela

³¹ Como forma de situar as três estratégias de medição de analfabetismo e letramento destacadas pela autora, buscou-se resumidamente tratar de cada uma delas.

Organização das Nações Unidas - ONU, sobretudo quando a educação passa a ser pré-condição³² para a concretização do exercício dos direitos civis, econômicos, políticos, sociais e culturais, como exemplos: o direito ao voto, o direito de ser eleito, o direito de receber um pagamento digno pelo trabalho prestado, o direito de participar da vida cultural da comunidade, o direito ao lazer, entre outros direitos.

Em pleno século XXI, ainda se tem como grande desafio a superação do analfabetismo em nosso país, cuja questão precisa estar situada na negação ao direito à educação, uma vez que o analfabetismo está intimamente relacionado com o processo de exclusão social, que sem dúvida, trouxe e continua trazendo múltiplos impactos na vida das pessoas.

Diante do exposto, acredita-se que é de suma importância dar maior visibilidade às pessoas idosas que buscam fazer valer o seu direito na EJA, para que mais pessoas desse segmento etário se percebam em condições de dar início/continuidade aos seus estudos. Convém ressaltar, ainda, que há estudos científicos como o de Scherer e Carretta (2011), que salientam a importância de novas aprendizagens para manter o cérebro ativo e a lucidez na velhice, sobretudo para a prevenção de doenças como o Alzheimer.

Além disso, apesar da existência de outros grupos vulneráveis durante a pandemia de Covid-19, foi e é mantida a incidência da violência familiar contra as mulheres, crianças e ao público idoso, sendo desencadeada e perpetuada “[...] em função da violência estrutural que atravessa o Brasil e que se expressa na desigualdade social, os deixando muito mais expostos ao adoecimento e à violência [...]” (MELO *et al.*, 2020, n.p.).

Entende-se que o fechamento das escolas e de organizações comunitárias, na pandemia, inviabilizou a capacidade de maior aproximação às realidades vividas, sobretudo em relação às pessoas idosas, deixando-as mais desassistidas, já que esses espaços sociais têm contribuído para o acesso de informações e denúncias de discriminações e violências cometidas contra esse grupo etário.

Velho e Herédia (2020), frisam, em seu estudo, que foi imprescindível, no momento de pandemia, conhecer as percepções reveladas pelas pessoas idosas frente ao isolamento social e os sentimentos provocados por elas, para que se possa tomar conhecimento das suas reais dificuldades frente à urgência de mudanças de hábitos e a forçosa redução do contato com outras pessoas.

³²A concretização do direito fundamental de aprender a ler e escrever torna-se pré-condição para o exercício de outros direitos.

Em vista disso, o propósito da investigação é perceber, em detalhes, a vida cotidiana (nela, também a escolar) das pessoas comuns – as idosas – de nossa sociedade na pandemia, no esforço/desafio em “[...] apreender a essência dessa realidade para buscar compreender os desafios educativos que emergem dessa realidade social [...]” (LAFFIN; MACHADO; MARTINS, 2021, p. 204).

Assim, a pesquisa tem por base a dialética materialista do pensador Paulo Freire com fundamento no diálogo, o qual é considerado o elemento constitutivo do agir humano em prol da libertação, da emancipação, isto é, enquanto fundamento da vida humana em sociedade, capaz de construir caminhos para a humanização. Portanto, para Freire, a pesquisa é concebida como

[...] uma forma de diálogo, é o diálogo entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, diálogo com intencionalidades políticas, mediatizado pelo mundo e motivado pelo fenômeno de pesquisa e a práxis – a prática social refletida, a materialidade do mundo e a objetividade da vida – é o critério de verdade de toda a pesquisa. A práxis dos sujeitos é o critério de verdade do seu agir, porque não é no discurso que se infere o agir do sujeito, não é no discurso que ele se constitui, não está no discurso a chave de sua ontologia, mas sim no fazer humano, na práxis social, no trabalho, nas mediações com os outros homens e com a natureza [...]. (CRUZ; BIGLIARDI; MINASI, 2014, p. 48).

Em decorrência do avanço do conservadorismo, na atual conjuntura de nosso país, Paulo Freire, o nosso Patrono³³ da Educação, recebeu inúmeros ataques no governo de Bolsonaro (CHABALGOITY, 2020), pois a sua consciência crítica³⁴ ante a desumanização de mulheres e homens oprimidos configura-se como uma ameaça ao projeto de descartabilidade humana no capitalismo, conduzido pelo obscurantismo bolsonarista.

Contudo, Paulo Freire faz-se presente hoje e sempre, cuja energia inspiradora e revolucionária emana inúmeras contribuições para se pensar a educação – com destaque para a EJA – na pandemia e pós-pandemia, com vistas a uma educação emancipadora, pois a modalidade tem muito a contribuir para o processo de empoderamento dos/as sujeitos/as

³³ Na página 133, consta a lei que declara o educador Paulo Freire, Patrono da Educação em nosso país.

³⁴ Para que haja a transformação social, isto é, para que aconteça uma mudança radical na sociedade, é preciso conscientizar as mulheres e homens sobre a realidade social (para que possua a consciência de classe), contestando essa realidade opressora posta e ressaltando as suas contradições. Cabe ressaltar que a conscientização para Freire “[...] é o olhar mais crítico possível da realidade, que a ‘desvela’ para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante [...]” (FREIRE, 1979, p. 17).

idosos/as – mulheres e homens comuns –, sobretudo na reflexão crítica, pois, sem ela, é inviável a transformação da sua realidade.

Entende-se que, para apreender a realidade em sua essência significativa, é fundamental um pensamento complexo que busque abarcar todas as dimensões da experiência e do saber³⁵ das pessoas idosas, isto é, aprender na vida e com a vida delas, precisando ampliar o olhar, a fim de capturar não só o entendimento dos diferentes modos de vida e de saberes, mas os múltiplos usos, assim como a importância desses saberes para buscar dar conta das exigências sociais impostas pela cultura letrada por nossa sociedade, do conhecimento adquirido enquanto “realidade”, ou seja, a realidade em sua essência mais significativa.

Então, é nessa vida dinâmica e pulsante que se tem a possibilidade de identificar os padrões de comportamentos e estigmas impostos pela sociedade para a velhice na contemporaneidade, mas também desvelar maneiras de aniquilar esses padrões. Assim, inquietações começaram a borbulhar a mente (da pesquisadora): Como está sendo a experiência de viver a velhice em meio à pandemia de Covid-19? Quem são essas pessoas idosas que vivem sozinhas ou com seus familiares, as dificuldades trazidas pela restrição do contato social na pandemia? Em que espaços eles/as puderam “intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1987b, p. 198). E que lugar eles/as ocupam no corpo social na pandemia conduzida por Bolsonaro (2019-2022)? De modo que essas indagações fizeram emergir a questão problematizadora deste estudo.

Logo, a questão problematizadora da investigação versa sobre: Quais as experiências vividas na/da pandemia por parte de estudantes idosos e idosas em processo de alfabetização na EJA da rede municipal de Florianópolis/SC?

Diante da referida problemática, a tese possui como objetivo geral: apreender as experiências vividas na/da pandemia de Covid-19 – dentro e fora do espaço escolar – por pessoas idosas matriculadas em turmas de alfabetização da EJA na rede municipal de Florianópolis/SC.

Para dar conta do proposto, foram estipulados os seguintes objetivos específicos:

- a) Apresentar o debate teórico sobre memória e experiência vivida no âmbito pessoal, social e escolar, as velhices, assim como a pandemia de Covid-19;
- b) Situar os documentos de orientação legal em relação à pandemia e aos processos educacionais para as turmas de EJA (particularmente, voltados a atender às necessidades da

³⁵ Refere-se ao saber adquirido na vivência espontânea da vida, o qual Freire denominou de saber de experiência feito.

população idosa); e

c) Analisar as experiências vividas pelas pessoas idosas que estudam em turmas de alfabetização na EJA do município de Florianópolis em relação ao contexto de pandemia, tanto pessoal, como social e escolar.

No que se refere à proposta teórico-metodológica da investigação, esta se assenta na abordagem qualitativa e de caráter exploratório, tendo como técnica de análise de dados, a análise de conteúdo do tipo categorial, com base em Minayo (1998), questão que será apresentada posteriormente.

Quanto às fontes da pesquisa, essas se caracterizam como bibliográfica, documental e de campo. Já a pesquisa de campo ocorreu com cinco estudantes – quatro mulheres idosas e um homem idoso – de turmas de alfabetização da EJA de cinco escolas municipais, situadas nos seguintes bairros de Florianópolis/SC: Trindade, Saco Grande, Coqueiros, Monte Cristo e Cachoeira do Bom Jesus.

Como essas pessoas de 60 anos ou mais de idade pertencem ao segmento etário que concentrava a maior parte dos óbitos da pandemia de Covid-19, esse dado, por si só, mostrou a importância de investigá-las, tendo em vista que essas narrativas são de sobreviventes da violenta política de morte adotada pelo governo Bolsonaro (2019-2022) durante a pandemia. Assim, diante da situação de desvalorização da vida humana, fez-se imprescindível impedir que as testemunhas de nossa história, ou melhor, as guardiãs da memória coletiva, sejam esquecidas, silenciadas e/ou escondidas, pois suas experiências constituídas – marcadas por contradições e rupturas – são reveladoras e propulsoras de reflexões acerca da construção da identidade social e cultural.

A propósito, entende-se que a tarefa deste estudo, de “escovar a história a contrapelo”, segundo Benjamin (1994, p. 225), significa recuperar a essência da concepção dialética da história por meio de uma escuta atenta e de um olhar sensível para as experiências narradas pelas pessoas idosas, sobretudo no contexto da pandemia de Covid-19, que foi marcado pelo avanço do obscurantismo do governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

A urgência em “clarear essa obscuridade” não se restringe tão somente a evidenciar o que houve, mas o que há em cada experiência viva de homens e mulheres comuns, cujo revelar, da verdade histórica no particular, exacerba os sofrimentos, os desafios, as lutas e

resistências perante a tanta opressão e rejeição social sofrida, por isso, é considerada marginal pelo sistema.

Portanto, descortinar as experiências de velhices, nesse tempo histórico de pandemia de Covid-19, assenta-se no compromisso ético-político de dar visibilidade à existência de mulheres e de homens com 60 anos ou mais de idade da classe trabalhadora, enquanto sujeitos históricos situados, e de lutar com eles/as contra toda forma de discriminação e de desvalorização da velhice, tendo em vista que as pessoas idosas são alvos constantes de práticas excludentes e de preconceitos anti-idade – o ageísmo – por parte da sociedade.

Frente a isso, considera-se que as experiências das pessoas idosas na pandemia, em conexão com o tempo vivido em outras fases da vida, constituem-se em uma fonte de pesquisa e, para obtenção dos dados, optou-se pela entrevista semiestruturada.

Nesse processo escavatório de busca, por uma memória que, apesar de ser ameaçada pela pandemia, ainda permeia a vida dessas cinco pessoas idosas, adotou-se uma abordagem teórico-metodológica, baseada numa perspectiva sócio-histórica e crítica, tendo como uma das referências basilares do estudo o filósofo alemão (judeu) Walter Benjamin, por toda a sua gama conceitual que adensa a sua concepção de experiência enquanto tradição, com maior destaque para os conceitos de história e rememoração.

Nessa mesma direção de Benjamin, somam-se as contribuições, tanto do historiador inglês, Edward P. Thompson (1981), por sua dialética indispensável entre educação e experiência, que emergiu e se constituiu no decorrer da sua formação da classe operária inglesa, como do pensador brasileiro Paulo Freire, por primar em sua vida e obra, a formação humana e a construção do conhecimento. Aliás, Freire (2002a) dedicou-se em validar o “saber de experiência feito”, assim como defender a educação como processo de transformação e de liberdade.

O esperar, na perspectiva Freireana, é o componente imprescindível para a investigação, cujo esperar de lutas e resistências – de militância –, precisou ser pensado sob o prisma de uma política de acesso à produção científica de toda população, tendo em vista que o mundo acadêmico precisa estar em permanente diálogo com a população de modo geral de nosso país, para não só levar o conhecimento científico, mas para propiciar a trocas de conhecimentos, assim destacado nos estudos de Piccoli e Panizzon (2021) e de Batista, Farias e Nunes (2022), os quais defendem a popularização do conhecimento científico.

A partir dessa indagação, o estudo se propõe a pensar e contribuir para a popularização da ciência, a qual é compreendida como responsabilidade social da/o cientista, que, igualmente, assinala a necessidade de políticas públicas para que esse amplo conhecimento chegue a todas as camadas sociais de nossa sociedade, posto que a produção de conhecimento científico precisa ser uma ferramenta de compromisso social.

Acerca da compreensão de velhice, a perspectiva adotada toma como base Ramos (2013) e Beauvoir (2018), os quais fazem a defesa de que não existe uma única velhice e, sim, “velhices” (no sentido plural da palavra), uma vez que se refere a “[...] um fenômeno heterogêneo por excelência [...]” (RAMOS, 2013, p.19), abarcando pessoas em situações sociais, culturais, históricas, familiares, de saúde, entre outras, bem diferenciadas.

[...] Basta [...] constatar que há velhos ricos e velhos pobres; velhos com família e velhos sem família; velhos com poucos problemas de saúde e velhos com muitos problemas de saúde; velhos vítimas de violência e velhos que não são vítimas de violência; velhos que vivem com suas famílias e velhos que vivem em instituições asilares e, muitas vezes, até nas ruas pedindo esmolas; velhos com idade muito avançada e velhos ainda mais jovens, se comparados aos que já acumulam muitos anos, enfim, a velhice propõe um cenário de grande riqueza de percepção [...]. (RAMOS, 2013, p.19).

Cabe ressaltar que o sentido semântico do vocábulo velho, defendido por historiadoras/es e pesquisadoras/es, é de guardião da memória de seu grupo/povo, de depositário dos vestígios do passado, posto que a pessoa de mais idade é considerada como detentora da história do grupo que faz parte e está autorizada a falar sobre ele (RAMOS, 2013; BOSI, 2010; TEIXEIRA, 2018; LE GOFF, 1990; BEAUVOIR, 2018). Portanto, esta investigação não terá nenhum receio em manter o termo velho em obras referenciadas, contudo, haverá o predomínio do termo pessoa idosa, pois um dos propósitos deste estudo é marcar o lugar da mulher idosa em nossa sociedade, em sua velhice.

Assim, nessa dialética do pensar e agir, o caminhar esperançoso foi trilhado no estudo da/na pandemia, sob o olhar de quatro mulheres e um homem idoso que, de forma direta ou indireta, representam o seu grupo, marcado por questões etárias, de gênero, de localidade, de origem étnico-racial, de sua classe social etc., bem como se juntam às lutas diárias e coletivas do momento histórico vivido-experenciado por elas (como de outrora) que exige inúmeras marchas. Marcha por um tratamento digno, respeitoso e amoroso às velhices, marcha em defesa da educação pública, marcha pela qualidade e difusão da

Ciência e da Tecnologia, marcha por um mundo “[...] menos feio, menos injusto, menos maldoso, um mundo mais humano [...]” (FREIRE, 1994, p.14).

1.3 APROXIMAÇÕES AO OBJETO DE ESTUDO: AS EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS E ESCOLARES DAS PESSOAS IDOSAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Embora o fenômeno da feminilização, na velhice, seja uma realidade brasileira, segundo estudos de Salgado (2002), Camarano (2003) e Cepellos (2021), essa confirmação pouco tem sido considerada. Para ficar ainda mais claro, basta lembrar que o emprego do termo de gênero masculino – idoso – em documentos legais e no próprio cotidiano de nossa sociedade, manifesta concretamente os efeitos da dominação masculina, isso explica tanta resistência em admitir “[...] que a velhice se feminilizou” (SALGADO, 2002, p.7).

Voltando um pouco no tempo, os dados estatísticos fornecidos pelo IBGE, no período de 1940 a 2000, destacados no estudo de Camarano (2003), mostram a evolução e confirmação da ‘feminilização’ em nosso país, pois o gradativo aumento da expectativa de vida vem manifestando a menor mortalidade feminina, aliás, quão “[...] mais idoso é o contingente, maior é a proporção de mulheres [...]” (CAMARANO, 2003, p.37).

No estudo supracitado, foi destacado que a população considerada ‘muito idosa’ – com 80 anos ou mais de idade – era cerca de 166 mil pessoas no ano de 1940 e que, com o gradativo crescimento, no ano de 2000, passou para 1,8 milhões, sendo que, desse contingente, cerca de 60% eram de mulheres. E, ainda, a população feminina, considerada muito idosa, correspondia a cerca de 12% da população idosa brasileira no ano de 2000.

Salgado (2002) considera que o preconceito em relação à mulher idosa é fruto das expectativas da sociedade, advindas da exigência de produtividade física e sexual, que acabam não sendo correspondidas. Esclarece que as mulheres de 60 anos ou mais estão em desvantagem em relação aos homens dessa faixa etária, pois eles chegam à velhice com os melhores níveis de escolaridade e de qualificação profissional. Logo, as mulheres vivem mais, mas em situação de vulnerabilidade social, já que são dependentes pelas “[...] condições financeiras, necessidades de atenção ou cuidado, sobrevivência a amigos próximos e a familiares, entre outros [...]” (SALGADO, 2002, p.10). Contudo, na análise realizada, a questão étnico-racial dialoga diretamente com essas discriminações pelo fato de nossa sociedade ser historicamente assentada no privilégio branco.

Já Cepellos (2021), ao olhar para as relações de trabalho na velhice, optou pelos aspectos qualitativos para o aprofundamento da compreensão acerca do envelhecimento, por considerá-lo um fenômeno complexo e multifacetado, cujos principais fatores para a entrada/continuidade da mulher idosa no mercado de trabalho são: o fato do divórcio ou a viuvez, a situação da baixa escolaridade, o abandono dos papéis de cuidado com os filhos e as péssimas condições financeiras. Salienta também que são as mulheres idosas que enfrentam maiores dificuldades em relação à inserção, à manutenção e à progressão em suas carreiras, devido ao preconceito de gênero e de idade, além de outros desafios profissionais. Contudo, desconsidera a questão étnico-racial, assim como fez Salgado (2002).

O fato de se tomar a consciência acerca da feminização da velhice, na sociedade, faz toda diferença no percurso da investigação e na análise das informações, uma vez que é imprescindível considerá-la nas múltiplas dimensões e complexidades na trama da vida social (e singular) tecida pelo sistema capitalista, cuja condução da pandemia esteve sob o comando da política de morte de Bolsonaro.

O próprio fato da população idosa brasileira ficar totalmente desamparada das políticas públicas em plena pandemia, como também o agravo da violência contra as mulheres e pessoas idosas, refere-se a um dos inúmeros atos de barbárie do governo Bolsonaro, como o ageísmo, a disseminação de *fake news*, os esforços para desestimular a população em relação às medidas de proteção e de imunização contra a Covid-19, o avanço da miséria, da fome, do desemprego, a falta de condições básicas para cumprir as medidas de isolamento, a recusa de ajuda financeira para garantir a internet durante o ensino remoto aos estudantes das redes públicas, o excesso de mortalidade da população idosa, associado à Covid-19, dentre outras atrocidades ocorridas.

O primeiro ano de pandemia de Covid-19, no Brasil, já mostrava o quão desafiador e trágico seria para o país esse “inimigo invisível”, durante o governo de Bolsonaro, pois, de acordo com o *site* Covid-19 no Brasil, do Ministério da Saúde do Governo Federal, no período de 27 de março a 31 de dezembro de 2020, dos 210.147.125 habitantes estimados³⁶ em nosso país, foram registrados 194.949 óbitos e 7.675.973 casos confirmados de

³⁶ Frisa-se que a estimativa de habitantes revelada pelo site pesquisado se diferencia dos primeiros dados do Censo Demográfico de 2022, divulgados pelo IBGE, em junho de 2023, o qual aponta que, em 1º de agosto de 2022, havia 203.062.512 habitantes no Brasil. Sendo destacado que: “[...] De 2010 a 2022, a taxa de crescimento anual da população do país foi de 0,52%. Trata-se da menor taxa desde o primeiro Censo do Brasil, em 1872 [...]” (CABRAL, 2023).

contaminação pela Covid-19, cuja taxa de mortalidade (por 100 mil habitantes) ficou em 92,77. Inclusive, foi possível identificar que as maiores taxas de mortalidade (por 100 mil habitantes) incidiram nas regiões Sudeste³⁷ (100,97) e Centro Oeste³⁸ (109,52), enquanto a menor taxa ficou na região Sul³⁹ (73,72) (BRASIL, 2022).

Já no segundo ano de pandemia, conforme dados do *site* Covid-19 no Brasil, houve um aumento exorbitante nas taxas, no período de 01 de janeiro a 31 de dezembro de 2021, totalizando 619.056 óbitos e 22.287.521 casos confirmados de Covid-19. E a taxa de mortalidade (por 100 mil habitantes) do país ficou em 201,59, sendo evidenciadas as maiores taxas de mortalidade nas regiões Centro-Oeste (254,21) e Sul (251,33) e a menor taxa na região Nordeste (126,50). Mas vale lembrar que foi no final de dezembro de 2021 que o país conseguiu atingir a tão sonhada marca de 80% de sua população-alvo inteiramente vacinada (BRASIL, 2022).

E, no terceiro ano de pandemia, com base nos dados do *site* supracitado, de 01 de janeiro a 30 de dezembro de 2022, o Brasil totalizou 693.853 óbitos e 36.331.281 casos confirmados de Covid-19, cuja taxa de mortalidade (por 100 mil habitantes) foi de 35,57. Sendo que as duas regiões brasileiras com as maiores taxas de mortalidade (por 100 mil habitantes) foram a Sudeste (43,74) e a Sul (40,99); e a menor taxa registrada foi na região Norte, correspondendo a 20,67. Vale destacar que, no cenário epidemiológico dos casos e óbitos por Covid-19 (no período de 2020 a 2022), boa parte corresponde a mortes antecipadas de pessoas idosas (BRASIL, 2022).

Aliás, viver a velhice na classe trabalhadora não é sinônimo de garantia de qualidade de vida e nem de participação social efetiva em nosso país, posto que, majoritariamente, há inúmeras demandas (educação, moradia, relações familiares, infraestrutura urbana etc.) e necessidades básicas, como saúde, alimentação, assistência, previdência e aposentadoria, dentre outras, que exigem intervenção por parte do Estado. Por isso que este estudo quer conhecer e desvelar a experiência de vida, tanto de homens como de mulheres com 60 anos ou mais de idade, pois ninguém melhor do que eles/as para dizer o que viveram e sentiram com a chegada da pandemia e o modo que ela foi conduzida por Bolsonaro.

³⁷ Região que estimava um total de 88.371.433 habitantes, desses, ocorreram 2.688.086 casos confirmados e 89.229 óbitos de Covid-19, no período de 27 de março a 31 de dezembro de 2020 (BRASIL, 2022).

³⁸ Região que estimava um total 16.297.074 habitantes, registrou 873.757 de casos confirmados e 17.848 óbitos de Covid, no período de 27 de março a 31 de dezembro de 2020 (BRASIL,2022).

³⁹ Região que estimava um total de 29.975.984 habitantes, registrou 1.358.823 casos confirmados e 22.099 óbitos acumulados de Covid-19, no período de 27 de março a 31 de dezembro de 2020 (BRASIL, 2022).

Vale frisar que, em nosso país, a pandemia de Covid-19 escancarou as desigualdades sociais e inúmeros preconceitos, sobretudo em relação às pessoas idosas que sentiram o peso de viver em uma sociedade que desampara e refuta a velhice, principalmente quando o cuidado perante às pessoas mais velhas é ponderado sob a lógica do descompasso da rotina corrida da vida moderna.

Hobsbawn (1998, p.37), frisa que a dita modernidade forjou a essência do ser velho, que, antes, “[...] representava sabedoria não apenas em termos de uma longa experiência, mas da memória de como eram as coisas, como eram feitas e, portanto, de como deveriam ser feitas [...]”. Tal compreensão também se faz presente no pensamento de Le Goff (1990) ao mencionar que,

[...] O pôr em jogo do antagonismo antigo/moderno é constituído pela atitude dos indivíduos, das sociedades e das épocas perante o passado, o seu passado. Nas sociedades ditas tradicionais, a Antiguidade tem um valor seguro; os Antigos dominam, como velhos depositários da memória coletiva, garantes da autenticidade e da propriedade [...]. (LE GOFF, 1990, p. 169).

Assim, apresenta-se, nesse momento, alguns realces, porém suficientes, para apontar a incidência de violações dos direitos à vida e à saúde no decorrer da pandemia de Covid-19 em nosso país, cuja estratégia de inação do governo de Bolsonaro pactuou com o extermínio dos mais vulneráveis de nosso país, ou seja, de seres humanos considerados “descartáveis”, segundo a lógica da reprodução capitalista, cujos mecanismos adotados visam – por meio da imprensa – inculcar a ideia de ‘um novo normal’, ‘uma gripezinha⁴⁰’ ou mesmo ‘uma doença democrática’.

No Brasil, importado pelas classes média e alta, o vírus ajudou a forjar, inicialmente, um discurso reverberado pela imprensa de que seria uma doença que atinge a todos, cujas consequências são igualmente sentidas, isto é, uma doença ‘democrática’. Ressaltada, entretanto, apenas a questão da mortalidade diferenciada em determinados segmentos populacionais, como idosos e pessoas com morbidades preexistentes (OLIVEIRA et al., 2020, p.2, grifo nosso).

⁴⁰ Bolsonaro em seu mandato (2019-2022) referiu-se publicamente – pelo menos duas vezes – a Covid-19 de gripezinha. Vale lembrar que desde o começo da pandemia a postura do ex-presidente foi de minimizar os riscos dessa doença que deixou um rastro de destruição de vidas e de famílias no Brasil e no mundo (BRITO, 2020). Diante de tamanha indignação da população, a expressão gripezinha passou a ser mencionada na pandemia.

Frisa-se que o potente vírus chegou ao Brasil por meio de pessoas abastadas, que foram contaminadas em viagens internacionais, as quais possuem condições financeiras para custear todos os tratamentos de saúde necessários. Inclusive, foram essas mesmas pessoas que, ao banalizar a contaminação e a gravidade da doença da Covid-19, colocaram em risco inúmeras vidas, como a de seus empregados, familiares, ou seja, disseminando a doença em diversas comunidades desprovidas de atenção do poder público.

Ante as cruéis condições do trabalho assalariado na pandemia, faz-se imprescindível ressaltar a dimensão étnico-racial, a partir do destaque de uma das primeiras vítimas no registro de morte por Covid-19 no Brasil. Assim, em 17 de março de 2020, foi divulgada a vida perdida/interrompida de Cleonice Gonçalves, uma mulher negra, idosa que, com 63 anos de idade, trabalhava como empregada doméstica em um apartamento no Leblon, bairro nobre do Rio de Janeiro⁴¹, a qual foi infectada na casa da sua patroa⁴², que havia retornado recentemente de uma viagem ao exterior (SANTOS, 2021a).

Santos (2021a, p. 30), em seu estudo sobre a pandemia, analisa a posição ocupada pelas empregadas domésticas no Brasil, com o foco na questão da trabalhadora doméstica negra, sendo enfatizado que a condição de exploração vai além da opressão por classe, posto que está fortemente marcado pela opressão racial, cujo local de trabalho é permeado pela condição de subalternidade e superexploração da força de trabalho com base no racismo estrutural.

A situação acima destacada mostra a urgência da desconstrução do racismo em nossa sociedade brasileira, em que a educação ganha centralidade para o combate, assim como é de sua obrigatoriedade ofertar um ensino que abarque as questões étnico-raciais, no que se refere à valorização da cultura afro-brasileira e identitária negra, conforme a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008⁴³.

[...] A ideia de que a sociedade brasileira foi construída com base na convivência harmônica entre sua pluralidade racial imprime uma complexidade no processo de produção de uma identidade nacional, cujo ponto de chegada idealizado é representado pelo referencial branco europeu, de uma unidade étnica que opera o apagamento da identidade negra dos sujeitos ‘miscigenados’ sob o ponto de vista

⁴¹ “Na capital do Rio de Janeiro, os primeiros casos surgiram em bairros de classes média e alta, migrando para as áreas de favelas. Até 31 de maio de 2020, houve um total de 260 mortes nas grandes favelas, com destaque para Rocinha e Maré, com 55 e 48, respectivamente. Em São Conrado, bairro que faz limite com a Rocinha, foram contabilizados três óbitos até o dia 7 de maio de 2020 [...]” (OLIVEIRA et al., 2020, p.6).

⁴² A trabalhadora Cleonice foi infectada pelo covid-19 ao ter contato com sua patroa, que acabara de retornar de uma viagem realizada para a Itália, um dos países da Europa mais afetado pela pandemia (SANTOS, 2021a, 26-27).

⁴³ Lei que também estabelece a cultura dos povos indígenas.

discursivo, mas que não necessariamente implica em alterar seu lugar na estrutura social [...] (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 2).

Outro destaque a ser apontado na situação de Cleonice, mulher negra e idosa, que teve sua morte antecipada pela Covid-19, refere-se à condição de gênero e condição geracional, uma vez que, no Brasil, as mulheres ocupam 92% das vagas do trabalho doméstico, dessas, 65% são negras. E desse contingente de mulheres, a maioria das trabalhadoras já está com 40 anos ou mais de idade e tem uma renda média inferior a um salário mínimo, cujo perfil básico foi divulgado pelo Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas – Dieese, publicada em 27 de abril de 2022 (VILELA, 2022).

Assim, é possível identificar que à medida que as mulheres trabalhadoras domésticas envelhecem, quando também vai ocorrendo a inevitável perda de força muscular, com a redução da capacidade motora para realizar as suas atribuições, sua condição de vida é ainda mais desprestigiada socialmente, cuja realidade concreta, cruel e degradante é causadora de misérias que culminam na opressão, na desigualdade, na desvalorização de si mesma, na dependência, na alienação e na coisificação.

Destaca-se, ainda, que o espaço doméstico é reservado à mulher, pois vivemos em uma sociedade patriarcal, marcada por demandas que não decorrem de vivências do universo feminino. Portanto, a condição de superexploração da força das trabalhadoras domésticas, atinge muito mais as mulheres negras do que as mulheres brancas. E, nesse forte preconceito, se adicionar a condição de escolarização, ou melhor, se a mulher idosa negra não for alfabetizada, a situação tende a piorar, havendo maiores dificuldades para adquirir um emprego, como também será ainda mais desprestigiada financeiramente no mercado de trabalho.

Em reportagem, o historiador e ativista do movimento negro brasileiro, Marcos Rezende, membro-fundador do Coletivo de Entidades Negras - CEN, salienta que,

[...] o fato de o capitalismo ter a desigualdade racial como estrutura que lhe é fundante faz com que os dados sinalizem que a população negra tem o maior número de mortos vítimas do Coronavírus, considerando a proporção de negros infectados. No Brasil, por exemplo, os negros representam 25% dos infectados, contudo chegam a 32,8% dos mortos, segundo informações publicadas pelo G1. Isso joga luz sobre o cenário das desigualdades sociais e as consequentes vulnerabilidades em que a população negra, em regra, se encontra inserida. (REZENDE, 2020).

Os dados mencionados até o momento são suficientes para comprovar a importância e a urgência de educação para as pessoas idosas, mas, sobretudo, para as mulheres negras. No artigo de Bastos e Eiterer (2021), o recorte apresentado tem por base uma investigação de doutorado sobre as interseccionalidades que se apresentam na EJA, reveladas por um grupo de estudantes mulheres, empregadas domésticas, no momento de pandemia, mas com escassa participação daquelas com idade igual ou superior aos 60 anos.

As autoras, Bastos e Eiterer (2021), enfatizam a necessidade de criar estratégias para trazer o público investigado para dentro do espaço escolar no pós-pandemia, mas que seja para além do acesso, pois a permanência deve considerar⁴⁴ os enfrentamentos diários – as experiências singulares e conhecimentos adquiridos – dessas mulheres trabalhadoras. Isto é, a escola pública, para atingir o seu propósito de função social – que é ensinar o/a estudante a (re)ler o mundo e nele intervir criticamente para transformá-lo – precisa dialogar com os/as estudantes, pois, só assim, tornará “[...] o acesso ao direito e a permanência na escola algo possível [...]” (BASTOS; EITERER, 2021, p. 462).

De igual modo, é preciso dar um basta perante essa desigualdade imposta pelos papéis⁴⁵ socialmente construídos para mulheres e homens, que têm forte influência da cultura patriarcal, cujas atribuições foram constituídas/impostas na relação entre o opressor/dominador e oprimida/dominada. Porém, nessa relação de exploração/dominação, nem sempre as mulheres conseguem se perceber submissas⁴⁶ aos homens e, até mesmo, que são vítimas de violência, pois as formas de agressão são complexas, perversas e não ocorrem isoladamente.

Segundo a pesquisadora Teresa Lisboa (2003), o produto da dominação-opressão de gênero tem sido historicamente uma situação vivida pelas mulheres de países subdesenvolvidos. “[...] Em todas as sociedades, os cidadãos [e as cidadãs] organizam suas vidas dentro de duas lógicas: a da casa (o privado) e a da rua (o público) [...]” (LISBOA, 2003, p.119).

⁴⁴ Na visão de Bastos e Eiterer (2021), torna-se pré-condição conhecer as trajetórias dos/as sujeitos/as, as quais são carregadas de heranças sociais e históricas para atender às suas especificidades e construir um conhecimento rico, significativo e libertador.

⁴⁵ Esses papéis sociais são transmitidos de geração em geração, são reproduzidos cotidianamente, basta lembrar que as meninas são instigadas desde a mais tenra idade ao desejo de serem mães, mas este desejo “de ser pai” não se estende aos meninos. É estipulado um modelo de comportamento “adequado” para meninas e meninos, inclusive, no próprio brincar de casinha, a figura do gênero masculino, na maioria das vezes, é representada em atividades fora do espaço doméstico (no espaço público), enquanto a figura feminina, fica inteiramente atribulada aos afazeres da casa e cuidado com as crianças, em que pouco consegue se ausentar do espaço de doméstico (espaço privado). E mais, caso as crianças decidam inverter os papéis, poucas são as famílias que reagem tranquilamente, considerando uma representação normal.

⁴⁶ Há também um outro componente importante para essa condição de submissão, o componente religioso.

Corroborando com a constatação de Lisboa, o antropólogo Roberto DaMatta (1997) salienta que

[...] ‘casa’ e ‘rua’ são categorias sociológicas⁴⁷ para os brasileiros, [...] estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas [...]. (DAMATTA, 1997, p. 8).

No entendimento de DaMatta (1997, p.6), “[...] quem escreve sobre a sociedade sem querer perder de vista as relações sociais e seus paradoxos não pode construir casamatas, mas cabanas, barracos e choças [...]”, pois “[...] as sociedades são coisas vivas [...]”. Portanto, DaMatta acentua que as conexões entre as pessoas transcendem os espaços físicos e a forma de organização do trabalho, uma vez que abarcam os movimentos/momentos gestados na vida cotidiana. Quer dizer que casa e rua são espaços de pessoas, de relações, de julgar, de decidir, de conflitos etc.

De modo que é preciso (re)lembrar que, mesmo em pleno século XXI, o Brasil permanece como o “[...] guardião de valores históricos da nossa forma particular de dominação burguesa e da mentalidade de longa duração herdada do período colonial e escravista, que em simultâneo, busca firmar sua integração subalterna no atual cenário internacional [...]” (RUMMERT, ALGEBAILLE; VENTURA, 2013, p. 717).

De igual modo, entende-se que em qualquer momento histórico, não há como desconsiderar a “[...] divisão racial do mundo e suas visíveis repercussões [...]” (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 2), assim como, ao refletir sobre as experiências vividas na pandemia de Covid-19, desveladas pelas próprias pessoas idosas matriculadas na EJA, não é possível desatrelar esse episódio vivido de suas trajetórias, que são carregadas de heranças históricas e sociais, tanto de exploração e dominação humana, como de rebeldias, de lutas e

⁴⁷ DaMatta (1997, p.7) frisa que as ‘categorias sociológicas’ são fundamentadas em Durkheim e Mauss, “[...] como um conceito que pretende dar aquilo que uma sociedade pensa e assim institui como seu código de valores e ideias: sua cosmologia e seu sistema classificatório; e também para traduzir aquilo que a sociedade vive e faz concretamente – o seu sistema de ação que é referido e embebido nos seus valores [...]”. O antropólogo considera como um dos pontos mais importantes que os autores chamaram a atenção, o “[...] perigo que existe em separar e, pior ainda, universalizar uma ‘razão teórica’ ou moral-ideal por natureza e definição – e outra razão, prática e contraditória por essência, razão que seria sempre mais verdadeira ou mais palpável que a outra, simplesmente por ter uma ‘visibilidade’ que nós lhe atribuímos [...]” (DAMATTA, 1997, p.7).

resistências (diárias e coletivas) por um mundo mais humano, digno e cheio de vida autêntica, em que se tem consciência do porquê, para quê e para quem se luta no momento de pandemia de Covid-19.

Portanto, esta investigação busca olhar para a pandemia à luz das desigualdades raciais, de gênero, de renda, de questões educacionais, regionais (locais) e etc., o que implica “[...] pensar não apenas os números que as revelam, que sim, são importantes, mas fundamentalmente sobre a trama, historicamente tecida, que lhe confere estrutura, dinâmicas e práticas narrativas [...]” (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 2).

1.4 LEVANTAMENTO DE PRODUÇÕES SOBRE PESSOAS IDOSAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EJA NO CONTEXTO DE PANDEMIA (2020-2022)

Nesta seção será apresentado o balanço das produções acadêmicas, cujo empenho foi de realizar um mapeamento acerca das publicações já existentes sobre as experiências de pessoas idosas – cotidianas (entre elas as escolares) – em processos de alfabetização na EJA, no contexto de pandemia da Covid-19, no Brasil, pois o propósito é o de ter ciência das produções já publicizadas, verificar contribuições, lacunas e buscar extrair dessas produções acadêmicas as categorias empíricas, as quais serão utilizadas como elemento de análise.

No entanto, esse objeto da investigação reconfigurou-se a partir da própria pandemia de Covid-19 e do exame de qualificação desta tese. Inicialmente, o objeto eram os processos de alfabetização de idosas e idosos na EJA. Nesse sentido, tais estudos serão mantidos nesta tese, pois se relacionam aos processos de alfabetização e afinam para se pensar tais processos no contexto da pandemia.

Para inventariar o acervo de produções acadêmicas sobre a temática supracitada, realizou-se as buscas em seis banco de dados, assim, adotando-se, como encaminhamento metodológico, a pesquisa do tipo estado do conhecimento (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Cabe salientar que, em decorrência do crescimento de discussões sobre diferentes aportes e temáticas em âmbito educacional nos últimos tempos, emergiu a necessidade da realização de um mapeamento que revelasse o panorama das pesquisas educacionais existentes sobre o tema. Assim, com base em Romanowski e Ens (2006), há dois tipos de mapeamento, a pesquisa do tipo Estado do Conhecimento e a do tipo Estado da Arte, sendo

possível diferenciá-las a partir do esclarecimento das autoras supracitadas: a pesquisa do tipo Estado do Conhecimento é uma metodologia mais restrita, referindo-se a um estudo que abarca um único setor das publicações sobre um determinado tema. Já a do tipo Estado da Arte é uma metodologia que compreende um vasto acervo, pois vai agregar diferentes setores de publicações, uma vez que precisa abarcar toda a produção acadêmica existente – teses, dissertações, livros, periódicos etc. – na área de conhecimento em que ocorre tal pesquisa.

1.4.1 O balanço de produções acadêmicas acerca das experiências de pessoas idosas em processos de alfabetização na EJA no contexto de pandemia da COVID-19 no Brasil (2020-2022)

Entende-se que o levantamento das produções acadêmicas, em determinada área do conhecimento, é de suma importância em uma investigação científica, especialmente por trazer inúmeras vantagens ao/a pesquisador/a, dentre elas, o fato de possibilitar a averiguação do que já foi (ou não) produzido sobre a temática escolhida, no intuito de dar continuidade aos estudos científicos e evitar, assim, a duplicação de pesquisas, como também traz subsídios para o/a pesquisador/a do conhecimento coletivo, em que se pode atualizar e reformular os pressupostos teórico-científicos (GALVÃO, 2010).

Portanto, nesse caminhar investigativo, o balanço das produções acadêmicas se perfaz com o momento de tomar ciência do que já foi produzido, o modo de como foi evidenciado, as apostas teóricas adotadas/escolhidas, as contribuições que esses estudos trazem para as diversas camadas de nossa sociedade e para o objeto de investigação do presente estudo.

A referida busca ocorreu por meio do mapeamento denominado do tipo Estado do Conhecimento, por compreender que essa dimensão é a mais apropriada com o tempo e a forma como se realizou o balanço das produções.

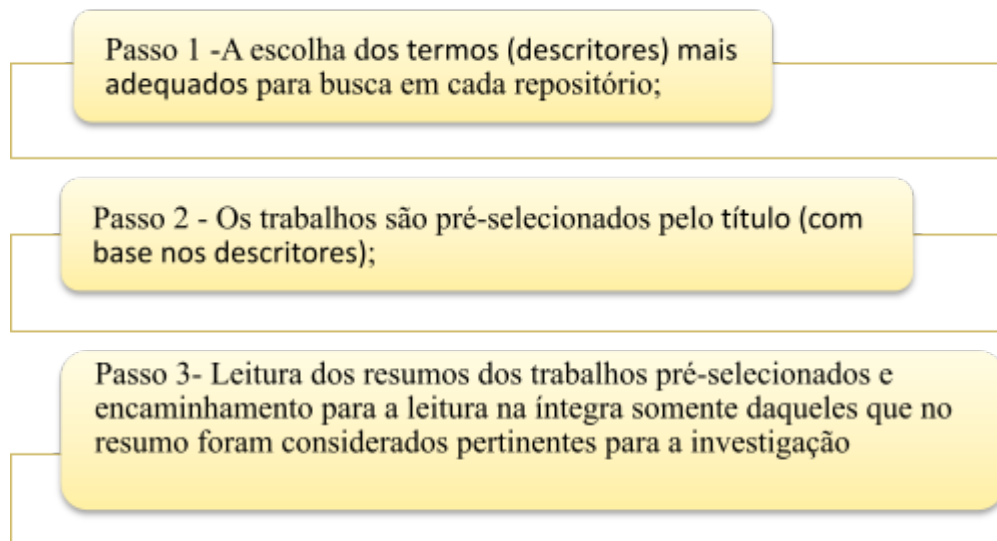
Para essa aproximação intencional, ao que já foi produzido acerca da experiência de pessoas idosas em turmas de alfabetização na EJA, no contexto de pandemia da Covid-19 (2020-2022), recorreu-se aos seguintes repositórios: 1) Catálogo de Teses e

Dissertações da Capes; 2) Base de dados da ANPEd (Reuniões Nacionais); 3) Base de dados da *Scientific Electronic Library - Scielo online*; 4) Repositório Institucional da UFSC; 5) Revista *Perspectiva* (UFSC); 6) *Movimento - Revista de Educação* (UFF); 7) *Google Acadêmico*; e 8) Produção localizada na Faed/UDESC. O levantamento foi realizado no período de 19 de fevereiro a 14 de outubro de 2022.

Nesse intuito, será apresentado o resultado do balanço das produções acadêmicas entre 2020 e 2022, período este marcado pela chegada e continuidade da pandemia de Covid-19 em território brasileiro, havendo alterações nos modos de vida e de estudo, em que foi escancarada a perversa desigualdade social e econômica entre as classes sociais no governo de Jair Messias Bolsonaro.

Para as buscas nos repositórios, foram adotados previamente alguns critérios gerais para a seleção e exclusão das produções, de modo que os trabalhos selecionados passaram por uma triagem para serem selecionados para essa investigação. A seguir, apresenta-se na Figura 2 o passo a passo realizado.

Figura 2 – Passos de realização do estado do conhecimento nesta tese



Fonte: Elaboração da autora com base no estudo (2023).

A partir desses critérios gerais, foram necessários, no decorrer das buscas, alguns ajustes, portanto, no Quadro 1 apresentado a seguir, constam as principais informações, como a data de realização da coleta, critérios de refinamento e descritores adotados em cada base.

Quadro 1 – Principais informações acerca das buscas nos repositórios investigados

BASE DE DADOS	DATA DA COLETA DE DADOS	CRITÉRIOS DE REFINAMENTO	DESCRITORES UTILIZADOS
Catálogo de Teses e Dissertações da Capes ⁴⁸	19/01/2022	Foi necessário o seguinte refinamento: Área de Conhecimento: Educação; Nome do Programa: Educação; Biblioteca: Biblioteca Central	<ul style="list-style-type: none"> • educação de jovens e adultos; • alfabetização; • educação e envelhecimento; • pandemia;
Anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPED) 40ª Reunião Nacional em 2 GTs: GT 18 ⁴⁹ - Educação de Jovens e Adultos e GT 10 ⁵⁰ - Alfabetização, Leitura e Escrita	08/08/2022	Período de realização da Reunião	<ul style="list-style-type: none"> • educação de jovens e adultos; • alfabetização; • educação e envelhecimento; • pandemia.
<i>Scientific Eletronic Library – Scielo Online</i>	13/08/2022	Devido ao número elevado de produções, utilizou-se 4 (quatro) descritores, optou-se em fazer novas combinações para um refinamento.	<ul style="list-style-type: none"> • educação de jovens e adultos; • alfabetização; • educação e envelhecimento; • pandemia. <p>NOVOS DESCRITORES</p> <ul style="list-style-type: none"> • alfabetização e pessoas idosas • educação de jovens e adultos e pessoas idosas; • educação e pessoas idosas.

⁴⁸ Tanto com o termo “educação de jovens e adultos” como com o termo “educação e envelhecimento”, no ano de 2020, foram localizadas 152 (cento e cinquenta e dois) produções, sendo 102 (cento e dois) dissertações e 50 (cinquenta) teses. E no ano de 2020, não houve nenhum registro. Com o termo “alfabetização”, não foram identificadas produções nos anos de 2020 e 2021; e com o descritor “pessoas idosas”, no de 2020, não foram localizadas produções e apenas 1 (uma) tese no ano de 2021, porém, não contemplava os descritores adotados. E com o termo “pandemia”, no ano de 2020, não foram localizadas produções; e em 2021, foram localizadas 2 (duas) produções, 1 (uma) dissertação e 1(uma) tese.

⁴⁹ No GT 18, dos 33 (trinta e três) trabalhos localizados, foram selecionados 2 (dois), contudo, após o resumo, apenas 1 (um) foi selecionado para essa investigação.

⁵⁰ No GT 10, dos 37 (trinta e sete) trabalhos localizados, nenhum deles atendia aos descritores.

Quadro 1 – Principais informações acerca das buscas nos repositórios investigados (Conclusão)

BASE DE DADOS	DATA DA COLETA DE DADOS	CRITÉRIOS DE REFINAMENTO	DESCRITORES UTILIZADOS
Repositório institucional da UFSC ⁵¹	14/10/2022	Data de publicação de produções entre 2020 e 2022	<ul style="list-style-type: none"> • educação de jovens e adultos; • alfabetização; • pessoas idosas; • pandemia
Revista Perspectiva/UFSC ⁵²	14/10/2022	Inseriu-se no filtro avançado o período de 01/01/2020 a 31/12/2022	<ul style="list-style-type: none"> • educação de jovens e adultos; • alfabetização; • pessoas idosas; • pandemia.
6 Movimento - Revista de Educação /UFF ⁵³	16/10/2022	Com os 4 (quatro) descritores e assinalado a Qualis qualquer, as buscas não abarcavam a área de humanas. Assim, optou-se por novos descritores e com o filtro de 2020 a 2022 como possibilidade de encontrar trabalhos nesta área do conhecimento.	<ul style="list-style-type: none"> • educação de jovens e adultos; • alfabetização; • educação e envelhecimento; • pandemia <p>OVOS DESCRITORES</p> <ul style="list-style-type: none"> • EJA, pessoas idosas e pandemia; • Educação de Jovens e Adultos, alfabetização e pandemia.
Repositório da UDESC	Indicação de leitura em 2021	O referido trabalho foi indicado para leitura pela orientadora prof. ^a Dra. Maria Hermínia L. F. Laffin	<ul style="list-style-type: none"> • educação de jovens e adultos; • alfabetização; • educação e envelhecimento; • pandemia

Fonte: Elaboração própria da autora com base no estudo (2023).

⁵¹ Com o termo “educação de jovens e adultos” e com a utilização do filtro “pessoas idosas”, não foram localizadas produções entre 2020 e 2022. Já com o descritor “educação e pessoas idosas” e a utilização do filtro “pandemia” também não foram encontradas produções nos anos entre 2020 e 2022.

⁵² A periodicidade de publicação ocorre trimestralmente, inclusive, é pertencente ao Centro de Ciências da Educação da UFSC. Para a busca, foi utilizado um termo por vez: o termo “educação de jovens e adultos”; o termo “alfabetização”, o termo “pessoas idosas” e o termo “pandemia”; e, no filtro avançado, apenas foi colocado o período de 01/01/2020 a 31/12/2022. Com os termos “pessoas idosas” e “educação e envelhecimento”, não foram localizadas produções. Já com o termo “pandemia” foram encontradas 8 (oito) produções, porém nenhuma delas foi selecionada. E com o termo “alfabetização”, foram localizadas 11 (onze) produções, sendo apenas 1 (uma) selecionada.

⁵³ Com os termos “educação de jovens e adultos”; “alfabetização”; “pessoas idosas” e “pandemia” e com Qualis qualquer, não foram localizadas produções. Ao decidir pelos termos “EJA, pessoas idosas e pandemia” e “Educação de Jovens e Adultos, alfabetização e pandemia” apareceram várias revistas das Ciências Humanas, assim, optou-se pela Movimento - Revista de Educação, uma vez que é pertencente à Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense.

No quadro acima destacado, é possível identificar que a coleta de dados ocorreu no ano de 2022, mais precisamente entre os meses de janeiro a outubro, bem como houve a necessidade de acrescentar novos descritores para a busca em 3 bases de dados, a saber: *Scielo Online*, *Google Acadêmico* e *Revista Movimento/UFF*.

Na base de dados *Scielo Online*, não foi possível fazer a análise devido ao grande número de trabalhos encontrados, uma vez que havia necessidade de um dispendioso tempo para o acesso às produções relacionadas à área de humanas.

No caso do *Google Acadêmico*, também houve elevado número de trabalhos encontrados, assim, optou-se por novos descritores, dos quais só foi possível considerar para a análise as produções encontradas com o descritor “pessoas idosas, educação de jovens e adultos, pandemia e alfabetização” (contendo 32 produções).

Já na revista *Movimento/UFF*, com os quatro descritores e assinalado a Qualis qualquer, não foram filtrados trabalhos na área de humanas, assim, para ter garantia da inexistência de produções, optou-se pelo filtro de 2020 a 2022, juntamente com os novos descritores. Há também um trabalho que foi por indicação de leitura, cuja produção é oriunda da Faed/UDESC.

Cabe frisar que o intuito de utilizar o maior número de descritores sobre a temática foi o de ampliar o leque de possibilidades de busca, como forma de evitar a exclusão de algum trabalho pertinente ao estudo. A Tabela 1 seguinte situa as produções encontradas:

Tabela 1 – Panorama das produções científicas encontradas no balanço bibliográfico em nível nacional e internacional nos portais da Capes; da ANPED; da *Scielo Online*; do repositório institucional da UFSC, nas revistas científicas *Perspectiva/UFSC* e *Movimento/UFF*, no *Google Acadêmico* e produções da Faed/UDESC (2020-2022)

ANO	CAPES	Reuniões da ANPED	<i>Scielo</i>	Repositório institucional da UFSC	Revista Perspectiva UFSC	Revista Movimento UFF	<i>Google Acadêmico</i>	Faed/ UDESC
2020	-	-	-	-	1	1	-	1
2021	-	1 (GT 18)	-	-	-	-	1	-
2022	-	-	-	-	-	-	1	-
SOMA PARCIAL	0	1	0	0	1	1	2	1
TOTAL GERAL	6							

Fonte: Elaboração própria da autora com base no estudo (2023).

Frente ao levantamento de produções realizado, segundo os descritores e o recorte temporal utilizados, identificou-se que, até o momento, há pouquíssimas produções publicizadas de 2020 a 2022 acerca das experiências vividas pelas pessoas idosas em processos de alfabetização no período da pandemia. Contudo, é importante lembrar que se trata de uma situação vivida na atualidade e, portanto, há inúmeras nuances e pormenores que precisam ganhar fôlego em produções científicas que venham a refletir sobre o período vivido de pessoas idosas (e de outros sujeitos) na pandemia de Covid-19.

Um destaque importante é que apenas uma produção encontrada/publicizada trata especificamente de analisar a educação sob a perspectiva de quem aprende, contudo, o olhar trazido era de ex-estudantes da EJA, assim, essa evidência, além de inspiradora, vem potencializar e justificar a necessidade deste estudo que visa se impregnar de conhecimentos trazidas pelas sujeitas idosas e pelo sujeito idoso acerca de suas experiências vividas e sentidas na pandemia de Covid-19.

Outro destaque é que, dos 6 trabalhos analisados, apenas 2 produções possuem Paulo Freire como aporte teórico, bem como foram localizados 3 trabalhos com ênfase na pandemia, sendo 2 trabalhos⁵⁴ acerca da experiência vivida pelas pessoas na pandemia e 1 trabalho⁵⁵ apenas com dados acerca da pandemia de Covid-19.

Apresenta-se no Quadro 2, a seguir, as principais informações acerca das produções analisadas e, logo após, a apresentação de uma síntese de cada trabalho.

Quadro 2 – Dados sobre as produções analisadas nos repositórios selecionados no período entre 2020 e 2022

ANO	AUTORES/AS	TÍTULO	LOCAL	TIPO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA
2020	Marinaide Lima de Queiroz Freitas; Nara Elisa Gonçalves Martins-Oliveira; Ana Luísa Tenório dos Santos; Paulo Teixeira Marinho	Alfabetização e letramento na educação de jovens e adultos: mapeamento da produção acadêmica em periódicos no Brasil	Revista Perspectiva UFSC	artigo
2020	Fabio Alves Gomes de Oliveira e Thiago da Silva Gabry	Educação, ética e envelhecimento: o aspecto intergeracional como fator de exclusão no Brasil	Movimento Revista Educação UFF	artigo

⁵⁴ Os dois trabalhos possuem como autores: Lourival José Martins Filho (2020) e Isamara Grazielle Martins Coura e Leoncio José Gomes Soares (2021).

⁵⁵ O trabalho possui, como autora, Cristiane Bochi Palma (2021).

Quadro 2 – Dados sobre as produções analisadas nos repositórios selecionados no período entre 2020 e 2022 (Conclusão)

ANO	AUTORES/AS	TÍTULO	LOCAL	TIPO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA
2021	Isamara Grazielle Martins Coura e Leoncio José Gomes Soares	Também ensina quem aprende: as relações de aprendizagens significativas entre educadores e idosos nas aulas de teatro voz e violão	40ª Reunião Nacional da ANPEd GT-18	artigo
2020	Lourival José Martins Filho	Alfabetização de idosos e idosas durante a pandemia: olhares de quem aprende	FAED/ UDESC	relato de experiência
2021	Cristiane Bochi Palma	Leitura, cognição e envelhecimento saudável: uma revisão sistemática	Google Acadêmico	Dissertação UFSC Centro Programa de Pós-Graduação em Linguística UFSC
2022	Tássio José da Costa Paiva e Marinaide Lima de Queiroz Freitas	Os sujeitos da EJA e o reconhecimento de saberes: a experiência nos anos iniciais	Google Acadêmico	Artigo

Fonte: Elaboração própria da autora com base no estudo (2023).

Como pode ser observado no quadro acima, no ano de 2020 foram encontradas mais produções científicas do que nos dois anos subsequentes, assim como houve um decréscimo no número de produções encontradas a partir dos descritores adotados, inclusive, no ano de 2022, apenas um trabalho foi localizado. Desse modo, apresenta-se, em síntese, cada produção analisada, a qual constitui referência teórica que ampara a presente tese.

Quadro 3 – Trabalho localizado na Revista Perspectiva/UFSC (2020-2022)

Trabalho: Alfabetização e letramento na educação de jovens e adultos: mapeamento da produção acadêmica em periódicos no Brasil
Autores: FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; OLIVEIRA, Nara Elisa Gonçalves Martins; SANTOS, Ana Luísa Tenório dos; MARINHO, Paulo Teixeira.
Data de publicação 27/03/2020
Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2020.e66018/pdf

Fonte: Elaboração própria da autora com base no estudo (2023).

Esse artigo é originário de uma investigação⁵⁶ mais ampla que abarcou pesquisadores luso-brasileiros, cujo recorte temporal foi de 2017 a 2020 e teve o financiamento do CNPq⁵⁷. Buscou-se mapear as temáticas, categorias, objetos de análise e autores principais que fundamentam os estudos sobre a alfabetização e o letramento na EJA, analisando 42 (quarenta e duas) produções publicizadas em periódicos (Qualis A e B – 2001 a 2018). Refere-se a um estudo de abordagem quanti-qualitativa, que se assenta em uma pesquisa bibliográfica, recorrendo à análise documental.

Vale ressaltar que o artigo foi selecionado por apresentar um consistente mapeamento das produções publicizadas, trazendo o referencial teórico e as categorias de análise acerca do processo de alfabetização e do letramento (social e escolar), que serão utilizados na investigação.

Na concepção de Freitas *et al.* (2020, p.4), “[...] a alfabetização e o letramento, no campo da educação, têm assumido sentidos e relações, que ora se distanciam, ora se aproximam de forma intensa, por vezes se imbricando um com o outro de maneira profunda [...]”. Para Ferreira (2002), o termo alfabetização é compreendido de forma ampla e, por isso, não há o termo letramento. Já Magda Soares (1999), considera essencial utilizá-lo, pois acredita que o termo letramento ampliou o sentido da alfabetização. Sua argumentação é pautada na compreensão de que alfabetização e letramento são aprendizagens diferentes, portanto, são conceitos distintos, mas que se integram para compor o processo de aprendizagem de uma pessoa (idosa, adulta, jovem e criança) de forma mais ampla, ao destacar que “[...] é questão de alfabetizar-se letrando [...]” (FREITAS *et al.*, 2020, p.4).

Em relação ao conceito de letramento, o ponto em comum identificado é que ele se trata de uma prática que implica leitura e escrita. E, que nos estudos acerca da alfabetização e letramento na EJA, os autores mais citados nos artigos, em que há um comparativo entre os grupos dos letrados e não letrados, são: Luria (1998), Oliveira (1995), Tfouni (1988, 1995), dentre outros.

Quanto aos estudos acerca do letramento na Educação de Jovens e Adultos, os autores mais citados são: Abaurre (1991, 1992), Fávero (1999), Kleiman (1995, 1998), Koch (1998), Marcuschi (2001), Magda Soares (1999) e Street (1984), dentre outros.

⁵⁶ A referida investigação teve como coordenadora/pesquisadora responsável, a Prof^a Dr^a. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin, cujo projeto guarda-chuva elaborado visou compreender os principais fundamentos, termos/conceitos e autores recorrentes no campo da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, levantados nos seguintes âmbitos: da política educacional e do direito à educação, dos elementos teóricos e do contexto da prática pedagógica.

⁵⁷ Sigla correspondente ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Os resultados deste estudo apontaram para a existência de uma multiplicidade de objetos de estudo e que, dentro dessa multiplicidade, existe uma predominância sobre as análises das práticas de alfabetização e letramento.

Nas produções analisadas, os autores trazem a alfabetização também como um ato político, assim como Freire a defende, sendo destacado que “[...] a leitura de mundo preceder a leitura da palavra, mas se entende que, ao assumir a palavra, o sujeito relê o mundo [...]” (FREITAS *et al.*, 2020, p.13).

Quadro 4 – Trabalho localizado na Movimento – Revista de Educação /UFF (2020-2022)

Trabalho: Educação, ética e envelhecimento: o aspecto intergeracional como fator de exclusão no Brasil
Autores: OLIVEIRA, Fabio A. G. Oliveira; GABRY, Thiago da Silva.
Data de publicação 23/12/2020
Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/42422/27646

Fonte: Elaboração própria da autora com base no estudo (2023).

O trabalho prima por refletir sobre a responsabilidade de valorização do sujeito idoso na sociedade como um todo e, em especial, no espaço escolar. É ressaltado que o contingente de pessoas idosas que se percebem semianalfabetas ou analfabetas é muito elevado, o que escancara a urgência de ofertar espaços de aprendizagem nos quais essas pessoas possam se perceber acolhidas, seguras e respeitadas, uma vez que é negligenciado espaços de sociabilidade para esse público, já que o Estado não acolhe e nem reconhece as demandas desse grupo etário.

A educação é enfatizada como essencial para a discussão acerca da saúde integral da pessoa idosa e para a conscientização frente à medicalização na velhice, e que o direito à educação precisa ser assegurado e garantido pelo Estado, em respeito ao que estabelece o Estatuto da Pessoa Idosa e as demais leis de nosso país.

Frisam, ainda, que a educação para o envelhecimento precisa se fazer presente em todas as etapas e níveis de ensino, uma vez que vai contribuir para as subjetividades e para as sociabilidades, abarcando as relações afetivas daqueles que interagem direta ou indiretamente com as pessoas idosas.

Por fim, os autores reforçam que as instituições precisam oferecer instrumentos capazes de acolher as inúmeras demandas das pessoas idosas e que possam valorizar a troca de conhecimentos entre os diferentes grupos etários, considerando sempre a pluralidade que os compõem e que possibilite uma cidadania mais ampla, por meio da socialização de afetos.

Quadro 5 – Trabalho relato de experiência localizado na FAED/UDESC (2020)

Trabalho: Alfabetização de idosos e idosas durante a pandemia: olhares de quem aprende
Autor: MARTINS FILHO, Lourival José
Ano: 2020
Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/5226/Relato___Lourival___28_08_2020_15992276903888_5226.pdf

Fonte: Elaboração da autora com base no estudo (2023).

O relato de experiência inicia com a memória afetiva do próprio autor – Lourival José Martins Filho –, ressaltando que foi na infância o início do seu encantamento pela alfabetização com as pessoas idosas, de modo que o processo de alfabetização na escola perdia a sua potência por ser convertido a um processo tão mecânico, vazio de sentido, desconexo do pulsar da vida, do brincar e do desejar, uma vez que nem mesmo era preciso imaginar, descobrir e criar no ambiente de sala de aula.

Contudo, o imenso desejo de voltar para casa de Martins Filho revela o quão enriquecedor era o seu convívio com as pessoas de mais idade, permeado de liberdade para viajar nas inúmeras histórias contadas pelas pessoas idosas, repleta da mais pura imaginação, de sabedoria, do cuidado com o outro/a, havendo uma escuta atenta, em que nessa empolgação tinha condições de (re)criar e (re)descobrir, possibilitando-lhe, assim, ter uma educação sensível e situada, em que pôde alfabetizar-se letrando.

Essa experiência afetiva, rica de sentido na infância para o autor, foi fortificada em sua experiência profissional a partir do ano de 2004, sobretudo na atuação no Departamento de Pedagogia da UDESC, quando coordenou, juntamente com a Professora A. de S., o Programa Olhares, a fim de buscar contribuir, por meio da extensão, no processo de formação de professores e professoras.

E foi a partir de 2004 que Martins Filho (2020) manteve uma relação (de forma permanente) com 6 (seis) pessoas idosas, ex-estudantes da EJA, que ao se perceberem em

condições de ler fluentemente, decidiram seguir os seus percursos existenciais. No entanto, há um importante destaque em relação à EJA, o qual diz respeito aos vínculos estabelecidos no fazer pedagógico e científico, pois são “geradores de fortes amizades”.

Sobre os vínculos afetivos, Martins Filho ressalta que, mesmo na pandemia da Covid-19, os vínculos foram mantidos por meio do contato telefônico (para ‘matar a saudade’) com essas pessoas de mais idade, cujas ligações não haviam como fugir do assunto pandemia. Assim, Martins Filho perguntou para as pessoas idosas que contribuições, pistas, poderiam dar aos professores/as que alfabetizam o público de mais idade, frente à conjuntura vivida, de modo que os diálogos com os ex-estudantes de turmas de alfabetização na EJA permitiram ao autor organizar, em síntese, os principais elementos constitutivos de uma prática pedagógica mais próxima dos reais anseios desse grupo etário na pandemia.

Um dos aspectos apontados foi a necessidade de criar mecanismos e formas de manter contato com os/as estudantes idoso/as, especialmente aqueles/as que estão em turmas de alfabetização na EJA, no intuito de garantir o retorno às atividades presenciais.

Outro destaque foi a necessidade de criação de grupos no *WhatsApp* (por parte de professores/as) para a permanência do contato (em busca de manter o vínculo) com os/as estudantes idosos/as, com envios de áudios com recados, sugestões e incentivos para que as pessoas idosas possam se perceber acolhidas e em condições de participar das conversas nas turmas de alfabetização.

Mais um destaque refere-se ao uso contínuo do rádio pelas pessoas idosas, as quais se mantêm informadas por meio das programações locais. Assim, o autor pontua a necessidade das redes e os sistemas de ensino fazerem uso das rádios locais como forma de manter o contato com os estudantes. Desse modo, Martins Filho (2020, n.p.) finaliza sensivelmente a construção do significativo relato de experiência, ao destacar: “[...] frase, dita ao telefone por Marta, que aprendeu a ler na EJA aos 65 anos, que ainda é pulsante em meu coração: ‘Para quem já viveu muito, cada dia é um presente. O corona mata o corpo, mas não mata o que a gente leu. Ler também é viver’ [...]”.

Quadro 6 – Trabalho localizado no GT-18 dos Anais da 40ª Reunião Nacional Anped (2021)

TRABALHO: Também ensina quem aprende: as relações de aprendizagens significativas entre educadores e idosos nas aulas de teatro voz e violão
Autores: COURA, Isamara Grazielle Martins; SOARES, Leoncio José Gomes
Ano: 2021
Disponível em: http://anais.Anped.org.br/sites/default/files/arquivos_30_24 .

Fonte: Elaboração própria com base no estudo (2023).

O trabalho apresentado situa os dados parciais da investigação do doutorado de Isamara Grazielle Martins Coura e de seu orientador, Prof. Dr. Leoncio José Gomes Soares, tendo como foco de análise a formação e atuação docente para a educação de pessoas idosas.

Os autores destacam que, atualmente, a educação de idosos tem sido evidenciada no espaço acadêmico, no intento de favorecer elementos que venham a contribuir para a qualidade de vida das pessoas idosas, inclusive faz o destaque para a educação permanente dentro e fora das universidades.

Salientam que a educação destinada aos/às estudantes idosos/as precisa levar em conta o perfil dos/as professores/as, pois, além dos conhecimentos teóricos e práticos próprios da área que atuam, é imprescindível a construção do vínculo afetivo e de uma relação de confiança, respeito e comprometimento para com o aprendizado das pessoas idosas, para que elas se percebam capazes de lutar por seus direitos e exigir mais respeito da sociedade.

A partir da investigação realizada, consideram que as aulas de Voz e Violão (realizadas por videoconferência, no período de pandemia da Covid-19) possibilitaram que os/as estudantes mantivessem o compromisso perante o seu aprendizado, inclusive, não se descuidaram da sua aparência nos encontros virtuais, sendo uma forma de buscar manter/garantir a rotina que eles/as já estavam acostumados a vivenciar antes da pandemia, com encontros repletos de afetos, trocas e alegrias.

Coura e Leoncio Soares (2021), enfatizam que as práticas educativas significativas propiciam aos/as sujeitos/as estudantes o aumento da autoestima e da alegria de viver, como também os/as professores/as consideram como desafiador a aprendizagem de pessoas idosas, contudo, enfatizam que a convivência com esse público de mais idade trouxe-lhes importantes lições para vida.

Quadro 7 – Trabalhos selecionados no *Google Acadêmico* (2020-2021)

Dissertação: Leitura, cognição e envelhecimento saudável: uma revisão sistemática
Autora: PALMA, Cristiane Bochi
Ano:2021
Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/234611

Fonte: Elaboração própria com base no estudo (2023).

Essa dissertação buscou identificar o que a ciência vem dizendo, ao longo do tempo, sobre a relação entre a leitura do ponto de vista da Psicolinguística e o envelhecimento cognitivo saudável. Palma (2002), destaca que o processo do envelhecimento vai ocasionar diversas frentes de desenvolvimento humano, mas que são decorrentes do envelhecimento fisiológico, o qual não há como se evitar, uma vez que, ano a ano, vai ocorrendo alterações no organismo e, de modo algum, devem ser associadas às enfermidades. Essas alterações são resultantes do envelhecimento natural, devido ao declínio progressivo do metabolismo celular e do funcionamento dos sistemas fisiológicos principais, portanto, são alterações inevitáveis, naturais e não podem ser consideradas como processos degenerativos (PALMA, 2021, p. 38-39).

No que tange ao processo de envelhecimento cognitivo, o estudo em questão buscou desmistificar a visão que aponta unicamente para as perdas cognitivas (que afetam a atenção e memória), trazendo, assim, uma alternativa, ou melhor, “[...] um caminho possível que aponta na direção da observação do envelhecimento cognitivo saudável e que coloca o percurso em perspectiva, e não somente os passos finais do trajeto [...]” (PALMA, 2021, p. 18). Isso porque, segundo a autora, o envelhecimento cognitivo saudável, que deve ser dissociado de doenças, é decorrente do envelhecimento natural, apresentando muitas características que não podem ser apenas consideradas como decréscimo do desenvolvimento.

É o caso da inteligência fluída, que corresponde ao processamento da informação básica, como a resolução de problemas novos e de forma inédita, a qual foi mais pronunciada a partir dos anos 70. Já a inteligência cristalizada, também denominada de sabedoria (inteligência social – do senso comum), é representante do conhecimento relacionado a atividades socioculturais e parece apresentar poucas oscilações, a qual

também foi evidenciada a partir dos anos 70. Segundo Palma (2021), a inteligência fluida parece ser mais afetada pelo processo de envelhecimento do que a inteligência cristalizada.

Logo, Palma (2021) pôde concluir que,

[...] a leitura auxilia não só na preservação das capacidades cognitivas e das habilidades linguísticas desenvolvidas ao longo da vida, indicando que o processo biológico e natural de envelhecimento pode ser visto sob um viés positivo de manutenção, mas também de desenvolvimento e construção de novas capacidades cognitivas e habilidades de leitura [...]. (PALMA, 2021, p.12).

Quadro 8 – Trabalho localizado no *Google Acadêmico* (2020-2022)

Artigo: Os sujeitos da EJA e o reconhecimento de saberes: a experiência nos anos iniciais
Autores: PAIVA, Tássio José da Costa Paiva; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz
Ano: 2022
Disponível em: https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/48459

Fonte: Elaboração própria com base no estudo (2023).

Esse artigo visou apresentar parte dos achados do estudo realizado no curso de mestrado, que teve como dimensão de análise “[...] O diferencial do retorno ao ambiente da sala de aula, constituída a partir da recorrência das narrativas dos interlocutores [...]”, disposta em duas categorias, a saber: a categoria I – acerca do trabalho e escola, e a categoria II – em relação ao sentimento de insegurança (PAIVA; FREITAS, 2022, p. 39992).

O propósito desta investigação foi conhecer a Metodologia de Reconhecimento de Saberes⁵⁸ (MRS) implantada no Sesi Alagoas, nos anos iniciais da Educação de Jovens e Adultos, e verificar se esta considera ou não os saberes dos educandos para a sua formação, provenientes das experiências dentro e fora da escola.

O locus da investigação foi uma turma de uma indústria e a metodologia definida toma como base um Projeto nomeado de “Nova” EJA, que possui os princípios da Educação

⁵⁸ Segundo Paiva e Freitas (2022, p. 39996-39997), a MRS do Sesi/DN foi inspirada no formato português, tendo como marco o momento “[...] da ruptura em Portugal com o regime autoritário salazarista nos anos 1970 – com a Revolução dos Cravos –, dando início a diversas ações voltadas para Educação e Formação de Adultos, com o foco na Educação Popular, incentivadas, posteriormente, pelos investimentos Comunidade Econômica Europeia (CEE), ampliando-se para o espaço das escolas públicas e para as Organizações de Desenvolvimento Local, que são privados e contavam, também, com recursos financeiros da CEE.”. Assim, na reconstrução educacional desse país foi pensado um formato de Educação e Formação de Adultos, a fim de elevar a escolarização de pessoas que não tinham concluído o 9º e o 12º ano, o que equivale, na atualidade, ao Ensino Fundamental e Médio. Portanto, o Sesi/DN, ao implantar a experiência da MRS, não buscou torná-la como réplica de Portugal, mas corresponder à realidade de cada Departamento Regional que aderisse a proposta, assim, como uma das iniciativas foi a retirada do termo competências – marcadamente mercadológica – e assumir os saberes (formação humana).

ao Longo da Vida. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, contando com a análise documental, mas também ocorreram sessões de conversas e entrevistas para que fosse possível conhecer a história de vida dos trabalhadores-industriários, egressos na turma analisada, considerados como interlocutores/as do estudo.

Na primeira dimensão, denominada *O diferencial do retorno ao ambiente da sala de aula*, os autores (2022) trazem as falas referentes às experiências escolares anteriores dos egressos, em que ganha realce para a família os enfrentamentos na trajetória escolar, o ingresso precoce no mundo do trabalho, assim como o retorno para a sala de aula, no próprio ambiente de trabalho formal (indústria).

Há um desvelamento das nuances do passado cuja dimensão Paiva e Freitas (2022) originam duas categorias já mencionadas: Trabalho e escola e Sentimento de insegurança. Na segunda dimensão, intitulada de *Escolarização formal tardia*, ganha ênfase às falas relacionadas às tentativas de retorno à escola e o significado da alfabetização em todos os momentos de vida escolar ou não, cujo agrupamento abarcou duas categorias, são elas: Movimentos pendulares e Busca da leitura e escrita. E, por fim, a terceira, *Sentidos do Reconhecimento de Saberes na perspectiva do trabalhador estudante*, o intuito foi compreender os anseios e impressões frente à perspectiva de retornar à experiência escolar e a finalidade de concluir os anos iniciais.

Na visão dos autores (2022), essa insegurança de formação dos interlocutores anda ‘lado a lado’ com a perspectiva capitalista de Aprendizagem ao Longo da Vida – ALV, cujo discurso de maior “exigência”⁵⁹ é focado na necessidade de se tornar empregável, ou seja, de estar constantemente atrativo para o mercado, transferindo para o empregado a responsabilidade por sua constante qualificação.

Por fim, os autores Paiva e Freitas (2022) trazem como resultado que existem semelhanças entre as histórias de vida dos sujeitos pesquisados, as quais são balizadas pelo precoce ingresso no mercado de trabalho decorrente da condição de sobrevivência; há também inseguranças provocadas pelas transformações tecnológicas e lacunas, no que tange ao processo de alfabetização e letramento, o que vem a contribuir “[...] para a compreensão

⁵⁹ Segundo Paiva e Freitas (2022, p. 40009), “[...] essa ‘exigência’ carrega o sentido imposto pela ALV e por consequência o responsabiliza para que adquira um ‘perfil’ profissional com conhecimentos aderentes as necessidades de seu trabalho, caso contrário pode ser substituído, o que significaria ficar desempregado [...]”.

das contradições existentes na formação da nossa constituição social que se alimenta na desigual distribuição de renda e de bens culturais [...]” (PAIVA; FREITAS, 2022, p. 39992).

Desse modo, é importante reforçar que todas as produções analisadas são imprescindíveis para esta investigação, assim como há necessidade de dar maior visibilidade aos percursos de vida e de estudo dos/as sujeitos/as idosos/as, matriculados na EJA no momento da pandemia de Covid-19. Isso porque poucas foram as produções encontradas que se dedicaram a evidenciar as pessoas idosas, especialmente em uma investigação como essa, que prima pela ótica dos/as próprios/as idosos/as para a análise da experiência de vida deles e suas condições de estudo na pandemia. Ou seja, na análise realizada, identificou-se que há demandas de investigação a serem preenchidas por novos/outros estudos sobre o segmento etário de 60 anos ou mais de idade, ainda mais em relação ao processo de alfabetização e letramento.

Por último, por meio da análise das 6 produções, foi possível identificar os seguintes focos e indicativos para esta tese de investigação acerca da experiência de sujeitos/as idosos/as em processos de alfabetização:

- Propiciar atividades intelectuais, físicas e sociais como elementos essenciais para a qualidade de vida das pessoas idosas;
- Levar em conta o perfil dos/as professores, para além dos conhecimentos teóricos e práticos na área que atuam;
- Construir um clima respeitoso e prazeroso para aprendizagem das pessoas idosas;
- Considerar os saberes dos estudantes da sua formação, provenientes das experiências dentro e fora da escola;
- Refletir a instituição escolar, enquanto um lugar de memórias e de identidades;
- Compreender que, enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, o letramento foca nos aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita;
- Valorizar a troca de experiência entre os grupos etários, mas sempre considerando a pluralidade que os compõem, assim como a socialização de afetos;
- Compreender a alfabetização como ato político;

- Valorizar o olhar e as experiências das pessoas idosas durante (e após) a elaboração de uma proposta pedagógica com base nos princípios de uma educação significativa e emancipadora;

- Acolher a pessoas idosas de forma humanizada na EJA;
- Identificar as reais demandas dos/as estudantes idosos/as da EJA;
- Produzir significações e sentidos no processo de ensino-aprendizagem das pessoas idosas.

A partir dos elementos apresentados, a presente tese está organizada em três partes, a saber:

Na primeira parte, intitulada *Problematizações e Aproximações ao objeto de estudo*, apresenta-se o primeiro capítulo com a Introdução, a justificativa e o contexto da pesquisa com as problematizações do objeto de estudo, situando a experiência vivida, sentida e esperança da pesquisadora até se aproximar do objeto da pesquisa, a temática e sua justificativa por meio do levantamento das produções acerca das experiências de pessoas idosas que estudam em processos de alfabetização na EJA, no contexto de pandemia da Covid-19, no Brasil e a estrutura da tese.

No segundo capítulo, denominado *Os desafios no caminhar da investigação na pandemia de Covid-19 sobre as pessoas idosas em processos de alfabetização na EJA*, o realce vai para os desafios no caminhar da investigação, a qual foi realizada no transcorrer da pandemia de Covid-19 e com o engajamento de muitas “gentes”; o registro dos critérios de inclusão e exclusão dos participantes da investigação e os destaques sobre o contexto da pesquisa na EJA, realizada na rede municipal de Florianópolis. Portanto, o contexto da pesquisa teve como *locus* de investigação, cinco escolas/instituições públicas, quais sejam: o Núcleo de Estudos da Terceira Idade/UFSC; a EBM Donícia Maria da Costa; a EBM Almirante Carvalhal; o Centro de Educação e Evangelização Popular e a EBM Intendente Aricomedes da Silva.

Já a segunda parte, *Conceituação de velhices e de experiência(s)*, no terceiro capítulo, apresenta-se o debate teórico sobre velhices e experiência(s), abordando a questão das velhices na contemporaneidade, incluindo os impactos da chegada da pandemia de Covid-19. O quarto capítulo, por sua vez, abarca o conceito de experiência nas perspectivas Benjaminiana, Thompsoniana e Freireana. Assim, o terceiro capítulo, com título *Falando*

das velhices, busca enfatizar como o envelhecimento tem sido pensado no contexto atual de nossa sociedade, com o destaque para o movimento de ambiguidade: pensada enquanto juventude eterna, torna-se um projeto rentável (cooptação do mercado do consumo), científico e amplamente sedutor na mídia e valorizada na sua maturidade, na cabal sabedoria e experiência, no empenho de valorizar, potencializar e defender/proteger o viver de velhices, na exigência de efetivação dos seus direitos e criação de mecanismos de inclusão social, como também o destaque para a chegada da pandemia de Covid-19 para um cenário de (extrema) desigualdade social e de saúde de idosos/as brasileiros/as, os/as quais foram vítimas de inúmeras violências, fortalecidas na política de morte de Bolsonaro.

O quarto capítulo, denominado *Conceito de Experiência em Walter Benjamin, Paulo Freire e Edward Thompson*, busca clarificar o conceito de experiência trazido pelos três pensadores, fundado no verdadeiro conhecimento que se perfaz no intercambiar consigo, com os/as outros/as e com o mundo.

Por último, a terceira parte nomeada *A compreensão das experiências cotidianas e escolares no contexto da pandemia de pessoas idosas em processos de alfabetização na EJA*, conta com dois capítulos. O quinto capítulo, intitulado *A análise dos documentos legais e de orientação no contexto da pandemia: do retrocesso às resistências*, visa identificar nos documentos analisados, a efetivação do direito humano à educação e à vida da pessoa idosa no contexto de pandemia da Covid-19. E o sexto, nomeado *Saindo da invisibilidade: as sujeitas idosas e o sujeito da pesquisa*, exhibe a análise dos elementos constitutivos da experiência dos/das invisibilizados/as na história oficial de nosso país ao erguer altivamente a voz de sujeitas idosas e do sujeito idoso dentro e fora da escola na pandemia de Covid-19, bem como no entrelaçamento das experiências nas memórias da infância e da vivência das velhices, entre elas, a escolar.

Nas considerações finais, são apresentadas reflexões sobre a experiência do pesquisar nesta tese. De modo que, em todo percurso investigativo, o esforço foi de andar na contramão da historiografia oficial, dando mais visibilidade ao erguer altivamente a voz de cada sujeito/a idoso/a da experiência no momento de pandemia de Covid-19.

Esta é a configuração da estrutura da tese e, na sequência, no próximo capítulo, são apresentados os caminhos teórico-metodológicos da presente investigação.

2 OS DESAFIOS NO CAMINHAR DA INVESTIGAÇÃO NA PANDEMIA DE COVID-19 SOBRE PESSOAS IDOSAS EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO NA EJA

O caminho que se fez ao caminhar.
Antonio Machado

O fragmento escolhido, de uma das poesias do espanhol Antonio Machado, expressa o caminho – esboçado, readequado e concretizado – nesta pesquisa que evidencia a pandemia de Covid-19 que, sem dúvida, por se tratar de uma situação extremamente atípica e incerta, impactou no cotidiano das pessoas brasileiras e de diversas regiões do planeta, cujo pulsar da vida da população nunca esteve tão próximo do risco de morte, sendo que, nas incomensuráveis mortes e famílias dilaceradas, grande parte diz respeito às pessoas idosas (estando ou não vacinadas).

As situações vividas no cotidiano, decorrentes da pandemia, de modo óbvio, também afetaram (e afetam) a vida de toda pesquisadora e pesquisador, pois, antes de tudo, somos seres humanos, produtores e produtos de conhecimento, o qual é cultivado nos processos de socialização e de interação social. Logo, as/os pesquisadoras/es não vivem alheias/os aos problemas sociais que, diretamente ou indiretamente, lhes atingem. Portanto, a pandemia também impôs desafios e (re)adaptações para dar continuidade à produção científica.

Aliás, esse caminhar nunca foi solitário e isso faz toda a diferença, ainda mais em tempos sombrios de pandemia, de modo que, frente aos percalços e às ansiedades no percurso da investigação, pude ser escutada (e ser escuta), em encontros vividos presencialmente ou virtualmente com minha orientadora, colegas, professoras/es, amigas/os, familiares, participantes da pesquisa, coordenadores dos Núcleos da EJA e da Secretaria Municipal da Educação de Florianópolis. Sendo que toda caminhada, regada por generosidade, afeto e cuidado, tende a ser menos dificultosa, desgastante e extremamente enriquecedora.

Dentre os desafios enfrentados nesta investigação, em tempos de isolamento social, podemos citar o abalo na saúde mental gerado por tantas perdas, violências, inseguranças, tristezas, medos/angústias e dificuldades financeiras, acrescidas no decorrer da pandemia, situações estas que poderiam causar um abalo emocional tão grande a ponto dos/as

estudantes idosa/os não estarem em condições de participar desta investigação ou mesmo se limitar a responder às perguntas de forma muito superficial, o que dificultaria a análise dos dados da pesquisa.

No que tange às adequações realizadas neste estudo, até a submissão do projeto de pesquisa⁶⁰ ao Comitê de Ética, destaca-se que, desde o projeto inicial submetido no processo de seleção para o ingresso no Curso do Doutorado, já existia o desejo em conhecer os percursos de vida e de estudo de pessoas idosas ingressantes em turmas de alfabetização, desejo este oriundo da investigação realizada no curso de mestrado (concluído em 2017), a qual será brevemente contextualizada a seguir.

O segundo delineamento, veio antes mesmo do momento da pré-qualificação do projeto de tese (05/05/2021), em que já vivíamos momentos de grande tensão por causa da pandemia de Covid-19, com inúmeras mortes, alterações na rotina diária das pessoas, afetando inclusive as condições de estudos de todos/as. E o terceiro ajuste, ocorreu no momento do exame de qualificação da tese (28/11/2022), cuja banca foi composta pela professora Dra. Marinaide Lima de Queiroz Freitas (UFAL), professora Dra. Gilvanice Barbosa da Silva Musial (UFBA), professor Dr. Lourival José Martins Filho (UDESC) e o professor Dr. Elison Antonio Paim (UFSC), que considerou como relevante dar maior ênfase na categoria experiência, com base nos autores Walter Benjamin, Edward Thompson e Paulo Freire.

Na investigação de 2017, o *locus* escolhido para a pesquisa foi o Núcleo de Estudos da Terceira Idade/UFSC⁶¹, tendo como fator relevante⁶² a oferta de turmas de EJA voltadas ao público idoso e adulto⁶³, fruto da parceria com a Secretaria de Educação de Florianópolis e com a Secretaria de Estado da Educação. Mas, apesar do convite de participação ser estendido a todos/as estudantes idosas/os da EJA⁶⁴, não houve a participação dos/as estudantes das turmas de alfabetização⁶⁵.

⁶⁰ CAAE: 51846321.0.0000.0121

⁶¹ O NETI/UFSC foi oficialmente criado em 3 de agosto de 1983, por meio da Portaria 0484/GR/83 do Reitor Ernani Bayer (NETI, 2009), sendo fruto da idealização de duas professoras, Neusa Mendes Guedes (*in memoriam*) e Lúcia Hisako Takase Gonçalves. O Núcleo desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão com pessoas idosas e adultas, baseando-se na concepção de Paulo Freire (SCHIER *et al.*, 2013).

⁶² Outro fator relevante é que o Neti/Ufsc desenvolve ações voltadas à educação permanente de pessoas idosas, assim como estimula e propicia o protagonismo das pessoas idosas, em palestras, apresentações artísticas, seminários, entre outras. Aliás, na época de criação do Estatuto da Pessoa Idosa, o grupo de pessoas idosas do NETI/UFSC deu a sua contribuição (MACHADO, 2017).

⁶³ Pessoas adultas com idade a partir dos 50 anos de idade.

⁶⁴No NETI, no ano de 2016, as turmas de EJA eram oferecidas nos turnos matutino e vespertino (MACHADO, 2017).

⁶⁵ Denominado como 1º segmento da EJA, da rede municipal de Florianópolis.

Essa situação não passou despercebida, logo, surgiram indagações, como: O que levou essas/es estudantes a não participarem da pesquisa? Será que os/as estudantes de turmas de alfabetização não se perceberam em condições de expor suas opiniões perante os/as estudantes de turmas mais avançadas (do 2º segmento da EJA ofertada pela SME e Ensino Médio ofertado pelo Ceja)? Ou mesmo, está relacionada ao fato de eu ser uma pessoa desconhecida (pesquisadora) para eles/as? E se eu tivesse adotado outra metodologia, será que esses/as estudantes demonstrariam interesse em participar? Foi mediante essas indagações que o pré-projeto de tese foi tomando forma e conteúdo.

Contudo, entende-se que para aquelas em processo de alfabetização, os desafios foram ainda maiores, sobretudo para as pessoas idosas da classe trabalhadora. Assim, o desejo de investigar as condições de vida e de estudo de pessoas idosas em turmas de alfabetização na EJA – da rede municipal de Florianópolis –, recebe um recorte temporal mais fechado, olhando em âmbito geral para a doença da Covid-19 e situando o cotidiano das pessoas idosas, mas com recorte determinado do período a ser analisado, isto é, entre 2020 e 2022.

Vale ressaltar que, como este estudo envolve seres humanos, no mês de agosto de 2021, o projeto de pesquisa foi submetido⁶⁶ à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Catarina e recebeu a aprovação, em dezembro do corrente ano, pois devido à incidência da pandemia de Covid-19, houve alterações nas datas de reuniões da Comissão de Ética, ocasionando, assim, maior avolumado de pesquisas a serem analisadas, o que resultou na morosidade para proferir o despacho desta investigação. Também, atendendo à exigência do Comitê de Ética, os nomes designados aos/às participantes da pesquisa são fictícios e foram escolhidos por eles/as⁶⁷, cuja escolha, em sua maioria, tem um motivo realmente especial.

Como a efetiva aprovação do projeto de pesquisa ocorreu no final do ano de 2021, optou-se em aguardar o início do próximo ano letivo da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Florianópolis, visto que era inviável dar início à pesquisa de campo, voltada aos/às estudantes idosos/as da Educação de Jovens e Adultos, em pleno momento de férias.

⁶⁶O projeto de pesquisa foi submetido ao Sistema CEP/CONEP por meio da Plataforma Brasil.

⁶⁷ Sendo que, toda/o estudante que manifestou interesse em fazer parte da pesquisa, foi devidamente esclarecida/o acerca da investigação e de sua adesão, sendo lido (pela pesquisadora-assistente) e assinado (pelo/a participante e pelas pesquisadoras) as duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Outro fator que contribuiu para essa decisão incide sobre o cuidado integral à pessoa idosa e às demais pessoas, pois, com a chegada da pandemia de Covid-19 (em 2021), foram adotadas medidas de proteção, dentre elas, a necessidade de interromper as aulas presenciais, as quais, de modo emergencial e provisório, passaram a ser organizadas⁶⁸ (planejadas) por meio de atividades remotas.

Mas com o início da vacinação⁶⁹, em 2021, não estava descartada a possibilidade de que, no ano de 2022, as aulas voltassem a ser presenciais, o que, para a investigação, seria uma situação extremamente favorável⁷⁰, uma vez que garantiria a todos/as estudantes idosos/as o direito de participação e a liberdade para decidir o que quer (participar ou não da pesquisa), já que a escola precisa ser um espaço social de construção de subjetividades, de potência do ensinar e do aprender na interação de todos/as, que prima pelo pensar crítico, pelo diálogo, pela escuta atenta, pelo acolhimento, pelas lutas e resistências.

Em 08 de março de 2022, as aulas regressaram a ser presencial, assim, deu-se início aos contatos para desenvolver a pesquisa de campo, primeiro a entrega de documentos à Gerência de Formação, a escolha dos Núcleos da EJA que fariam parte da pesquisa, o contato com os coordenadores dos Núcleos e com as/os estudantes idosos/os para o convite e participação da pesquisa.

Para ser mais assertiva⁷¹ na escolha dos Núcleos, foi preciso entrar em contato com colegas/amigos/as de profissão, que atuavam na rede municipal, assim, o primeiro contato foi com o professor-pesquisador Daniel Godinho Berger, o qual indicou a professora-pesquisadora Deisi Cord como a pessoa mais adequada para obter essa informação, já que estava como coordenadora da formação de alfabetização.

A professora-pesquisadora Deisi, gentilmente, realizou um levantamento com os coordenadores dos Núcleos acerca dos estudantes idosos/as matriculados na pandemia, forneceu o contato com os coordenadores e, inclusive, agendou com a Chefe de Departamento da EJA uma data para um momento de apresentação da pesquisa na reunião

⁶⁸ Na pandemia, o Ministério da Educação (MEC) se eximiu de organizar um Plano Emergencial para toda educação brasileira, dando “autonomia”, ou melhor, delegando aos sistemas de ensino a competência para organizar seus calendários e elaborar suas propostas de trabalho para esse período.

⁶⁹ A situação da vacinação no Brasil será aprofundada no capítulo que trata sobre a pandemia de Covid-19 e as pessoas idosas.

⁷⁰ Em ambiente *online*, não seria possível garantir a todas/os as/os estudantes idosos/os o direito de participação da pesquisa, pois nem todas/os possuem um celular e/ou computador ou mesmo acesso à internet, como também familiaridade com as tecnologias digitais.

⁷¹ No sentido de solicitar à Gerência de Formação Continuada ofícios de encaminhamento da pesquisa aos coordenadores dos Núcleos, que tivessem estudantes idosos/os que atravessaram (2020-2022) a pandemia estando matriculados em turmas do I segmento (de alfabetização) da EJA, cuja proposta era abarcar no mínimo cinco Núcleos de diferentes localidades de Florianópolis.

dos coordenadores (realizada em 01/04/2022), quando foi entregue os encaminhamentos da pesquisa e o agendamento para realizar o primeiro contato com os/as possíveis participantes desta investigação.

Assim, destaca-se que, no 6º (sexto) capítulo desta investigação, a pesquisa de campo será melhor detalhada. Assim, nesse movimento de idas e vindas inerentes ao percurso de uma investigação científica, apresenta-se, a seguir, a busca de caminhos metodológicos para esta pesquisa científica, com vistas a uma prática crítica de investigação.

2.1 A BUSCA DE CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA CIENTÍFICA: POR UMA PRÁTICA CRÍTICA DE INVESTIGAÇÃO

[...] Fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta dos dados. À trilogia acrescento sempre que a qualidade de uma análise depende também da arte, da experiência e da capacidade de aprofundamento do investigador que dá o tom e o tempero do trabalho que elabora [...]. (MINAYO, 2012, p. 622).

Dentre as etapas de desenvolvimento da pesquisa científica, considera-se a construção do campo investigativo como um momento desafiador, o qual é tomado por escolhas nas formulações adequadas para se compreender o objeto de estudo e de ida ao campo. Assim, entende-se que, nesse caminhar investigativo, vai se revelar/desvelar em um conhecimento novo, pois o olhar de cada pesquisador/a nunca será o mesmo, uma vez que é carregado de todas as peculiaridades desse/a sujeito/a, lembrando que “[...] o ato de pesquisar é um ato político, sendo impossível estabelecer uma separação nítida e asséptica entre o pesquisador e o objeto pesquisado [...]” (GOMES, 2001, p.9).

Para a realização desta pesquisa, fez-se a opção por uma abordagem qualitativa com características exploratórias. Essa escolha origina-se pelo lugar ocupado pela pesquisadora, visto que, segundo Triviños (1987), na abordagem qualitativa, a pesquisadora visa interpretar os fenômenos e atribuir-lhes significados, de modo a explorar as características individuais ou de grupos, produzindo achados que não são acessíveis por procedimentos estatísticos ou mesmo por outro meio quantitativo.

Além disso, a pesquisa qualitativa atribui importância aos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles, tendo em vista que a forma de interação entre o sujeito (pesquisadora) e o objeto de estudo ocorre em uma relação muito mais horizontal de onde os dados surgem de maneira mais natural, mais espontânea.

No que se refere à coleta de dados, segundo González Rey (2005), essa não pode ser considerada tão somente como uma etapa de pesquisa, tendo em vista que o dado se produz e não é apenas coletado, assim como alguns pesquisadores e pesquisadoras acreditam. Isso porque o significado atribuído ao dado ocorre por meio de uma produção humana que deve estar aberta a novas informações que a realidade proporciona.

Ainda acerca da pesquisa qualitativa, Ludke e André (1986, p.44), apontam cinco características fundamentais, as quais foram de suma importância para a escolha dessa abordagem, são elas: 1) o ambiente natural é considerado fonte direta de dados; 2) o/a pesquisador/a como seu principal instrumento; 3) o predomínio de dados coletados descritivos; 4) maior preocupação com o processo do que com o produto e; 5) a atenção especial do/a pesquisador/a com relação ao significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida, tendo em vista que a análise dos dados deve seguir o processo indutivo.

Levando em conta as características acima mencionadas, fica evidente a presença de subjetividade na abordagem qualitativa, já que é produzida “[...] sobre sistemas simbólicos e emoções que expressam de forma diferenciada o encontro de histórias singulares de instâncias sociais e culturas multidimensionais [...]” (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 137).

O entendimento deste estudo é de que a pesquisa qualitativa visa compreender o modo de como o sujeito age com e no mundo e, por isso, não pode ser capturado tão somente por palavras, mas por gestos, expressões, entonações de voz, atitudes e tudo que venha a contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno pesquisado. Sendo essencial ter em mente “[...] que o sujeito é influenciado e influencia o seu meio social, para que cada momento atual da vida do sujeito represente um momento produtor de sentido [...]” (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 223).

A escolha pela pesquisa de caráter exploratório toma como base o entendimento trazido por Gil (2010, p. 27), ao destacar que,

[...] pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. Pode-se afirmar que a maioria das pesquisas realizadas com propósitos acadêmicos, pelo menos num

primeiro momento, assume o caráter de pesquisa exploratória, pois neste momento é pouco provável que o pesquisador tenha uma definição clara do que irá investigar [...]. (GIL, 2010, p. 27).

Acredita-se que a pesquisa qualitativa e de caráter exploratório possibilita maior compreensão e aprofundamento da temática acerca da experiência de vida e de estudo de pessoas idosas na pandemia de Covid-19, assim como propicia melhores condições para elaboração dos questionamentos e para o debate sobre o assunto em questão (MINAYO, 1998).

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se os seguintes procedimentos: o estudo bibliográfico, a análise documental e a pesquisa de campo por meio de entrevistas semiestruturadas, os quais foram considerados como os mais adequados para este estudo.

O estudo bibliográfico é imprescindível em uma investigação, pois além das “[...] possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar [...]” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54), pode-se averiguar o que já foi (ou não) produzido sobre o assunto da investigação para dar continuidade/início no aprofundamento do assunto pesquisado, procurando evitar a duplicação de pesquisas.

Em outras palavras, primeiramente analisou-se as produções publicizadas para a atualização – com base nas lacunas encontradas – e reformulação dos pressupostos teórico-científicos para a atual investigação, na qual foram consolidadas algumas categorias e os aportes teóricos (GALVÃO, 2010). E, com base em Gil (2010), a fonte utilizada para essa análise foi a internet.

No que tange aos instrumentos da revisão dessas produções, foi realizado o levantamento bibliográfico em 7 (sete) base de dados, a saber:

- 1) Catálogo de Teses & Dissertações da CAPES;
- 2) Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd, realizada no ano de 2022, apenas em dois Grupos de Trabalho: no GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita; e no GT 18 - Educação de Jovens e Adultos;
- 3) *Scientific Electronic Library – Scielo Online*;
- 4) Repositório da UFSC;
- 5) Revista Perspectiva/UFSC (2020-2022);
- 6) Movimento- Revista de Educação/UFF (2020-2022)
- 7) *Google Acadêmico*

Já sobre a análise documental, Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) enfatizam que ela permite maior aproximação e entendimento sobre a temática investigada, contribuindo para a sua contextualização histórica e sociocultural. Entretanto, de igual modo, permite analisar o controle e a exploração de grupos dominantes que camuflam as suas estratégias de dominação – os seus interesses – tanto no emprego como na omissão de termos em documentos oficiais, como forma de assegurar o controle da consciência das massas.

No que tange à técnica da pesquisa, será realizada por meio do levantamento dos dados, mediante a análise de conteúdo de forma categorial (temática), com base em Minayo (1988) que enfatiza que as categorias são os conceitos mais importantes de uma teoria, assinalando, assim, dois grupos de categorias: as analíticas e as empíricas.

De modo que, as categorias analíticas “[...] são aquelas que retêm historicamente as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais [...]” (MINAYO, 1998, p. 94). Já as categorias empíricas são construídas para fins operacionais, direcionado ao trabalho de campo (a fase empírica) ou mesmo a partir dele. “[...] Elas têm a propriedade de conseguir apreender as determinações e as especificidades que se expressam na realidade empírica [...]” (MINAYO, 1998, p. 94). O Quadro 9 a seguir evidencia essas categorias de acordo com a presente investigação.

Quadro 9 – Categorias filosóficas e empíricas da pesquisa

Categorias empírico-filosóficas acerca da experiência de pessoas idosas dentro e fora do espaço escolar na pandemia de Covid-19	Categorias empíricas e seus elementos discursivos que as constituem
1. Entrelaçamentos das experiências nas memórias da infância e da vivência das velhices, entre elas, a escolar	“A escola era difícil, era paga e meus pais não tinham condições de pagar, né! [...]. Mas, eu me arrependi tanto de não ter estudado no tempo de nova porque eu estou precisando, né! Como eu sempre estou dizendo: Trabalhei tanto nessa vida!”
2. As experiências das pessoas idosas e a pandemia de Covid-19	O que vale é a vida! – o esperar da pandemia revelado pelas pessoas idosas.
3. As experiências escolares pelo ensino remoto na pandemia de Covid-19	“Eu consegui acompanhar alguma coisa porque aí começava a me doer o olho”.
4. Os saberes da vida da pessoa idosa e os conhecimentos de alfabetização na EJA e as experiências com os saberes do mundo letrado na pandemia de Covid-19	“Você sabe coisa que eu não sei e eu sei coisa que você não sabe, então, é muito importante a gente trocar”.

Fonte: Elaboração própria com base no estudo (2023).

Na relação dialética entre os fundamentos teóricos e a apreensão de dados da realidade, foi possível identificar três categorias empírico-filosóficas, são elas: 1) Entrelaçamentos das experiências nas memórias da infância e da vivência das velhices, entre elas, a escolar; 2) As experiências das pessoas idosas e a pandemia de Covid-19; 3) As experiências escolares pelo ensino remoto na pandemia de Covid-19; e 4) Os saberes da vida da pessoa idosa e os conhecimentos de alfabetização na EJA e as experiências com os saberes do mundo letrado na pandemia de Covid-19.

Já os elementos discursivos que constituem as categorias empíricas da pesquisa são: 1) “A escola era difícil, era paga e meus pais não tinham condições de pagar, né! [...]. Mas, eu me arrependi tanto de não ter estudado no tempo de nova porque eu estou precisando, né! Como eu sempre estou dizendo: Trabalhei tanto nessa vida!”; 2) “O que vale é a vida! – o esperar da pandemia revelado pelas pessoas idosas”; 3) “Eu consegui acompanhar alguma coisa porque aí começava a me doer o olho”; e 4) “Você sabe coisa que eu não sei e eu sei coisa que você não sabe, então é muito importante a gente trocar”.

Em relação à pesquisa de campo, optou-se pela entrevista semiestruturada (SEVERINO, 2007), em que para uma exploração em profundidade, foram elaboradas questões relacionadas à experiência existencial dos indivíduos, de mulheres e homens comuns, focalizando em suas memórias pessoais (que também é memória social), permitindo uma visão mais concreta da dinâmica das relações humanas e do funcionamento da trajetória do grupo social do qual fazem parte.

Frisa-se ainda que essa investigação científica, voltada para as manifestações das memórias e das experiências individuais e coletivas vividas pelas pessoas idosas em contexto de pandemia da Covid-19, “[...] não prima por verdades absolutas e nem por exaltar a história oficial, e sim, por fortalecer a fonte identitária do povo, retratando e valorizando suas realidades, vivências e modos de vida de cada um, em cada tempo e momento [...]” (EUGÊNIO; MACHADO, 2018, p. 265).

Memórias, para Benjamin, são carregadas de conhecimentos, saberes, sentidos, significados e sensibilidades; relaciona-se com o vivido. Memória é também esquecimento, apaziguamento com o passado. A (re)memória é sempre relacionada com o presente, já que é um entrecruzamento dialógico entre tempos, espaços e vozes distintos. É uma memória que não é só racional, é de um sujeito inteiro, prenhe de incompletudes. Portanto, humana. Memória é vida,

possibilidade de experiência vivida. Na rememoração, amplia-se a possibilidade de vida (PAIM; PEREIRA; FREIRE, 2018, p.18).

Portanto, a metodologia adotada é comprometida com o diálogo, o qual somente se constitui por meio de um conjunto de relações: a relação entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa (empatia, diálogo e escuta atenta); a relação entre o tempo em que há o diálogo e o tempo evidenciado na entrevista (memória); a relação entre a privada (esfera do íntimo) e a esfera pública (que ganhará vida própria no público, ao ser publicizado); a relação entre a oralidade da fonte (participantes da pesquisa) e a escrita da pesquisadora.

A entrevista semiestruturada, para o registro das falas que registram essa experiência vivida, é orientada por um roteiro previamente elaborado, abarcando questões que oferecem ampla liberdade na formulação de perguntas e na intervenção da pesquisadora no decorrer da fala dos participantes da pesquisa. Assim, busca-se limitar a fala de cada participante, bem como obter informações aprofundadas e ilustrativas, a fim de contribuir “[...] para análise e interpretação de ideias [...]” (MANZINI, 2004, p. 3). Sendo que, para a realização de cada entrevista, utilizou-se um gravador de celular e um roteiro impresso.

Portanto, os procedimentos que envolveram a coleta de dados para esta pesquisa estão voltados para três fases:

1ª fase: Levantamento bibliográfico;

2ª fase: Análise documental;

3ª fase: Pesquisa de Campo - Entrevistas com as pessoas idosas de cinco escolas/instituições que ofertam a EJA (da rede municipal de Florianópolis).

Como critério de seleção, adotou-se a seguinte caracterização: homens e mulheres com 60 anos ou mais de idade, matriculados na pandemia, em turmas de alfabetização na EJA da rede municipal de Florianópolis. Contudo, aponta-se 2 (dois) critérios para inclusão: manter a quantidade igual de participantes em todos os Núcleos e preencher os requisitos de estratificação etária: 1 (um/a) participante com faixa etária entre de 60 a 64 anos; 1 (um/a) participante com faixa etária de 65 a 69 anos; 1 (um/a) participante com faixa etária de 70 a 74 anos; 1 (um/a) participante de 75 a 79 anos; e 1 (um/a) participante de 80 anos ou mais de idade.

Quanto ao critério de exclusão, aponta-se as seguintes características: se em algum Núcleo houver o interesse de participação entre um homem e uma mulher, a prioridade será dada ao sexo masculino, em razão da feminilização tanto na velhice como na EJA, por conta

de todas as restrições impostas pelo patriarcado. Assim, como forma de garantir a participação dos dois gêneros na investigação; se em algum Núcleo houver o interesse de 2 (duas) ou mais pessoas idosas de mesma idade, o critério de desempate recairá na data de matrícula, ou seja, a prioridade será dada para quem matriculou-se primeiro na EJA.

Outro desafio foi a prévia seleção de estudantes idosos/as da EJA nas escolas/instituições, visto que nem todos/as haviam retornado para o ensino presencial nos primeiros meses de 2022 (período de pandemia). Assim, foi de suma importância a elaboração dos três critérios para os coordenadores da EJA identificarem o perfil de estudantes para investigação, a saber:

- a) estudantes idosos/as que tiveram interrupções em seus estudos (em turmas de alfabetização) na EJA, mas que estiveram matriculados dentro do período de 2020 a 2022;
- b) estudantes idosos/as que iniciaram seus estudos (em turmas de alfabetização) na EJA, sem haver interrupções, no período entre 2020 e 2022; e
- c) estudantes idosos/as que iniciaram seus estudos (em turmas de alfabetização) na EJA exclusivamente no ano de 2022.

A pesquisa de campo teve como *locus* de investigação 5 escolas/instituições (no próximo item será apresentado o contexto dessas escolas) que ofertam turmas de EJA da rede municipal de ensino, as quais foram selecionadas a partir do levantamento⁷² realizado por professores e coordenadores da EJA da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis.

Vale salientar que cada participante foi entrevistado em um ambiente da escola contendo álcool em gel, sendo solicitado o uso de máscara durante a entrevista, o distanciamento entre as carteiras e sendo explicado a cada um/a os procedimentos da entrevista, solicitando a autorização para a gravação e com as devidas orientações sobre a pesquisa, exigidas pelo Comitê de Ética da UFSC.

As entrevistas foram agendadas por intermédio dos/as coordenadores/as dos Núcleos da EJA e ocorreram no mês de abril de 2022, sendo que o tempo de duração das entrevistas foi desigual em razão do momento de fala de cada participante (uns mais falantes que os outros), porém, nenhum ultrapassou a duração de uma hora e quinze

⁷² Em razão da pandemia, nem todas as pessoas idosas haviam retornado para as aulas presenciais no ano de 2022, por isso que os coordenadores precisaram verificar quais escolas/locais haviam mais pessoas idosas nas turmas de alfabetização na EJA (como possíveis participantes da pesquisa).

minutos. No Quadro 10 seguinte, constam as principais informações sobre as entrevistas com cada participante.

Quadro 10 – Informações sobre as entrevistas

Nomes fictícios das sujeitas e dos sujeitos da pesquisa	Local Da Pesquisa	Data Da Entrevista	Horário	Duração
1. Joana	Núcleo de Estudos da Terceira Idade - NETI/UFSC	12/04/2022	9h	1h18 min
2. Cândido	EBM Almirante Carvalhal	14 /04/2022	19h	1h26min
3. Solange	EBM Donísia Maria da Costa	08/04/2022	18h	1h26min
4. Paula	EBM Intendente Aricomedes da Silva	07/04/2022	19h	1h03 min
5. Carla	CEDEP – Centro de Educação Popular	12 /04/2022	19h	1h09 min

Fonte: Elaboração própria, com base nas informações da investigação (2023).

Entende-se que, no momento da entrevista, a resposta de cada pessoa entrevistada é decorrente de algum estímulo sensorial e/ou de determinado suporte da memória que evoca as experiências de tempos vividos no momento presente. “Em outras palavras, as lembranças, muitas vezes, [...] [surgem] de forma inesperada e, portanto, nem sempre controláveis, a ponto de surpreenderem-se consigo mesmos, com os detalhes que [...] [trazem] à tona [...]” (TEIXEIRA, 2018, p. 337).

Vale destacar que, na entrevista, o que conduziu a ordem das perguntas foi a fala de cada participante, de modo que, muitas vezes, uma única pergunta possibilitou dar conta de outras questões. Aliás, a entrevista fluiu de modo tão natural que cada participante demonstrou empolgação em revelar as nuances da sua experiência de vida.

Também, nenhuma pergunta realizada provocou mal-estar, mesmo àquelas relacionadas à pandemia e aos momentos difíceis na vida. No entanto, houve momentos de pausa na fala, respiração profunda e olhos lacrimejantes. Inclusive, a pesquisadora, ao perceber essas situações, perguntou aos participantes se podia continuar com as perguntas e convidava para fazer uma pausa para o descanso, contudo, nenhum/a participante manifestou o desejo de parar, muito pelo contrário.

Em relação ao roteiro de perguntas para pesquisa semiestruturada (ver em anexo), ele é composto por 31 questões, as quais estão organizadas em blocos temáticos, a saber:

- 10 questões relacionadas à experiência de vida na perspectiva histórica (experiência de vida e participação social);
- 7 questões envolvendo a velhice contemporânea (dimensões social e cultural com ênfase no fenômeno o envelhecimento populacional);
- 7 questões acerca das condições de estudo na escolarização da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto de pandemia (os saberes escolares atendem às suas necessidades cotidianas? / Os conhecimentos escolares valorizam a bagagem cultural dos/as sujeitos/as?);
- 7 questões relacionadas aos saberes adquiridos na prática social.

É importante frisar que a pesquisa de campo (empírica) foi um momento extremamente rico, de escuta atenta, de respeito mútuo e de grandes aprendizagens. Também as questões do roteiro foram de suma importância, tanto para conduzir o diálogo como para não deixar de fora alguma informação pertinente. Foi possível notar que cada participante se sentiu prestigiado em poder contribuir com essa investigação e ser lido por outras tantas pessoas, tendo em vista que cada história de vida é uma fonte de inspiração e sabedoria.

2.2 O CONTEXTO DA PESQUISA NA EJA DA REDE MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS

Neste item são apresentados os dados dos/as cinco Sedes/Polos em que foram desenvolvidas a pesquisa empírica no contexto da EJA da rede municipal de Florianópolis, assim como os dados de matrículas das pessoas idosas em turmas de 1º segmento na EJA, no período de 2020-2022, nessas instituições.

Por intermédio dos coordenadores dos cinco Núcleos da EJA, houve o primeiro contato com os/as estudantes idosos/as, momento este em que foi realizado o convite de participação da pesquisa. Sendo que, das escolas dos Núcleos visitados, foi possível obter a adesão de nove estudantes idosos/as, sendo oito mulheres e um homem. Todavia, conforme o critério de inclusão e exclusão adotado (já mencionado), o estudo abarcou somente 5 participantes, ou seja, 4 mulheres idosas e 1 homem idoso.

Assim, o estudo abrange 5 Núcleos de diferentes localidades de Florianópolis, a saber:

1) no Núcleo Centro I, no Núcleo de Estudos da Terceira Idade-NETI da UFSC, no bairro Trindade;

2) no Núcleo Centro III, na Escola Básica Municipal Donícia Maria da Costa, no bairro Saco Grande;

3) no Núcleo continental I, na Escola de Básica Municipal Almirante Carvalhal, no bairro Coqueiros;

4) no Núcleo continental II, no polo Centro de Educação e Evangelização Popular - CEDEP, no bairro Monte Cristo; e

5) no Núcleo Norte II, na Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva, no bairro Cachoeira do Bom Jesus.

Compreendendo a importância de situar os espaços educativos, será realizada uma breve apresentação de cada escola e instituição da rede municipal de Florianópolis pesquisada e, logo após, a ênfase será para o registro de matrículas em turmas do 1º segmento, no período de pandemia da Covid-19 (2020-2022) nos locais pesquisados⁷³.

2.2.1 Núcleo de Estudos da Terceira Idade – Universidade Aberta para as Pessoas Idosas – NETI-UNAPI⁷⁴ da UFSC

O Núcleo pertence à Universidade Federal de Santa Catarina e está localizado na Avenida Desembargador Vitor de Lima, nº 143, no bairro Trindade, em Florianópolis/SC, em que há um intenso fluxo de veículos e pessoas de diferentes lugares, bem como uma área residencial de classe média e alta. A imagem abaixo se refere à fachada da sede do NETI-UNAPI /UFSC.

⁷³ Cabe destacar que as informações acerca das matrículas foram fornecidas pelos coordenadores dos Núcleos e pela Chefe de Departamento da EJA, via *WhatsApp* e *e-mails*.

⁷⁴ Vale ressaltar que esse *locus* foi investigado no curso de mestrado pela pesquisadora, no ano de 2017.

Figura 3 – Imagem da Fachada da Sede do NETI-UNAPI /UFSC



Fonte: <https://neti.ufsc.br/apresentacao/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

O NETI-UNAPI foi oficialmente criado em 3 de agosto de 1983, por meio da Portaria 0484/GR/83 do Reitor Ernani Bayer (NETI, 2009), sendo esse fruto da idealização de duas professoras: Neusa Mendes Guedes⁷⁵ (*in memoriam*) e Lúcia Hisako Takase Gonçalves⁷⁶ que, inspiradas por uma experiência internacional, desejaram “[...] inserir o idoso no contexto acadêmico e comunitário, de modo a planejar e desenvolver e avaliar atividades em leis disciplinares e capacitar profissionais da área gerontológica [...]” (SIEDLER, 2012). A seguir, apresenta-se a imagem das idealizadoras, na qual consta, do lado esquerdo da imagem, a professora Lúcia Hisako Takase Gonçalves, e do lado direito, a professora Neusa Mendes Guedes.

Figura 4 – Imagem das Fundadoras do NETI-UNAPI da UFSC



Fonte: <https://neti.ufsc.br/apresentacao/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

⁷⁵ Pertencia ao curso de Serviço Social da UFSC.

⁷⁶ Professora aposentada do curso de Enfermagem da UFSC.

O NETI-UNAPI, em seu percurso histórico, “[...] caracterizou-se como uma atividade de Extensão [da Universidade], sendo aberto à comunidade [...]” (SOUZA; SILVA; BASÍLIO, 2016, p.171), visando pelo voluntariado sem a necessidade de processo seletivo. Esse voluntariado fez com que muitas pessoas idosas se engajassem na atividade, o que foi fundamental para a consolidação do Núcleo, tornando-se referência de Extensão dentro e fora da Universidade (GOMES; LOURES; ALENCAR, 2005), aliás, é o pioneiro no país em lutar pela temática da terceira idade nas Universidades.

Cabe destacar que as pessoas do NETI-UNAPI participaram ativamente para a construção e consolidação da política pública, denominada, na época, de Estatuto do Idoso - Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (MACHADO, 2017).

[...] Assim quando se oferta um projeto, um curso, de política e envelhecimento, de previdência e cidadania, de formação de monitores para a ação gerontológica, quando há pessoas atuando nos Conselhos Municipal e Estadual do idoso, montando grupos de convivência com diversas atuações, cada ator do NETI está exercendo seu papel social [...]. (SILVA, 2013, p.147).

E foi, sob a coordenação⁷⁷ da professora⁷⁸ Dra. Ângela Maria Alvarez, que o Curso de Alfabetização para Idosos foi implantado no NETI-UNAPI da UFSC em 2007, o qual partiu de um projeto de extensão em parceria com o Centro de Ciências da Educação da UFSC, sob a elaboração e coordenação da professora Dr^a. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin⁷⁹, sendo que o projeto recebeu novos colaboradores no decorrer de sua execução e, até mesmo, sofreu alteração no próprio nome do Curso, passando a ser chamado de *Curso de Leitura e Escrita para idosos e adultos*.

Segundo Laffin (2012), o processo educativo direcionado ao público adulto e idoso, implantado em 2007, passou por uma transição em 2009, firmada na implantação da Educação de Jovens e Adultos, em parceria com a Prefeitura Municipal de Florianópolis, ficando sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação.

⁷⁷ Sua gestão abarcou o período de 2005 a 2011.

⁷⁸ Pertencente ao Centro de Ciências da Saúde da UFSC.

⁷⁹ Laffin (2012), enfatizou que o grupo de voluntários, em 2007, era formado por quinze pessoas, havendo um homem e quatorze mulheres. E das quinze pessoas, nove educadores voluntários assumiram as turmas para atuarem mais diretamente no ensino. Salientou, também, que a proposta do voluntariado no projeto traduziu-se como forma de inserção social dessas pessoas. Mas, apesar da importância da dimensão trazida pela voluntariedade dos educadores com 60 anos ou mais de idade, lembrou-se dos problemas causados por essa condição, como: o fato de não haver formas de prover os seus trabalhos em um tempo permanente e de maior dedicação.

Vale destacar que o NETI-UNAPI da UFSC é um *locus* privilegiado para a Educação de Jovens e Adultos, posto que o bairro Trindade é o segundo mais populoso da cidade, contendo escolas, forte comércio e serviços essenciais, dentre eles, o Hospital Universitário da UFSC, o Teatro da UFSC, o Programa de Atividade Física para a Terceira Idade no CDS⁸⁰, o que facilita o acesso de estudantes (adultos e idosos) e até mesmo há forte participação política e cultural do Núcleo na UFSC e fora dela. Além disso, as turmas de alfabetização (1º segmento) da EJA, no NETI, são oferecidas em turnos matutino e vespertino.

2.2.2 Escola Básica Municipal Donícia Maria da Costa

A E.B.M Donícia Maria da Costa foi criada no final de 1980, no bairro Saco Grande, em Florianópolis, cujo nome visou homenagear um casal: a lavadeira Donícia e o caseiro Janga, os quais eram responsáveis pelos cuidados do terreno onde a escola foi construída. E, no decorrer de 1990, houve a construção de moradias populares na Vila Cachoeira, bairro próximo ao Saco Grande. “[...] Juntamente com as residências, veio a promessa de uma escola que atendesse às novas demandas da população local. Foi então que, em meados dos anos 2000, a Donícia Maria da Costa foi realocada em um prédio maior e mais próximo das novas moradias [...]” (MENDEZ; GONZALEZ, 2016, n.p.).

Essa Escola conta com um prédio com boas instalações, salas de aulas amplas e bem ventiladas, assim como com mobília em perfeito estado de conservação. Quanto às turmas de EJA, são ofertadas apenas no noturno, situação esta que, segundo uma participante da pesquisa, não traz acessibilidade para as pessoas idosas. A figura a seguir destaca a fachada da atual sede da EBM Donícia Maria da Costa.

⁸⁰ Sigla referente ao Centro de Desportos pertencente à Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis/SC.

Figura 5 – Imagem da Fachada da EBM Donícia Maria da Costa



Fonte: <https://www.facebook.com/pmfeduca/photos/pcb.2984776721650118/2984776638316793/?type=3&theater>
Acesso em: 14 jun. 2023.

2.2.3 Escola de Básica Municipal Almirante Carvalhal⁸¹

A história da Escola Básica Municipal Almirante Carvalhal inicia onde hoje está localizado o Portal Turístico de Florianópolis. Neste prédio, localizado próximo as Pontes Colombo M. Salles e Pedro Ivo Campos, funcionava, até o ano de 1943, a Escola de Aprendizes Marinheiros que, após esta data, transferiu se para a Rua Max Schramm, no Estreito. O prédio foi fechado e não se dispõem de dados sobre sua utilização até o ano de 1956 (FELL, 2016, n.p.).

Figura 6 – Imagem do Prédio em que funcionava a Escola Aprendizes de Marinheiro em 1943



Fonte: FELL, 2016.

⁸¹ “[...] O nome que a Escola recebeu foi uma homenagem ao Almirante Alberto Jorge Carvalhal, nascido em 27/12/1898, na cidade do Rio de Janeiro, filho do Contra-Almirante (MD) Jovino Jorge Carvalhal e da Sra. Maria Berta Rosgnol Carvalhal. Embora não tenha sido encontrado registro sobre a motivação que originou a escolha do homenageado para receber o nome da escola, acredita-se que se deve a sua atuação no âmbito educacional e gerencial de Escolas da Marinha [...]” (FELL, 2016, n.p.).

Fell (2016), enfatizou que, no prédio acima mencionado, foi fundada a Escola Agrupada de Coqueiros, em 1 de agosto de 1956, com o propósito de alfabetizar os operários do Estaleiro Naval e seus filhos. E, um ano após, conforme o Decreto nº 06, de 14 de fevereiro de 1957, foi criada a Escola Isolada⁸², na gestão do Prefeito Osmar Cunha, aliás, no ano seguinte (1958), o mesmo Prefeito, por meio do Decreto nº 55, nomeou de Escola Desdobrada⁸³.

[...] Em 1 de janeiro de 1960, através de Decreto Municipal, a escola passou-se a chamar “ESCOLA REUNIDA ALMIRANTE CARVALHAL”, passando, posteriormente, suas instalações para a antiga residência do Comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros, (ainda no prédio do atual Portal Turístico, possibilitando ampliar as instalações da escola), quando também era chamada de “Escola de Coqueiros [...]”. (FELL, 2016, n.p.).

Em 13 de março de 1970, conforme o Decreto nº 656, o Prefeito Acácio Gabriel S. Thiago, ao considerar o total de 216 alunos matriculados em 8 classes, decidiu transformar a escola Reunida em Grupo escolar Almirante Carvalhal. Entretanto, foi na data de “[...] 17 de fevereiro de 1983 [que] o Prefeito Municipal Francisco de Assis Cordeiro, através do Decreto nº 17, transformou o Grupo Escolar em ‘Escola Básica Almirante Carvalhal’ [...]” (FELL, 2016, n.p.), estando em nova localização, na parte continental de Florianópolis/SC.

Desde então, e até os dias de hoje, está localizada na Rua Bento Góia, nº 113, no bairro Coqueiros, onde há casas residenciais – predominantemente de classe média e alta – e um forte comércio, sobressaindo os bares e restaurantes.

⁸² Diz respeito às escolas que continham única sala e um único professor para atender a todas as séries do antigo primário. Também, esse único professor assumia o cargo de direção (FELL, 2016, n.p.).

⁸³ Significa que aquelas escolas tinham um professor para cada duas séries. Mas nessas escolas, apenas um dos professores respondia pela direção (FELL, 2016, n.p.).

Figura 7 – Imagem da entrada da EBM Almirante Carvalhal



Fonte: <https://autovinmotor-fcagroup.es/ebm-almirante-carvalhal-1013310840602739917>
Acesso em: 17 jun. de 2023.

A escola supracitada possui boas instalações, atende ao público do Ensino Fundamental, no período diurno, e a EJA apenas no período noturno, sendo que muitos estudantes levam os seus filhos pequenos para que possam frequentar as aulas.

2.2.4 Centro de Educação e Evangelização Popular – CEDEP

O CEDEP está situado na rua Frei Fabiano de Cristo, s/n, no bairro Monte Cristo, na parte continental de Florianópolis/SC e sua organização teve início em 16 de dezembro de 1987, na idealização de um grupo de ativistas, entre eles o Padre Vilson Groh, no propósito de atender quatro eixos na região do Monte Cristo, são eles: Educação, Evangelização, Cooperativa de Consumo e Assessoria à Associação de Moradores (CEDEP, [s.d.]).

[...] No final da década de 1980 e início da década de 1990, Florianópolis recebia levadas de famílias migrantes, expulsas do campo pela política desenvolvimentista e de incremento da agroindústria. As famílias que chegavam passavam a ser acolhidas provisoriamente na cidade em paróquias, casas de parentes ou pessoas solidárias. Eram orientadas pelo Centro de Apoio e Promoção do Migrante (CAPROM – entidade atualmente desativada) a discutir, planejar e realizar ocupações organizadas em terras públicas ou privadas da cidade – aquele período, foram chamadas de ocupações organizadas exatamente porque tinham um planejamento coletivo e porque a terra a ser ocupada era urbanisticamente concebida com lotes, ruas, espaços públicos e comunitários. Esse período registra

a história de luta da população em prol de direitos como luz, água, saneamento básico, posse legal da terra e serviços públicos. Um momento particular, em que as mãos do povo estiveram entrelaçadas às organizações não governamentais e às histórias de vida de pessoas que sonham juntas com um mundo mais justo, mais digno e mais humano [...]. (CEDEP, [s.d.]).

Decorrente desse momento⁸⁴ de mobilização e organização popular, surgiu a ideia do Projeto Oficinas do Saber, a partir da demanda de mães e pais frente às dificuldades de adaptação dos/as filhos/as nas escolas públicas e a necessidade de ter com quem deixá-los para procurar trabalho, no esperar de uma melhor condição de vida (CEDEP, [s.d.]).

Em 1991, as atividades foram iniciadas em espaços precários e provisórios, mas mantendo a esperança, a curiosidade e a motivação para aprender, cujas experiências didático-pedagógicas eram alicerçadas nos pressupostos filosóficos de Paulo Freire, que se mantém em todas as ações do CEDEP até hoje.

[...] No ano de 2019, o CEDEP ampliou sua infraestrutura e construiu novas salas, banheiros, um elevador dedicado ao atendimento para pessoas com mobilidade reduzida e um teatro para até 100 pessoas. A ampliação estrutural trouxe também a necessidade de um olhar para comunidade do Monte Cristo numa perspectiva de desenvolvimento territorial, dando origem em 2020 a dois programas da instituição: Semeando Conhecimento e Cultivando a Comunidade [...]. (CEDEP, [s.d.]).

Figura 8 – Imagem da fachada da atual sede do Cedep



Fonte: <https://cedeponline.com.br/historia-do-cedep>. Acesso em 11 jun. 2023.

⁸⁴ “[...] A partir de debates com as comissões de moradores das comunidades então formadas – Novo Horizonte, Nova Esperança, Santa Terezinha, Ilha Continente e Chico Mendes – foi colocada em evidência a necessidade de ocupar pedagogicamente o tempo e as interações das crianças no período oposto ao das atividades escolares, originando-se assim o Projeto Oficinas do Saber [...]”. (CEDEP, [s.d.]).

O CEPED possui boas instalações e as aulas da EJA acontecem no turno da noite. Aliás, durante a investigação, foi possível conhecer uma das salas de aula destinada à turma de alfabetização da EJA, sendo esta espaçosa, arejada, com boa mobília e com número considerável de estudantes, mas com poucas pessoas com 60 anos ou mais de idade.

2.2.5 Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva

A referida escola foi fundada em 31 de março de 1955 e, no ano de 2020, era “[...] responsável por 740 estudantes, dos quais 57 são considerados público da educação especial [...]” (FLORIANÓPOLIS, 2020), ou seja, a inclusão é levada a sério nessa escola.

Situa-se na Rua Leonel Pereira, nº 930, no bairro Cachoeira do Bom Jesus – situado ao norte da Ilha de Santa Catarina – em Florianópolis e, devido ao seu posicionamento geográfico, este bairro fica situado entre as praias de Canasvieiras e Ponta das Canas, com uma distância de aproximadamente 32 km do centro da cidade (LIMA, 2021, p.34).

A EBM Intendente Aricomedes da Silva possui boas instalações e as turmas de EJA são ofertadas apenas no turno da noite. A seguir, na figura 9, apresenta-se a fachada da escola.

Figura 9 – Fotografia da fachada da EBM Intendente Aricomedes da Silva



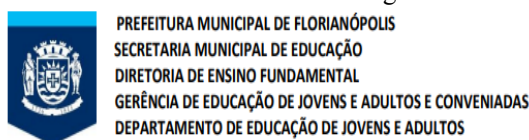
Fonte: <http://portal.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina¬i=1082>
Acesso em: 15 jun. de 2023.

2.3 AS MATRÍCULAS NO I SEGMENTO DA EJA DAS ESCOLAS E INSTITUIÇÕES NO CAMPO DA INVESTIGAÇÃO

No que tange ao levantamento de matrículas para o 1º segmento da EJA, considera-se importante informar que os dados apresentados foram fornecidos pela chefe do Departamento da EJA, Tamelusa Ceccato do Amaral, no dia 02 de junho de 2022.

Mediante o panorama de matriculadas/os, no período da pandemia, para o 1º segmento da EJA – nas sedes e polos – dos respectivos Núcleos pesquisados (conforme a Figura 10), foi possível realizar uma breve análise.

Figura 10 – Número de matrículas no 1º segmento da EJA durante a pandemia de Covid-19 (2020-2022)



Total de estudantes matriculados no 1º segmento

2020					
Turmas de EJA	NORTE II - EBIAS	CENTRO III - DONÍCIA	CONTINENTE II - CEDEP	CONTINENTE I - CARVALHAL	NETI
Total de estudantes	15	16	10	12	14
2021					
Turmas de EJA	NORTE II - EBIAS	CENTRO III - DONÍCIA	CONTINENTE II - CEDEP	CONTINENTE I - CARVALHAL	NETI
Total de estudantes	16	36	11	16	15
2022					
Turmas de EJA	NORTE II - EBIAS	CENTRO III - DONÍCIA	CONTINENTE II - CEDEP	CONTINENTE I - CARVALHAL	NETI
Total de estudantes	11	29	27	23	21

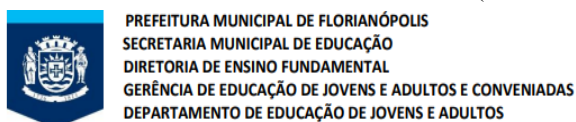
Fonte: SME, dados disponibilizados em 02/06/2022.

Na análise das matrículas, entre os anos de 2020 e 2022, foi possível identificar que, no ano de 2020 – momento de surgimento da pandemia, quando foram necessárias aulas remotas – a EBM Donícia Maria, pertencente ao Núcleo Centro III, obteve 16 matrículas no 1º segmento da EJA, perfazendo assim, o maior registro de matrículas em comparação com as/os demais Sedes/Polos. E foi o CEDEP, do Núcleo do Continente II, que obteve o menor registro, com 10 matrículas. No ano de 2021, a EBM Donícia Maria continuou com o maior registro de matrículas, perfazendo o dobro de matrículas em relação ao ano anterior de pandemia, com total de 36. O CEDEP obteve o menor registro de matrículas em 2021, com um total de 11 registros,

não apresentando diferenças significativas em relação ao ano anterior (2020). E no ano de 2022, com o retorno das aulas presenciais, a EBM Donícia Maria se manteve na liderança de maior registro de matrículas, com 29 matrículas, contudo apresentou uma diminuição em comparação aos anos anteriores. A EBM Intendente Aricomedes da Silva, do Núcleo Norte II, obteve o menor registro de matrículas em 2022, com 11 registros, sinalizando assim, uma redução de matrículas em comparação aos anos anteriores.

Ainda em relação aos dados da Figura 10, foi possível identificar que, apesar da pandemia (2020 a 2022) afetar e continuar expondo/agravando⁸⁵ as mazelas sociais, não houve uma redução drástica nas matrículas em turmas de 1º segmento da EJA, nas sedes ou polos analisados, a ponto de, gradativamente, deixar de ser ofertado o Ensino Fundamental na EJA nesses espaços educativos. Entretanto, o fato de haver a procura por matrícula não significa que houve as devidas condições para a permanência dessas pessoas na educação, pois os dados da Figura 10, que contabilizam os registros de matrículas de todas/os estudantes, não esclarecem, nesse quantitativo, quantas matrículas são de pessoas idosas, dados estes que serão apresentados a seguir na Figura 11.

Figura 11 – Matrículas de estudantes idosos e idosas em turmas do 1º segmento da EJA na pandemia de Covid-19 (2020-2022)



Total de estudantes idosos/os em turmas do 1º segmento - EJA

2020					
Turmas de EJA	NORTE II - EBIAS	CENTRO III - DONÍCIA	CONTINENTE II - CEDEP	CONTINENTE I - CARVALHAL	NETI
Total	5	3	1	3	14
2021					
Turmas de EJA	NORTE II - EBIAS	CENTRO III - DONÍCIA	CONTINENTE II - CEDEP	CONTINENTE I - CARVALHAL	NETI
Total	4	3	4	3	15
2022					
Turmas de EJA	NORTE II - EBIAS	CENTRO III - DONÍCIA	CONTINENTE II - CEDEP	CONTINENTE I - CARVALHAL	NETI
Total	1	2	3	4	12

Fonte: SME (dados disponibilizados em 02/06/2022).

Com base nos dados de matrículas das/os estudantes idosos/os para turmas do 1º segmento da EJA, imediatamente, o que “gritou aos olhos” foi o reduzidíssimo número de matrículas de estudantes idosos/as em turmas do 1º segmento, nos cinco Polos/Sedes, em

⁸⁵ Em decorrência da necessidade de isolamento social e das enormes desigualdades vividas, dentre elas, as condições financeiras, de sobrevivência, de estudo, de trabalho etc.

relação ao total de estudantes matriculados nos espaços educativos pesquisados (ver Figura 11).

Importante chamar a atenção para o polo Núcleo de Estudos da Terceira Idade/UFSC do Núcleo Centro I, o qual teve um número de matrículas muito superior aos demais espaços educativos no período analisado (2020 a 2022).

Essa constatação faz jus à reportagem intitulada *Terceira idade: veja como é a educação dos idosos em Florianópolis*, publicada no ND Mais (ARJONAS, 2022), com o foco nas/os as/os estudantes idosas/as pertencentes a rede municipal de Florianópolis. Na referida reportagem, os dados fornecidos pelo Departamento de Educação de Jovens e Adultos, revelam que cerca de 103 pessoas com 60 anos ou mais de idade estão presentes nas salas de aula, nos diferentes Núcleos e Polos da rede municipal. Porém, existe um diferencial a ser considerado no que tange à educação desse segmento etário, sobretudo em relação ao espaço educativo, em que a preponderância pela escolha em estudar no Polo NETI-UNAPI pertencente à UFSC por identificação profunda com os seus pares (pessoas de 50 anos ou mais de idade), uma vez que há inúmeras afinidades e aproximações nesse convívio, tornando-se até mesmo, um fator preponderante para a assiduidade/permanência nos estudos. Isso reforça a importância do acolhimento no espaço educativo para às pessoas idosas, principalmente na EJA, cujo acolhimento se dá na relação e no respeito com o/s outro/s e com o seu/s aprendizado/s, cuja categoria ganha realce por Laffin (2012, 2020), Godinho (2022), entre outros/as pesquisadores/as do campo da EJA.

Do mesmo modo, aponta-se que na investigação realizada no mestrado (2017), a coordenadora do Núcleo da EJA – Centro I, que na época era Carina S. Santos, reforçou na entrevista realizada, a importância do acolhimento realizado no NETI/UFSC para a permanência das/os estudantes idosas/os, a saber,

[...] O processo de acolhimento é uma prática para todos os estudantes que iniciam na EJA Centro Matutino, pois cremos ser um momento importante para estabelecer vínculo com o estudante e conhecer sua trajetória de vida. A partir do perfil criado, desenvolvemos ações para melhor atender estes estudantes, diz Carina Santiago Santos [...]. (MACHADO, 2017, p. 239, grifo nosso).

Diante do exposto, se faz imprescindível identificar o quantitativo de matrículas de mulheres e homens com 60 anos ou mais de idade, em turmas do 1º segmento da EJA nos cinco espaços educativos pesquisados durante a pandemia de Covid-19. Para tanto, apresenta-se, primeiramente, os dados coletados (ver na Figura 12) e, em seguida, a análise realizada.

Figura 12 – Número de matrículas de mulheres idosas e homens idosos em turmas do 1º segmento da EJA na pandemia de Covid-19 (2020-2022)



PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO FUNDAMENTAL
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E CONVENIADAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Número de matrículas de mulheres idosas e homens idosos em turmas do 1º segmento - EJA

2020					
Turmas de EJA	NORTE II - EBIAS	CENTRO III - DONÍCIA	CONTINENTE II - CEDEP	CONTINENTE I - CARVALHAL	NETI
Mulheres idosas	4	3	1	1	13
Homens idosos	1	0	0	2	1
2021					
Turmas de EJA	NORTE II - EBIAS	CENTRO III - DONÍCIA	CONTINENTE II - CEDEP	CONTINENTE I - CARVALHAL	NETI
Mulheres idosas	3	3	4	1	14
Homens idosos	1	0	0	2	1
2022					
Turmas de EJA	NORTE II - EBIAS	CENTRO III - DONÍCIA	CONTINENTE II - CEDEP	CONTINENTE I - CARVALHAL	NETI
Mulheres idosas	1	2	3	2	11
Homens idosos	0	0	3	2	1

Fonte: SME (dados disponibilizados em 02/06/2022).

Na Figura 12, é possível identificar o número reduzido de matrículas de homens com 60 anos ou mais de idade, em turmas de 1º segmento na EJA nas cinco Sedes e Polos investigados. Logo, há um predomínio de matrículas de mulheres idosas em turmas do 1º segmento da EJA nas Sedes e Polos investigados, inclusive, com maior concentração no Polo NETI/UFSC. Sendo que, em 2020 o NETI/UFSC, obteve 13 matrículas de mulheres idosas em turmas de 1º segmento da EJA, enquanto em 2021, registrou 14 e em 2022, apenas 11 matrículas. Quanto às matrículas de homens idosos em turmas do 1º segmento no NETI/UFSC, no período entre 2020 e 2022, ocorreu tão somente uma matrícula por ano.

Cabe salientar, que na Escola Básica Municipal Donícia Maria não houve registro de matrículas de homens idosos no período de 2020 a 2022, e, quanto às matrículas de estudantes idosas para as turmas de 1º segmento, em 2020 e 2021 o quantitativo de matrículas foi o mesmo, de 3 registros e no ano de 2022, obteve 2 registros.

No Polo CEDEP não houve matrículas dos estudantes idosos nos anos de 2020 e 2021, mas em 2022, ocorreu três matrículas para as turmas de 1º segmento da EJA. Já as

matrículas de estudantes idosas, no ano de 2020, ocorreu um único registro, em 2021, houve um aumento para 4 e em 2022, obteve 3 registros de matrículas.

Quanto à Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva, nos anos 2020 e 2021, houve apenas uma matrícula de homens idosos por ano nas turmas de 1º segmento da EJA e em 2022, sequer houve matrículas de estudantes idosos. Quanto às matrículas de mulheres idosas, em 2020, houve o registro de 4 matrículas, em 2021, ficou em 3 e em 2022, houve uma única matrícula.

Na Sede Escola Básica Municipal Almirante Carvalhal, em 2020, 2021 e 2022, registaram-se 2 matrículas por ano de estudantes idosos em turmas do 1º segmento da EJA. E no que tange às matrículas de estudantes idosas, nos anos de 2020 e 2021, ocorreu tão somente uma matrícula em cada ano e em 2022, aumentou para 2 matrículas para turmas do 1º segmento da EJA.

Assim, deve-se observar que esse percentual reduzido no quantitativo de matrículas de pessoas – seja de mulheres ou de homens – em turmas de 1º segmento da EJA, em grande parte dos espaços educativos pesquisados, não é muito diferente de momentos de escolarização anteriores à pandemia de Covid-19.

Inclusive, Costa e Braga (2018, p. 25) mencionam que, “[...] há diversos motivos que explicam a presença minoritária [...]” das pessoas idosas na EJA, entretanto, com base em Doll (2007), assinalam que, muitas vezes, as ofertas educacionais não contemplam os interesses desse público e, inclusive, há barreiras que dificultam o seu acesso, como as condições de saúde, as condições de subsistência (baixa aposentadoria, obrigação de trabalhar e dificuldade de conciliar os estudos) e por toda opressão que sofrem em relação à velhice (discriminação, estigmas, estereótipos etc.).

Outro elemento importante refere-se aos impactos sociais provocados pela pandemia da Covid-19 devido a má condução do governo federal (2019-2022), em que a classe trabalhadora foi drasticamente afetada, aliás, período em que milhões de brasileiros e brasileiras passaram a viver na extrema pobreza. Assim, a ínfima presença de pessoas idosas em turmas do 1º segmento da EJA em Florianópolis no período de 2020 a 2022, momento este de pandemia de Covid-19, apontam para a necessidade de averiguar as condições de vida e estudo enfrentadas pelas pessoas idosas, o que dá sentido ao fato da presente

investigação. Desse modo, para a ampliação da compreensão de quem são essas pessoas idosas, no próximo capítulo será apresentada uma seção teórica sobre as velhices.

***SEGUNDA PARTE: CONCEITUAÇÃO DE VELHICES E
EXPERIÊNCIAS***

3 FALANDO DAS VELHICES

De antemão, é importante (re)lembrar que o diálogo com Beauvoir (2018) se faz imprescindível para esta investigação com pessoas idosas, uma vez que a nossa realidade social não se alterou, apenas se dinamizou. Portanto, é preciso analisar como ela se presentifica nesse momento histórico, a fim de compreender como a velhice da classe trabalhadora, na pandemia de Covid-19, tem sido pensada em nossa sociedade e sentida pelas/os sujeitas/os com 60 anos ou mais de idade, que estudam na EJA.

De igual modo, entende-se que Freire (2002a, 2002b, 2015) em sua vida e obra, traz substantivamente a concepção de velhice, uma vez que a educação na sua perspectiva é de formação humana, portanto, formação permanente e, obviamente, não sendo restrita ao caráter pedagógico.

Aliás, pode-se assinalar que a obra *À sombra desta mangueira*, com a primeira edição datada em 1995, perfaz-se como uma referência daquilo que Freire estava vivendo e sentindo em sua velhice, uma vez que, na referida publicação, ele estava com seus 73 anos de idade completos. E, como tudo na vida de Freire foi impregnado de sentido, logo na abertura de sua obra, designada de primeiras palavras, apresentou ao/a leitor/a o motivo pelo qual optou por esse título, a saber:

[...] é, assim, uma licença que me permito e com a qual sublinho a importância que tiveram na minha infância as sombras de diferentes árvores –mangueiras, jaqueiras, cajueiros, pitombeiras. Sombras em que, à luz clara do dia, fui me acostumando a descobrir a razão de ser de ruídos que, no fundo das noites, indecifrados me assustavam [...]. (FREIRE, 2015, p. 15).

Segundo as autoras Todaro e Cachioni (2021, p. 3), as quais enfatizam o legado de Paulo Freire sobre a velhice e apontam a obra acima como a mais indicada, é possível afirmar que Freire retoma a sua experiência vivida na sua infância para assentar o seu tempo presente, na velhice. Isso porque a sua infância é marcada por momentos enriquecedores, encantadores e misteriosos, em que pôde estar em pleno contato com a natureza, o que lhe possibilitou, assim, enxergar o mundo (e desejar vivê-lo) de uma outra forma.

Nessa experiência de infância, Freire captou a essência do ato de aprender como prática social, a partir de seu próprio dia a dia, no quintal da sua casa onde seus pais souberam conduzir e propiciar o universo de descobertas frente à escrita e à leitura (estando

sempre vinculados a sua realidade), fazendo-o perceber a importância de manter viva a sua curiosidade, como exemplo, o fato de não conseguir descobrir ‘a razão de ser’ dos ruídos.

Em outras palavras, Freire, desde muito cedo, aprendeu que nem tudo se sabe (e está dado), que aprender faz parte da natureza humana (até o final da vida), que é preciso ter humildade⁸⁶ para aprender com os/as outros/as (a importância de estar com), assim como em suas diferentes fases de vida, a natureza era o que lhe reconectava com o seu íntimo e a sua intervenção⁸⁷ no mundo.

Assim, Freire (2015) foi compreendendo que ser pessoa mais velha ou mais moça não deve estar unicamente associado ao fator da idade cronológica, mas, sim, vai depender de como ela pensa e age com o mundo em cada fase da vida. Logo, é preciso sentir-se vivo, capaz de aceitar mudanças como sinal de sabedoria e vitalidade para o sempre esperar, posto que

[...] somos velhos ou moços muito mais em função de como pensamos o mundo, da disponibilidade com que nos damos, curiosos, ao saber, cuja procura jamais nos cansa e cujo achado jamais nos deixa satisfeitos e imobilizados. Somos moços ou velhos muito mais em função da vivacidade, da esperança com que estamos sempre prontos a começar tudo de novo, se o que fizemos continua a encarnar sonho nosso. Sonho eticamente válido e politicamente necessário. Somos velhos ou moços muito mais em função de se nos inclinarmos ou não a aceitar a mudança como sinal de vida e não a paralisação como sinal de morte [...] (FREIRE, 2015, p.63).

Nessa obra, Freire (2015) reforçou o quão importante é a educação da pergunta, mas também assinalou a necessidade de exercitar as certezas, algo empreendido por ele no decorrer de toda a vida e obra. Por assim dizer, como a temática velhice tem sido mais identificada/referenciada em termos etários, essa investigação propõe-se a ampliar esse olhar, ao pensar sobre o que ainda falta ser indagado acerca da temática em questão, pois o propósito aqui colocado é o de exercitar essa curiosidade freireana (TODARO; CACHIONI, 2021).

⁸⁶ Freire (2015, p. 63), salienta que “[...] o orgulho e a autossuficiência envelhecem; só na humildade me abro à convivência em que ajudo e sou ajudado. Não me faço só, nem faço as coisas só. Me faço com os outros e com os outros faço coisas [...]”.

⁸⁷ Segundo Freire, “[...] estar no *mundo* implica necessariamente estar *com* o mundo e *com* os outros. E enquanto, que para o ser que simplesmente está no *suporte* suas atividades nele são um puro *nele mexer*; no mundo, contexto histórico, social, cultural, os seres humanos mais do que *mexem, interferem* [...]” (FREIRE, 2015, p. 20, grifo do autor).

Posto que o exercício da curiosidade epistemológica incide “[...] na medida em que o corpo humano vai virando corpo consciente, captador, apreendedor, transformador do mundo e não puro espaço vazio a ser enchido por conteúdos do mundo [...]” (FREIRE, 2015, p. 21). Assim, cabe a seguinte indagação, pensando nas pessoas idosas: De que modo é possível garantir um corpo consciente nas experiências das velhices? Em busca da resposta para essa indagação, busca-se situar as velhices em nosso contexto histórico.

Cabe lembrar que a velhice ganhou destaque em meados do século XIX em decorrência da industrialização, período em que se desencadeou a pobreza, o desemprego, a imigração, a ideia de “delinquência”, a aposentadoria, sendo até mesmo considerada como problema social a ser resolvido ou pelo menos explicado (LENOIR, 1998).

Pelo fato de a velhice ter sido compreendida como problema social, traz em si a opressão que marcou a classe social trabalhadora (operária) naquela época, uma vez que era muito comum associá-la a termos como “invalidez” e “incapacidade”. Esses termos são decorrentes da condição dos trabalhadores de mais idade que não tinham condições físicas para dar conta da produção e, diante dessa situação, seus patrões automaticamente lhes dispensavam de seus trabalhos, ficando sem nenhuma remuneração para sobreviverem. Tal condição de “descarte” gerou fortes reações por parte dos velhos trabalhadores contra seus patrões e, para resolver esse impasse, foram criadas as caixas de aposentadorias⁸⁸ (LENOIR, 1998).

Na obra *La Vieillesse* – tradução para a língua portuguesa *A velhice* –, publicada no ano de 1970, a feminista, Simone de Beauvoir (2018, p.13), já ponderava que ter uma definição precisa do que venha a ser velhice⁸⁹ é algo extremamente desafiador, pois “[...] quando se trata da nossa espécie, não é fácil circunscrevê-la [...]”. Contudo, Beauvoir (2018) ressalta que a velhice é um fenômeno biológico⁹⁰, que ocasiona consequências psicológicas⁹¹, mas possui uma dimensão existencial⁹², assim como pelo fato de que “[...]”

⁸⁸ Se atualmente as pessoas idosas das camadas populares estão conseguindo fazer valer o seu direito de estudar na modalidade EJA é porque, nesse momento da vida, elas estão aposentadas (ou são pensionistas). Aliás, a maioria delas ingressam em turmas de alfabetização na EJA, pois não conseguem ler e nem escrever.

⁸⁹ Segundo o sociólogo francês, Remi Lenoir (1988), a velhice passou a ser uma etapa da vida em razão da decadência física e a ausência de papéis sociais decorrentes da industrialização, aliás, o seu surgimento, em meados do século XIX, era de problema social a ser resolvido, período este em que desencadeou a pobreza, o desemprego, a imigração, a delinquência, a aposentadoria, sendo que a velhice passou a ser considerado um problema social a ser resolvido.

⁹⁰ Em que ressalta que o organismo de cada pessoa idosa possui certas singularidades (BEAUVOIR, 2018, p.13).

⁹¹ Em que “[...] certos comportamentos são considerados, com razão, como característicos da idade avançada [...]” (BEAUVOIR, 2018, p.13).

⁹² A relação do indivíduo é modificada com o passar dos anos, logo, incide na sua relação com o mundo e com

não se vive nunca em estado natural; na velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence [...]” (BEAUVOIR, 2018, p.13).

Aliás, Beauvoir (2018) considera que a velhice é uma construção social, mas os efeitos são ressignificados para cada pessoa, assim,

[...] a sociedade destina ao velho seu lugar e seu papel levando em conta sua idiossincrasia individual: sua impotência, sua experiência; reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. Não basta, portanto, descrever de maneira analítica os diversos aspectos da velhice: cada um deles reage sobre todos os outros e afetado por eles; é no movimento indefinido desta circularidade que é preciso apreendê-la [...]. (BEAUVOIR, 2018, p.13).

Na obra supracitada, Beauvoir (2018) dedicou-se a denunciar o destino das pessoas mais velhas no sistema capitalista, mas, igualmente, aponta possibilidades de emancipá-las. Para esse propósito, organiza o seu estudo tomando como base que “[...] toda situação humana pode ser encarada em exterioridade – [a objetividade] tal como se apresenta a outrem – ou em interioridade [a subjetividade], enquanto o sujeito a assume, ultrapassando-a [...]” (BEAUVOIR, 2018, p.14). Assim, para os outros, a pessoa idosa é o objeto de um saber, enquanto, para si própria, tem em seu estado uma experiência vivida, isto é, ela vivencia, intimamente, a sua experiência singular e única.

Essa constatação reforça o entendimento de que não há uma única velhice, assim como Ramos (2013) a considerou, tendo em vista que ela abarca as subjetividades. Portanto, para refletir acerca dessa fase da vida, considera-se como “velhices”, cujo termo adotado por Ramos incorpora essa diversidade que baliza os diferentes modos de ser e viver dessas pessoas na faixa etária de 60 anos ou mais de idade. Isso porque esse transbordamento vivido, em que há muito o que se aprender, perfaz-se complexo, dinâmico e repleto de atravessamentos sobre os corpos (como marcadores identitários): de gênero, de classe social, de sexualidade, de questões de cunho étnico-raciais, geracionais, entre outras.

Por isso que Beauvoir (2018, p.14) salienta que, essa diferenciação de velhices individuais possui ainda outras causas, como: a saúde, a família, o contexto social etc. Corroborando esse pensamento, Neri (1995) ressalta que “envelhecer bem” depende das

a sua própria história (BEAUVOIR, 2018).

oportunidades do indivíduo quanto a usufruir condições adequadas de estudo, urbanização, saúde, moradia e trabalho, durante todo o seu curso de vida. Quer dizer,

[...] envelhecer bem envolve múltiplos fatores, incluindo individuais, psicológicos, biológicos e sociais. A conclusão é que o bem-estar subjetivo é o componente mais importante para avaliar o “sucesso”. O envelhecimento bem-sucedido assemelha-se a um princípio organizacional que pode ser alcançado estabelecendo-se metas pessoais realistas no curso de vida [...]. (TEIXEIRA; NERI, 2008, p. 81),

Portanto, a falta de oportunidades no decorrer da vida de um indivíduo resulta em uma velhice de sobrevivência, de resistência, pois se soma, aqui, o contexto vivido, de desafios e, na atualidade, ainda de inseguranças pelo contexto da pandemia de Covid-19: insegurança econômica, insegurança alimentar e nutricional, insegurança no próprio lar (violência doméstica), insegurança resultante das questões emocionais, insegurança digital⁹³, insegurança proveniente do subemprego⁹⁴, insegurança frente às omissões⁹⁵ praticadas durante a pandemia, insegurança frente a um governo com atitudes de ageísmo e que propagandeou o kit Covid, entre tantas outras.

Para Ecléa Bosi (2010), a opressão na velhice ocorre de

[...] múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas. Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia na aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a intolerância de má-fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as ‘pessoas’ que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho) [...]. (BOSI, 2010, p.18).

É necessário ressaltar que as desigualdades sociais que se mantêm em nossa sociedade capitalista, são oriundas da divisão de classes, que, grosso modo, é formada por

⁹³ É importante ressaltar que pessoas idosas são mais vulneráveis a golpes e a todos os tipos de fraudes *online*.

⁹⁴ Durante a pandemia de Covid-19, muitas pessoas idosas – as mais vulneráveis à crise – foram absorvidas pelo trabalho informal – para tentar equilibrar as despesas, pois a aposentadoria não teve a mesma correção da inflação, assim, os conhecidos como fazer “bicos” para sobreviver, não dão direito algum, sem carteira de trabalho e previdência social assinada e as condições de trabalho geralmente são muito precárias e com salários desproporcionalmente baixos.

⁹⁵ Com base no Relatório Final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia (BRASIL, 2021) serão destacadas algumas omissões do Governo Federal no enfrentamento da Pandemia da Covid-19 no Brasil, a saber, as “[...] inações do governo federal permitiram que as pessoas ficassem vulneráveis à contaminação [...]” (BRASIL, 2021, p.1041), “o atraso na aquisição de vacinas impôs escassez à população e redução do ritmo de vacinação, o que aumentou a mortalidade pelo vírus [...]” (BRASIL, 2021, p. 1017), “[...] reiterados discursos negacionistas, são responsáveis em grande parte pelo fracasso das medidas de enfrentamento à pandemia no País” (BRASIL, 2021, p.1043).

uma restrita minoria de abastados e uma avassaladora maioria de empobrecidos que, no momento de pandemia, mostrou-se ainda mais acirradas.

[...] Para que a velhice não seja uma irrisória paródia de nossa existência anterior, só há uma solução – é continuar a perseguir fins que deem um sentido à nossa vida: dedicação a indivíduos, a coletividades, as causas, trabalho social e político, intelectual, criador. Contrariamente ao que aconselham os moralistas, é preciso desejar conservar, na última idade, paixões fortes o bastante para evitar que façamos um retorno sobre nós mesmos. A vida conserva um valor enquanto atribuímos valor à vida dos outros, através do amor, da amizade, da indignação, da compaixão. Permanecem, então, razões para agir ou para falar. Aconselha-se frequentemente as pessoas a ‘preparar’ sua velhice. Mas, se isso significa apenas juntar dinheiro, escolher o lugar da aposentadoria, arranjar *hobbies*, não se terá, quando chegar a hora, avançado nada. Mais vale não penar demais na velhice, mas viver uma vida de homem [de mulher] bastante engajada, bastante justificada, para que se continue a aderir a ela mesmo quando já se perderam todas as ilusões e quando já se arrefeceu o ardor vital [...]. (BEAUVOIR, 2018, p.561).

Portanto, esta investigação se dá na persistência de valorizar as velhices, para que, cada vez mais, as pessoas idosas estejam bastante engajadas em seus projetos de vida e de sociedade mais respeitosa, inclusiva, igualitária e de vida digna, como também possa contribuir para que aquelas com pouca ou nenhuma escolaridade sintam-se encorajadas para estarem presentes na Educação de Jovens e Adultos.

Entende-se, portanto, que não é uma tarefa fácil ter que resistir e existir a tantas dificuldades enfrentadas pelas pessoas idosas em nossa sociedade, no contexto de pandemia e fora dela, já que, diariamente, precisam vencer inúmeras barreiras, sendo que, dentro do conjunto dos vários tipos de discriminações e preconceitos existentes, há: o machismo, a homofobia, a xenofobia, a misoginia, o racismo, o sexismo, o capacitismo, a aporofobia⁹⁶, o ageísmo, o preconceito por sua condição de classe social, por não saber ler e nem escrever, dentre outros. E tudo isso aponta para a necessidade de refletir sobre as velhices na contemporaneidade, assunto que será abordado na sequência deste estudo.

⁹⁶ Atualmente, faz-se presente no *Diccionario de la lengua española*, versão *online*, da Real Academia Española. Sendo que, no Brasil, o livro foi traduzido para a língua portuguesa e logo essa palavra foi inserida no portal Novas Palavras, da Academia Brasileira de Letras, no ano de 2020, em que traz a seguinte definição: “Repúdio, aversão ou desprezo pelos pobres ou desfavorecidos; hostilidade para com pessoas em situação de pobreza ou miséria. [Do grego *á-poros*, ‘pobre, desamparado, sem recursos’ + -fobia.]” (ABL, 2020).

3.1 VELHICES NA CONTEMPORANEIDADE

Em razão do rápido processo de envelhecimento populacional em nosso país e no mundo, fez-se necessário pensar acerca desse fenômeno, estando mais presente em falas de autoridades, nas produções acadêmicas, em palestras, congressos, conferências, seminários de diferentes áreas do conhecimento, em movimentos de lutas sociais e até mesmo nas conversas rotineiras, entre outros espaços sociais.

Aliás, cada vez mais, o processo de envelhecimento tem recebido uma extraordinária atenção na mídia⁹⁷, contudo, o propósito não tem sido o de valorizar a diversidade presente na velhice, nem mesmo de enfatizar as necessidades específicas para a efetiva qualidade de vida e o direito de ser reconhecido e atuante na sua sociedade.

Em relação ao envelhecimento no contexto atual de nossa sociedade, Santos (2021b) ressalta que há um movimento de ambiguidade, a saber,

[...] de um lado, valoriza-se a maturidade, a possibilidade de um corpo ativo; criam-se mecanismos de inclusão social, destituindo a velhice da invisibilidade elaborada em processos sociais de desaparecimento. Do outro, a velhice é disfarçada, às vezes sugerida, ocultada num jogo de relações que enaltecem o corpo em suas potencialidades, não mais em seus limites, fazendo com que ele se torne instrumento de salvação [...]. (SANTOS, 2021b, p. 13).

Sem dúvida, “[...] o fenômeno do envelhecimento foi cooptado pelo mercado [...]” (SANTOS, 2021b, p. 12), cuja investida midiática tem se mostrado promissora e altamente lucrativa, em que não faltam apelos para atrair mais simpatizantes, homens e mulheres na faixa etária dos 60 anos ou mais idade (incluindo as pessoas com idade próxima dos 60 anos) ao batizado “estilo de vida moderna”, que é imputado pela lógica do consumo. Isto é, de modo sutil – como toda bela sacada de *marketing* – a mídia se ocupa em valorizar a “[...] velhice – paradoxalmente – exaltando a juventude: o que, de modo figurado, pode ser visto como sendo ‘a morte do velho’ [...]” (SANTOS, 2021b, p. 13). Inclusive,

[...] o corpo que se apresenta hoje, sobretudo nas redes sociais, é elaborado por ideias representacionais atravessadas por costumes e desejos criados através dos signos que são intercambiáveis em cada sociedade, que estabelece os modos de ser segundo critérios diversos: um dos quais, a faixa etária, em que o envelhecimento é visto como uma fase intermediária entre a inutilidade e a morte – no caso das sociedades ocidentais, notadamente capitalista [...]. (SANTOS, 2021b, p. 11-12).

⁹⁷ No que tange às campanhas publicitárias, reportagens em jornais, revistas, internet e nos programas de televisão, enredo de filmes e novelas, entre outros.

Em nossa sociedade, essa incessante busca pela juventude eterna, que não é de hoje, tornou-se a mais pura obsessão, voltada para um ideal de beleza, vigor e vitalidade inteiramente “jovial”, cuja ideia incutida é de que tudo é possível, tudo pode ser alcançado, mas, lógico, tudo vai depender do quanto se “deseja” investir (ou se endividar). Aliás, o despertar do “desejo” dessa juventude eterna tem adotado um discurso de força de vontade e pensamento positivo, incumbindo ao/a “desejante” não só o êxito, mas a culpa, em caso de não conseguir atingir esse tal “estilo de vida moderna”. Logo, o culto ao corpo perfeito e jovem é um corpo regulado e disciplinado (FOUCAULT, 1987, 1997).

É importante ressaltar que essa situação desencadeia um total inconformismo existencial frente às próprias limitações decorrentes da idade, tanto no grau de insatisfação em relação a sua aparência como das suas condições físicas, pois os estudos científicos apontam que, na velhice, há um inevitável decréscimo das capacidades motoras, redução da flexibilidade, velocidade, força, equilíbrio etc.

Esse mal-estar do corpo do homem e da mulher com mais idade, provocados pela nossa sociedade atual, cujos esforços são empreendidos na ideia do rejuvenescimento, serão pensados nessa investigação. Assim, tomando como referência as formas de implementação da “relação de poder”, na filosofia de Michel Foucault, sobretudo ao que ele denomina de biopolítica, tendo em vista que é fundamental analisar na contemporaneidade esse desenvolvimento cada vez mais sutil de uma arte de governar a vida – de corpos e mentes – do ser humano de mais idade, a partir do *slogan* de uma gestão de vida mais eficiente e funcional, incidindo não só nos indivíduos de mais idade, mas na população de modo geral e em todos os sentidos, abarcando as antigas estratégias de repressões e as novas coerções (CARMO, 2019).

Para Foucault (1997),

[...] A análise em termos de poder não deve postular a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas, antes de tudo, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, o transforma, o reforça e o inverte; [...] enfim, as estratégias que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. [...] O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é certa potência de que

alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa em uma sociedade determinada [...]. (FOUCAULT, 1997, p. 88-89).

No artigo de Carmo (2019), intitulado Michel Foucault e a gestão da vida, é enfatizado que,

[...] o conhecimento dos procedimentos do poder passa por outro conceito. Tomemos como exemplo o tão conhecido poder do Estado, no qual encontramos sua visão clássica. Eis o deslocamento: não mais dar de encontro com o poder visível do Estado, firmando lutas de oposição a uma hegemonia, mas revelar, justamente ali onde não são mostradas, relações de poder, modos de funcionamento do poder político que incidem na heteronomia do corpo social, disciplinando-o e normalizando-o. Deslocamento do ponto de disseminação do poder que diz que o acontecimento deste não é estatal, mas cotidiano e fragmentado; é essa proliferação no dia a dia, em suas várias formas (destaco a disciplina e a regulação), que serve de sustentáculo para o que Foucault chamou, ao aprofundar a gestão da vida, de ‘governamentalização do Estado’. O poder do Estado, em seu sentido negativo, perde importância em relação aos poderes microfísicos presentes na constituição modular das subjetividades. Não é o Estado, esse ‘monstro frio’, nem a estatização da sociedade, que devemos estar atentos, mas as maneiras de governar implicadas não apenas no corpo individual, mas no corpo múltiplo, na população. Portanto, elemento positivo aplicado e administrado pelo Estado, mas criado pelas relações ínfimas da vida [...]. (CARMO, 2019, p. 235-236).

Essa situação é bastante preocupante, frente a um país ocidental e capitalista como o nosso, que está a envelhecer e que, ainda, conserva uma visão de velhice como peso social, pois a lógica do consumo – com ares de estilo de vida moderna – vem a contribuir para o esvaziamento de sentido da diversidade de condições e de modos de ser presente na velhice, pois o empenho é de invisibilizá-las, que é atingido ao deslocar a velhice para a falsa ideia de jovialidade.

Substantivamente, o foco principal desse estilo de vida moderna são as pessoas idosas mais abastadas, mas, taticamente, as pessoas idosas com baixo poder aquisitivo também são atingidas, posto que essa vitalidade ressoa como força de trabalho. Contudo, para que as pessoas mais velhas sejam cooptadas pelo mercado de trabalho, precisam se reinventar, ou seja, adquirir novos conhecimentos, ter o pleno domínio das novas tecnologias, pois, só assim, estarão em condições de disputar uma vaga de emprego com os demais concorrentes (pessoas adultas e jovens), caso contrário, resta-lhes sobreviver do trabalho informal ou mesmo mendigar auxílio para atender às suas necessidades básicas.

A respeito do trabalho informal na pandemia de Covid-19, a reportagem de Nascimento⁹⁸ (2022) ressalta a pesquisa realizada pelo professor-pesquisador Mário

⁹⁸ Publicada no portal do Jornal O Tempo, em 04 de julho de 2022.

Rodarte, da Faculdade de Economia da UFMG, com dados coletados junto ao IBGE, os quais apontam que, entre 2012 e 2021, as demissões de pessoas acima de 50 anos aumentaram para 166% no Brasil, dado este que difere da média nacional divulgada de 77%. A pesquisa considera a situação de informalidade de pessoas idosas como trágica, já que essa situação advém do fato de não existir outra saída, com destaque para dois aspectos que induzem esse público a buscar o trabalho informal: um deles, por causa da falta de uma política compensatória para a aposentadoria⁹⁹ do/a trabalhador/a (que no momento atual está em quantias baixas) e o outro, em razão da maior exigência do mercado formal devido à redução de vagas, requisitos como: possuir nível de escolaridade mais elevado aliado à experiência com o uso das tecnologias digitais etc.

De igual modo, na reportagem acerca do trabalho informal na pandemia de Covid-19 de Nascimento (2022), é salientado que, com a disparada da inflação de 2021¹⁰⁰, a renda de muitas pessoas idosas aposentadas passou a ser insuficiente para as despesas do mês, sendo preciso voltar ao trabalho, mas, como não existe outra opção, vai para o trabalho informal. Também destaca os dados divulgados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), os quais confirmam o crescimento do número de pessoas idosas nas condições de trabalho informal, sendo que, em 2019, houve um aumento para 83%. Quer dizer, no cenário atual, cerca de um milhão de pessoas com 60 anos ou mais vivem da informalidade para sobreviver, inclusive, esse dado não leva em consideração àqueles/as que atuam sem nenhum amparo legal, como no caso dos motoristas de aplicativos, cujo “[...] contingente da informalidade é tão alto que chega à metade do total de 2,1 milhões de integrantes da terceira idade que trabalham com carteira assinada em nosso país, conforme o Ministério da Economia [...]” (NASCIMENTO, 2022).

Vale lembrar que, esse sistema capitalista, que corrói/aniquila a vida humana, foi escandalizado por Beauvoir (2018), já nos anos 70, ao quebrar o silêncio na época e denunciar as condições desumanas vividas pelos velhos trabalhadores franceses (improdutivos e no fim da vida social), os quais se tornavam os moribundos¹⁰¹ desse sistema

⁹⁹ Rodarte enfatiza que, nos últimos anos, sequer houve uma política de valorização do salário mínimo, que antes era calculada com base no crescimento do PIB do ano anterior e a inflação (NASCIMENTO, 2022).

¹⁰⁰ Dados do IBGE (2022) revelam que a inflação disparou em 2021, com alta de 10,06%, o que representa o maior patamar desde o ano de 2015, o qual foi de 10,67% (FERREIRA, 2023).

¹⁰¹ O tempo de vida era marcado pelas condições de exploração, ao ficarem improdutivo, os velhos trabalhadores franceses sequer tinham a garantia de subsistência, perambulavam pelas ruas, sem um teto para

mutilador, denominado de sistema capitalista. “[...] Os velhos que não constituem qualquer força econômica não têm meios de fazer valer seus direitos: o interesse dos exploradores é o de quebrar a solidariedade entre os trabalhadores e os improdutivos, de maneira que estes últimos não sejam defendidos por ninguém [...]” (BEAUVOIR, 2018, p. 9).

A denúncia de Beauvoir (2018) mostra que essa realidade pouco se alterou no tempo presente, uma vez que cada vez mais o sistema capitalista intensifica a exploração da classe trabalhadora, mantendo a descartabilidade e a desumanização das pessoas, assim como as pessoas idosas são as mais afetadas nesse sistema opressor e degradante.

Frente a essa situação de velhice desumanizadora, Beauvoir (2018) frisa que, só concentrando os esforços no destino dos mais desafortunados é que se consegue abalar uma sociedade, mas, para isso, faz-se imprescindível um grito de despertar da juventude e dos demais trabalhadores para a situação dos mais velhos, em que o engajamento de luta possa trazer um projeto de superação radical do capital e de suas misérias, posto que “[...] não podemos contentar-nos em reivindicar uma ‘política da velhice’ mais generosa, uma elevação das pensões, habitações sadias, lazeres organizados. É todo o sistema que está em jogo, e a reivindicação só pode ser radical: mudar a vida [...]”. (BEAUVOIR, 2018, p. 364).

Buscando refletir acerca das velhices na contemporaneidade, Beauvoir (2018) ressalta que,

[...] a velhice, enquanto destino biológico, é uma realidade que transcende a história, não é menos verdade que este destino é vivido de maneira variável segundo o contexto social; inversamente: o sentido ou o não sentido de que se reveste a velhice no seio de uma sociedade coloca toda essa sociedade em questão, uma vez que, através dela, desvenda-se o sentido ou não sentido de qualquer vida anterior. Para julgar a nossa coletividade, é necessário confrontar soluções que ela escolheu com as que outras adotaram, através do tempo e do espaço. Essa comparação permitirá determinar o que a condição do velho comporta de inelutável, em que medida e a preço poderiam ser amenizadas suas dificuldades e qual é, portanto, a parte de responsabilidade para com o idoso que se pode atribuir ao sistema no qual vivemos [...]. (BEAUVOIR, 2018, p.14).

Portanto, como a velhice não é um “fato estático”, mas “[...] o resultado e prolongamento de um processo [...]” (BEAUVOIR, 2018, p.14) e, como processo, está sujeito à permanente modificação, isto é, pode ser alterado a qualquer tempo, assim, acredita-se que, para que se possa realmente atingir a velhice, é essencial o despertar da consciência de classe.

Isso possibilitou pensar que a necropolítica, essa violência mortífera contra a população idosa no contexto da pandemia de Covid-19, condensa toda uma história de

morar, passavam fome e muitos deles morriam nessas condições.

enfrentamento de tantas opressões, de violências, de descasos, dentre elas, a violência do capital, o preconceito social, a discriminação por sua idade etc., mas também de tantas resistências e combates para conseguir chegar nessa fase da vida.

Sendo que, no vídeo especial a *Paulo Freire 100 anos*, Jason Mafra (2021) enfatiza que “[...] o projeto necropolítico, ele está em todo o sistema, na história da humanidade. Em alguns momentos, ele se torna hegemônico, ou ele se sobrepõe, mas ele jamais é definitivo, porque a pulsão humana é a pulsão da vida. A pulsão humana é a pulsão da esperança [...]” (MAFRA, 2021)

Nesse momento de pandemia, ficou mais que escancarado o quanto a nossa sociedade é preconceituosa e opressora, em que não faltaram discursos e denúncias de repulsa/odiosidade às pessoas mais velhas, cujos termos mais utilizados para esse tipo de discriminação é ageísmo¹⁰², idadismo ou etarismo. Logo, essa discriminação também vem acompanhada de sexismo e racismo, assim como de preconceito aos mais pobres e aos com menos escolaridade, sendo que estes dois últimos preconceitos atingem mais as pessoas idosas da classe trabalhadora, devido à situação de extrema desigualdade socioeconômica e educacional em nosso território brasileiro.

Já no início de 2020, como os cenários globais já se mostravam preocupantes, devido ao aumento de pessoas infectadas e de mortes, e mais o agravamento da situação de (extrema) pobreza, a ONU fez o alerta de que era preciso evitar uma ‘catástrofe’ dos direitos humanos. Frente à catástrofe anunciada, fica evidente o abismo entre a exigência das medidas protetivas no combate à Covid-19 e as reais condições da maioria da população brasileira que sequer possuem as mínimas condições para escapar da doença/morte.

E ainda, no caso das pessoas idosas brasileiras, a pandemia não só trouxe o medo da morte, mas o temor de (sobre)viver em sociedade, frente às práticas de ageísmo, de

¹⁰² Segundo Dadalto, Mascarenhas e Matos (2020, p.2), a palavra ageísmo teve o seu surgimento no século XXI e foi empregada por Robert Neil Butler para definir falas e comportamentos discriminatórios dirigidos às pessoas idosas, em razão da idade. Mas em 2004, o ageísmo foi definido por Erdman Balllagh Palmore como “[...] ‘forte preconceito e discriminação contra pessoas idosas’, afirmando que esse termo forma, junto com o racismo e o sexismo, uma tríade de ‘ismo’ das sociedades ocidentais [...]” (DADALTO; MASCARENHAS; MATOS, 2020, p. 3). Esses autores ressaltam que, no Brasil, o termo ageísmo passa a ser substituído pelo termo idadismo, assim como o termo etarismo que é frequentemente utilizado para o mesmo propósito.

violências e aos riscos de uma política de "limpa-velhos"¹⁰³ do governo federal no período de 2019-2022.

Aliás, com a chegada da pandemia, a prática de ageísmo não só foi evidenciada, como também ampliada por toda sociedade brasileira, basta realçar a postura de Bolsonaro que, mesmo ciente da confirmação de inúmeros casos de contaminação e do gradativo aumento de mortes por Covid-19, ao invés de demonstrar preocupação em preservar a vida de cada cidadã e cidadão, fez-se indiferente ao luto coletivo do povo. Lembrando que nas suas primeiras declarações públicas (e polêmicas), afirmou que a população brasileira não precisava entrar em pânico, pois só iriam morrer pessoas idosas e pessoas com deficiência.

De igual modo, é essencial grifar o compromisso ético com saúde de cada paciente, independentemente do fator etário, assim enfatizado por Dadalto, Mascarenhas e Matos (2020), tendo em vista que o cenário da pandemia de Covid-19 em nosso país acendeu o alerta para possíveis¹⁰⁴ práticas de ageísmo¹⁰⁵. Por este motivo, os autores sinalizam alguns indícios direcionados ao público idoso, são eles: 1) o fato dos médicos desconsiderar a queixa de certas dores de pacientes idosas/os, sem o empenho de investigar a causa ou mesmo encaminhar a médicos que se integram na área da Gerontologia; 2) a evidência de um alto índice de violência contra a pessoa idosa no ambiente hospitalar, pautado na ideia de que ela já viveu o suficiente e que os investimentos destinados para essa parcela da

¹⁰³ Vasculhando a história, Dalsenter (2020) destaca que a pandemia da gripe espanhola, ocorrida em 1918, que assolou o mundo, “[...] guarda algumas similaridades com o atual período de gripe pandêmica do novo coronavírus vivenciada em 2020 [...]” no Brasil, com base em estudos históricos, como de Dalsenter (2020) é enfatizado que, enquanto a gripe espanhola se disseminava no continente europeu, aqui, em nosso país, mais precisamente no Rio de Janeiro (que na época, era capital da República), as primeiras notícias que chegavam sobre a gripe eram ignoradas, tratadas com descaso, recebendo, inclusive, tom irônico ou de pseudocientificidade, retratando um sentimento de imunidade e de total banalização do mal dominante. Vale ressaltar que o Rio de Janeiro era o maior núcleo urbano do país e obteve o número de óbitos mais elevado em razão da gripe espanhola. O clima era desesperador, faltavam remédios, alimentos, leitos e até mesmo caixões. Nessa época, a visão que imperava era de que existia “[...] muito alarde para uma doença corriqueira [...]”, uma mera doença comum. Portanto, como a gripe afetava particularmente o grupo de pessoas com mais idade, ficou popularmente conhecida como ‘limpa-velhos’.

¹⁰⁴ Dadalto, Mascarenhas e Matos (2020, p.5) consideram como possíveis práticas de ageísmo pelo fato de que, apesar da existência de um senso comum de que o ageísmo é uma prática na área da saúde, ainda permanece a dificuldade em comprová-la, uma vez que os profissionais, ao serem questionados, acabam negando as suas posturas discriminatórias em relação aos/às pacientes idosos/as, inclusive, segundo os autores, essa dificuldade se faz presente em inúmeros estudos relacionados ao ageísmo na área da saúde.

¹⁰⁵ Existem duas formas conhecidas de ageísmo na área da saúde: uma delas ocorre pela recusa a certos procedimentos, testes de diagnóstico e tratamentos com base na percepção de que os sintomas advêm do processo natural do envelhecimento; e a outra em relação ao diagnóstico e aos ensaios clínicos, fundada na ideia de que a/o paciente idosa/o não necessita ser diagnosticada/o e sequer precisa ser submetida/o a ensaios clínicos (DADALTO; MASCARENHAS; MATOS, 2020, p. 5).

população não dão qualquer retorno para a sociedade; e 3) que o Estado¹⁰⁶, apesar de cogitar, “[...] não pode adotar um critério etário para alocação de recursos, na medida em que representaria um privilégio para população mais jovem quando, em verdade, o ordenamento jurídico prevê um dever de proteção aos idosos, tidos como população excessivamente vulnerável [...]” (DADALTO; MASCARENHAS; MATOS, 2020, p. 1).

Além disso, Dadalto, Mascarenhas e Matos (2020) reforçam a importância de desmistificar posturas reducionistas e opressoras que tratam as pessoas idosas como doentes, sendo essencial reforçar, tanto na conversa informal como em debates científicos, que,

[...] o processo de adoecimento é próprio da condição de humano e a doença – qualquer que seja ela – é um acontecimento que independe da idade. Há, no envelhecimento, o processo senescência, que não pode ser confundido com o processo patológico do adoecimento. Enquanto o primeiro é orgânico e completamente natural com o transcurso dos anos, o segundo é patológico e deverá, quando possível, ser tratado pelos serviços de saúde [...]. (DADALTO; MASCARENHAS; MATOS, 2020, p. 4).

Segundo o Conselho Regional de Psicologia, da 3ª Região da Bahia (2021),

[...] Essa compreensão reducionista e estigmatizadora da velhice atrelada à ideia de que ‘envelhecer é adoecer’ está impregnada na estrutura social, ideológica e política, assim como na mente das pessoas, de modo que serve como base e parâmetro para todas as ações que concernem às pessoas que estão envelhecendo e, sobretudo, às pessoas idosas. Nesse sentido, é importante destacar que o preconceito de idade é um problema de saúde pública e um importante determinante social da saúde que foi negligenciado por muito tempo. É uma questão de desenvolvimento e direitos humanos, pois tem consequências sobre a saúde física, mental e social das pessoas idosas [...]. (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2021, p.7).

Nesse sentido, compreende-se que o fato de viver mais, isto é, de conseguir experienciar as diferentes etapas/fases da vida¹⁰⁷, nem sempre é sinônimo de viver melhor, ao menos quando se tem o senso de realidade, frente à crítica situação em relação à vida da maioria da população idosa em nosso país.

¹⁰⁶ Devido à omissão do Ministério da Saúde do Brasil e do Conselho Federal de Medicina para a fixação de critérios de alocação de recursos escassos, essa situação ficou a cargo das Associações Médicas, Entidades Bioéticas e Hospitais Privados, as quais decidirem que não seria adotado o critério etário como parâmetro de garantia do acesso à saúde na pandemia de Covid-19, sob pena de prática discriminatória e inconstitucional (DADALTO; MASCARENHAS; MATOS, 2020, p. 1).

¹⁰⁷ Mas, em todas as fases da vida, enfrentou inúmeras violências e preconceitos/estigmas para resistir e existir no tempo presente.

3.2 A VELHICE E A CHEGADA DA PANDEMIA DE COVID-19: APONTAMENTOS DO BRASIL E DO MUNDO

A geração atual, até então, não havia presenciado um vírus¹⁰⁸ assim com alto poder de transmissão e originando tantas mortes em pouquíssimo tempo, como o vírus SARS-CoV-2. Esse vírus espalhou-se por inúmeras partes do mundo, causando um verdadeiro pavor. No entanto, esse acontecimento histórico, considerado como a pandemia que abalou o mundo inteiro, sequer se trata de um episódio inédito¹⁰⁹, uma vez que já incidiram muitas pandemias em outras épocas, entretanto, apesar de não ser uma situação de excepcionalidade na vida da humanidade, há, na pandemia da Covid-19, algo que Morin (2021, p. 21) chama de “novidade radical”.

Morin (2021), considera como uma “novidade radical” porque deu “[...] origem a uma megacrise feita da combinação de crises políticas, econômicas, sociais, ecológicas, nacionais, planetárias, que se sustentam mutuamente com componentes, interações e indeterminações múltiplas e interligadas, ou seja, complexas [...]”. Portanto, “[...] a primeira revolução fulminante dessa crise inédita [...]” é que tudo aquilo que aparentava estar “separado é inseparável” (MORIN, 2021, p. 21).

O autor supracitado (2021), reforça que essa terrível crise, provocada pela pandemia da Covid-19, não pode deixar de ser vista como “[...] um sistema virulento de uma crise mais profunda e geral do grande paradigma do Ocidente, que se tornou mundial: o da modernidade¹¹⁰, nascida no século XVI europeu [...]” (MORIN, 2021, p. 22), paradigma este fundado no princípio de organização do pensamento, da ação, da sociedade, estendendo-se a todos os domínios daquilo que é admitido como humano.

¹⁰⁸ Esse minúsculo vírus, que recebeu o apelidado de “inimigo invisível” e que foi alardeado por não fazer distinção de classe social, cabe frisar que, em um país de extrema desigualdade social – como no caso de nosso país – com um governo de inação, “que odeia pobre”, não há dúvidas de que, dada as condições sociais, quem permanece mais exposto ao vírus (são os mais “vulneráveis”) é a grande parcela da população em situação de pobreza e de extrema pobreza, pois, para ela, não há outra escolha, a não ser morrer de fome ou de Covid-19.

¹⁰⁹ Morin (2021, p.21), hoje com seus 100 (cem) anos de idade, conta que foi vítima indireta da epidemia da gripe espanhola (pandemia essa que ocorreu entre 1918 e 1919) e considera como veracidade, tanto a incidência de muitas pandemias ao longo da história, como a unificação bacteriana global que incidiram desde a conquista das Américas.

¹¹⁰ Vale lembrar que o paradigma da modernidade foi marcado pelo predomínio da racionalidade como forma de explicar o mundo, mas também de ruptura com a religião, em que esta última deixa de ter um papel preponderante na concretização de uma sociedade, sobretudo como sistema de organização social.

[...] Portanto, a modernidade será entendida na relação íntima com o capitalismo e tratada a partir das imagens benjaminianas, como um período ligado aos aspectos concernentes à modernização das forças produtivas e dos valores estéticos, dificultando a fusão das forças materiais e espirituais dos sujeitos, em nossa sociedade. [...] Nesse processo, torna-se essencial a inclusão da dimensão cultural e das sensibilidades para o entendimento da realidade social, no que tange à busca pela superação das tendências instrumentais. [...] (FRANÇA; PAIM, 2018, p. 41).

O pavor dessa pandemia teve início no final do ano de 2019, no instante em que foi noticiado que a China¹¹¹ enfrentava um potente vírus, nomeado de coronavírus, o qual tinha alto poder de contágio e letalidade, principalmente entre as pessoas com mais idade e/ou com doenças crônicas, cujo espectro clínico da infecção era muito amplo, mas com sintomas severos no trato respiratório. Sendo que, em alguns meses, a Europa já despontava para a mesma situação.

Diante desse cenário, a chegada da pandemia no Brasil trouxe uma difícil empreitada para a área da saúde, inclusive, alguns países chegaram a noticiar¹¹² que, devido à falta de leitos em Unidades de Tratamento Intensivo (UTIs), os/as profissionais de saúde “tiveram” que optar por salvar as pessoas mais jovens em detrimento da vida de pessoas mais velhas.

Cabe lembrar que o pico de mortes diárias no mundo só foi anunciado em meados de abril de 2020, sendo que em alguns países o impacto foi ainda mais avassalador, devido à combinação de desigualdade social, densidade populacional e pobreza, como no Brasil, na Índia e no México.

Em alguns países do mundo, a contaminação por Covid-19, em asilos, representou um extermínio¹¹³ em série de pessoas idosas, cujas notícias divulgadas acerca de outros países apontavam a falta de leitos em UTI como principal causa. Um dado relevante para se refletir sobre as pessoas esquecidas e corpos invisibilizados em nossa sociedade (explicitada

¹¹¹ A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 31 de dezembro de 2019, “[...] foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos [...]” (OPAS [s.d].).

¹¹² Dentre as várias notícias sobre a situação de pessoas idosas em relação à pandemia da Covid-19 em outros países, salienta-se duas, uma que denuncia que as pessoas idosas foram abandonadas em asilos (CORONAVÍRUS... 2020a) e outra que na Itália, as vítimas com mais de 80 anos foram deixadas para morrer (CORONAVÍRUS...,2020b).

¹¹³ Alguns países “tiveram” que optar por salvar as pessoas mais jovens em detrimento da vida de pessoas mais velhas, renegadas à própria sorte.

na pandemia), como de pessoas privadas de liberdade no sistema prisional, pessoas com deficiência, idosas, indígenas, moradores de rua etc.

A pandemia trouxe também, em âmbito internacional, os debates sobre sistemas de saúde que pudessem garantir a saúde pública integral, universal e gratuita a toda população. Contudo, os percentuais de gastos públicos destinados à saúde e aos investimentos em recursos humanos, nos diferentes países, não foram equânimes em função de suas direções políticas governamentais e econômicas. Logo, afetou diretamente as condições de atendimento à saúde da população, na proporção de internações, de vidas salvas, nas possibilidades e ritmos de vacinação, entre outros, ou seja, na direção e condução de cada governante no enfrentamento da atual pandemia.

No entanto, diferentemente de outros países, o Brasil conta com o Sistema Único de Saúde – SUS, o qual tem referência internacional, e mostrou na pandemia a sua importância ao buscar garantir a saúde pública de toda população, mas, de modo óbvio, os percentuais de gastos públicos destinados à saúde refletem nos recursos humanos, nas condições do atendimento, na proporção de internações, entre outros.

Aliás, a pandemia de Covid-19 impôs uma série de desafios para todos os países afetados, porém é preciso lembrar que cada país possui suas particularidades no enfrentamento ao vírus, no caso do Brasil, há duas crises: a pandemia do novo coronavírus e a pandemia do governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), o qual sequer manifestou preocupação com a vida dos brasileiros e das brasileiras, o que dirá com a vida de pessoas com mais idade.

Em um de seus perplexos pronunciamentos na pandemia, transmitido em rede nacional, Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) mencionou que:

[...] O vírus chegou. Está sendo enfrentado por nós, e brevemente passará. Nossa vida tem de continuar. Empregos devem ser mantidos, o sustento da família deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. [...]. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que um grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? (“EU...”, 2020).

No discurso acima mencionado, é possível identificar que Bolsonaro sequer demonstrou preocupação com a vida das pessoas idosas, o que dirá em fornecer as condições de estudo para elas. Portanto, o fechamento – de modo emergencial – das escolas visou garantir a preservação da vida de toda comunidade escolar, mas, decorrente dessa

necessidade, incidiu outros obstáculos, afetando a garantia de acesso e permanência aos estudos de inúmeros estudantes. Também, o fato de não poder contar com o espaço físico da sala de aula tornou-se um divisor de águas no que se refere aos percursos e propostas pedagógicas até então adotadas ou não o processo de ensino aprendizagem na EJA, devido à falta de condições financeiras e de familiaridade para o acesso ao ambiente virtual. Entende-se, portanto, que ter o acesso e domínio às mídias digitais, no momento da pandemia de Covid-19, tornou-se (quase) um pré-requisito para alcançar o conhecimento escolarizado.

É importante destacar que, nos pronunciamentos de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), não faltaram práticas de ageísmo, assim como se dedicou em espalhar a desinformação, acarretando sérios prejuízos à sociedade, e mais, ainda culpabilizou/acusou a imprensa por estar provocando pânico e histeria a toda população brasileira. Seu governo, diferentemente dos demais países, sempre esteve na contramão da preservação da vida, inclusive, aproveitava-se da notícia sobre a doença em outros países para descredibilizar a imprensa, sendo que, em um outro pronunciamento irresponsável em cadeia nacional, ele mencionou da seguinte forma a situação da pandemia na Itália:

[...] Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país, disse Bolsonaro (BRITO, 2020, n.p.).

Assim, é preciso reforçar que toda vida tem importância, independente do fator etário, do povo ou de qualquer outra categoria/condição, e que todo ato que venha a atentar, desconsiderar e/ou descaracterizar na existência da vida humana deve(ria) ser motivo de repúdio e punição em nossa sociedade dita democrática.

Quando “escolhas”, “fatalidades” ou “privilégios” passam a ser naturalizadas por meio de discursos e ações, na concretude da vida em todo planeta, cabem os questionamentos: que vida é salva em meio a uma escolha de uma pessoa jovem e outra de mais idade? Em nosso país, há ou não diferença entre cuidado com a saúde de pobres e ricos?

Sem dúvida, a atual pandemia tornou-se uma ameaça para a humanidade, cujo momento vivido acabou escancarando todas as desigualdades sociais e mundiais, forçando

os governos nacionais¹¹⁴ a terem que lidar com uma forma de agir marcada pela ausência (e insuficiência) de comprovações científicas, mas pela urgência de decretar medidas¹¹⁵ drásticas para buscar reduzir a velocidade de contaminação e a taxa de letalidade por Covid-19, em que, nesses esforços, ganha importância as orientações da Organização Mundial da Saúde – OMS.

Assim dizendo, o vírus da Covid-19 fez com que o mundo ficasse em quarentena. Contudo, cabe esclarecer que, tecnicamente, a quarentena em nosso país sequer chegou ao estágio de medidas de maior rigor, como as adotadas na Itália, China, França e Espanha, onde as indústrias e o comércio foram totalmente fechados e as pessoas foram privadas de sair às ruas, exceto por estrita necessidade (BARIFOUSE, 2020).

No relatório técnico e sumário executivo compilado no livro *A gestão de riscos e governança na pandemia por Covid-19 no Brasil*, é destacada a importância de compreender o Covid-19 como um “desastre”, especialmente por apresentar a combinação de quatro elementos importantes, quais sejam: 1) por ser uma ameaça; 2) por exposição mundial sem que a maioria das pessoas tenha imunidade; 3) devido às condições de vulnerabilidade de determinados grupos sociais: idosos, doenças crônicas ou precariedade das condições de vida e proteção social, principalmente os mais pobres; e 4) frente às capacidades para respostas para redução dos riscos e danos à saúde da população, que envolve infraestrutura de saúde (CEPEDES/ ENSP, 2020, p. 15-16). Assim, um grupo de medidas passaram a ser adotadas pelas Unidades Federativas - UFs, a saber

[...] No grupo de “medidas gerais” foram definidas 7 categorias: cada uma com diferentes quantitativos de medidas específicas adotadas pelas UFs, [...] em termos percentuais [...], as medidas voltadas para o distanciamento social (57%) e controle e limite de fronteiras (5%), junto com as de higiene coletiva (11%), totalizam 73%, com foco na redução da exposição e do contato entre pessoas. Medidas de coordenação (14%) também tiveram papel importante. Outras medidas envolveram controle de produtos no mercado (6%), informação e comunicação (4%) e segurança pública (3%) (CEPEDES/ ENSP, 2020, p. 22).

¹¹⁴ A pandemia de Covid-19, que atingiu o mundo, foi definida como crise sanitária, ou melhor dizendo uma catástrofe humana, já que, em pouco tempo, o vírus dominava boa parte do planeta – devido ao seu alto poder de transmissão/contaminação e de letalidade –, havendo, assim, a extrema urgência de pensar e elaborar orientações/recomendações e ações para o combate a esse potente vírus em nível global, com destaques para a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial da Saúde (OMS).

¹¹⁵ Na Lei 13.979, publicada em 6 de fevereiro de 2020, consta as medidas que foram aplicadas para combater a epidemia do coronavírus no Brasil, dentre elas, o isolamento e a quarentena. Contudo, no Brasil, a quarentena literalmente não foi efetivada como em outros países, o que resultou em um número exorbitante de contaminações e mortes pela Covid-19.

Conforme os dados acima mencionados, o distanciamento social em nosso país recebeu maior atenção (totalizando 57%), em razão de ser considerada a principal estratégia para conseguir achatar a curva¹¹⁶ da pandemia. Contudo, diante de tantas realidades profissionais diferenciadas, o distanciamento social tornou-se inexecutável, pois enquanto alguns tiveram as devidas condições para ficar em casa, muitos sequer tiveram essa possibilidade, já que precisavam sair para trabalhar, estando totalmente expostos à contaminação (ao fazer parte da linha de frente da Covid-19) em serviços e atividades essenciais, inclui-se aqui, também, aqueles/as que sofrem “[...] com a ausência de trabalho e renda, infraestrutura urbana e habitações adequadas, transporte público e acesso aos serviços [...]” (CEPEDES/ENSP, 2020, p. 8) essenciais.

Em relação aos serviços essenciais na pandemia, estes encontravam-se previstos no Decreto nº 10.282¹¹⁷, de 20 de março de 2020, e no Decreto nº 10.329¹¹⁸, de 28 de abril de 2020, contudo, ambos foram revogados pelo Decreto nº 11.077, de 20 de maio de 2022.

Cabe ressaltar que as pessoas idosas, no momento definido como quarentena no Brasil, instituída para garantir o isolamento social¹¹⁹, o cuidado se reatualiza como controle, em narrativas do tipo “velhinho saindo de casa”; como anulação, em narrativas do tipo “velhinho teimoso”; como opressão, em narrativas “por causa desses velhos tenho que ficar

¹¹⁶ Essa expressão parece ter sido criada para o momento do novo coronavírus, mas se engana quem pensa assim, sua utilização era apenas mais restrita, de uso dos epidemiologistas, os quais são chamados de detetives da comunidade científica. Para eles, uma curva epidêmica representa a progressão de um surto, em que reflete o número de pessoas que ficam doentes por um período determinado. Desse modo, uma curva muito acentuada significa que uma grande amostra de indivíduos está sendo diagnosticada na mesma época. E uma curva mais plana, por outro lado, sugere que o número de casos de uma doença específica, como a Covid-19, está se propagando com menos força e por um período maior, sem picos.

¹¹⁷ No Decreto nº 10.282 são considerados essenciais os serviços médicos e hospitalares, de segurança, de assistência social e atendimento à população em estado de vulnerabilidade, serviços funerários, diversas outras atividades, contudo, esse Decreto sofreu alteração e revogação em alguns de seus dispositivos pelo Decreto de nº 10.329 e, posteriormente, ambos os Decretos foram totalmente revogados pelo Decreto nº 11.077 de 2022.

¹¹⁸ No Decreto nº 10.329, foi acrescido um rol de atividades essenciais, dentre elas: atividades de produção, distribuição, comercialização, manutenção, reposição, assistência técnica, monitoramento e inspeção de equipamentos de infraestrutura, instalações, máquinas e equipamentos, em geral, incluídos elevadores, escadas rolantes e equipamentos de refrigeração e climatização; entre outras, entretanto, esse Decreto foi revogado pelo Decreto nº 11.077 de 2022.

¹¹⁹ Um dado que não pode deixar de ser enfatizado é que, no período do isolamento social, não faltaram denúncias de casos de violências contra as mulheres e pessoas idosas, ocasionadas dentro das suas próprias residências e por familiares ou cuidadores/as, mas também em casas de repouso. Além disso, o pouco convívio físico/presencial com familiares (amigos, conhecidos, vizinhas etc.) e com atividades diárias mais restritas deixaram as pessoas de mais idade mais propensas a desencadear problemas psicológicos, dentre eles, a depressão e até mesmo chegando ao suicídio.

em casa”; genocídio, no discurso¹²⁰ do presidente Jair Bolsonaro ao dizer que “não existe motivo para pânico porque, segundo acreditava, iriam morrer apenas idosos e pessoas com deficiência”; e, de descartabilidade humana, na visão de empresários, “só vão morrer velhinhos doentes, ninguém será dispensado, pois a economia não pode parar”.

Aliás, esse controle perante às pessoas idosas teve maior ocorrência logo após ter sido divulgado que eram pertencentes ao grupo de risco para Covid-19, cuja constatação contou com dados de outros países, como China e Itália, os quais foram suficientes para que os/as médicos/as e pesquisadores/as pudessem chegar a essa comprovação.

Entre tantos dados da pandemia, no Brasil, foi identificada

[...] a primeira contaminação pelo novo coronavírus no final de fevereiro de 2020, enquanto a Europa já registrava centenas de casos de Covid-19. A declaração de transmissão comunitária no país veio em março, mês em que também foi registrada a primeira morte pela doença [...] (PRIMEIRO..., 2021).

A preocupação de especialistas da área da saúde para com a Covid-19 pode ser sintetizada na expressão “achatar a curva”, pois a maior preocupação era em espalhar o número de casos ao longo do tempo para evitar os picos logo no início da pandemia, no território brasileiro, uma vez que, segundo estudos científicos, era a única forma de impedir a sobrecarga dos serviços de saúde e reduzir o número de mortes, posto que um surto acarretaria um colapso no Sistema Único de Saúde - SUS.

Logo que o vírus foi confirmado no Brasil, iniciaram as campanhas e programas voltados ao combate da Covid-19, porém não demorou muito para a situação ficar caótica, de modo que é inadmissível pensar na situação vivida, como um novo normal, haja vista que essa mortandade sem controle foi decorrente da ausência de uma condução nacional unificada e coerente de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), o qual sacrificou a vida da nação para salvar a economia (dos abastados), pois é preciso reforçar que o auxílio emergencial só foi concedido à população dos estratos de renda mais baixos, devido à pressão da mídia, da sociedade e de autoridades mundiais.

Cabe destacar que, negar e negligenciar a pandemia em prol do setor econômico do país foi a postura adotada por Bolsonaro, em que a maior tragédia sanitária da história brasileira virou uma macabra estatística com a ilusão de “voltar ao normal”, quando não há mais como acobertar que o Brasil viveu um cenário pandêmico de banalização da morte,

¹²⁰ No portal Notícia, a entrevista com Mirian Goldenberg: *Lutar contra a velhofobia é lutar pela nossa própria velhice*, faz destaque a essa situação (DULCE, 2020).

assim destacado por Claudio Bertolli Filho, professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Na reportagem realizada com o professor Claudio, ele menciona que:

[...] isso é decorrente de uma dimensão política — a maneira como o governo federal conduziu e conduz a situação —, de uma aceitação social — o discurso de que ‘demos azar’ ou de que quem tem comorbidades iria ‘acabar morrendo mesmo’ —, e por fim, de aspectos culturais [...] (VEIGA, 2020).

Quer dizer, não só a pandemia, esse tal ‘inimigo invisível’, representa uma ameaça perante à vida, mas, principalmente, as próprias condições sociais provocadas pelo capitalismo, esse inimigo visível que intervém nas relações sociais e corrói e aniquila a vida humana, o qual se perfaz na agenda reacionária e na irresponsabilidade do governo Bolsonaro, pois não houve sequer esforço para respeitar as próprias medidas protetivas demandas da nação (LAFFIN, MACHADO; MARTINS, 2021).

Sendo importante (re)lembrar que, durante a pandemia, perdurou o constante duelo entre os “achismos¹²¹” e a ciência, contudo, esta última mostrou a sua importância e preponderância a toda população brasileira. Aliás, o Brasil foi na contramão de outros países, posto que o negacionismo¹²² ganhou proporções alarmantes, sendo considerada a era da desinformação, mas também do autoritarismo, do discurso de ódio e de ameaça à democracia.

Aliás, o negacionismo foi ganhando corpo em nosso país, na imagem do próprio presidente Bolsonaro (2019-2022), posto que o seu empenho sempre foi o de

¹²¹ Sobre achismos, nesse período de crise sanitária, destacam-se a intensificação de *Fake News*, ou seja, notícias falsas em plataformas digitais com maior propagação nas redes sociais e serviços de mensagem, dentre eles: *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp* e *Telegram*. Como forma de combater essa prática, o Projeto Lei 2.630/2020 cria a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet, com normas para redes sociais e serviços de mensagem (SENADO..., 2020). Atrelado a isso, considera-se os mitos divulgados pelo Presidente da República, como o fato de igualar a pandemia com uma gripezinha, ou mesmo o seu culto à cloroquina como forma de cura para doenças, entre outras.

¹²² “[...] Os negacionismos (neonazismo, criacionismo, terraplanismo, entre outros) podem ser motivados por interesses diversos e os grupos de negacionistas são distintos entre si, mas têm características em comum, como o oportunismo político e a incoerência, destaca Yuriy Castelfranchi, professor do departamento de sociologia e antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Fafich da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) [...]” (RATHSAM, 2021, n.p.). Inclusive, em plena pandemia da Covid-19, o mundo enfrentou os males do negacionismo e do autoritarismo, assim como o presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), na época (e ainda hoje), buscou seguir o estilo de Donald Trump, o qual foi presidente dos Estados Unidos, até 20 de janeiro de 2021.

[...] boicote às medidas preventivas, na subnotificação dos dados epidemiológicos, na omissão de traçar estratégias nacionais de saúde, no incentivo a tratamentos terapêuticos¹²³ sem validação científica e na tentativa de desacreditar a vacina, entre outros exemplos [...] (RATHSAM, 2021, n. p.).

Vale ressaltar que a pesquisa intitulada *Covid-19 em Santa Catarina: estudo sobre níveis de conhecimento, padrões de comportamento social e impactos na vida social e econômica*, realizada pelos professores dos departamentos de Sociologia e Ciência Política e de Saúde Pública da UFSC (agosto de 2020), apontou que as pessoas com idade igual ou superior a 65 anos compõem o grupo etário que considerou os menores riscos da pandemia de Covid-19, bem como possuíram menor comprometimento frente às políticas de isolamento social adotadas em Santa Catarina. Entretanto, essa coleta de dados ocorreu via *internet* e por aplicativos de redes sociais, ou seja, possivelmente não abarcou pessoas idosas não alfabetizadas ou com pouco estudo e nem mesmo àquelas que não possuem o acesso e pouca (ou nenhuma) familiaridade com a *internet*.

Portanto, pairava nesse tempo histórico de pandemia, uma “[...] onda ameaçadora de irracionalismo [...] sobre nós: forma ou distorção patológica da consciência ingênua, perigosa ao extremo por causa da falta de amor que a alimenta, por causa da mística que a anima [...]” (FREIRE, 1979, p. 10).

Diariamente, por vinte e quatro horas, houve um bombardeio de informações¹²⁴ oriundas dos mais diversos canais de comunicação, no entanto, nem todas as informações são verdadeiras e até mesmo contestadas, mas, dentre elas, há notícias falsas, as *fakes news*¹²⁵, que representam um desserviço a qualquer sociedade, haja vista que a disseminação

¹²³ No início da pandemia de Covid-19, vários países tiveram a experiência com o uso da cloroquina e da hidroxicloroquina, mas, após pesquisas revelarem a sua ineficácia para a doença Covid-19, essa procura cessou. Contudo, aqui no Brasil, o presidente Jair Bolsonaro permaneceu por todo ano de 2020 em sua defesa da cloroquina e da hidroxicloroquina, do que ele denominou de "tratamento precoce", mesmo com declarações de que não existia um medicamento "certo" para tratar a covid-19 e de comprovações dos graves efeitos colaterais graves decorrentes do uso contínuo dessa medicação (IDOETA, 2021). Essas drogas foram investigadas na CPI da Covid, sendo que o Tribunal de Contas da União - TCU foi quem apontou, na época, que havia indícios de esquema de corrupção da cloroquina no Brasil, envolvendo até mesmo o exército (FORTES, 2022).

¹²⁴ Na pesquisa realizada por Galhardi *et al.* (2020, p. 4202), o *WhatsApp* que é o aplicativo mais popular no nosso país, foi considerado —[...] o principal canal de compartilhamento de *fake news*, seguido do Instagram e do Facebook, inclusive esses autores concluem que as notícias falsas acabam por trazer um descrédito da ciência e das instituições globais de saúde (GALHARDI *et al.*, 2020, p. 4208). Como forma de combater essa prática, o Projeto Lei 2.630/2020 cria a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet, com normas para redes sociais e serviços de mensagem (BRASIL, 2020).

¹²⁵ A *fake new* “[...] popularizou-se mundialmente durante a cobertura jornalística da eleição presidencial de 2016, nos Estados Unidos [...]” (GALHARDI *et al.*, 2020, p.4203), cuja repercussão, ao menos em território brasileiro, deve-se ao aumento da popularização do uso da *internet* no século XXI. Contudo, embora seja um fenômeno antigo, ela permanece bastante potente, pois, na atualidade, a incidência alcançou a escala industrial, inclusive sendo adotada pela maioria dos políticos, os quais criam notícias falsas precisamente para denegrir a imagem de seus adversários. Essa tal dinâmica de adesão e desafeição na política perfez-se na

de mentiras, além de contribuir para a desinformação, deseducação da população, leva notícias fraudulentas que colocam vidas em risco.

Nesse período de pandemia, as *fakes news* competem com a ciência pela atenção do público, inclusive, apropriando-se de dados de renomadas pesquisas veiculadas em rigorosas revistas científicas do mundo, cujas motivações são as mais variadas, abarcando desde a mais pura ingenuidade até os mais variados interesses políticos e financeiros.

Cabe lembrar que, em 21 de abril de 2021, já contabilizavam 378 mil mortes (em que boa parte dos óbitos foram de pessoas idosas) no Brasil, ocasionadas pelo coronavírus e suas variantes. Esse aumento progressivo mostrava a urgência de vacinação em massa da população, contudo, o governo brasileiro demorou para realizar a compra de vacinas e dos testes rápidos da Covid-19.

De acordo com os dados mais recentes, divulgados em 12 de outubro de 2022, no Portal Transparência Registro Civil¹²⁶, foi possível exibir um panorama das mortes de pessoas idosas brasileiras de 60 anos ou mais de idades em nosso país, abarcando o período de 16 de março de 2020 a 12 de outubro de 2022:

Tabela 2 - Panorama de mortes por Covid-19 de pessoas idosas no Brasil (período de 16 de março de 2020 a 12 de outubro de 2022)

Faixa Etária	Pessoas de 60 a 69 anos	Pessoas de 70 a 79 anos	Pessoas de 80 a 89 anos	Pessoas de 90 a 99 anos	>100 anos
Nº de Óbitos	Feminino: 61.636 Masculino:82.638 Ignorados:20	Feminino:69.258 Masculino:90.956 Ignorados:31	Feminino:59.559 Masculino:66.517 Ignorados:26	Feminino:28.144 Masculino: 22.337 Ignorados:9	Feminino: 2.319 Masculino: 1.313 Ignorados:0
TOTAL	144.294 óbitos	160.245 óbitos	126.102 óbitos	50.490 óbitos	3.632 óbitos

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Portal Transparência do Registro Civil - CRC Nacional (2022)

Vale destacar que os dados acima apresentados não são simplesmente uma representação de “algo” em números, visto que se trata de mulheres e homens idosos (e de outras faixas etárias) que poderiam estar vivos se as suas mortes não tivessem sido antecipadas pela falta de vacinas, UTI, oxigênio etc., sujeitos que morreram pela irresponsabilidade e descaso do governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

eleição de Brexit e na campanha de Trump, na campanha de Bolsonaro, dentre outros (PETERS, 2017).

¹²⁶ Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/painel-registral/especial-covid>.

De modo geral, é possível apontar os três maiores erros cometidos pelo atual governo em relação à vacinação, a saber: a) o fato de não efetivar a compra de vacinas no ano de 2020; b) frente à escassez de vacinas, houve falta de definição sobre quem deveria ser vacinado antes; e c) faltou treinamento e orientação às equipes que administram a vacina, havendo desperdício de doses, ao definirem como critério, a prioridade de vacinação por idade (no escalonamento por faixa etária).

Portanto, como o governo federal hesitou em negociar a compra antecipada de imunizantes, foi preciso que os institutos de pesquisa, Fiocruz e Butantan, tomassem essa iniciativa. Assim, a Fiocruz deu início às tratativas para comprar a Oxford-AstraZeneca, enquanto o Butantan negociou com a chinesa Sinovac a transferência de tecnologia para produzir a CoronaVac, após os acordados com as fabricantes estrangeiras e ambos os institutos apresentaram as propostas ao governo federal (PASSARINHO, 2021).

No dia 1º de janeiro de 2021, o país computou a distribuição de apenas 12 milhões de doses, o suficiente para atender a 6 milhões de pessoas, isto é, correspondia a menos de 3% da população brasileira. Diversas cidades, como Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador, Cuiabá e Curitiba, chegaram a suspender a vacinação por causa da falta de doses. Sendo que, após a autorização do uso emergencial pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), a primeira pessoa a ser vacinada contra a Covid-19, no Brasil, foi a enfermeira Mônica Calazans¹²⁷, de 54 anos, a qual recebeu o imunizante Coronavac desenvolvido em nosso país pelo Instituto Butantan, no Hospital das Clínicas de São Paulo (BADDINI; FERNANDES, 2021).

Outro dado que precisa ser evidenciado diz respeito à conduta do atual ministro da Economia do Brasil, Paulo Guedes que, mesmo sendo uma pessoa idosa, sequer se preocupa com a vida daqueles/as que viveram mais em nosso país, pelo contrário, pensa até que estão vivendo demais, pois, em sua lógica desumana, a preocupação e prioridade vão ser sempre relacionadas ao lucro, doa a quem doer.

Cabe lembrar que as caixas de aposentadorias foram uma grande conquista do/a trabalhador/a, ante uma velhice desassistida. Uma conquista que o capital vem se empenhando em banir, conforme as evidências a seguir mencionadas:

¹²⁷ Mulher negra, moradora de Itaquera, na zona Leste da capital paulista, trabalha no hospital Emílio Ribas, o qual é referência no tratamento de Covid-19 no país. A enfermeira possui um perfil de alto risco para complicações da Covid-19: é obesa, hipertensa e diabética, porém, mesmo quando a pandemia atingiu alguns de seus maiores picos, ela escolheu trabalhar, estando ciente de que a unidade estaria no epicentro do combate à pandemia (BADDINI; FERNANDES, 2021).

[...] O desmonte da Seguridade Social revela que as reformas da previdência em curso desde a década de 1990, atendem aos interesses do capital garantindo ao capital fictício perenidade, por meio do pagamento dos juros da dívida pública. Independentemente das necessidades e demandas da classe trabalhadora, a reforma da previdência vem se tornando um fato perverso, dificultando cada vez mais o acesso do trabalhador a esse direito historicamente conquistado [...]. (PINHOLATO, 2013, p.128).

O discurso adotado era de que o pagamento de aposentadorias, pensões e benefícios tornou-se um peso aos cofres públicos, servindo de justificativa para a Reforma da Previdência Social e a retirada/redução dos direitos trabalhistas, tudo em nome de “equilibrar as contas públicas”. Na Emenda Constitucional nº 103, de 12 de novembro de 2019, dentre as alterações, estão as novas regras da aposentadoria em que é estendido o tempo de contribuição, ou seja, 62 anos de idade para mulher e 65 anos de idade para o homem.

Essa alteração desconsiderava as graves desigualdades sociais de nosso país. Na concepção de Neri (1995), “envelhecer bem” está vinculado com as oportunidades do indivíduo durante todo o seu curso de vida, quer dizer, ao usufruir das condições adequadas de educação, urbanização, saúde, moradia e trabalho. Portanto, a falta de oportunidades no decorrer da vida das pessoas faz com que a velhice tenha sabor de amargura e de insegurança.

As desigualdades sociais que se mantêm em nossa sociedade capitalista, que são oriundas da divisão de classes, que, grosso modo, é formada por uma restrita minoria de abastados e uma avassaladora maioria de empobrecidos, no momento de pandemia, mostraram-se ainda mais acirradas, sobretudo para as pessoas de baixa renda.

A pandemia¹²⁸ mostrou, da pior maneira, que vidas importam, que cada vida é única e que o convívio social precisa ser mais de aproximações do que de distanciamentos, de modo que cada pessoa sinta o pulsar da sua existência, que cada velhice esteja encharcada de estar consigo, com os/as outros/as e com o mundo, que as sociedades tradicionais sirvam de inspiração para a modernidade ocidental com vistas a uma vida plena

¹²⁸ É essencial frisar que na data de 5 de maio de 2023, a OMS anunciou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – ESPII frente à pandemia da Covid-19. E que, a pandemia deixou um rastro de destruição de vidas e de famílias, com pelo menos sete milhões de pessoas como vítimas fatais do vírus na escala mundial. Portanto, a declaração da entidade foi encarada como um fim meramente simbólico (OPAS-OMS, 2023).

e substanciada, o que se pode chamar de globalidade¹²⁹ (VIVERET, 2013) e não de globalização¹³⁰ (FREIRE, 2002a; MORIN e VIVERET, 2013). Para Viveret (2013),

[...] o melhor das sociedades tradicionais é algo que bem conhecemos e se situa precisamente em três relações fundamentais que a modernidade ocidental em grande medida perdeu: a relação com a natureza, a relação com os sentidos e a relação com o vínculo social. O pior dessas sociedades é a expressão desse vínculo sob a forma de dependência, quando a proibição de tocar na natureza pode estender-se a proibição dos cuidados, quando a relação com o vínculo social também é controle social – fora da tribo, fora do clã, fora da comunidade, não há salvação – e quando a relação com o sentido é ao mesmo tempo uma relação excludente ao sentido dos outros [...]. (VIVERET, 2013, p.45).

Frente a essa conjuntura histórica vivida na pandemia de Covid-19, com tantas vidas perdidas, com tanta ganância e miséria, com vidas cada vez mais descartáveis, sob a ótica do capital e mais inviabilizadas para a sociedade, em que se vive dialeticamente as contradições do real, pois a tomada de consciência de classe e do valor da vida humana de alguns não é suficiente para banir a falta de consciência de classe e as condições de desumanização vividas e sentidas na sociedade brasileira, sendo que essa luta por um mundo e um país humanamente melhor exige mudança, para a qual Viveret (2013) traz contribuições ao mencionar que, é preciso:

[...] uma tripla mudança de postura em nossa relação com a riqueza, com o poder e, também, com o sentido. A ‘pornocracia’, essa espécie de força superior e potencialmente despótica, pode dar lugar a uma relação com o mistério, que abra permanentemente para o possível e para a relação com o próximo, [...] um momento em que o outro exista plenamente e no qual não seja apenas tolerado, no qual a existência do outro, de sua diferença, de sua singularidade me seja necessária. Essa mudança de postura diz respeito a nossa relação com a própria vida. Trata-se de sair da dupla excitação/depressão, que é uma dupla infernal tanto do ponto de vista pessoal como social – a excitação induz à depressão e, para sair da depressão, é preciso uma nova excitação –, para ir em direção a uma outra dupla: intensidade/serenidade, sentir-se intensamente vivo, estar em uma qualidade de presença, na qual a serenidade é então possível. É o que caracteriza a alegria de viver. E a alegria de viver vem a ser, então, uma questão plenamente

¹²⁹ Segundo Viveret (2013, p. 51-52), a globalidade “[...] levanta a questão da autogovernança da espécie humana, de sua capacidade de construir uma governança que permita a toda a humanidade viver junto. Trata-se naturalmente de uma questão determinante. Até agora, não houve uma autêntica globalidade, o que se costuma designar como globalização não passava da globalização do capitalismo financeiro que, sob muitos aspectos, impedia que fossem enfrentadas as grandes questões mundiais, especialmente as questões do ar, da água e da energia. Essa defasagem entre uma globalização redutora e uma autêntica globalidade é um dos problemas da mudança de área. Também devemos levar em consideração o surgimento de novos territórios virtuais [...]”.

¹³⁰ Segundo Viveret (2013, p. 51), a palavra globalização é genericamente aplicada a fenômeno específico direcionado à mundialização financeira. Para Freire (2002, p.144), “[...] o discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo, mesmo que modificada, da medonha malvadez com que o capitalismo aparece na História. [...] O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca [...]”.

política: precisamos nos ajudar mutuamente, porque viver a humanidade é um ofício, no sentido forte e pleno da palavra, como ‘mistério misterioso’. Existe uma articulação entre as questões da transformação pessoal e da transformação social, e é preciso deixar de colocá-las uma contra a outra. Precisamos trabalhar esses dois polos, a humanidade só pode ter êxito frente aos desafios colossais e evitar o descarrilamento na medida em que for capaz de fazer esse trabalho sobre si mesma; valer-se desses desafios como oportunidade de uma revelação, de um salto em sua qualidade de ser, em sua qualidade de consciência. O desafio é de fato ‘crescer em humanidade’. (VIVERET, 2013, 24).

Entende-se que, para ‘crescer humanamente’, há em potência a educação que “[...] é uma resposta da finitude da infinitude [...]” (FREIRE, p.14, 1979), pois o ser humano tem em sua vocação ontológica¹³¹: o ser mais, posto que sabe da sua incompletude, do seu inacabamento e da sua inconclusão, por isso, se educa. “[...] Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem [/a mulher]. O homem [/a mulher] deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém [...]” (FREIRE, 1979, p.14).

Pensar, nesta tese, na incompletude, no inacabamento e na inconclusão das pessoas, particularmente das idosas, em suas histórias de vida, remete-nos a buscar compreender o conceito de experiência, o que é apresentado na sequência, com as contribuições de Benjamin (1987a, 1987b, 1987c, 1994), Thompson (1981) e Freire (1989, 1992, 2002a, 2002b).

¹³¹ “[...] Freire enfatizava que o ser humano, em sua vocação ontológica, necessariamente precisa participar ativamente e intervir junto ao mundo, entretanto, para que isso ocorra, é imprescindível que ele consiga assumir a sua posição em relação a si, aos outros e com o mundo (FREIRE, 1997, p. 59-60) [...]” (LAFFIN, MACHADO, MARTINS, 2021, p. 202).

4 CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM WALTER BENJAMIN, PAULO FREIRE E EDWARD THOMPSON

Trazendo a reflexão acerca do conceito de experiência para esta investigação, recorreremos aos aportes teóricos de Walter Benjamin (1997a, 1987b, 1987c, 1995), Edward John Thompson (1981) e Paulo Freire (1989, 1992, 2002a, 2002b), os quais são apresentados na sequência.

4.1 CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM WALTER BENJAMIN

Walter Benjamin, um crítico extremamente sensível e sábio do século XX, anteviu de forma clara e impactante a destruição do “progresso” para a humanidade, ao delatar o empobrecimento da experiência. Inclusive, a experiência é o conceito central da filosofia benjaminiana, estando presente desde os textos juvenis¹³² até os escritos mais densos e complexos.

Importa ressaltar que Benjamin,

[...] produziu um estudo decisivo no qual a linguagem não pode ser considerada como mero instrumento de elaboração dos dados da realidade nem como simples abstração, mas é pensada como campo no qual emerge uma intrincada rede de relações entre conhecimento e experiência [...] (PIRES, 2014, p. 823).

Os grandes traços formulados de uma teoria da experiência estão explicitados nas obras da década de 1930, notadamente nas obras *O narrador* (1994b) e *Experiência e Pobreza* (1994a), momento esse em que Benjamin apresenta duas categorias distintas acerca da experiência ao fazer o alerta para a descaracterização dos principais fundamentos humanos (fundamentos ontológicos do ser social), que são perdidos ou esquecidos pelo indivíduo moderno.

As categorias essenciais, a experiência (*Erfahrung*) e a vivência (*Erlebnis*), foram pensadas para serem colocadas em oposição. Portanto, para esta tese, optou-se por, primeiramente, apresentar a categoria experiência e, mais adiante, ao tratar da modernidade, a categoria vivência.

¹³²Foi no escrito, em 1913, que *Erfahrung* (termo experiência) foi utilizado pelo autor para “[...] contestar o desinteresse dos entusiasmos juvenis em nome da experiência dos adultos, às teses de 1940 [...]” (PIRES, 2014, p. 823). Ou seja, Benjamin buscou ressignificar a palavra *Erfahrung*, que foi adequada pelos adultos conservadores e desmistificar o sentido de *jugendstil* (estilo de juventude), cujos termos serviam de estratégia da cultura elitizada, tendo em vista que só eram permitidas adequações se fosse conveniente ao sistema.

Na obra *Experiência e Pobreza*, Benjamin (1987a) inicia a sua narrativa com uma parábola¹³³, que, em síntese, trata de um velho que, na iminência de sua morte, revela aos seus filhos a herança que deixava: “[...] a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos [...]” (BENJAMIN, 1987a). Porém, precisou chegar o outono para que os filhos conseguissem descobrir que o tesouro se referia à tradição como fonte inesgotável de saber, tendo a memória enquanto construção e transmissão desse saber.

Esse tesouro, sempre comunicado pelos mais velhos aos mais novos, cujas “[...] palavras tão duráveis [...] transmitidas como um anel, de geração em geração [...]” (BENJAMIN, 1987a), revela a importância do elo entre o presente e o passado, cujo rito de passagem do saber de uma geração para outra é baseado no prisma das relações de alteridade e de responsabilidade.

De modo que, para manter viva a tradição, é essencial saber escutar (na compreensão do que Freire considerou como uma “escuta atenta”), para garantir a retomada de continuidade de transmissão da palavra, pois, só assim, as próximas gerações poderão se apropriar do conhecimento herdado.

Logo, a tradição oral refere-se à transmissão de material cultural consolidado na linguagem oral, cujo conhecimento, acumulado e transmitido fluentemente, mantém os laços coesos e suas histórias em constante movimento. Esse intercâmbio de experiências que é comunicada de pessoa a pessoa se mantém em potência em nossa sociedade atual, na resistência da tradição oral de povos africanos, indígenas etc.

Além disso,

[...] Walter Benjamin [...] constrói uma conciliação entre ‘verdade’ e ‘beleza’, indissociáveis na experiência que torna possível o conhecimento ontológico. A busca da verdade não admite uma primazia da ‘razão’ sobre a ‘sensível’, do ‘universal’ sobre o ‘singular’, do ‘conceito’ sobre a ‘ideia’ e do ‘ser’ sobre a ‘história’, mas, ao contrário, se constitui a partir de uma dialética entre os opostos que emergem da experiência do singular presente na história [...]. (LOBATO, 2011, p.111).

E, nesse fazer histórico de experiência, um corpo jamais será compreendido em seu sentido *stricto*, pois é possuído de afetos, o que significa dizer que porta, em si, a

¹³³ Toda parábola é elaborada com base nos elementos (eventos e fatos) da vida cotidiana, tendo sempre o propósito de transmitir um sentido sábio.

subjetividade histórica em sua memória individual e coletiva. Portanto, mesmo após a morte, se mantém em presença (de espírito que passa pelo corpo) por comunicar a palavra (experiência concretizada) para as próximas gerações.

É fundamental frisar que, na perspectiva benjaminiana:

[...] Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja num momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso [...]. Em cada época é preciso arrancar a tradição do conformismo, que quer apoderar-se dela [...] [pois] o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer [...]. (BENJAMIN, 1987c, p. 224-225).

Grosso modo, a defesa de experiência, defendida por Benjamin (1987a), colocou em contraponto a experiência elaborada por Immanuel Kant (um dos pensadores do iluminismo), pois, de acordo com o autor, no pensamento kantiano, as condições de possibilidade do conhecimento (experiência) não viabiliza a verificação de “verdade” do conhecimento produzido em outros campos da experiência não científicos, conferindo, assim, “[...] um reducionismo das condições de possibilidade de fazer experiência [...]” (LOBATO, 2011, p.111).

[...] Para Benjamin, a verdade não é derivada apenas de conceitos abstraídos pela razão e expressos através do logos (palavra grega para se referir à ‘linguagem racional’ ou ‘conceitual’), mas também produzida a partir de uma interpretação objetiva (método filosófico apresentado na obra *Origem do drama barroco alemão*) das ideias produzidas em lugares onde o *mythos* (palavra grega para se referir à ‘linguagem narrativa’ ou ‘mitológica’) tem valor fundamental, como nas Religiões, nas Artes e, mesmo, na Filosofia [...]. (LOBATO, 2011, p. 114).

Benjamin faz uma ressalva, pois sua defesa é de que a Filosofia se constitui como “lugar de construção de ideias”, no entanto, deixa claro que não se trata de colaborar ou refutar o conhecimento das Religiões e das Artes, como fez Kant (LOBATO, 2011, p.114). Em outras palavras, Benjamin não se calou, pôs em xeque essa concepção linear de conhecimento fundamentada no *continuum* da própria história, tecendo a sua crítica a um

determinado modelo¹³⁴ de razão e de racionalidade, em que a Filosofia, a partir da Crítica da Razão Pura, teve:

[...] a sua condução de uma indesejável servidão à Teologia a uma necessidade de subordinação à Ciência, pois, das palavras do próprio Kant, fora necessário conduzir a Filosofia ao ‘caminho seguro da ciência’, da lógica, da matemática, a fim de se obter ‘melhores resultados’, como nestas ciências (CRP B XIV-XV). E é exatamente por esta ‘necessidade de segurança’ que passou a imperar na Filosofia aquilo que Benjamin irá chamar de ‘o empobrecimento da experiência’, não só na Filosofia, mas também nas Artes, na Política e nas Religiões [...]. (LOBATO, 2011, p.115).

Entende-se, portanto, que todas as manifestações e expressões humanas são alicerçadas na linguagem, sobretudo, na sua dimensão simbólica, o que vai na contramão do pensamento iluminista científico, cuja condição para o verdadeiro conhecimento se dá tão somente pela racionalidade, apartando o imaginário do pensamento, ou seja, a estética tradicional, assim defendida na abordagem benjaminiana.

Benjamin (1987a), sinaliza que o declínio da “experiência comunicável” já despontava na geração entre os anos de 1914 e 1918, cujas experiências pobres, sofridas pela humanidade, são apontadas, a barbárie da fome, das guerras, da desmoralização, das crises políticas e econômicas e de uma nova forma de miséria, para um “frágil e minúsculo corpo humano”, apresentado pelo autor como conceito “novo e positivo de barbárie” (BENJAMIN, 1987a).

A “nova e positiva barbárie”, segundo Benjamin (1987a, p. 116), é originária da “[...] angustiante riqueza de ideias que se difundiu entre, ou melhor, sobre as pessoas [...]” para o “monstruoso desenvolvimento da técnica”, sendo esse difundido com ares de progresso, de civilização, cuja promessa era de dispor riqueza em potencial para todos, mas o que surgiu foi uma nova modalidade de pobreza, para além da pobreza material, dentre elas: a decadência da arte de narrar, a capacidade de compartilhar experiências, o reconhecimento do outro e o esfacelamento da tradição que, por muito tempo, fez parte da

¹³⁴ Que resulta o empobrecimento da experiência, assim constatado por Benjamin (1933), pois a “[...] experiência passou a ser tratada a partir dos parâmetros utilizados na ‘experiência científica’ e os ‘processos de validação do conhecimento científico’ foram aplicados aos juízos proferidos nos mais diversos campos da experiência humana quando, sabemos, Artes, Religiões, Política e Filosofia, além de não produzirem conceitos pelo processo de abstração, também não se desenvolvem somente a partir dos “princípios da razão”, tão próprios da Ciência” (LOBATO, 2011, p 115).

história, da construção da experiência humana (*Erfahrung*), sendo chamada por Benjamin, essa pobreza de experiência, de vivência (*Erlebnis*).

[...] Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles ‘devoraram’ tudo, a ‘cultura’ e os ‘homens’, e ficaram saciados e exaustos. ‘Vocês estão todos tão cansados — e tudo porque não concentraram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples mas absolutamente grandioso.’ Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças [...]. (BENJAMIN, 1987a, p.118)

É essencial enfatizar que Benjamin (1987a) assinala que a ideologia capitalista agenciou a degradação da experiência amorosa, ao estrategicamente agregar os parâmetros mercadológicos de consumo e de descarte. Por isso que, na modernidade, buscam apagar os “rastros de aconchego de outrora”, uma vez que eles são capazes de retroalimentar a memória social que, não menos, reacende o sentido da essência humana em lampejos de esperança por um novo por vir.

E, nesse intuito, Benjamin (1994) descreve a tarefa do histórico materialista, a saber:

[...] Nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo [...]. (BENJAMIN, 1994, p. 225).

O grande legado da perspectiva benjaminiana constitui-se em um despertar de consciências para a degradação da vida humana, pois, no enredo desse fazer história, em nome do acúmulo do progresso, há vidas que precisam ser mais valorizadas do que outras, cujos corpos na modernidade são coisificados.

Aliás, essa turbulenta rotina, em que mal se pode olhar para os lados, ofusca o brilho e a efervescência do viver e do compartilhar com os outros. Assim, como Ecléa Bosi (2003, p.24) menciona: “[...] as coisas aparecem com menos nitidez dada a rapidez e descontinuidade das relações vividas; efeito da alienação, a grande embotadora da cognição, da simples observação do mundo, do conhecimento do outro [...]”.

Além disso, a historiografia, na perspectiva benjaminiana opõe-se à ideia de linearidade e de hierarquia, posto que o fundamento é mostrar uma outra dimensão da história e do tempo, pensada a partir da relação entre experiência e memória, na história individual e vida coletiva, em que há efervescência de histórias simultâneas que têm muito a revelar e a construir, a partir dos alicerces das gerações anteriores.

Para Benjamin, segundo Paim, Pereira e Freire (2018), as memórias

[...] são carregadas de conhecimentos, saberes, sentidos, significados e sensibilidades; relaciona-se com o vivido. Memória é também esquecimento, apaziguamento com o passado. A (re)memória é sempre relacionada com o presente, já que é um entrecruzamento dialogal entre tempos, espaços e vozes distintos. É uma memória que não é só racional, é de um sujeito inteiro, preche de incompletudes. Portanto, humana. Memória é vida, possibilidade da experiência vivida. Na rememoração, amplia-se a possibilidade de vida [...]. (PAIM; PEREIRA; FREIRE, 2018, p. 18).

Vale destacar que Benjamin “olha a História a partir de baixo”, em defesa de uma nova compreensão da História humana, a qual será contada/escrita pelos próprios vencidos, (oprimidos e invisibilizados), pois suas memórias são potencializadoras para questionar as vitórias dos vencedores e “[...] trazer à ordem do dia expedientes que a História dava como encerrados [...]” (PAIM; PEREIRA; FREIRE, 2018, p. 25), rompendo com o elo de identidade dos falsos heróis da história. Ou seja, Benjamin propõe pensar a História com o olhar voltado para as lamparinas do passado, quase apagadas de injustiças e atrocidades (pelo mito de progresso), que clamam por justiça e, portanto, a rememoração do passado, que converge no presente, abre para o porvir, o compromisso de classe (dos vencidos/oprimidos) para um projeto societário futuro, de justiça social.

4.2 CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM EDWARD THOMPSON

Edward Palmer Thompson (1924-1993), destacou-se como um importante expoente da história social inglesa do século XX, não só pela sua crítica, mas pela peculiar maneira de escrever a história à luz do pensamento marxista. Inclusive, propôs uma interpretação aberta de Marx, contrapondo-se à ideia do marxismo como doutrina fechada e autossuficiente (FORTES, 2013).

Além disso, o conceito de experiência histórica é retomado como categoria de análise por Thompson, no período de sua experiência acadêmica na Universidade de Leeds, dedicando-se à elaboração de cursos noturnos voltados para mulheres e homens trabalhadores, cuja experiência trouxe-lhe uma relação de pertencimento, conseguindo conhecer com maior profundidade a situação da classe trabalhadora. A potência dessas trocas de experiência refletiu em seus estudos históricos, constituindo-se em um:

[...] mergulho na especificidade de fenômenos da história social britânica dos séculos XVIII e XIX, [que] deram nova relevância ao primado da “agência” (ou capacidade de ação) dos dominados. Desse modo, buscou valorizar o papel da “experiência” histórica como elemento mediador entre “estrutura e ação”. Esse projeto historiográfico vinculava-se diretamente à defesa de um “socialismo humanista” [...]. (FORTES, 2013, n.p.).

O fato de Thompson considerar que os elementos da cultura popular vinham preencher um vazio de sentido deixado pela produção acadêmica marxista (estruturalista inglesa), denota o seu compromisso com formação política da classe trabalhadora, tendo em vista que a academia tratava com total desprezo às manifestações culturais das classes de menor poder aquisitivo.

Assim, o professor Thompson consolidou a práxis em práticas, experiências, valores e anseios coletivos da classe trabalhadora e, foi nesse momento que emergiu o conceito de experiência histórica, enquanto práxis sociais, tendo como fundamento a perspectiva ontológica (com base na categoria trabalho) (ALVES; ARAUJO, 2013).

Para Thompson,

[...] A experiência é um termo médio necessário entre o ser social e a consciência social: é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento: é por meio da experiência que o modo de produção exerce uma pressão determinante sobre outras atividades: e é pela prática que a produção é mantida [...]. (THOMPSON, 1981, p. 112).

Pacheco (2017, p.135), reforça a importância de Thompson para estudos no campo da EJA sob o ponto de vista da educação de classe, enfatizando que a “[...] história social da cultura e do trabalho fornece os mecanismos indispensáveis a uma história social da educação, principalmente quando o objeto de estudo é o ensino [...] na educação de jovens e adultos (EJA) trabalhadores [...]”.

Para não deixar dúvidas, as pessoas idosas que estudam na EJA, algumas, já estão aposentadas, outras são pensionistas e muitas delas estão desempregadas ou no emprego formal e informal. Contudo, todas elas pertencem à classe trabalhadora de nosso país.

É importante salientar que a análise da categoria experiência, trazida por Walter Benjamin, dialoga com a de Thompson, como também, para compreender essa categoria, utilizou-se como base a obra *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser* (1981), por apresentar uma forma mais sistemática acerca da sua concepção teórico-metodológica. Nessa obra, Thompson (1981) tece críticas ao refutar as análises estruturalistas de Louis Althusser e ao modo como ele influenciou o marxismo, pois essas análises¹³⁵, segundo o autor, distorciam a concepção política e teórica marxista, sobretudo pelo afastamento da questão humanista para uma visão de um real epistemologicamente inerte (de negação da inteligibilidade do conhecimento histórico e da ação humana) (FORTES, 2013).

Thompson (1981), em sua crítica a Althusser, pontua de modo irônico que não “[...] se pode esperar que os filósofos compreendam a história (ou a antropologia, ou a literatura, ou a sociologia), mas Althusser é um filósofo, agindo em seu terreno próprio [...]” (THOMPSON, 1981, p. 11). E que, um “[...] historiador de tradição marxista tem o direito de lembrar a um filósofo marxista que os historiadores também se ocupam, em sua prática cotidiana, da formação da consciência social e de suas tensões [...]” (THOMPSON, 1981, p.15). E, ainda, grifa a ocultação dos sujeitos sociais concretos e a própria luta de classes que é sempre luta por valores.

O autor supracitado apresenta o conceito de experiência ao enfatizar que se trata de:

[...] uma categoria que por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento [...]. [Contudo] ela é válida e efetiva dentro de determinados limites [...]. A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais e refletem sobre o que acontece a eles e a seu mundo [...]. (THOMPSON, 1981, p.15).

¹³⁵ Cabe destacar que Thompson (1981) “[...] considerava as análises marxistas estruturalistas evasivas e soltas teoricamente, por não levarem em consideração as formas de ação humana, como articuladoras e criadoras das teorias históricas e sociais [...]” (MELO JÚNIOR, 2011, p.9). Inclusive, pontuava que as análises eram idealistas, uma vez que não interagiam dialeticamente com as categorias analíticas à luz da realidade concreta.

Thompson apresenta a noção de experiência não como uma imposição, mas como possibilidade de contribuição para a propagação de novos/outros estudos, voltados às ações dos sujeitos – homens e mulheres – da classe trabalhadora na história e, portanto, também no âmbito educativo. Aliás, na obra do historiador (1981), fica nítida a sua preocupação em dar visibilidade aos que tanto se fizeram esquecer em análises de historiadores marxistas da corrente estruturalista, considerando-os como sujeitos da experiência. O entendimento é de que, no momento em que Thompson se empenha em historicizar os sujeitos individuais e coletivos, vai reforçando a noção de práxis, enquanto prática do agir humano.

[...] Ao teorizar a história real feita por homens concretos, Thompson deixa claro para todos os seus leitores e opositores que as experiências históricas determinam que as análises dos historiadores devem descartar modelos fictícios e estruturantes que tiram de cena, os agentes da transformação social e histórica [...]. (MELO JÚNIOR, 2011, p.10).

Thompson (1981), considera ainda que a experiência humana possui um papel central no processo de formação social, tendo em vista que as:

[...] mudanças no ser social que dão origem à experiência *modificada*; essa experiência é *determinante*, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados [...]. (THOMPSON, 1981, p. 16, grifo do autor).

No que diz respeito à classe, Thompson a considera como um fenômeno histórico, o que contraria a compreensão da ortodoxia marxista e da sociologia funcionalista, motivo pelo qual faz o seguinte posicionamento:

[...] As formações de classe [...] surgem no cruzamento entre a própria atividade e a determinação: a classe operária ‘se fez a si mesma tanto quanto foi feita’. Não podemos colocar ‘classe’ aqui e ‘consciência de classe’ ali, como duas entidades separadas, uma vindo depois da outra, já que ambas devem ser consideradas conjuntamente – a experiência da determinação e sua abordagem – de maneira consciente. Nem podemos deduzir a classe de uma seção estática (já que é um vir-a-ser no tempo), nem como uma função de um modo de produção, já que as formações de classe e a consciência de classe (embora sujeitas a determinadas pressões) se desenvolvem em um processo inacabado de relação – de luta com outras classes – no tempo [...]. (THOMPSON, 1981, p. 121).

Quer dizer, para o autor, as classes estão em contínuo processo de formação, em construção e reconstrução, de “um fazer-se” consciente de luta, de ação humana em busca de identidades.

[...] Pela experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses, como antagonismos. Eles tratam essa experiência em sua consciência e cultura e não apenas a introjetam. Ela não tem um caráter só acumulativo. Ela é fundamentalmente qualitativa [...]. (THOMPSON, 1981, p. 99).

Acredita-se que Thompson, ao decidir trabalhar com a categoria de experiência histórica, tinha consciência de que, decididamente, ocasionou uma desvinculação entre a estrutura econômica material (referente às forças de produção) e a superestrutura cultural (referentes aos mecanismos de controle do *status quo*) (MELO JÚNIOR, 2011, p.3, grifo do autor).

A cultura ganha ênfase na categoria experiência por ser um componente intrínseco de análise histórico-social, tendo em vista que está corporificada na vida social, cujo corpo de referência partilhado e consolidado (mas também recriado) se dá na própria prática, na partilha do viver, são eles: os costumes, as normas, as convicções religiosas etc., sendo importante esclarecer que essa materialidade cultural é absolutamente avessa à ordem econômica.

Essa materialidade também está inteiramente interligada às concepções de classe e de experiência, sendo conceitos-chave na obra (e no pensamento) de Thompson (1981), cuja conexão é o processo de luta de classes, pois, para ele, a própria compreensão de classe é inseparável das lutas de classes. Logo, todo processo de luta – sempre permeado por contradições e antagonismo – faz-se com homens e mulheres reais que se reconhecem como sujeitos históricos.

Corroborando a afirmação acima, Vitorino (1997, p. 166) salienta que a “experiência” e a “experiência de classe”, na perspectiva thompsoniana, estão aglutinadas, tendo em vista que “[...] não existe uma divisão entre experiência individual e experiência coletiva: a experiência sempre acontece em relação a alguma coisa, estabelecendo os meios e os intercâmbios entre os sujeitos históricos reais [...]”.

Portanto, a obra de Thompson expressa o seu desejo de que homens e mulheres da classe trabalhadora – sujeitos reais e situados – se percebam em condições de lutar contra toda a forma de opressão na sociedade, em que, para tanto, o papel da educação popular (e escolar) ganha proeminência, assim como a análise histórica em investigações científicas, posto que todas as ciências são essencialmente humanas.

4.3 CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM PAULO FREIRE

Diante de uma realidade marcada por tantas desumanidades, é preciso aprender/instruir-se para transformá-la, sendo fundamental a potencialização da consciência crítica perante essa realidade e a dignificação das experiências dos sujeitos históricos. Talvez seja esse sentimento mais intenso e puro de sua presença, mantido e nutrido pelo constante desejo de visitá-lo, de aprender cada vez mais, com suas teimosias, ousadas e amorosidades, pois as lições freireanas nos conduzem para a boniteza da experiência humana, em um constante olhar reflexivo acerca da vida e das potencialidades humanas em todas as suas dimensões.

[...] Por seu pensamento tão original e profundo, Freire ultrapassou as fronteiras da educação *strictu sensu* ampliando-se (e transitando) pelos mais diferentes campos de estudo, de modo a abarcar os variados assuntos/temas e contextos. Em outras palavras, a perspectiva Freireana propicia um constante movimento, visto que dialoga com diferentes campos de conhecimento e, até mesmo, contribui com as questões da contemporaneidade. A propósito, Freire permanece entre os principais pensadores mais lidos e citados no mundo, fazendo parte desse reconhecimento pelo menos em nível nacional, com o título oficial de Patrono da Educação Brasileira desde 2012, por meio da Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012 [...]. (LAFFIN; MACHADO; MARTINS, 2021, p.203).

Em busca de compreender a experiência na perspectiva freireana, buscou-se, no verbete do dicionário Paulo Freire¹³⁶, a definição trazida pela autora Rosane Kreuzburg Molina, a qual enfatiza que, para se compreender a teoria do conhecimento construída por Freire, não existe outra forma senão mediante a profunda contextualização de onde se originou, assim, situam-se que foi

[...] no Nordeste brasileiro, nos anos 1960, onde e quando milhares de pessoas eram analfabetas e viviam na “cultura do silêncio”. Foi participando dessa experiência, entre e com esses sujeitos, pensando e repensando sua prática, que Freire inicia seu “método de alfabetização”, expressão máxima de sua aposta na

¹³⁶ Obra organizada pelos pesquisadores Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitkoskia.

educação como instrumento capaz de proporcionar, aos homens e às mulheres, intervenções críticas nos seus contextos de existência social e individual. A aposta de Freire nos processos educativos como possibilidade de mudança social está fundada em princípios filosófico antropológicos e propõe, pelo exercício da reflexão, encontrar, na natureza humana, o núcleo que sustenta o processo de educação: “qual seria este núcleo captável a partir de nossa própria experiência existencial?” [...]. (FREIRE, 1979, p. 27). *Experiência, assim como utopia, diálogo e esperança, são categorias estruturantes da obra de Freire, que pode ser sintetizada como uma perspectiva de leitura e de inserção no mundo concreto.* (MOLINA, 2000, p.172, grifo nosso).

Também, nesse verbete, ganha destaque na obra *A importância do ato de ler: em três artigos, que se completam*, em virtude da experiência dos/as estudantes e dos/as professores/as estarem “[...] fortemente referenciada como *locus* das relações dinâmicas que vinculam linguagem e realidade no exercício da compreensão do contexto da prática [...]” (MOLINA, 2000, p.172, grifo da autora). Inclusive, foi nessa obra que Freire sustenta a defesa de que, no ato de ler, a leitura de mundo (isto é, a leitura do cotidiano) reside na experiência existencial e ocorre antes da leitura da palavra. De modo que, essa constatação permite dizer que a experiência vivida é o alicerce para toda construção do conhecimento.

De acordo com o verbete, Freire produziu sua obra, ao mesmo tempo em que lia outros autores, possibilitando, assim, reescrevê-los e reler a si mesmo. Desse modo, Molina identificou que a categoria experiência possui proximidades com o pensamento de Jürgen Habermas e de Karl Marx, os quais serão destacadas a seguir.

No que se refere ao pensamento habermasiano, a autora (2000) salienta que Freire buscou uma aproximação com o caminho teórico da ação comunicativa, uma vez que foram identificadas proximidades entre a categoria experiência de Freire e a categoria mundo da vida de Habermas, com base nas seguintes evidências: a proximidade pela definição conceitual e pelo significado estruturante que ambas têm no pensamento desses autores.

Molina (2000) esclarece que Freire

[...] aproximou-se do caminho teórico de Habermas (1988), para quem o paradigma da comunicação voltada ao entendimento é central no conceito de ‘razão comunicativa’. Habermas eleva ao nível de dignidade epistemológica a ação ou práxis da comunicação cotidiana do dia a dia, ‘os atos de fala’ [...]. (MOLINA, 2000, p.172).

A Teoria da Ação Comunicativa ocupa-se de “[...] demonstrar que as estruturas simbólicas do ‘mundo da vida’ são reproduzidas por meio de interações coordenadas pela

linguagem para produzir consensos fundamentados argumentativamente cuja força motiva as ações dos sujeitos [...]” (MOLINA, 2000, p.172).

Habermas (1988), vê relação entre o saber teórico e a práxis vital livre e emancipada. Freire e Habermas coincidem ao definirem a ‘práxis livre e emancipada’ como uma ‘experiência de ação’ que deriva de outros momentos da atividade humana: a teoria sempre tem ligação com a práxis vital e tem uma determinada práxis como consequência, a práxis emancipatória, em palavras de Habermas (1988), ou a prática para a liberdade, em palavras de Freire (1976) (MOLINA, 2000, p. 172).

No que se refere ao pensamento marxista, Molina (2000) aponta que a ‘experiência’ de Freire se aproxima do significado dialético (de pensamento racional), do que Marx confere à pesquisa, notadamente,

[...] quando diz que a investigação precisa ‘apoderar-se dos pormenores da vida do contexto pesquisado, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e perquirir a conexão íntima que há entre elas’ para perspectivar, tendo o mundo como palco, de acordo com seu caráter transitório, as formas em que se configura o devir [...]. (MOLINA, 2000, p. 172-173).

Quanto à obra de Freire, a autora frisa que a categoria experiência tem sido concebida como prática reflexiva, “práxis”, pelo fato de conseguir substancialmente sintetizar a reflexão originária da própria experiência do autor e por servir tanto de fundamento teórico como de inspiração para outras reflexões em partes do mundo e na perspectiva de inúmeros intelectuais (MOLINA, 2000, p. 173).

Assim, entende-se que Freire foi um ser humano inteiramente comprometido com a vida, sobretudo a dos/as “invisibilizados/as” socialmente, isto é, de mulheres e homens de todas as idades da classe trabalhadora em situações precárias e desumanas de existência, tendo em vista que sempre buscou situar a história como possibilidade e não como determinismo, firmando a educação como instrumento fundamental no processo de conscientização.

De modo que, para Freire, o empenho na educação para a tomada de consciência crítica acerca dos fatos, do vivido, da realidade objetiva – frente à condição de exploração e opressão – visa a consciência de classe, que se faz expressada no engajamento de lutas e resistências em prol da liberdade, da dignidade e da justiça na recuperação da humanidade roubada.

Como conhecedor da oposição histórica entre humanização e desumanização, Freire dedicou-se, em sua vida e obra, a compreender a realidade na sua inteireza, primando pelo diálogo com pessoas comuns, em uma troca horizontal de saberes e experiências, consolidando, assim, uma relação de reciprocidade, de respeito e de amorosidade.

No verbete do dicionário Paulo Freire, é enfatizado que a amorosidade

[...] se materializa no afeto como compromisso com o outro, que se faz engravidado da solidariedade e da humildade. Usando o prefixo *com-*, ganha força a ideia de compromisso que pode significar prometer-se consigo e com o outro. Tarefa difícil que desafia uma solidariedade de classe e a humildade não como submissão, mas como possibilidade de que a verdade também possa estar com o outro, em um emaranhado que envolve respeito como uma categoria de acolhimento das *diferenças*, não apenas como categoria cultural, embora também o seja, mas sua essência se constitui como categoria de conteúdo ético [...]. (FERNANDES, 2000, p. 37, grifo da autora).

Freire (2002, p.77), salienta que a dialogicidade se faz imprescindível para a Educação como prática da liberdade, tendo em vista que o diálogo é um fenômeno humano que, como elemento (de conexão) existencial que revela algo, pode-se asseverar que seja a palavra. Contudo, no momento de encontro com a palavra, para que seja possível a análise do diálogo, impõe-se a necessidade de buscar seus elementos constitutivos, sendo destacados pelo autor em duas dimensões que são inseparáveis, quais sejam: ação e reflexão, ou seja, a práxis.

[...] Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos [/as] permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a *pronúncia* do mundo, nem a buscar a verdade, mas a impor a sua. Porque é encontro de homens [e mulheres] que *pronunciam* o mundo, não deve ser doação do *pronunciar* de uns a outros. É um ato de criação [...]. (FREIRE, 2002b, p.79, grifo do autor).

Nessa práxis e, pelo diálogo, Paulo Freire, na obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), ao buscar compreender os sujeitos do processo educativo, traz-nos a contribuição do termo saber de experiência feito. A experiência configura-se no processo de reconhecimento de olhar para os sujeitos como capazes de pensar certo no ciclo gnosiológico e da curiosidade de compreensão do mundo. Portanto,

[...] Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando “curiosidade epistemológica”. A curiosidade ingênua, do que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. *O saber de pura experiência feito*. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente [...]. (FREIRE, 2002a, p. 14, grifos nosso).

O pensar certo e o saber da experiência estão articulados com a compreensão das pessoas de sua presença no mundo, denominado por Freire de “leitura do mundo”. No movimento da busca da “leitura da palavra”, o educador busca o “[...] diálogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua história social como a experiência igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua ‘incompetência’ para explicar os fatos [...]”. (FREIRE, 2002a, p. 32).

No entanto, Paulo Freire (2002a) alerta de que, ao olhar para os educandos, não é possível desconsiderar esses saberes de experiências feitas, o que implica em respeito e em uma ética de abertura de reconhecer a experiência fundante na compreensão da presença do próprio sujeito no mundo em sua incompletude e inacabamento:

[...] Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude. O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História [...]. (FREIRE, 2002a, p. 51).

Pela inquietação e curiosidade rigorosa e epistemológica desta pesquisa e, no olhar dos saberes de experiências feitas, na busca de romper com a “cultura do silêncio” em nossa sociedade, cada pessoa idosa, enquanto coautora desta investigação, ao dizer a sua palavra, está colocando-se como protagonista com o mundo e na sua história. Assim, com o entendimento de que o papel de todo/a pesquisador/a (assim como do/a professor/a) não é o

de impor a sua “verdade”, a sua visão de mundo, mas dialogar com os/as participantes da pesquisa (estudantes) sobre a opinião de cada um/a.

Nesse sentido, entende-se que a experiência fundamentada nas perspectivas benjaminiana, thompsiana e freireana apresenta-se como um fundamento teórico substanciado para compreender (e historicizar) as experiências das pessoas idosas em contexto da pandemia de Covid-19 (2019-2022).

No contexto brasileiro, a pandemia aloja-se no contexto de projeto governamental de conservadorismo, de retrocesso, em termos de direitos sociais e negação da ciência. Perante essa realidade vivida, Laffin, Machado e Martins (2021) destacavam que havia:

[...] a necessidade de descortinar o retrocesso civilizacional que se está{estava} passando, em que não só a pandemia, esse tal “inimigo invisível” – o vírus, representa uma ameaça perante a vida, mas as próprias condições sociais provocadas pelo capitalismo e pela atual política governamental e suas influências e determinações econômicas. Tais políticas [...] aceleraram a crise econômica e as desigualdades sociais que delas emergem. Portanto, considera-se que tais políticas geram inimigos (in)visíveis¹³⁷ que, além de interferir nas relações sociais, corroem e aniquilam a vida humana. Não obstante, esses inimigos (in)visíveis se perfazem na agenda reacionária e na irresponsabilidade política adotada pelo atual Presidente da República diante da pandemia por Covid-19, o qual se mostra muito mais preocupado com os interesses econômicos de uma elite, do que com a vida (ameaçada ou perdida) da população. Inclui-se aqui também, os assuntos relacionados à classe trabalhadora e às camadas mais pobres da sociedade, com tantas necessidades de bem estar social (moradia, de saneamento básico, segurança, de recursos financeiros, necessidades educacionais etc.) [...]. (LAFFIN; MACHADO; MARTINS, 2021, p.203-204).

Essas pesquisadoras asseveram que, com a pandemia,

[...] houve o agravamento da pobreza, da violência, do desemprego e de outras desigualdades nas esferas sociais e nas relações de trabalho. Esse agravamento se amplia perante os discursos e a disseminação de ódio, do negacionismo da ciência, da propagação de *fake news*, do preconceito, da intolerância e das intimidações à ordem democrática [...]. (LAFFIN; MACHADO; MARTINS, 2021, p.204).

Essas constatações exigiram da pesquisadora a necessidade de contextualizar o papel desta pesquisa no contexto da pandemia, no sentido de resistência ao negacionismo vivenciado no governo conservador dos últimos quatro anos. Estudo que será apresentado na terceira parte, no próximo capítulo.

¹³⁷ As autoras nomeiam como inimigos (in)visíveis os efeitos das relações desiguais da lógica capitalista e destrutiva da política governamental do presidente Jair Bolsonaro (2019-2022).

***TERCEIRA PARTE: A COMPREENSÃO DAS
EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS E ESCOLARES NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DE PESSOAS IDOSAS EM
PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO NA EJA***

5 DOCUMENTOS LEGAIS E DE ORIENTAÇÃO SOBRE OS PROCESSOS EDUCACIONAIS VOLTADOS À POPULAÇÃO IDOSA

O levantamento de documentos de orientação e de carácter legal teve como foco a pandemia e os processos educacionais para as turmas de EJA, mas, sobretudo, aqueles voltados para atender às necessidades da população idosa. Cabe ressaltar que esses documentos são formas de controle formal, uma vez que correspondem a leis e regras institucionalizadas pelo Estado, o qual não só regula os processos educativos formais, como determina o modo das relações da população. Dessa forma, será apresentada a análise da Política Nacional de Alfabetização – PNA – Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019 – a qual foi revogado pelo Decreto nº 11.556, de 2023. Mesmo revogado, esse documento foi analisado, pois era o documento vigente no contexto do desenvolvimento desta tese.

Já no âmbito municipal (espaço de realização da presente investigação), são analisados o Plano Municipal de Educação de Florianópolis de 2015-2025 e o Plano Municipal de Contingência – Educação (2022). Por último, o olhar se volta para a compreensão das pessoas idosas, na mudança do Estatuto do Idoso para o Estatuto da Pessoa Idosa:

5.1 A POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO - PNA (2019-2022)

De antemão, destaca-se a importância de uma visão crítica perante à PNA, assim explicitada por Rocha, Oliveira e Santos (2019), os quais confirmam que essa política representa um total retrocesso, uma vez que sustenta uma concepção de alfabetização equivocada, alheia às reais necessidades da diversidade de estudantes (pessoas idosas, adultas, jovens e crianças) que demandam por alfabetização, impondo o método fônico como proposta única de alfabetização – o qual é integrante do método sintético – desprestigiando, assim, todo o conhecimento científico já produzido/consolidado acerca da alfabetização em nosso país, aliás,

[...] a leitura da PNA – Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019) precisa ser sincrônica aos acontecimentos que vêm ocorrendo no Brasil nos últimos anos, especialmente, no campo político. Nos discursos esbravejantes comuns ao atual governo e seus representantes – que utilizam as redes sociais para

disseminar suas ideias – há marcas de um projeto explicitamente antidemocrático, quando reiteram a necessidade de rever as bases da educação nacional, apoiando-se em ‘evidências científicas’ e não em ‘crenças e ideologias’. É necessário, pois, desconfiarmos desses discursos, afinal, o que vemos é a tentativa de apagamento de uma histórica luta por uma educação popular e plural por uma perspectiva homogeneizadora, que considera *uma* teoria de aprendizagem e um método como se esses fossem capazes de ‘salvar’ as crianças do ‘abismo do analfabetismo’ [...]. (ROCHA; OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 117-18, grifo dos autores).

A Política Nacional de Alfabetização – PNA foi instituída pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, pelo Presidente da República Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) e conduzida pelo Ministro da Educação (MEC) que, na ocasião, era Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub. Essa política foi revogada pelo Decreto nº 11.556/2023 que instituiu o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, assinado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pelo Ministro da Educação Camilo Sobreira de Santana, publicado no Diário Oficial de 13 de junho de 2023.

Mesmo que esse documento tenha sido recentemente revogado, sua análise é relevante, pois estava vigente no contexto do desenvolvimento deste estudo.

A PNA se autointitulava como um “marco na educação brasileira” por considerar que a alfabetização ganha centralidade na política pública, uma vez que “[...] aos olhos de nossa sociedade [...]” essa “[...] realidade educacional [...] revela a urgência de mudança na concepção de políticas voltadas à alfabetização, à literacia e à numeracia [...]” (BRASIL, 2019, p. 10), cujo empenho é para combater o analfabetismo (o absoluto¹³⁸ e o funcional¹³⁹) em nosso país.

Assim, a PNA enfatizava seis componentes essenciais para a alfabetização, quais sejam: a consciência fonêmica, a instrução fônica sistemática, a fluência em leitura oral, o desenvolvimento de vocabulário, a compreensão de textos e a produção de escrita (BRASIL, 2019).

¹³⁸ O analfabetismo Absoluto refere-se ao “[...] analfabetismo em sentido estrito, ou a condição daquele que não sabe ler nem escrever [...]”, assim conceituado na PNA (BRASIL, 2019, p.19).

¹³⁹ Na PNA, é salientado que o termo ‘funcional’ se distingue do analfabetismo absoluto, pois o primeiro se “[...] designa a condição daquele que possui habilidades limitadas de leitura e compreensão de texto. [...] O analfabeto funcional, embora capaz de ler (decodificar) e de escrever (codificar), não o faz de modo funcional, isto é, ou não adquiriu habilidades suficientes de leitura e escrita, ou não progrediu nelas como devido. Assim ele se vê impossibilitado de fazer uso produtivo de tais habilidades nas situações mais corriqueiras da vida, como escrever bilhetes, compreender textos simples [...]. Efetivamente, o ato de ler e de escrever se manifesta em diferentes graus ou níveis, mas o analfabeto funcional estaciona em níveis insuficientes e precários, e assim não alcança a condição de leitor/escritor hábil [...]” (BRASIL, 2019, p.19).

Com o intuito de localizar as pessoas idosas no documento legal, iniciou-se a procura de termos¹⁴⁰ na PNA, a partir do descritor “pessoa idosa”. Constatou-se que ele não se faz presente no referido documento, enquanto o descritor “idoso” se faz presente uma única vez, dado extremamente relevante, uma vez que sinaliza que o público “pessoa idosa” ficou à mercê dessa política.

Aliás, o termo “idoso” somente foi identificado na apresentação da Linha do Tempo: Marcos Históricos e Normativos, por haver um destaque ao ano de 2003¹⁴¹, momento este de criação do Programa Brasil Alfabetizado¹⁴²- PBA que, na época, buscou garantir a universalização da alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas (BRASIL, 2019, p.15).

Continuando as buscas, foram utilizados os seguintes descritores: “pessoa madura”, “pessoa de mais idade”, “pessoa na terceira idade”, “pessoa longeva”, “melhor idade”, “adultos mais velhos”, contudo nenhum deles aparecem no teor do documento (PNA). Já o descritor “pessoas com 15 anos ou mais de idade” aparece uma única vez. Entretanto, essa expressão sequer traz a visibilidade necessária às pessoas idosas e nem mesmo de pessoas adultas na educação formal.

Como forma de fazer um breve comparativo, o descritor “criança (singular + plural)” aparece de início ao fim no documento (em mais de 100 vezes), mas, com relação aos descritores “jovem (singular + plural)” e “adulto (singular + plural)”, a incidência de ambos ocorre de modo bem restrito (nem chega a 20 vezes cada um). Logo, quem elaborou a Política Nacional de Alfabetização – PNA não teve ou não quis ter um olhar necessário e cuidadoso para a pluralidade dos/as sujeitos/as pertencentes à educação básica, sobretudo com o público-alvo.

Do mesmo modo, no Decreto nº 11.556/2023, que institui o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, tais termos também não se fazem presente; há o termo

¹⁴⁰ A seleção de termos e expressões em relação às pessoas idosas tem a sua origem na identificação/localização desses termos e expressões em estudos científicos de diferentes áreas do conhecimento relacionados à velhice, ao envelhecimento humano e à pessoa idosa. A localização dos termos e expressões ocorreu de duas formas: primeiramente foi realizada a leitura na íntegra do documento e, após, a localização por meio do atalho Ctrl + F no teclado do computador.

¹⁴¹ O termo idoso somente consta na PNA para referenciar a criação do Programa Brasil Alfabetizado, o qual ocorreu no primeiro ano de posse do Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva (2003- 2011).

¹⁴² O Programa foi retomado no governo de Jair Messias Bolsonaro, conforme o Decreto Nº 10.959, de 8 de fevereiro de 2022, mas extinguiu a Medalha Paulo Freire, cujo prêmio era concedido a educadores ou instituições que se destacaram na luta pela erradicação do analfabetismo no Brasil (ANDRIGHETTO, 2022).

“Educação de Jovens e Adultos no parágrafo I do artigo 36 ao estabelecer “[...] as estratégias e os prazos para a implementação de ações complementares que garantam o direito à alfabetização das populações específicas, observadas as modalidades previstas na Lei nº 9.394, de 1996 [...]” (BRASIL, 2023).

Vale frisar que essa (quase) invisibilidade às EJA na PNA, assim enfatizada no estudo de Silva (2021), reforça a necessidade de políticas públicas efetivas – principalmente no contexto histórico de desmonte das políticas sociais pelo governo de Bolsonaro (INESC, 2022) – que atendam o público da EJA de forma diferenciada, abarcando as suas potencialidades, condições educacionais¹⁴³ e especificidades dos/as sujeitos/as estudantes. No caso das pessoas idosas, há muito o que se pensar/construir para o acesso e a permanência desse segmento etário que possui ampla demanda por escolarização.

De igual modo, esse “não lugar” das pessoas idosas na EJA, contribui para o equívoco de achar que, ao tratar de educação para pessoas adultas, estaria, nas entrelinhas, contemplando igualmente o público idoso, equívoco este que destitui todas as características e especificidades que extrapolam, até mesmo, a composição dos dois grupos etários.

Observa-se, portanto, o caráter depreciativo em relação ao público-alvo da EJA na PNA, uma vez que são identificados como “[...] alunos da educação básica regular que apresentam níveis insatisfatórios de alfabetização [...]” (BRASIL, 2019, p.43). Tal constatação pactua com a legitimação do discurso da culpabilização individual, posto que, essa culpa é indispensável para manter a condição de exploração da classe subalterna em nossa sociedade capitalista, sendo perpetuada através de um discurso opressor, de violência simbólica¹⁴⁴, que contribui para a manutenção da divisão de classes em nossa sociedade capitalista.

¹⁴³ Apesar desta tese não aprofundar a discussão sobre os currículos na EJA, a compreensão de sentido pretendida advém das discussões realizadas em torno de currículos *praticadospensados*, fundamentada em Michel de Certeau (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018), cuja grafia junto e itálico, “[...] expressa um movimento e entendimento epistemológico dos estudos dos cotidianos que rompe com o modo mecânico e dicotômico criado pela ciência moderna de analisar a sociedade” (SILVA, 2019, p.300).

¹⁴⁴ Bourdieu (1999), conceitua a violência simbólica como: “[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce, essencialmente, pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece, também, uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado de uma língua (ou de uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma [...]” (BOURDIEU, 1999, p. 7-8). Entende-se, portanto, que a violência simbólica é uma violência oculta, sutil, de poder invisível que implica o consentimento mútuo de quem oprime e de quem é oprimido, em que este último vai em um processo cultural, incorporando os mecanismos de dominação.

Tendo por certo se tratar de uma Política Nacional de Alfabetização como “marco na educação brasileira”, a alfabetização ganha ares de “cientificidade”, cujas ‘evidências’ exibidas são provenientes dos campos da Psicologia Cognitiva e da Neurociência Cognitiva, e os seus desdobramentos da chamada ‘Ciência Cognitiva da Leitura’ (ROCHA; OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 118).

No site do Ministério da Educação, o Secretário de Alfabetização, Carlos Francisco de Paula Nadalim, ressalta que,

[...] A PNA pretende inserir o Brasil no rol de países que escolheram a ciência como fundamento na elaboração de suas políticas públicas de alfabetização, levando para a sala de aula os achados das ciências cognitivas e promovendo, em consonância com o pacto federativo, as práticas de alfabetização mais eficazes, a fim de criar melhores condições para o ensino e a aprendizagem das habilidades de leitura e de escrita em todo o país [...]. (BRASIL, 2019).

Vale ressaltar que Carlos Nadalim, além de ser defensor do método fônico, já declarou abertamente ser contrário às propostas e ideias de Magda Soares¹⁴⁵ e Paulo Freire, pois a “[...] sua defesa associa-se mais aos pressupostos teóricos de autores que são citados em seus vídeos e escritos e, óbvio, referenciados na PNA, no grupo de especialistas colaboradores apresentados na folha de ficha catalográfica do documento [...]” (ROCHA; OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p.118).

Não se pode perder de vista que, na PNA, há uma visão limitada, tendenciosa e equivocada de ação pedagógica alfabetizadora, ditada por uma “[...] proposta única de alfabetizar a todos/as [...]”, mas encoberta de “cientificidade” acrítica, que impõe “[...] o método fônico, querendo varrer da história recente da alfabetização brasileira o letramento, o cuidado de alfabetizar ao mesmo tempo em que se ampliam as práticas de leitura e escrita [...]” (MORAIS, 2019, p. 67).

Inclusive, Morais (2019) enfatiza que a Política Nacional de Alfabetização escancara duas faces vividas na gestão do governo Bolsonaro (2019-2022), principalmente

¹⁴⁵ “[...] Magda Becker Soares foi professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais, onde participou da criação da Faculdade de Educação. Atuou como consultora da rede municipal de educação de Lagoa Santa (MG), participando ativamente da formação de alfabetizadoras e da alfabetização das crianças. É autora de livros didáticos e de importantes pesquisas e obras sobre o ensino de língua portuguesa e a alfabetização, entre as quais se citam: “Português através de textos” (1990), “Letramento: um tema em três gêneros” (1998), “Alfabetização: a questão dos métodos” (2017) e “Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever” (2020).[...]” (GIOVANI; SOUZA, 2023, p. 8800). A referida professora faleceu aos 90 anos em 1 de janeiro de 2023.

quando o assunto é política pública em Educação no Brasil: “[...] a face do autoritarismo e a da mercantilização [...]” (MORAIS, 2019, p.66), posto que, nem mesmo foi preciso ocorrer um amplo debate com vários especialistas, pesquisadores, professores alfabetizadores etc., para definir os caminhos de uma Política de Alfabetização em nosso país. Isso porque os empresários e especialistas, desde o ano de 2003, estavam empenhados a impor o método fônico como única forma de alfabetizar e, no governo em questão, receberam total apoio e êxito na implantação.

No governo de Bolsonaro, os “sugadores de dinheiro” e “examinadores para o capital”

[...] se aliaram a um governo nada democrático, contrariar esse direito constitucional que é o de escolas e docentes escolherem as metodologias que julgam adequadas para ensinar qualquer conteúdo de ensino, tanto na Educação Básica como na Superior. Esse direito constitucional parece não interessar aos especialistas, empresários e políticos que formularam a PNA [...]. (MORAIS, 2019, p. 99).

Por isso que, na PNA, é possível identificar que há falta de desconhecimento por parte dos colaboradores/as e especialistas em neurociência, economia e psicologia cognitiva desse olhar cuidadoso, criterioso e aguçado para a diversidade do público-alvo da Educação de Jovens e Adultos, que tanto os/as pesquisadores/as, especialistas e maioria dos/as professores/as do campo da EJA têm se dedicado a conhecer.

Aliás, com base em Santos e Silva (2020), os/as sujeitos/as da EJA não devem ser compreendidos pela falta de algo, que é pautada em representações abstratas, mas, sim, pela realidade concreta, pelas experiências particulares de cada um/a, no transbordamento de tantos saberes e modos diversos de existência. Portanto, por meio do estudo realizado, as referidas pesquisadoras (2020) identificaram, nas produções científicas analisadas, que os/as sujeitos/as estudantes da EJA compartilham em suas experiências aspectos em comum, a saber,

[...] a vivência de diversas formas de exclusão social; as trajetórias escolares entrecortadas e marcadas por processos de exclusão da e na escola; a condição de serem, em sua maioria, trabalhadores/as oriundos das classes populares; e, a existência de projetos e sonhos de estudar e partilhar dos saberes sistematizados pelos currículos escolares, considerados por eles como socialmente relevantes [...] (HADDAD, 2000; GADOTTI, 2002; LAFFIN, 2008; DURAND *et al.*, 2011 *apud* SANTOS; SILVA, 2020, p. 4).

Vale salientar que já existe uma longa caminhada de estudos acerca das abordagens em alfabetização e letramento, os quais já foram comprovados cientificamente e que dizem respeito às práticas de alfabetização no contexto brasileiro. Portanto, é imprescindível salientar que uma Política que se destina à alfabetização precisa dialogar com professores, especialistas e pesquisadores da área de alfabetização e das demais Ciências Humanas (mas com ênfase na Educação), sendo inadmissível se restringir a pareceres de especialistas como psicólogos e muito menos ser predominantemente respaldada por experiências internacionais.

Entre especialistas/pesquisadoras que contestam a PNA, será destacado alguns pontos da entrevista¹⁴⁶, realizada no ano de 2019 com Magda Soares, com o propósito de rebater as críticas sobre a sua atuação feita pelo Secretário de Alfabetização do Ministério da Educação (MEC), Carlos Nadalim.

Magda Soares possui inúmeros estudos de alfabetização e letramento voltados para as crianças, contudo o conceito de alfabetização e de letramento, trazido por ela, estende-se às demais faixas etárias, pessoas idosas, adultas e idosas, uma vez que se tem a compreensão que é essencial “[...] uma ação pedagógica bem estruturada, fundamentada em uma concepção de aprendizagem da língua escrita que articula contribuições de várias ciências [...]” (SOARES, 2020, p.285). Assim, na entrevista, Soares enfatiza que,

O letramento tem relação com a alfabetização, mas é diferente. Não basta a pessoa só aprender a ler e a escrever. Quando ouvimos que uma criança [/pessoa] sabe ler e escrever, precisamos saber: ela sabe tirar consequências, escrever um texto que tenha coesão, coerência, que seja adequado ao destinatário? Para aprender isso, não é só com a alfabetização, mas em contato com *outros procedimentos e métodos que receberam o nome de letramento*, conceito incorporado nos anos 1980 exatamente para destacar a importância não só da criança *aprender a ler e a escrever; mas também aprender a fazer uso da leitura e da escrita nas demandas sociais [...]*. (BASILIO, 2019, n.p., grifo nosso).

Na época, o Secretário da Alfabetização já mencionado, fez a defesa do método fônico, considerando-o como uma metodologia capaz de superar o analfabetismo funcional. Contudo, Soares (2019) rebate a defesa do Secretário, ao referir-se que para se aprender a língua escrita, precisa, necessariamente, aprender as relações entre letras e fonemas, de

¹⁴⁶ A matéria da entrevista é de Ana Luiza Basilio e possui como título “Magda Soares: Pensar que se resolve a alfabetização com o método fônico é uma ignorância”, publicado em 18 de abril de 2019.

modo que a língua escrita é a representação da língua oral, por isso é preciso aprender como ocorre essa representação¹⁴⁷. Para ela, o chamado método fônico, possui um princípio linguisticamente equivocado, já que os fonemas formados por consoantes encontram barreiras ao serem pronunciados. Portanto, ao partir de um nível mais complexo exige-se que a pessoa entenda as relações entre fonemas e grafemas, contudo é preciso esperar esse momento no processo de aprendizagem, em que, paulatinamente, vai se percebendo que numa sílaba há mais de um som e que cada um deles é representado por uma letra (BASILIO, 2019).

Na entrevista acima mencionada, Soares ressaltou que o processo de alfabetização e letramento depende muito do contexto social e cultural de cada pessoa e, quando se trata de um país terrivelmente desigual, como o nosso, é preciso levar em consideração que as pessoas das camadas populares das escolas públicas precisam de trabalho pedagógico ainda mais amplo e significativo, pois fora do espaço escolar terão pouquíssimos (ou nenhum) suportes para a sua aprendizagem.

Quanto ao Secretário da Alfabetização do MEC, Nadalim, Magda Soares (2019) considera que ele possui um olhar voltado para a escola particular, cuja realidade é extremamente diferente da escola pública, em que esta última possui uma infraestrutura muito insatisfatória, com professores pouco qualificados, com baixos salários, portanto, considera “um simplismo, uma ingenuidade e ignorância” achar que o método fônico na alfabetização resolverá os problemas. No final da entrevista, Soares considera a formação de professores como a política fundamental e indispensável para o momento presente, com o foco em professores alfabetizadores (BASILIO, 2019).

No teor do documento (PNA), é destacado que a Política Nacional de Alfabetização – PNA está em conformidade com a Constituição Federal (1988), com a PNE (2014-2024), com a BNCC (2017), dentre outras diretrizes. Contudo, há aspectos que estão em pleno desacordo, como exemplo, o princípio da isonomia, expresso no artigo 5º, caput, da Constituição Federal de 1988, o qual dispõe que todas e todos “[...] são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza [...]”, porém essa igualdade não pode ser compreendida em seu sentido literal, tendo em vista que a previsão constitucional abarca os sentidos de igualdade formal e de igualdade material, cujo entendimento foi trazido pelo doutrinador, mestre e doutor em direito, Pedro Lenza (2010, p. 679), que declara:

¹⁴⁷ Isto é, como os sons são representados por letras e grafemas.

Deve-se, contudo, buscar não somente essa aparente igualdade formal (consagrada no liberalismo clássico), mas, principalmente, a igualdade material, na medida em que a lei deverá tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida de suas desigualdades. Isso porque, no Estado social ativo, efetivador dos direitos humanos, imagina-se uma igualdade mais real perante os bens da vida, diversa daquela apenas formalizada perante a lei [...]. (LENZA, 2010, p. 679),

Logo, é possível identificar que a Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019, p. 38) não visa uma efetiva/real igualdade, uma vez que, ao considerar a “[...] alfabetização como instrumento de superação de vulnerabilidade social [...]”, acaba escolhendo somente como seus “beneficiários prioritários”, as crianças na primeira infância e os estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, deixando de lado as pessoas jovens, adultas e, sobretudo, as idosas.

Em outras palavras, a PNA priorizou um público que sequer fazia parte da Política Nacional de Alfabetização, isto é, as crianças na primeira infância que, nessa fase da vida, tanto faz ser ou não ser alfabetizada, relegando, assim, o seu compromisso para com a alfabetização daqueles/as – estudantes idosos/as, adultos/as e jovens – que, com muito esforço¹⁴⁸, estão nessa fase da vida, fazendo valer o seu direito de aprender a ler e escrever, posto que carregam em suas histórias pessoais as marcas de quem sente/já sentiu na pele a dura realidade por não ser alfabetizado/a.

Portanto, se realmente a PNA buscasse a real “superação de vulnerabilidade social”, sua preocupação se voltaria igualmente para o público da EJA e para a urgência de incluir milhões de pessoas idosas, adultas e jovens, que vivem na cidade e no campo, que ainda se encontram em estado de analfabetismo em nosso país. Assim, sequer precisaria arranjar uma “justificativa descabida” para não cumprir a meta 9 do Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024), que tem como prazo limite o ano de 2024, na qual consta:

[...] Meta 9: elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, *até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional [...]*. (BRASIL, 2014, p.34, grifo nosso).

¹⁴⁸ Muitos/as estudantes da EJA levam suas crianças (filhos/as ou netos/as) para a sala de aula porque não têm com quem deixá-las. Outros/as sequer têm um tempinho de descanso entre a saída do serviço e o horário da aula na EJA. E ainda, outros/as que precisam sair de casa mais cedo para conseguir chegar no horário da aula, pois possuem dificuldades de locomoção. Entre tantas outras situações difíceis que os/as estudantes passam para fazer valer o seu direito de acesso e permanência na EJA.

Assim, pode-se compreender que esse olhar distinto da PNA, entre a alfabetização de crianças e a de pessoas de mais idade (idosas, adultas e jovens), as quais são pertencentes à Educação de Jovens e Adultos da Educação Básica, só vem a confirmar que essa modalidade de ensino da Educação Básica tem sido desvalorizada e invisibilizada por “essa política pública” no governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), inclusive, as pesquisadoras do campo da EJA, Di Pierro (2005), Machado (2016) e Ventura (2012), vêm denunciando em seus estudos, “[...] que os sistemas de ensino continuam tratando a EJA de forma residual e com concepções que ainda remontam à cultura do supletivo [...]” (SERRA *et al.*, 2018, p.27).

Igualmente deve ser observado que as pessoas mais afetadas pelo analfabetismo são as mulheres negras, idosas e pobres, assim como é essencial reforçar que a EJA se destina à classe trabalhadora, isto é, pessoas que

[...] carregam em si suas identidades étnicas, sociais de gênero e de classe. São pessoas jovens, adultas e idosas em suas identidades sociais e familiares: pessoas trabalhadoras (em atividades formal e na informalidade), pertencentes a zonas rural, urbana e das periferias; são filhos e filhas mais velhos e mais velhas, pais e mães, avós e avôs [...]. (LAFFIN; MACHADO; MARTINS, 2021, p.207).

Considera-se, portanto, que no momento de pandemia de Covid-19, se a PNA sequer conseguiu surtir efeito com as crianças, o que dirá com os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, cujas dificuldades na implementação dessa Política não podem ser justificadas pelo agravamento das desigualdades sociais e educacionais enfrentadas na pandemia, mas pelo fato de que em um regime democrático não se admite a imposição de uma metodologia pedagógica específica, a qual se perfaz desconectada aos interesses, às especificidades e às realidades sociais dos/as estudantes e da maioria das escolas, bem como vai na contramão de pesquisadores/as, especialistas e de professores/as que se empenham em encontrar caminhos de conciliação entre as diferentes concepções de alfabetização, abordagens, estratégias, mas sempre com o foco na aprendizagem e no interesse dos/as estudantes.

Aliás, não é de hoje que a EJA prima, em seus debates, pela necessidade de conhecer a diversidade de seu público-alvo, as suas especificidades que requerem metodologias de alfabetização que favoreçam o aprendizado desses/as sujeitos/as. Ou seja, nessa perspectiva libertadora, o que se quer é ensinar-lhes a dizerem a sua palavra e (re)lerem o mundo, para que consigam transformá-lo.

Dessa forma, diante da análise da PNA, surgiu a seguinte indagação: De que famílias a PNA – autopromovida de “política pública¹⁴⁹” – está se referindo? Como delegar às famílias “um trabalho colaborativo” para a educação das crianças (filhos/as, sobrinhos/as, netos/as etc.), se os próprios pais/avós sequer sabem ler e escrever? Como é possível acompanhar a vida escolar dos/as filhos/as (netos/as) em uma família em estado de analfabetismo?

Como se sabe, a alfabetização em nosso país é tratada de modo isolado das demais questões sociais, posto que não há como desvincular a pouca escolarização do povo brasileiro com o fracasso escolar das crianças, haja vista que mães, pais, avós, avôs etc., em estado de analfabetismo, terão poucas chances de ajudar/auxiliar as crianças – filhos/as e netos/as – em seus estudos, que dirá construir o hábito da leitura (mesmo possuindo letramento) ou mesmo um ambiente de estudos, assim idealizado na PNA.

Por óbvio, nessas condições, as crianças serão privadas de um ambiente familiar com maior estímulo para a leitura e a escrita e isso confirma o quanto o analfabetismo brasileiro está ligado a outras questões sociais, as quais se entrecruzam.

Inclusive, muitas pessoas idosas que ingressam na EJA são estimuladas por seus familiares e por profissionais da saúde, sendo que, para algumas delas, o desejo de saber ler e escrever se manifesta pela necessidade de auxiliar seus/uas netos/as em seus estudos; já para outras, o desejo de alfabetizar-se vem acompanhado da necessidade de dar conta das exigências sociais de leitura e escrita do dia a dia, a fim de que possa “erguer altivamente a sua própria voz”. Portanto, o momento tão desejado e esperançado não pode restringir a alfabetização ao mero ato mecânico em que a leitura é pensada apenas como capacidade de decodificar os sinais gráficos, resultando em sons, e a escrita como capacidade de codificar os sons da fala, para o domínio de sinais gráficos.

¹⁴⁹ De acordo com Shiroma, Moraes e Evangelista (2007), “[...] é estratégica a importância das políticas públicas de caráter social – saúde, educação, cultura, previdência, seguridade, informação, habitação, defesa do consumidor – para o Estado capitalista. Por um lado, revelam as características próprias da intervenção de um Estado submetido aos interesses gerais do capital na organização e administração da *res publica* e contribuem para assegurar e ampliar os mecanismos de cooptação e controle social. Por outro, as políticas públicas, particularmente as de caráter social, são mediatizadas pelas lutas, pressões e conflitos entre elas. Assim, não são estáticas ou fruto de iniciativas abstratas, mas estrategicamente empregadas no decurso dos conflitos sociais expressando, em grande medida, a capacidade administrativa e gerencial para implantar decisões de governo. Capacidade que burocratas contemporâneos têm por hábito chamar ‘governança’ [...]” (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2007, p.8-9, grifo das autoras).

Espera-se ter enfatizado os reais motivos que levaram a PNA a ter essa visão tão “limitada” do processo de alfabetização, sendo essencial enfatizar que a visão de Soares e de Freire acerca do processo de alfabetização, é muito mais ampla. Inclusive, a alfabetização de Freire é inerente a um projeto político (FREIRE; MACEDO, 1990), o qual visa assegurar a cada pessoa (estudante) o direito de erguer a sua própria voz, posto que, “[...] a alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos [...]. A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra [...]” (FREIRE, 1985, p.14).

Vale destacar que as iniciativas de ações/campanhas de alfabetização, realizadas ao longo de várias décadas no Brasil, foram sempre experiências muito pontuais e, inclusive, essas ações e projetos de alfabetização tinham (e têm) limites de programa de governo, fato este que denuncia que o “projetado” jamais foi (e ainda não é) pensado pela lógica de ampliação do percurso formativo dos indivíduos – mulheres e homens – com pouco ou nenhum estudo da classe trabalhadora.

Ademais, ainda hoje, lutamos para romper com o reduzido investimento que chega para a Educação Básica, a fatia de financiamento para a EJA ou é esquecida ou é pouco contemplada, tratando-se, portanto, de uma tamanha incoerência, haja vista que essa modalidade de ensino pertence à Educação Básica. Basta lembrar que há uma enorme “dificuldade” de ser realizada a chamada pública¹⁵⁰ – que é de responsabilidade do Estado – para o atendimento da população que demanda de escolarização da EJA. Essa constatação reflete tanto nas altas taxas do analfabetismo como na negação de acesso e de permanência na educação básica, sobretudo de pessoas idosas, adultas e jovens, em nosso país. Logo, fica evidente a negação do direito universal à educação.

5.2 PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS (2015-2025): DE OLHO NA EJA E NOS/AS ESTUDANTES IDOSOS/AS

O Plano Municipal de Educação de Florianópolis – PME consiste em uma política educacional destinada a todos os níveis, sendo expresso no documento que ocorreram caminhares importantes sobre o tema educação. Esse documento atende ao princípio

¹⁵⁰ Refere-se a um conjunto de ações contínuas, que são promovidas e financiadas pelo Estado, a fim de assegurar a ampla publicização, ou seja, que seja divulgado à população.

constitucional de gestão democrática do ensino público, estabelecido na Constituição Federal, em seu art. 206, inciso VII.

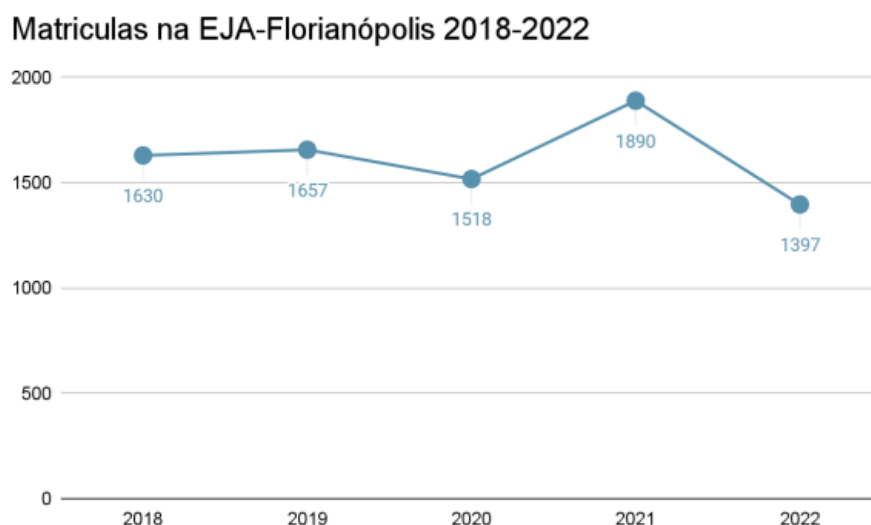
[...] Sua proposta de atualização e adequação ao Plano Nacional de Educação, conforme orienta a lei, foi elaborada por um Fórum Permanente de Educação, que também emitiu um parecer e remeteu ao executivo que, por sua vez, encaminhou Projeto de Lei à Câmara Municipal, que foi aprovado em [...] 2015. Esse projeto foi sancionado pelo Prefeito de Florianópolis, por Lei Complementar n.º 546, de 12/01/2016, e cópia dele [...] entregue para todas as Unidades Educativas do Município e para as entidades envolvidas na elaboração da proposta. Entretanto, a grande meta deste Plano Municipal de Educação é uma reflexão sobre a aprendizagem, com foco no estudante criança, adolescente, jovem ou adulto que aí está, estabelecendo mediação através do conhecimento, compreendendo-o, como ele é, acolhendo-o, considerando e superando a fragmentação na concepção dos tempos de infância, integrando as etapas e modalidades da Educação Básica e, sobretudo, respeitando as questões da diversidade e da inclusão. Convido, portanto, a todos para acompanharem este Plano Municipal de Educação, nesta caminhada, com vistas a qualificar cada vez mais a Educação em Florianópolis [...]. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 22).

Quanto à oferta de vagas, destaca-se que a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis teve um significativo aumento¹⁵¹ ao longo dos anos, sobretudo na educação de jovens e adultos - EJA na capital (Florianópolis), mas, com a chegada da pandemia, houve uma significativa diminuição no número de matrículas, com maior impacto no ano de 2022, segundo o Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia/UFSC de Edson da Costa Gularte, sob a orientação da Professora Dra. Célia Regina Vendramini (2021), cujo trabalho abarca a pesquisa¹⁵² que contém o número de matrículas¹⁵³ da EJA na rede municipal de Florianópolis/SC.

¹⁵¹ Vale frisar, “[...] que a rede municipal de ensino de Florianópolis investe na educação básica quase 30% de sua receita e, por inúmeras vezes, foi premiada pela qualidade de sua educação [...]”. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 32).

¹⁵² Os dados que serão apresentados foram obtidos pelo projeto de pesquisa Migração e escolarização: a realidade de jovens estudantes e trabalhadores, com registro no CNPq, coordenado pela Professora Dra. Célia Regina Vendramini, em 2021.

¹⁵³ De acordo com Gularte (2022, p. 14), esses “[...] dados de matrícula foram extraídos e disponibilizados pelo Departamento de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Florianópolis”.

Gráfico 1 - Matrículas na EJA em Florianópolis (2018-2022)

Fonte: Gularte (2022, p. 39) com base nos dados de Vendramini (2021).

Gularte (2022, p.39), enfatiza que entre 2019 e 2020 (o primeiro ano pandêmico), houve uma redução de 8,3% nas matrículas da EJA, tendo em vista que em 2019, foi de 1.657 registros e em 2020, passou para 1.518. No entanto, em 2021, esse panorama sofre alteração, aumentando para 1.890 matrículas na modalidade, em que no estudo de Gularte, traz como possível hipótese, a migração de estudantes (acima de 15 anos) do ensino regular para a EJA, com maior concentração em turmas do bairro Rio Vermelho. Além disso, em 2022, voltou a cair o número de matrículas – totalizando 1.397 registros –, ficando 7,98% menor do que no primeiro ano de pandemia.

Diante dessa queda no número de matrículas em 2022, é preciso refletir sobre a EJA enquanto direito social (e humano) e não como “oportunidade” de “[...] aumento nos níveis de escolarização” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 32), primando sempre pela qualidade do ensino destinado às pessoas idosas, jovens e adultas, as quais na infância e adolescência, foram alijadas do seu direito de aprender. Esse realce precisa ser feito, mesmo que o documento, de modo geral, reafirme a importância de a EJA garantir o direito à educação.

Do mesmo modo, é inadequado o termo “idade própria”, assim expresso em inúmeros documentos legais, o que vem a ser a herança da Lei nº 5.692/71¹⁵⁴, posto que essa

¹⁵⁴ Em 1971, a Lei nº. 5.692 (BRASIL, 1971) regulamentou “[...] o Ensino Supletivo como proposta de reposição de escolaridade, o suprimento como aperfeiçoamento, a aprendizagem e qualificação sinalizando para a profissionalização, foram contemplados com um capítulo específico na legislação oficial [...]” (FRIEDRICH *et al.*, 2010, p.397-398). Atualmente a nomenclatura correta é a Educação de Jovens e Adultos, cuja sigla é EJA, referindo-se à uma modalidade de ensino da educação básica, a qual assume uma nova

expressão vem carregada de preconceito e dissemina a ideia de que há uma idade “certa” ou “adequada” para se aprender (GADOTTI, 2013, p.66).

Logo, a EJA é vista ainda hoje, para muitos, como o depósito dos excluídos e excluídas, pensada como função de compensar a escolaridade “perdida”, uma vez que essa expressão “idade própria” transmite exatamente essa ideia de um ensino compensatório, em que a culpa recai no estudante da EJA, já que ele/a “burlou as regras” do tempo cronológico de escolarização estipulado (o “tempo do aprender” na infância e adolescência), afastando a culpa perante essa situação de nossa sociedade capitalista.

Também, a expressão desconsidera a aprendizagem no decorrer da vida, educação permanente, que, para Paulo Freire, “[...] onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender [...]” (FREIRE, 2000, p. 85). Inclusive, segundo Abreu e Laffin (2014),

[...] pode-se dizer que o termo “educação ao longo da vida”, ou “aprendizagem ao longo da vida”, é uma concepção de educação e conhecimento disseminada pela UNESCO e que produz a obsolescência humana (RODRIGUES, 2008), sendo o mesmo expresso de forma incólume nas políticas públicas para a educação no Brasil, em especial, para a EJA. Segundo Rodrigues (2008), essa condição incólume revelou-se nitidamente nas produções científicas brasileiras, expressas nos silêncios, ausências e/ou adesões. (ABREU; LAFFIN, 2014, p.78).

Também no documento analisado, é apresentado as taxas de matrículas da Educação Básica no ano de 2014, sendo que a EJA computou 1.045 matrículas, enquanto o Ensino Infantil obteve 12.232 matrículas e o ensino Fundamental, 14.531 matrículas, ou seja, os registros de matrículas para a EJA não atingem nem 10% em comparação aos demais níveis da Educação Básica (ver Tabela 3).

concepção, isto é, de educação por toda a vida, buscando incluir os sujeitos em diferentes etapas de saber.

Tabela 3 - Estabelecimentos de ensino, níveis e modalidades¹⁵⁵ e matrículas, rede municipal de Florianópolis - 2014

Níveis e modalidades	Unidades Educativas	Matrículas
Educação infantil	78	12.232
Ensino fundamental	36	14.531
Educação de Jovens e Adultos	01	1.045
Total da Rede própria	115	27.808
Conveniadas da Educação infantil	16	1.681
Conveniadas do Ensino fundamental	36	2.738
Centros de Educação Complementar	09	580
Ensino superior (Polo Univ. Aberta)	01	1.138
Total da Rede Conveniada	60	6.137
Total Geral da rede municipal de ensino	175	33.945

Fonte: SME/DIOBE. GEIFE/Novembro2014

Fonte: Florianópolis (2016, p. 43).

Há, no documento (PME), uma seção especificamente da EJA, na qual é ressaltado que: “[...] é a modalidade da Educação básica destinada a todos que não tiveram a oportunidade de conclusão do Ensino fundamental ou Ensino médio, nas faixas etárias consideradas adequadas conforme a legislação vigente [...]” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 72). Portanto, como está destinada a todas as faixas etárias, segundo a legislação vigente, ficou subentendido que abarca as pessoas idosas. Além disso, é ressaltado o direito à educação, em que diz, “[...] Mais do que uma oportunidade de certificação pela conclusão das etapas elementares da escolarização, a modalidade traz em si, uma política de universalização da educação e sua oferta, o cumprimento do direito à Educação [...]” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 72, grifo nosso).

De igual modo, é destacado no PME os objetivos estabelecidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/96, e às funções elencadas no Parecer CNE/2000, as quais definem a razão de ser da modalidade, são elas: a função equalizadora, qualificadora e emancipadora, sendo assumidas essas três funções no foco da ação política da EJA no município de Florianópolis, assim:

¹⁵⁵ Cabe frisar que na Tabela 3, o número de matrículas na rede municipal de ensino corresponde ao conjunto de estudantes informados no Censo Escolar. Isso ocorre porque junto ao Inep, órgão responsável pelo Censo Escolar no Brasil, há uma única unidade educativa de EJA na RME, embora a gestão territorial ocorra por meio de Núcleo e Polos. Essas informações foram fornecidas por Daniel Godinho Berger, o qual integrou a Comissão para coordenar e sistematizar a adequação do Plano Municipal de Educação de Florianópolis ao Plano Nacional de Educação (PNE).

[...] coloca-se frente ao desafio de criar condições para que a oferta da escolarização dos sujeitos jovens, adultos e idosos, se configure como uma alternativa de redução das desigualdades sociais que se expressam pelos contrastes no tempo dedicado à escolarização entre sujeitos de diferentes segmentos sociais; pela existência, ainda na contemporaneidade, de sujeitos em situações de analfabetismo ou alfabetismo funcional e; pelo baixo padrão de qualificação profissional que caracterizam os segmentos populacionais pouco escolarizados. Justamente nesta perspectiva, situam-se as metas 8, 9 e 10, que tratam respectivamente: da escolaridade média; alfabetização e alfabetismo funcional de jovens e adultos e, da EJA integrada à Educação Profissional [...]. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 73).

Diante do exposto acima, o documento explicita o seu compromisso perante a educação das pessoas idosas com pouca ou nenhuma escolaridade. Sendo importante lembrar que, na perspectiva freireana, a educação visa emancipar as pessoas, portanto, se todas as pessoas fossem escolarizadas, as relações sociais e de trabalho seriam forçadas a se alterarem. E no contexto atual de nossa sociedade, o grau de escolaridade de uma pessoa (ainda) tem relação com a renda e com o reconhecimento social (*status* social), portanto, quanto maior o nível de escolaridade, melhores serão as oportunidades, podendo ascender verticalmente em posição de vantagem de cargos e salários.

5.3 PLANO MUNICIPAL DE CONTINGÊNCIA - EDUCAÇÃO (2022)

O primeiro destaque vai para a ilustração escolhida para a capa do Plano Municipal de Contingência – Educação¹⁵⁶, conforme a figura 13, pois a sua representatividade acabou deixando de fora os/as estudantes da EJA, apesar de constar no documento que a Educação de Jovens e Adultos é pertencente à Educação Básica.

¹⁵⁶ Esse Plano de Contingência foi elaborado e aprovado pelo Comitê Técnico Científico da Defesa Civil de Santa Catarina e do Comitê Estratégico de Retorno às Aulas.

Figura 13 – Capa do Plano Municipal de Contingência – Educação



Fonte: Florianópolis (2022).

O realce para a representatividade da EJA, na capa do documento, se faz necessário, pois, muitas vezes, essa modalidade de ensino é tratada como apêndice da Educação. Basta lembrar da dificuldade na ampliação da oferta de vagas para o atendimento da EJA, falta de recursos didáticos que atenda as especificidades do público-alvo, baixo percentual de professores efetivos etc., que consequentemente reforça a negação do direito.

Além disso, ressalta-se a importância da elaboração do Plano de Contingência no município de Florianópolis, pois frente aos cenários de risco identificados, foi essencial traçar estratégias, ações e rotinas de resposta para o enfrentamento da epidemia da Covid-19, principalmente na preparação do retorno das atividades presenciais, administrativas e escolares.

Sendo que, o Plano de Contingência elaborado precisou ser

[...] alinhado com as metodologias para elaboração de Planos de Contingência da Defesa Civil de Santa Catarina e as orientações nacionais e internacionais (nomeadamente, Ministério da Saúde e Organização Mundial de Saúde, bem como Secretarias de Estado de Saúde e de Educação) [...]. (FLORIANÓPOLIS, 2022, p. 10).

É destacado, no documento elaborado, o total de matrículas de estudantes no ensino da rede municipal durante a pandemia, apresentando o seguinte quantitativo: “[...] 194.601 em creches, 191.697 em pré-escolas, 473.080 em séries Iniciais (de 1º ao 5º ano),

392.182 em anos finais (de 6º ao 9º ano), 312.925 no ensino médio e profissional, 69.270 na EJA (Educação de Jovens e Adultos), 36.734 em Educação Especial [...]” (FLORIANÓPOLIS, 2022, p. 12).

No que tange às unidades educativas, segundo o documento analisado, o Município conta com 83 unidades de educação infantil, 12 conveniadas na educação infantil, 37 unidades escolares de ensino fundamental, 10 núcleos de EJA com 24 localidades de atendimento, 30¹⁵⁷ parceiras/conveniadas no ensino fundamental, sendo que 24 destas são via OSC e 5 CCFV’S (Estabelecimentos de Fortalecimento de Vínculos). Ou seja, são 32.450 estudantes matriculados na rede municipal de Florianópolis, de acordo com o Censo Escolar 2019.

É importante salientar que este documento foi destinado para apresentar as estratégias operacionais de monitoramento, tanto no que se refere à prevenção, como para o monitoramento de casos de Covid-19, de modo que há uma única tabela de ação pedagógica, encontrada no item 7.1.2 - DAOP Medidas Pedagógicas (FLORIANÓPOLIS, 2022, p. 22), cujos itens analisados são: a) horários alternados por turma; b) reorganização de turmas em subturmas; c) formação sobre métodos de prevenção; d) orientação da unidade educativa; e) garantir a realização de uma gestão democrática nas unidades, bem como o acesso e a permanência dos estudantes; f) adequar metodologias e estratégias de acordo com as necessidades; g) mapear as necessidades dos estudantes conforme a realidade de cada unidade (atendimento híbrido que combina semanas com aulas/atividades presenciais e semanas com/atividades *online*) e implantar estratégias que contribuam com a aprendizagem; e h) reorganização do calendário escolar, estratégias de aprendizagem e avaliação.

Por fim, frisa-se que apesar da EJA ter sido destacada no documento, a pessoa idosa não foi contemplada em suas necessidades e peculiaridades, sobretudo por fazer parte do grupo de risco da Covid-19. Isso reforça a urgência de maior visibilidade dos estudantes idosos e idosas, pois embora pertençam à modalidade da EJA, na prática, persiste a ausência de uma política de educação, que situe na proposta pedagógica, os/as sujeitos/as idosos/as, que transcenda a ideia de ocupação do seu tempo livre em atividades escolares, para

¹⁵⁷ Apesar do documento mencionar 30 parceiras/conveniadas, constam informações mais específicas de apenas 29.

potencializar as experiências de ensino e de aprendizagem no espaço escolar, com vistas a contribuir para a concretização de desejos, anseios e sonhos desse público-alvo da educação brasileira.

5.4 DE ESTATUTO DO IDOSO PARA ESTATUTO DA PESSOA IDOSA: QUE DIFERENÇA ISSO FAZ?

Considerando que há pessoas – de todas as idades e de diferentes níveis socioeconômicos – que pensam que foi absolutamente desnecessária a alteração realizada no Estatuto destinado ao público idoso, em que passa a ser chamado de Estatuto da Pessoa Idosa, pretende-se, para esse momento, pôr em perspectiva essa situação, a fim de recuperar a propositura desse olhar inclusivo e humanizador.

Vale ressaltar que não se pretende, neste estudo, esgotar a discussão acerca das várias problemáticas relacionadas ao uso do termo “idoso” e do quão importante foi essa aprovação de alteração¹⁵⁸ para o termo “pessoa idosa”, sobretudo, pelo fato da Lei 14.423 de 2022 ter sido sancionada sem vetos pelo presidente Bolsonaro. Isso porque essa alteração legal ocorreu em uma gestão de governo catastrófico, de fascistas e saudosistas da ditadura¹⁵⁹, marcado por ataques, selvagerias, ações "misóginas" e práticas de ageísmo. Portanto, essa conquista (re)acendeu a esperança de melhores condições de vida em dignidade nas idades longevas, reconhecidamente formada por mais mulheres do que os homens.

A mudança da antiga lei – Lei Federal nº 10.741 de 1º de outubro de 2003 – tem como escopo incluir e garantir maior visibilidade e proteção às mulheres de 60 anos ou mais de idade, pois além de serem predominantes em seu grupo etário, são as grandes vítimas da violência doméstica e familiar, do feminicídio, de doenças crônicas, do ageísmo, do analfabetismo, do desemprego, da fome e da miséria, inclusive, da discriminação, do menosprezo e da exclusão social.

¹⁵⁸ O senador Paulo Paim (PT-RS), autor do Estatuto do Idoso, foi quem propôs a sua revisão para a incorporação do termo pessoa idosa no documento legal.

¹⁵⁹ Importante chamar a atenção que um dos métodos utilizados pela ditadura militar era a tortura de opositores. E que Bolsonaro manifestou publicamente que era adepto a um dos mais cruéis torturadores, o Coronel Brilhante Ustra, que chefiou o Destacamento de Operações de Informação do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) (BARBOSA, 2021). Também, em seu governo (2019-2022), incitou e participou de atos pró-ditadura/antidemocráticos

Ou seja, o efeito do emprego do termo “pessoa idosa”, no Estatuto, extravasa a questão de semântica, uma vez que assume assuntos que, historicamente, foram acobertados e generalizados, fazendo com que o descrédito social que conduz o modo de viver das mulheres – negras, pardas, brancas, mulheres trans etc. – em nossa sociedade não recebesse a atenção necessária ao tratar das violências, estigmas e preconceitos em relação à velhice.

Vale lembrar que foi no governo de Luiz Inácio Lula da Silva que houve a aprovação da Lei Federal nº 10.741, que, na época, foi batizada de Estatuto do Idoso, cuja Lei Orgânica do Estado Brasileiro tornou-se de conhecimento público, pois visava garantir a dignidade da pessoa idosa em sua integralidade e incluiu, como crimes, a negligência e discriminação contra o público idoso, quer dizer, trouxe medidas¹⁶⁰ protetivas que tratam não só da violência física, como da violência moral.

Importa destacar que Paulo Paim (PT/RS) relatou que, após o projeto tornar-se lei no ano de 2003, festejou essa conquista por representar uma “[...] luta histórica do movimento social brasileiro [...]” (BRASIL, 2003, p.5), uma luta que foi persistente e que precisou de duas décadas para ser aprovada pelo Congresso Nacional.

Segundo o senador federal Paulo Paim (PT/RS), essa luta teve o seu início em 1983, a partir da profícua discussão interna entre associados de inúmeras entidades que representaram os interesses de pessoas idosas e aposentadas, cujas inquietações foram se consolidando até meados da década de 90, com a elaboração do Projeto de lei PL nº 3.561/1997, apresentado à Câmara dos Deputados e aprovado pela Comissão de Seguridade da Câmara em 1999. Sendo que, na data de 29 de agosto de 2001, com a criação da Comissão Especial, foi aprovado o Projeto por unanimidade e, no mesmo ano, em 22 de novembro, sua divulgação ocorreu em um grande seminário¹⁶¹ na presença de parlamentares, inúmeros representantes¹⁶² e dirigentes do país. Mas foi em 2003 que o projeto de lei, ao ganhar fortíssimos aliados,¹⁶³ pôde efetivamente se consolidar em lei em nosso país

¹⁶⁰ Vale ressaltar que a Lei nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020, trata das medidas de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, responsável pelo surto que começou no ano de 2019

¹⁶¹ Evento realizado no Auditório do Espaço Zumbi dos Palmares.

¹⁶² Representantes da Conferência Brasileira de Aposentados e Pensionistas – COBAP, da Associação Nacional de Gerontologia, da Sociedade Brasileira de Gerontologia e Gerontologia da Confederação Nacional dos Trabalhadores e na Agricultura – CONTAG (BRASIL, 2003, p.8).

¹⁶³ Nessa época, a velhice ganha preponderância na Campanha da Fraternidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, tendo como tema, em 2003, Fraternidade e Pessoas Idosas – Vida Dignidade e Esperança, assim como na emissora da Rede Globo, com a novela Mulheres Apaixonadas, que abordou o drama da

(BRASIL, 2003).

Quanto ao termo “idoso”, o qual foi adotado no antigo Estatuto do Idoso e que ainda se faz presente na maioria dos documentos legais de nosso país, o entendimento é de que a sua aplicabilidade contribuiu em muito para a dominação masculina e subordinação feminina, do que para abarcar a dimensão do gênero humano. Ainda mais em uma sociedade como a nossa que, a todo custo, prega/reforça/encobre o machismo, sendo este a principal causa da violência contra a mulher, de todas as idades, inclusive, ocorreu o agravamento de casos de violência doméstica durante a pandemia de Covid-19 (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Em 1º de outubro de 2021, data comemorativa do Dia Internacional do Idoso¹⁶⁴ e momento de celebração dos dezoito anos de vigência do Estatuto do Idoso, o senador Paulo Paim - PT-RS, em um seminário¹⁶⁵ virtual, frisou a necessidade da efetiva garantia dos direitos constitucionais – presentes no Estatuto – às pessoas idosas, uma vez que reconhece que são inúmeros os desafios frente às condições de envelhecer em nosso país. Enfatizou que o Estatuto é “[...] uma lei que tem tudo de humano, uma lei que fortalece direitos, que garante o povo brasileiro envelhecer com dignidade [...]” e destacou que a população idosa vem aumentando, embora a pandemia tenha interrompido inúmeras vidas. Para ele, a visão da sociedade é que precisa mudar perante “essa camada da população esquecida”, pois “a crise econômica e social está se sentindo na pele”.

De igual modo, o referido senador reforçou a necessidade de exigir uma política de reajuste dos benefícios previdenciários, como também de criar programas escolares que desenvolvam a cultura de respeito às pessoas mais velhas e de cuidados preventivos à saúde, capaz de gerar melhor qualidade de vida para as atuais e futuras gerações. Alertou para a violência contra as pessoas idosas, muito agravada na pandemia e que, inclusive, é praticada pelos próprios familiares, cujo cenário exige mais políticas públicas e programas de proteção integral à pessoa idosa e de combate ao abandono afetivo na velhice.

Vale destacar que, antes da aprovação do Estatuto da Pessoa Idosa, o Projeto de Lei 151/2021, da deputada Tereza Nelma (PSDB-AL), continua em tramitação, o qual foi aprovado pela Comissão dos Direitos da Pessoa Idosa da Câmara dos Deputados, cujo

velhice por intermédio de um casal maltratado pela neta, personagens interpretados pelos atores Carmem Silva e Oswaldo Louzada (BRASIL, 2003, p.8)

¹⁶⁴ Data que foi instituída na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e foi acolhida pelo Brasil.

¹⁶⁵ Seminário 18 anos do Estatuto do Idoso: Tempo de Defender Direitos, o qual buscou debater os avanços e desafios da pessoa idosa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OaiGp_K4Ubl&t=932s>.

propósito é de substituição do termo “idoso” para “pessoa idosa” em cinco leis referentes às pessoas idosas, a saber, a Política Nacional do Idoso, o Estatuto do Idoso (que já foi contemplado), a Lei do Imposto de Renda, a Lei do Atendimento Prioritário e a Lei que criou o Fundo Nacional do Idoso. Na visão da deputada Tereza Nelma - PSDB-AL, a expressão “idoso” é totalmente excludente em relação às mulheres e até mesmo incoerente, uma vez que as mulheres idosas são predominantes em seu grupo etário em nosso país. Sendo que, o Projeto de Lei chegou à Comissão de Constituição e Justiça – CCJC na data de 27 de agosto de 2021 para análise e até a data de 28 de julho de 2023 permanecia em tramitação, aguardando a designação do relator na Comissão, conforme os dados fornecidos pelo site da Câmara dos Deputados.

Importa destacar que, em consonância com o Estatuto da Pessoa Idosa, e no intento de buscar eliminar todas as formas de violência contra as mulheres (e meninas) na vida pública e privada, na data de 10 de junho de 2021, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996 foi modificada pela Lei nº 14.164/2021, para incluir nos currículos da educação básica o conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher e instituir a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher.

De igual modo, espera-se que a sociedade brasileira tenha um olhar mais cuidadoso e perseverante voltado para as reais necessidades das pessoas idosas, quer seja pela discriminação¹⁶⁶ de qualquer natureza relacionada ao fato de ser homem ou ser mulher, quer seja pela vida diferenciada decorrente da condição de desigualdade social e econômica entre as classes sociais, cuja inteireza desse olhar¹⁶⁷ se dá no esforço de conhecer o perfil desse público de mais idade, na afirmação (e no reconhecimento) da existência de sua heterogeneidade¹⁶⁸, na luta por uma vida em pé de igualdade entre mulheres e homens. Para tanto, se faz imprescindível a implantação de mais políticas públicas destinadas à população

¹⁶⁶ Discriminações e preconceitos sociais, perpetrados por uma cultura patriarcal imposta pelos homens sobre as mulheres, que são expressos pelo machismo, pela misoginia, pelo racismo e pelo sexismo, em que este último gera a homofobia e a desigualdade de poder, de oportunidades e de salários entre os gêneros.

¹⁶⁷ Que busca identificar as necessidades e as particularidades de cada pessoa idosa, a fim de não ofuscar as diferenças/especificidades vividas e sentidas na velhice, abarcando, assim, as condições de saúde, de escolaridade, o perfil socioeconômico, entre outras características, bem como questões, como relacionamento e acolhimento familiar, abusos e agressões/violências, entre outras.

¹⁶⁸ Essa heterogeneidade não decorrente exclusivamente da composição etária dentro do próprio grupo que abarca as pessoas com 60 anos ou mais de idade, posto que há no grupo pessoas em situações de maior vulnerabilidade e outras abastadas, pessoas que tem suas capacidades físicas e cognitivas comprometidas (ou outras comorbidades) e outras em pleno vigor físico e mental (CAMARANO; PASINATO, 2004).

idosa, para que as velhices sejam valorizadas (e protegidas) no cumprimento de todos os seus direitos, de respeito, de atenção à saúde, de educação, de lazer, de efetiva autonomia e participação social, de proteção à vida, enfim, a garantia de respeito total à dignidade do ser humano.

Destarte, entende-se que essa recente alteração do Estatuto (Lei 14.423/2022), é uma das peças fundamentais para a exigência de educação que atenda às especificidades das pessoas idosas, bem como fortalece as lutas pela ampliação de vagas na EJA, pela efetivação dos direitos sociais desse segmento etário. Logo, o emprego do termo “pessoa idosa” visa desnaturalizar o padrão de poder e de dominação dos homens sobre as mulheres em nossa sociedade, sendo que essa situação, na presente tese, nas experiências das sujeitas idosas e do sujeito idoso, em seus pertencimentos sociais no contexto da pandemia, é objeto de análise no próximo capítulo.

6 SAINDO DA INVISIBILIDADE: AS SUJEITAS IDOSAS E O SUJEITO IDOSO DA PESQUISA

Pensar nas experiências das sujeitas idosas e do sujeito idoso, na presente tese, requer conhecer suas histórias de vida que carregam suas marcas interseccionais de pertencimentos sociais. Cabe frisar que, no pensamento benjaminiano, rememorar as experiências vividas não significa algo estático e nem mesmo contemplativo como um “todo” alcançado e acabado, muito pelo contrário, ele pode e “[...] deve ser um costurado de múltiplas imagens, tecidas como a teia de uma aranha, onde a imaginação e experiência são como os fios que nos conduzem para cada nó da teia, formando imagens múltiplas em cada ponto de convergência [...]” (FERREIRA, 2018, p. 119).

Portanto, este estudo prima pela compreensão da experiência com base em Benjamin, Thompson e Freire, a qual é compreendida como potencializadora do intercambiar do vivido (e sentido) na coletividade, como forma de subverter o projeto de modernidade que aprisiona corpos e limita a liberdade de pensamento dos/as sujeitos/as, de tal modo que tais experiências vividas são conduzidas pela superficialidade do consumismo e das relações humanas, assim como pela racionalidade calculista, que aparta o imaginário do pensamento.

Assim, ao visar a “[...] experiência autêntica baseada na memória de uma tradição cultural e histórica [...]” (PAIM; PEREIRA; FREIRE, 2018, p.18), que vislumbra uma transformação da realidade social, buscou-se, na arte de narrar/contar de cada sujeito e sujeita idosa de sabedoria infinita e autêntica, aflorar as suas memórias sensíveis, individuais e coletivas, voluntárias e involuntárias, inscritas nos emaranhados de acontecimentos de espaços e modos do viver de outrora e no contexto da pandemia de Covid-19.

Tais elementos serão apresentados a seguir em dois itens, a saber: a) informações sobre quem são as e os participantes da investigação e um breve histórico relacionado às suas experiências familiares e escolares; e b) uma análise dos entrelaçamentos das experiências nas memórias da infância e da vivência das velhices, dentre elas a escolar.

6.1 QUEM SÃO ESSAS MULHERES E ESSE HOMEM EM EXPERIÊNCIAS DA INFÂNCIA E DAS VELHICES?

Como já mencionado anteriormente, o primeiro contato com os/as participantes da pesquisa ocorreu por intermédio dos cinco coordenadores dos Núcleos pesquisados da rede municipal de Florianópolis. Sendo que, primeiramente, foi feito o convite de participação pessoalmente a todos/as estudantes idosas de 60 anos ou mais de idade em cada Núcleo.

Ou seja, foi marcado uma conversa com os/as estudantes de cada Núcleo para o convite de participação, com os devidos esclarecimentos acerca da pesquisa, bem como foi entregue o aceite de participação (com o preenchimento e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE) para aqueles/as que demonstraram interesse em participar da investigação. Nesse momento, foi acordada, conjuntamente com cada participante, a data e horário da entrevista, como também a disponibilidade de sala de aula para essa finalidade. Somente em uma escola foi necessário cancelar a entrevista e realizar novo agendamento de data, uma vez que a participante estava com problemas de saúde.

Na data da entrevista, foram retomados alguns itens do TCLE para cada participante, assim como foi ressaltado a intenção e a necessidade de fazer o uso do gravador para a coleta de dados, sendo que, em todas as entrevistas, foi disponibilizado álcool em gel para os/as participantes, utilizou-se a máscara e foi mantida a distância de 1 metro e meio entre a pesquisadora e cada participante.

Não houve dúvidas em relação às perguntas realizadas e nem mesmo algum/a entrevistado/a deixou de respondê-las por se sentir incomodado/a, desconfortável, envergonhado/a ou receoso/a.

Sempre foi perguntado aos entrevistados se o que estava sendo relatado poderia ser colocado na íntegra na pesquisa, pois, por exemplo, houve um relato de caso de estupro. Perguntou-se a participante se alguém mais sabia dessa situação, se a família tomou conhecimento, se ela já procurou auxílio de um/a profissional e se esse fato estava autorizado a constar na pesquisa. A entrevistada não autorizou e, assim, foi retirado do estudo.

As perguntas nem sempre seguiram a mesma ordem, pois tudo dependia do que o/a entrevistado/a já havia comentado em cada questão. Mas, cabe frisar, que todas as perguntas foram contempladas. Também foi possível perceber que os/as entrevistados/as se sentiram bem à vontade para responder às questões, de modo que não demonstraram insatisfação

duração a entrevista, nem mesmo perante as indagações realizadas, pelo contrário, se sentiram valorizados em contar as suas trajetórias de vida e de como a pandemia de Covid-19 afetou as suas vidas.

Muitos relataram a alegria de estarem nesse momento da vida estudando, do qual importante é estar junto com pessoas de seu grupo etário, de como, no momento de pandemia de Covid-19, esse vínculo afetivo (mesmo *online*) com os/as professores/as e colegas foi essencial.

Algumas entrevistadas chegaram a relatar que, pela primeira vez, tiveram o contato com o aparelho celular (cedido pela prefeitura) e que com as explicações das/os professoras/es e familiares conseguiram participar das aulas e manter contato com as/os colegas e professores no grupo da turma criado no *WhatsApp*.

No Quadro 11, apresentam-se as sujeitas e o sujeito participantes desta investigação, em que consta: o nome escolhido por elas e ele para manter o anonimato, a identidade de gênero, a autodeclaração étnico-racial, a idade que possui, o estado civil, a escola/instituição que estuda e o turno, o local da residência, a sua naturalidade, se a moradia é própria ou alugada e a quantidade de pessoas na moradia.

Quadro 11 – Dados sobre as/o sujeitas/o idosos/o da pesquisa

Nome	Núcleo/ Escola/ Turno	Identidade de gênero	Identidade Étnico-Ra- cial	Idade	Estado civil	Local da residência	Naturalidade	Situação de moradia	Nº de pessoas na moradia
Joana ¹⁶⁹	Núcleo Centro I NETI/UFSC Turno: matutino	feminino	negra	87	viúva	Bairro Rio Vermelho Florianópolis	Pinheiro Machado/R S	própria	2
Cândido ¹⁷⁰	Núcleo Continental I - EBM Almirante Carvalho, Turno: noturno	masculino	branca	76	viúvo	Bairro Campinas São José	São Pedro de Alcântara/S C	própria	Mora sozinho 1
Carla ¹⁷¹	Núcleo Continental II CEDEP Turno noturno	feminino	parda	61	divorci- ada	Bairro Monte Cristo	Marechal Deodoro/A L	alugada	2

¹⁶⁹ Seleccionada segundo o critério adotado, no grupo etário de 80 ou mais de idade.

¹⁷⁰ Seleccionado conforme o critério adotado, no grupo etário entre 75 e 79 anos.

¹⁷¹ Seleccionada com base no critério adotado, no grupo etário entre 60 e 64 anos.

Quadro 11 – Dados sobre as/o sujeitas/o idosas/o da pesquisa (Conclusão)

Solange ¹⁷²	Núcleo Centro III EBM Donísia Maria da Costa Turno: noturno	feminino	morena-clara ¹⁷³	70	viúva	Bairro Cachoeira do Bom Jesus Florianópolis	Freireirinha / CE	própria	2
Paula ¹⁷⁴	Núcleo Norte II EBM -Intendente Aricomedes da Silva, Turno: noturno	feminino	branca	69	divorciada	Bairro Cachoeira do Bom Jesus Florianópolis	Santa Maria/RS	alugada	3

Fonte: Elaboração da autora com base nas informações da pesquisa (2021-2023).

Dessa forma, na análise apresentada neste capítulo, serão consideradas as entrevistas na íntegra das/dos participantes da pesquisa, as quais foram compostas por 31 questões, mediante a sua triangulação com os estudos teóricos e documentais apresentados nesta tese. A seguir, situamos as experiências de vida desse e dessas participantes.

6.1.1 Joana e sua alegria de viver

Nasceu em 30 de julho de 1935, na cidade de Pinheiro Machado, no estado do Rio Grande do Sul. É viúva, se autodeclara como negra e reside há trinta anos no Bairro Rio Vermelho, em Florianópolis/SC, sendo que atualmente reside com o seu neto. Durante o período de infância, estudou por pouco tempo, quando tinha 11 anos de idade, sendo que, em alguns dias, não ia para aula, pois tinha que capinar na lavoura. Contudo, precisou parar os estudos porque mudou-se para uma fazenda mais longe do colégio. Somente conseguiu retomar aos estudos quando passou a ser idosa. É aposentada e não trabalha fora. Durante a pandemia testou positivo para a Covid-19. Estuda há muitos anos na EJA do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), pertencente à Universidade Federal de Santa Catarina, no Campus de Florianópolis.

¹⁷² Selecionada segundo o critério adotado no grupo etário entre 70 e 74 anos.

¹⁷³ O termo morena-clara foi mencionado pela participante no estudo ao referir-se sobre a sua Identidade Étnico-Racial. Esse dado será mais bem explorado no capítulo 6 da tese.

¹⁷⁴ Selecionada de acordo o critério adotado, no grupo etário entre 65 e 69 anos.

6.1.2 Cândido e o seu envolvimento com o mundo

Nasceu em 03 de novembro de 1946, na cidade de São Pedro de Alcântara, no estado de Santa Catarina. É viúvo, se autodeclara como branco e reside há 10 anos no Bairro Campinas em São José/SC. Durante o período de infância, estudou muito pouco, pois precisava cuidar do seu avô. Retornou aos estudos somente na velhice. É aposentado, pensionista e empresário, inclusive, sua firma fornece cilindros de oxigênio para o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU e para os hospitais. Durante a pandemia, não testou positivo para a Covid-19 e foi pouco antes da pandemia que retomou os seus estudos na EJA da Escola Básica Municipal Almirante Carvalhal.

6.1.3 Solange, a nova cidade e o início dos seus estudos

Nasceu em 21 de dezembro de 1951, na cidade de Frecheirinha, no estado do Ceará. É viúva, se autodeclara como “morena-clara” e reside há 9 anos no bairro da Cachoeira em Florianópolis/SC, na companhia de seu filho. No período de infância, nunca estudou, pois embora seu pai tivesse condições de pagar um colégio para ela, ele a colocava para trabalhar na roça, mas declara com alegria que conseguiu realizar o seu sonho de estudar na velhice. Recebe um benefício do governo e atualmente trabalha fora em uma banca de docinhos. Durante a pandemia, testou positivo para a Covid-19. Informou que está há 3 anos na EJA da Escola Básica Municipal Donísia Maria da Costa.

6.1.4 Paula e a necessidade de sentir-se alfabetizada

Nasceu em 08 de setembro de 1961, na cidade de Marechal Deodoro, no estado de Alagoas. É divorciada, se autodeclara como parda e reside há 11 anos no Bairro Monte Cristo, em Florianópolis/SC, na companhia da sua filha mais nova. Durante o período da infância, estudou até os 10 anos de idade, já que precisava trabalhar no campo. Durante o período de adolescência, trabalhou dos 13 aos 16 anos como babá e, depois disso, por conta do falecimento de seu pai, precisou voltar para casa para ajudar a sua mãe no plantio da

cana-de-açúcar. Casou-se com 17 anos e, por mais que desejasse estudar e trabalhar, o seu esposo não admitia. Para ele, a prioridade da mulher era cuidar da casa e dos filhos, por isso só conseguiu retornar aos estudos quando passou a ser idosa. Informou que não é divorciada legalmente e que, desde o ano de 2014, está sem poder trabalhar em virtude de doença e, desde então, vinha recebendo auxílio-doença, mas, em 2021, o benefício passou a ser negado pelo Instituto Nacional do Seguro Social – INSS. No entanto, ela ainda segue aguardando o recebimento do benefício. Durante a pandemia não testou positivo para a Covid-19 e não lembra ao certo se faz 2 ou 3 anos que estuda na EJA do CEDEP.

6.1.5 Carla, sua relação com o mundo e com a própria história

Nasceu em 17 de abril de 1953, na cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul. É divorciada, se autodeclara como branca e reside há 04 anos em Florianópolis/SC, sendo que morou por 2 anos no bairro Rio Vermelho e atualmente – por volta de dois anos – reside no bairro Cachoeira do Bom Jesus juntamente com a sua filha e genro. Durante a infância, estudou até a 4ª série, pois como a sua mãe casou-se novamente, ficou decidido que precisava voltar para casa. E foi na velhice que conseguiu retornar aos estudos. É aposentada e atualmente não trabalha fora. Durante a pandemia, não testou positivo para a Covid-19 e informou que faz 8 meses que ingressou na EJA da Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva.

6.2 ENTRELAÇAMENTOS DAS EXPERIÊNCIAS NAS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E DA VIVÊNCIA DAS VELHICES, DENTRE ELAS, A ESCOLAR

Por compreender que não há como pensar o ser humano sem considerar a sua dimensão de experiência na trajetória de vida, na perspectiva histórica, busca-se uma relação dialética entre o vivenciar, lembrar e narrar, cujo olhar retrospectivo (e reflexivo) sobre o passado que ecoa no presente vem contrastar com a versão da história oficial, na medida em que desvela as nuances de crueldades, mas também de rebeldias de quatro mulheres e um homem da classe trabalhadora em seu encontro com o presente, os/as quais estão com idade entre 61 e 87 anos.

Nas memórias dessas pessoas comuns, há impressões sobre as experiências vividas no decorrer da vida como sujeitas e sujeito, como integrantes da classe trabalhadora, que marcam (positivas ou negativas) uma posição social dentro da estrutura de nossa sociedade. Contudo, há particularidades no conhecer e estabelecer relações com o mundo por cada sujeito/a. No entanto, entende-se que o percurso formativo do/a sujeito/a não pode se restringir a tão somente marcas deixadas, mas à abertura de oportunidades e ampliação de olhares sobre a experiência de vida (pessoal, compartilhada, acumulada).

Os fios de memórias das cinco pessoas idosas trouxeram os indícios da experiência vivida por elas na infância de outrora, em que três mulheres e um homem idoso revelaram que os momentos em família foram marcados por condições precárias de subsistência, pois o trabalho ocupava a todos da família indistintamente. E apenas uma única mulher idosa revelou que sequer pôde conviver com a sua infância e pouco lembrava como era a situação de vida familiar.

A participante Carla, que se autodeclara parda, sintetizou em poucas palavras todo o sofrimento vivido juntamente com a sua família, ao mencionar que: “Era muito difícil!” (CARLA, 2022).

Já Cândido, trouxe alguns detalhes em relação a essa condição, destacando a distribuição de tarefas na família, de modo que sua responsabilidade era a de cuidar do seu avô paterno com deficiência visual no espaço doméstico e, dentre as inúmeras atribuições delegadas a ele, teve que aprender a acender o cigarro (paiero) para o seu avô, conforme relato:

[...] Trabalhava tudo na lavoura, naquele tempo chamavam de lavoura a roça. Eu porque era pequeno [...] tinha que ficar com meu vô e eles iam tudo para roça, por causa que meu vô era ceguinho. Tinha que ficar lá! De tarde eu tinha que fazer um cafezinho para ele, acender o paiero dele. Ele fumava cigarro, eu tinha uns 10 anos. Eu ficava lá dentro de casa [...]. (CÂNDIDO, 2022).

Ou seja, no passado, o ser criança vivido na classe trabalhadora foi permeado por inúmeras exigências, em que muitas das obrigações traziam alto risco à saúde e à vida. Esses pequenos corpos infantis já eram treinados para obedecer, cujo dever de obediência de filho/a para com os pais vem a contribuir para o estabelecimento de uma passiva subordinação, cuja obediência é imprescindível na relação de trabalho.

Joana, revelou que a situação de vida da sua família, quando criança, era “uma condição” e como tal, noticiam como uma época difícil, mas, para ela, por sua experiência de infância, considerou como um momento bom. Enfatizou a divisão sexual do trabalho, em que os homens (provedores) realizavam atividades fora do espaço doméstico, plantavam, colhiam etc. Já às mulheres (cuidadoras), tinham as suas atribuições mais direcionadas para o espaço doméstico, tanto na sua casa como na residência das “patroas”, ao dizer que:

[...] Era uma condição, dizem que era difícil, mas não era tão difícil assim! A gente trabalhava nas fazendas, plantava, colhia. As mães cuidavam dos seus filhos, cuidavam das fazendas, da sua casa e da casa das patroas. Os maridos cuidavam do campo. Eu naquela época, eu achava bom. Eu gostava! [...]. (JOANA, 2022).

Frisa-se que Joana, que se autodeclarada negra, teve dificuldade em reconhecer que a sua família sofreu para atender às exigências do “patrão” e da “patroa” na campanha em Pinheiro Machado/RS, o que leva a pensar que se trata de uma opressão disfarçada em laços afetivos. Possivelmente, Joana considerou que o patrão, além de oferecer trabalho ao seu pai, “propiciou” uma moradia para a sua família, enquanto a patroa delegou à sua mãe todos os trabalhos domésticos em troca da tal morada. Também, deve ter levado em consideração que as condições de vida de sua família eram melhores do que as de muitas pessoas daquela época.

As experiências das estudantes e do estudante remetem-nos ao que situa Laffin (2016), indicando que se evidencia:

[...] uma questão cultural, de uma noção do ser mulher mais ligada aos trabalhos manuais, voltada à esfera privada e; da construção, por ser homem, voltado ao trabalho no espaço do público, mas ambas com relações voltadas a situações de exclusão social. Situar tais posições faz refletir sobre como as pessoas se movem no mundo e, portanto, tais relações precisam ser problematizadas, sobretudo quando se fala de relações hierarquizadas e excludentes [...]. (LAFFIN, 2016, p. 164).

É essencial destacar que a condição de exploração sofrida pela família de Joana extrapolou a opressão de classe, uma vez que é marcada pela opressão racial, sendo importante enfatizar que a região sul de nosso país é historicamente reconhecida por valorizar sua cultura majoritariamente branca (colonização europeia) e de discriminar a nossa formação afro-brasileira.

Do mesmo modo, percebe-se que a situação de dificuldade financeira da família trazia um ambiente totalmente desfavorável para as crianças, escasseando os momentos de entretenimento familiar, de experienciar brincadeiras com os seus pares e soltar a sua imaginação. Entende-se que há inúmeras diferenças entre o que significava socialmente ser criança antigamente e o que significa atualmente, com melhorias no que tange à força da lei para a proteção integral à criança, a partir da implantação da Lei 8.069/1.990, intitulada Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

No entanto, Paula, que se autodeclara como branca, pouco conseguiu lembrar sobre a sua situação de vida na infância, porém, mencionou que não teve muito convívio com a sua família, já que foi levada para um internato, que era “[...] um colégio chamado Educandário São Vicente de Paulo dos seis anos aos quatorze anos. Nesse colégio agora é uma universidade [...]” (PAULA, 2022).

Esse resquício de lembrança da participante em relação ao passado remoto, como o da infância, é algo natural, pois essa falha está intimamente ligada ao afetivo. Isto é, somente é possível recordar aquilo que nos toca (tocou), que foi significativo, marcante, que pode causar tanto alegria como dor/sofrimento. Assim, no caso de Paula, a questão da afetividade foi afetada, pois apesar de conseguir frequentar por mais tempo a escola do que os/as demais investigados/as, teve que ser precocemente afastada do convívio familiar, de modo provável, pela precariedade de condições financeiras.

Já Solange, que se autodeclara “morena-clara”, revelou que fazer o reconhecimento de si mesma não é algo fácil, para quem possui experiência concreta de discriminação racial. Logo, definir-se negra trata-se de um processo psíquico doloroso (de autorreconhecimento e afirmação da identidade negra – identidade e pertença), que precisa contar com a educação escolar para a desconstrução histórica de subjugação e desumanização da população negra em nosso país. Aliás, a infância da participante foi marcada por condições de vida muito difíceis, contudo aprendeu sobre o plantio, a colheita, na dura vida de sol a sol, quando diz:

Era roça no inverno, passava o inverno todinho plantando e capinando e colhendo. Depois que a gente colhia o legume, nós íamos para algodão, para apanhar o algodão no mês de agosto, um mês todo. Botava a sacola aqui e puxava com as duas mãos o algodão e jogava dentro, o dia todo no sol quente, mulher! [...] Era eu e toda a minha família. Você sabe quanto é uma roupa de algodão? Não, né? É aquele sacão grande de estopa cheinho, ali é uma roupa de algodão. Aí nós

levávamos para casa. Eu apanhava algodão com o meu pai! [...]. (SOLANGE, 2022).

Solange, de modo sábio, trouxe a seguinte indagação: “você sabe quanto é uma única roupa?” Em outras palavras, você tem noção do quanto de degradação/exploração humana (trabalho) é necessária para garantir o lucro ao conseguir “satisfazer” o sonho de consumo (cobiça por única roupa) de alguém?

Essa indagação fez lembrar que, para o modo de produção capitalista, a única coisa que jamais pode faltar é o lucro de um restrito grupo privilegiado de nossa sociedade, em que pouco importa a vida de cada trabalhador/a e, ainda, se porventura ele/a venha a falecer, sua vaga logo será preenchida, pois há um grupo de pessoas à espera de lugar em um posto de trabalho, o que Marx chamou de "exército de reserva".

Além disso, Silva (2011, p.7) enfatiza que o próprio Marx já sinalizava que a ciência não era neutra e que o seu casamento com o capitalismo a fez assumir uma forma ideológica, direcionada para a expropriação da classe dos trabalhadores e a destruição da humanidade e do meio ambiente. Portanto, não há dúvidas de que “[...] o conhecimento que aparentemente é caracterizado pela racionalidade, mostra-se completamente irracional [...]”.

Vale ressaltar que, em nossa sociedade, o trabalho está cada vez mais se apoderando maleficamente da vida social, em que o ser humano deixa de ser sujeito e é reduzido à condição de “máquina” humana de trabalho, em mero fator de produção, cujas rotinas vividas baseiam-se no despreendimento dos valores humanos, caminhando no sentido individualista, degradante e cultuado pelo imediatismo, cuja “sociedade do consumo” visa o “ter” (poder aquisitivo e reconhecido social) para aniquilar o ser (a essência humana). Sendo que o fetiche da mercadoria¹⁷⁵ é essa ilusória satisfação do prazer da sociedade capitalista para uma vida tão somente voltada para o consumo (excessivo), que visa romper com os laços, com o passado (e com futuro). Dessa forma, é preciso transgredir essa lógica.

No que tange às experiências escolares vividas na infância das pessoas participantes, somente uma única mulher idosa conseguiu estudar por mais tempo, enquanto três pessoas¹⁷⁶ idosas tiveram pouquíssima experiência escolar e uma mulher sequer pôde frequentar a escola.

¹⁷⁵ Para fins lucrativos, os produtos parecem ter vida própria adquirindo uma dimensão simbólica capaz de produzir nos consumidores uma sensação de satisfação, de reconhecimento e poder (DUARTE, 2004).

¹⁷⁶ Duas mulheres e um homem idoso.

Os fragmentos de memória de Solange revelam a sua tristeza em ter trabalhado durante a sua vida e não ter conseguido vivenciar a experiência escolar na sua infância, quando ela conta que

[...] a escola era difícil, era paga e meus pais não tinham condições de pagar, né! [...]. Mas, eu me arrependi tanto de não ter estudado no tempo de nova porque eu estou precisando, né! Como eu sempre estou dizendo: Trabalhei tanto nessa vida! [...]. (SOLANGE, 2022).

No caso de Joana, a sua experiência escolar somente era possível se não tivesse que ajudar os seus pais no trabalho da lavoura, assim como para garantir o sustento da família era muito frequente a mudança de uma fazenda para outra. Aliás, a participante relembra com entusiasmo a experiência de estudar, em que um único cavalo transportava três ou quatro crianças para a escola, e, ainda, devido ao longo trajeto realizado até a escola, muitas vezes não conseguia aprender porque tinha dores de cabeça e muito cansaço.

[...] Fui um pouco. Eu tinha acho que uns 11 anos, que a gente foi para uma outra fazenda, porque o pai quando saía de uma fazenda fechava com outra, que tinha um cavalo, mas tinha um único cavalo e eram 3 ou 4 crianças e o colégio era como daqui até lá o centro. Aí ia todo mundo naquele cavalinho, coitado! Já chegava muito cansada, eu tinha muita dor de cabeça, eu chegava na sala de aula era como eu tivesse duas cabeças. Eu não entendia o quadro, mas até que eu aprendi! [...] Mas a gente ia para aula quando não tinha que capinar na lavoura[...]. Então eu tive que sair do colégio porque a gente foi se mudando e se mudando, cada vez o colégio ficava mais longe. Claro que o filho do patrão ou levavam uma mulher para ensinar em casa ou mandavam para a cidade grande. Mas o filho do empregado, não! Ele ficava lá, analfabeto, o pai já era mesmo, não é? [...]. (JOANA, 2022).

Ao conseguir perceber a diferença entre a condição de estudo da filha do empregado e a do filho do patrão, Joana manifestou que possui certo discernimento de que a desigualdade educacional está vinculada à lógica do capital, em que há uma determinada empregabilidade e com máxima exploração de muitos em detrimento de uma minoria possuidora de inúmeros privilégios. Joana expressou, ainda, o modo como a pessoa não alfabetizada é vista por nossa sociedade, cuja condição recai no/a sujeito/a e é pensada como herdada, passada de geração em geração. Inclusive, conseguiu refletir acerca da condição do analfabetismo, considerando-o como uma condição social e não como “uma

chaga ou enfermidade” e nem uma “erva daninha” (FREIRE; MACEDO, 1990), expressões estratégicas que deslocam a culpa para o indivíduo.

No caso da Carla, ela revela com tristeza que pouco pôde frequentar a escola, já que tinha que trabalhar para ajudar no sustento da sua família, mencionando que,

[...] eu não tinha como sair para estudar mais. E com 10 anos eu saí da escola para trabalhar no campo e depois eu fui trabalhar para ser babá por 3 anos e depois saí. Decidi ir para casa, o meu pai morreu e eu fiquei ajudando a minha mãe, plantando cana trabalhando. Também a gente passava muita dificuldade, o dinheiro era pouco [...]. (CARLA, 2020).

Entretanto, Paula foi quem conseguiu estudar por mais tempo, comentando com empolgação a sua experiência na escola, porém não soube ao certo o motivo que deixou de frequentá-la, acha que foi pelo fato da sua mãe ter se casado novamente e, por isso, precisou sair do internato e voltar para casa.

[...] Estudei até a quarta série. Mas naquele tempo eles faziam a quarta e quinta série juntas, mas eu não sabia a quarta como é que eu ia saber a quinta? Por isso que eu rodei. Eu acho que eu saí da escola porque a minha mãe tinha casado de novo e eles achavam que eu devia voltar para casa [...]. (PAULA, 2022).

A experiência vivida por Cândido não permitiu que ele pudesse frequentar por mais tempo a escola, pois quem iria cuidar de seu avô? O participante logo lembrou: “[...] Eu não pude estudar quando eu era criança, só um pouquinho, porque eu tinha que ficar com meu vô. Umás vezes eu ia na aula e outras vezes eu não podia. Não tinha quem ficasse com o meu vô [...]” (CÂNDIDO, 2022).

Cândido, ao rememorar essa experiência vivida pelo seu avô, foi descortinando toda opressão sofrida pelas pessoas mais velhas com o surgimento e o processo de modernização das sociedades ocidentais. Assim, destacou que antigamente a pessoa idosa da classe trabalhadora sequer tinha direito à aposentadoria, uma vez que foi transformado pelo sistema capitalista em um corpo velho, improdutivo e rejeitado pela sua própria sociedade (BENJAMIN, 1987a; BEAUVOIR, 2018). De modo que, àquele/a que vivesse mais era obrigado/a a gerir a própria sobrevivência ou mesmo ficar à mercê do cuidado, proteção e renda dos/as filhos/as, conforme revelado no seguinte excerto:

[...] Na época do meu vô era assim: quando estava com uma certa idade, ele ia vendendo o terreninho e ia comendo o dinheirinho. Naquele tempo era dinheiro de um mil réis, cinco mil réis, dois mil réis, um conto de réis e quando terminava aquele dinheiro não tinha mais nada na vida. Vendia a terra e vendeu tudo, igual a

vender um carro e gastar o dinheiro, né! Aí o filho tinha que sustentar [...] o meu avô, o meu avô não tinha dinheiro para comprar um, fumava fumo de corda, não tinha como posso dizer hoje, não tinha um real para comprar aquilo. Meu pai era quem comprava e deixava preparadinho [...]. (CÂNDIDO, 2022).

Percebe-se, portanto, que, majoritariamente, as condições econômicas da família dos/as participantes foram determinantes para o ingresso e a permanência na escola, em determinado momento de suas infâncias e juventudes, cujas etapas da vida, segundo Joana, foram marcadas pela educação do corpo, ou seja, pelo processo de disciplinarização, quando a participante diz:

[...] Naquela época não sei se a gente tinha infância. Não tinha infância porque a gente nascia, aí quando começava a crescer já tinha que ajudar a cuidar do menor, ajudar a limpar a casa, fazer atividade de adulto, de gente grande. Já lavava a sua calcinha. Mas, a juventude tinha por que a gente começava a crescer. [...] Mas naquela época, as mães não deixavam as filhas sair. Se a vizinha não fosse levar numa festinha, se ela não pudesse ir, a gente não ia. As meninas naquela época de 15 anos, elas estavam um começando a ficar mocinha, as mães cuidavam muito porque tinha um problema, se as mães não cuidassem, a vizinha falava mal. Ah! Tu deixas solta a tua filha! [...]. (JOANA, 2022).

Esta fala nos remete a Foucault (1987, p. 121), ao situar o corpo como um componente essencial para que o poder tenha condições de ser exercido, sendo que as técnicas de poder estão presentes em inúmeras instituições e controle, os modos de participações sociais, tais como escolas, prisões, quartel etc. No lugar dos castigos físicos, passa-se ao controle dos corpos por meio de leis sociais, pedagógicas ou por qualquer forma e/ou quaisquer meios (mecânico, eletrônico etc.).

Já Carla, contou que, na sua adolescência, além de trabalhar, casou-se e teve o primeiro filho. Enfatizou que seu marido apenas queria que ela ficasse em casa, sobressaindo assim, a dominação masculina, cujo comportamento ainda hoje prevalece em nossa sociedade atual para muitas mulheres, como forma de sujeição da mulher. Como pode ser percebido no relato de Carla:

[...] Então eu fui babá e saí do emprego com 16 anos, fui para casa e me casei com 17 anos, aí o meu marido não deixou mais eu trabalhar era só dentro de casa, era ele quem me dava de tudo! Logo eu engravidei. Naquele tempo não tinha creche para botar os filhos e eu tinha que tomar conta dos filhos até ficar grande, cuidando deles e da casa [...]. (CARLA, 2022).

Já os participantes Solange, Cândido e Paula não mencionaram a experiência na adolescência, contudo, convém ressaltar que sobressaiu nessa lembrança a riqueza do conhecimento prático desses/as sujeitos/as da história, pois, ao interagirem e agirem com o mundo, essas pessoas elaboraram conhecimentos e produziram práticas apropriadas para solucionar os problemas reais/concretos.

Toma-se como exemplo o caso da Solange que, no momento da sua infância, para realizar a colheita manual, teve que adquirir um determinado conhecimento e, como tal, exigiu um método, ou seja, ela precisou conhecer e compreender o modo adequado de executar para ter um resultado satisfatório. Mas, ainda, para esse propósito, precisou aguçar os seus sentidos, dentre eles: o tato e a visão; como também ficou completamente imersa no processo.

Outro dado que merece ser destacado é que Cândido não demonstrou aborrecimento ao mencionar que, na infância, cuidava do seu avô, muito pelo contrário, os seus olhos lacrimejantes e o seu sorriso denunciavam a alegria de rememorar essa experiência com o avô. De modo que, a experiência trazida pelo participante chama a atenção para a importância da consolidação dos laços afetivos entre netos/as e avôs/avós, uma situação que na atualidade precisa ser refletida, tendo em vista que os vínculos entre pais, filhos/as e netos/as nem sempre são mantidos pela afetividade e, sim, por questões financeiras, cujo compartilhar da residência com os familiares, se fez necessário na pandemia. Essa constatação se faz presente nos estudos de Camarano *et al.* (2004), ao declarar que:

[...] A probabilidade de existência de arranjos familiares extensos por necessidade dos idosos cresce à medida que aumenta a sua idade. Isso leva a uma associação entre co-residência de idosos (idosos vivendo em casa de filhos ou outros parentes) com sua “dependência” física ou financeira. Essa relação é fortemente intermediada por fatores culturais [...]. (CAMARANO *et al.*, 2004, p.143).

Em outro estudo de Camarano (2020, p.7), a pesquisadora visou mostrar o impacto da morte precoce¹⁷⁷ de pessoas idosas na pandemia de Covid-19, sobretudo daquelas responsáveis financeiramente pela renda familiar, mas também a situação vivida por essas pessoas, sendo constatado que o fato de residir com parentes gera um menor empoderamento¹⁷⁸, situação que predomina entre as mulheres idosas. Inclusive, “[...] este é

¹⁷⁷ Camarano (2020, p.7), define como precoce, ao considerar que essas pessoas vieram a óbito em uma idade que possui expectativa de vida positiva e diferente de zero.

¹⁷⁸ A categoria empoderamento foi investigada no curso de mestrado, sendo como concepção emancipadora à

um dos fatores que podem explicar a maior violência sofrida por elas. Mesmo na condição de parentes, os idosos contribuíam para a renda dos domicílios; no caso das mulheres em torno de 14% e dos homens, 7,4% [...]” (CAMARANO, 2020, p. 9-10).

O estudo de Camarano (2020) concluiu que a pessoa idosa, em nosso país, acabou sendo duplamente vítima na pandemia, tanto por ter a sua morte antecipada por causa da Covid-19, como pelo fato do seu falecimento afetar drasticamente a renda familiar, embora os/as seus/suas filhos/as e/ou netos/as não reconheçam a importância do seu papel social.

Na entrevista, Cândido (2022) evidencia a importância dos laços afetivos nesse período vivido de pandemia: “[...] Eu acho que é muito importante ter amigos. Não tem coisa mais triste você não ter amigos. Você não poder falar com ninguém, ninguém gostar de você. Nós trocamos experiências [...]”.

No estudo de Oliveira e Gabry (2020), é enfatizado como essencial que, no ambiente familiar, crianças, jovens, adultos e pessoas idosas possam se relacionar desse modo, com respeito e afetividade,

[...] produzindo uma série de memórias e conhecimentos que realizam as possíveis ligações entre uma geração e outra. Este é um exercício de ensino e aprendizagem que pode ser muito mais proveitoso quando os sujeitos idosos têm garantidos seus devidos espaços de atuação em sociedade, assegurados como princípios - direitos básicos. Isto significa dizer, também, que cabe ao Estado dispor de uma iniciativa ampla que envolve políticas públicas de promoção a uma cultura que positivie o sujeito idoso, reconhecendo sua importância na construção ativa da sociedade [...]. (OLIVEIRA; GABRY, 2020, p.168).

De modo que, nessa ligação umbilical de cada pessoa idosa à sua história, apontam-se as rebeldias nas subjetividades do/as sujeitos/as investigados/as.

O caso de Joana é representativo dessa relação: possui 87 anos de idade e admitiu de que depois dos 80 anos começou a sentir-se diferente, menos disposta, com dores pelo corpo, com dificuldade de locomoção, mas isso não tirou a sua vontade de viver, de fazer escolhas, de se preocupar com as pessoas, com as condições de vida, saúde, bem-estar, estudos etc. A participante quer uma velhice mais digna, plena, amorosa e valorada, mas, para tanto, entende que é preciso reparar (por meio da conscientização) a obrigação dos/as

luz da perspectiva freireana, cuja defesa é de *empowerment* de classe social (FREIRE; SHOR, 1986). Trata-se de um processo político de luta das classes oprimidas para a conquista da sua própria liberdade frente aos mecanismos de opressão, “[...] um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta [...]” (FREIRE; SHOR, 1986, p.138).

filhos/as e netos/as com os seus ascendentes, zelando sempre pela vida deles/as. Ou seja, é preciso restabelecer os laços afetivos e de convivência para a transmissão de experiências.

[...] Eu acho, o idoso tem que [pausa], os jovens eu sei que têm que trabalhar, eu sei que não é aquela época que era mais fácil, não se ganhava muito dinheiro, mas tinha o necessário para viver. Não tinha vaidade! Então, eles cuidavam mais dos idosos deles. Agora, eles têm que criar filho, tem que cuidar, o mundo te pede isso! O mundo te exige. Mas também tem que ter mais consciência porque assim, eu não vou cuidar mais da minha mãe, precisa ser: eu preciso dar mais uma olhadinha na minha mãe! O idoso tem que cuidar da sua vida, fazer as suas coisinhas, mas os filhos têm que dar uma cuidadinha [...]. (JOANA, 2022).

Joana também enfatizou que a aposentadoria que recebe mal dá para pagar as despesas do mês, sendo que, para ela, o governo deveria aumentar o salário dos mais desfavorecidos. Destacou que a boniteza da vida é saber se encharcar com a experiência dos/as outros/as, por isso adora quando chega nos lugares e as pessoas lhe chamam de “Dona Joana! Vó!”, pois percebe que a sua presença (e conversa) é importante para os/as outros/as.

Salientou que gostaria que o Estatuto da Pessoa Idosa realmente acontecesse na prática, pois sente na pele o preconceito social. Situou que é muito ativa na sua comunidade e que adora participar dos debates sobre a condição da pessoa idosa em Florianópolis. Mostrou indignação pelo descaso do governo frente à situação das pessoas idosas pobres, durante a pandemia de Covid-19. Entretanto, manifestou a sua alegria em estudar nessa fase da vida, tanto pela importância do acolhimento das professoras, como por todas as experiências propiciadas desde o seu ingresso na EJA do NETI/UFSC, conseguindo, assim, se perceber capaz de dizer a sua palavra.

Cândido, com seus 76 anos, atualmente possui uma empresa reconhecida na região, a qual forneceu os cilindros de oxigênio da Covid-19 para o SAMU e para os hospitais da grande Florianópolis e de Criciúma. Contou com satisfação que está sempre ajudando as pessoas da sua classe social, bem como destacou que, pelo fato de não ser alfabetizado, aprendeu a driblar esse obstáculo, exigindo que ele fosse mais comunicativo, tivesse boa memória, aprendesse a fazer uso da oralidade em diferentes situações e criasse estratégias para se certificar de que as informações prestadas eram verdadeiras.

O estudante salientou que boa parte da sua vida foi caminhoneiro, porém, o eminente risco de vida nas estradas era compensado por cada destino percorrido, a começar pela aventura de saber o que estava escrito nas placas de sinalização, como chegar aos trajetos, mas nada disso tirou o seu encantamento por conhecer (e saber sobre) os inúmeros lugares do Brasil e do Uruguai. Destacou a sua boa condição de saúde, a ótima capacidade

de memória, o fato de possuir uma qualidade de vida, ter um bom relacionamento com a família, amigos, colegas, professores/as e coordenadora da EJA e que o estudo na velhice só vem agregar mais conhecimentos para a sua vida.

Já Solange, com 70 anos completos, contou com satisfação que, para adquirir a sua primeira casa própria em Teresina, precisou trabalhar muito, lavando roupa para os outros e juntando “um trocadinho”, confessando que a sua vinda para Florianópolis foi a melhor coisa que pôde fazer nessa fase da vida, pois ressaltou que mora em casa própria, em um bairro mais tranquilo, têm filhos (e filhas) residentes na mesma cidade e, até mesmo, considerou que há mais oportunidades de trabalho (trabalho informal) do que em Teresina. Salientou que, no decorrer da vida, enfrentou empecilhos na hora de se comunicar com as pessoas e até mesmo para conseguir um emprego, de modo que, por várias vezes, sentiu-se inferiorizada e excluída.

Contudo, ela destacou que o dinheiro que recebe por cada faxina não é suficiente para suprir as suas necessidades básicas, precisando sempre contar mensalmente com a ajuda financeira dos/as filhos/as e de pessoas conhecidas. Diante de tal situação, ela decidiu abrir uma “vendinha de docinhos” na feira do seu bairro, mas também precisa revender panos de prato e outros produtos.

Lembrou que, ao chegar em Florianópolis, foi atrás do seu sonho de estudar – ter a sua primeira experiência escolar –, contudo, como morava em uma casa (só de um cômodo) no ponto mais alto do morro, pouco conseguia frequentar as aulas, mas, após 4 anos, adquiriu a sua casa própria em outro bairro e conseguiu se fazer mais presente na sala de aula da EJA, conforme relato:

[...] Depois que eu cheguei ali na casa de agora, eu vim estudar direto aqui! Mas é assim, todos os anos troca de professora e tem uma dessas que é boa e às vezes nem tanto. E até que ela se interesse e se adapte com a gente, demora! Assim, porque a pessoa que vem, é para estudar, para a pessoa aprender, não é mulher! Aí não dá vontade de aprender se a professora não ajuda. Eu tenho muita vontade de aprender! E a nossa turma é assim, no início tem um monte de gente mais no final começam a sair [...]. (SOLANGE, 2022).

Desse modo, Solange não só destacou a importância do papel do/a professor/a para a sua aprendizagem e de seus/as colegas, como reforçou o seu direito de uma educação de qualidade, em que, para tal, faz-se urgente uma formação (inicial e continuada) específica para o/a professor/a da EJA e a efetivação desses profissionais na educação pública.

Essa constatação vem ao encontro das evidências trazidas no relato de experiência de Martins Filho (2020) e no estudo de Coura e Soares (2021), no que se refere aos atributos ao perfil do/a professor/a de educação destinada às pessoas idosas que excedem os conhecimentos teóricos e práticos próprios de sua área, pois são provenientes da relação professor/a-estudante, a saber, a construção do vínculo afetivo, a relação de confiança, de respeito e de comprometimento para com o seu aprendizado desses sujeitos/as.

Entende-se que o direito à educação se consolida na garantia de acesso e permanência, assim, é preciso garantir investimentos na educação ofertada, bem como a elaboração e consolidação de propostas pedagógicas intencionais direcionadas a atender aos anseios e às reais necessidades dos/as sujeitos/as estudantes (pessoas idosas, adultas e jovens), primando por um ensino com vistas à formação humana emancipatória. Assim, para o estabelecimento de vínculo entre professor/a e estudantes para consolidação de um espaço de diálogo para o processo de ensino e de aprendizagem, implica a reciprocidade e o acolhimento, segundo Laffin (2007), as quais são ações intencionais que precisam se efetivar no processo de ensino-aprendizagem, no contexto das práticas pedagógica, particularmente na EJA.

Vale ressaltar, segundo Laffin (2007), que essas pessoas da classe trabalhadora

[...] vivenciam cotidianamente desigualdades sociais e raciais perante o mundo, no qual se inclui a escola, que também é desigual, o que não pode traduzir-se num determinismo causal de condições de sucesso na escola, e, no caso da EJA, não pode significar uma fragilização e aligeiramento da escolarização na relação com o saber científico, com o conhecimento [...]. (LAFFIN, 2007, p. 102).

Paula, com 69 anos, contou que há 6 anos mora em Florianópolis com a sua filha e genro por questões financeiras e problemas de saúde (diagnóstico de depressão), mas deixou claro que o tempo que pôde morar sozinha no Rio Grande do Sul foi muito bom. Também ressaltou que, na casa da sua filha, não se sente como uma intrusa na vida do casal, muito pelo contrário, percebe que a sua presença é valorizada por eles, pois sempre buscam cuidá-la e envolvê-la em tudo, ajudar nos afazeres da casa, assistir televisão, passear etc. Para ela, ser pessoa idosa tem um certo peso, um positivo e outro negativo. O primeiro se refere a ter mais liberdade; e o segundo, o preconceito sofrido, até mesmo daquilo que já é considerado como direito, a exemplo dos próprios assentos preferenciais nos ônibus (ninguém respeita e até criticam). Também enfatiza que a pessoa idosa de antigamente não era tão ativa como a de agora, aliás, considera essencial estar estudando nessa fase da vida,

pois conseguiu ativar a sua memória e adquirir mais conhecimentos para debater com as pessoas, para saber se posicionar, até mesmo perante uma “professora que era bolsonarista” (PAULA, 2022).

[...] É sempre bom aprender para saber mais, a gente vai percebendo que estudar é muito bom. A gente nota coisas que antes não via. Hoje eu falo com minha filha sobre um monte de coisas que antes eu nem dava bola! Falo da pandemia, dos políticos, sobre as coisas que estão acontecendo no mundo. Procuro saber cada vez mais [...]. (PAULA, 2022).

Carla, com 61 anos, destacou que enfrenta problemas de saúde (hérnia de disco), precisando de constante ajuda, porém, a sua filha só consegue ajudá-la em dias de folga de trabalho. Alegou que a situação de vida piorou desde que ficou impossibilitada de trabalhar e está na espera do auxílio-doença. Para ela, ter qualidade de vida é poder viver melhor, com mais conforto, ter condições financeiras para conseguir comprar as coisas que necessita e ajudar os filhos, mas declarou que, na sua vida, acontece bem o contrário, são os filhos que a sustentam. Ressaltou com satisfação que era muito boa em realizar cálculos de cabeça, pois, na época em que resolveu ter uma venda na sua casa, precisou aprender a dar o troco e foi a sua filha quem lhe ensinou.

Ela decidiu estudar nessa fase da vida porque quer aprender um pouco mais e foi na EJA que aprendeu a escrever o próprio nome e se percebeu mais segura em transitar pela cidade, pois, atualmente, já não possui tanta dificuldade para pegar o ônibus, inclusive lembrou-se dos vários constrangimentos sofridos no decorrer da vida pelo fato de não ser alfabetizada. Por isso, menciona:

[...] Eu quero esquecer o passado e viver agora o bom. O que passou fica muita coisa na vida da gente, o que passou deu. Lembrar a gente lembra, mas é bom esquecer as coisas ruins. Mas tem que seguir para frente! Valoriza só as coisas boas que eu passei. Aconteceu só quando eu morrer, aí vou esquecer. Para as minhas netas eu contava, mas elas falaram: Ô vó! Isso aí é já passou! Não fale isso, não! Aí eu parava de falar. Hoje em dia os jovens não querem mais escutar essas coisas de antigamente. Tenho duas que moram em Portugal com a mãe delas, da minha nora que se separou do meu filho. Eu tenho um outro filho que mora aqui na Palhoça e tenho outra filha, que mora lá na minha terrinha, Alagoas, a minha neta mais velha mora lá. Mas é assim, tem umas que querem até ouvir sobre a vida da gente e tem outras que dizem: Ai vó! Deixe lá! As que está em Portugal, eu falo pelo WhatsApp. Eu tenho vontade de conhecer lá! Vai fazer uns três anos que elas foram para lá [...]. (CARLA, 2022).

Destacou a importância de ter aprendido com a filha a ter certo domínio com as tecnologias digitais na pandemia, pois, assim, sentiu-se em condições de se comunicar com os filhos, colegas e professores pelo *WhatsApp*, por meio de mensagem de áudio (e por fotos), trazendo sensação de ser mais forte nas dificuldades, de ter o apoio e carinho para resistir.

Por fim, entende-se que essas pessoas idosas, que tiveram o seu direito à educação negado em outras fases da vida, precisam se perceber encharcadas de conhecimentos prévios e que esses conhecimentos vêm a se entrelaçar aos conhecimentos escolares, para que haja a (re)leitura da realidade objetiva, na tomada de consciência da sua situação de desumanização, contribuindo para o engajamento de velhices na vida política, social, cultural etc., e para lutar pelas transformações sociais.

Ressalta-se, ainda, que na investigação com as cinco pessoas idosas, fica evidente o fenômeno da migração, cujos motivos estão associados com as condições de vida da classe trabalhadora, por condições precarizadas, sobretudo, decorrente da situação de desemprego. Portanto, as quatro mulheres e um homem idoso foram forçados a migrar para a cidade grande, devido às crescentes impossibilidades de produzir a vida no seu local de origem (estado e/ou cidade natal), o que significa dizer, que não se trata de uma escolha pessoal. E somente agora, em suas velhices, conseguiram estudar na EJA, sobretudo após a viuvez ou o divórcio.

Reafirma-se o direito a uma educação de qualidade que objetive a transformação social e que prime pela troca de experiências, pela valorização e ampliação de conhecimentos e experiências, pelo pensar de forma crítica, pelo acolhimento e que vise o protagonismo, a participação social e o empoderamento desses/as sujeitos/as históricos.

6.3 O QUE VALE É A VIDA! – AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA E O ESPERANÇAR REVELADO PELAS PESSOAS IDOSAS

No momento da entrevista, foram apresentadas as seguintes questões com o objetivo de identificar os indícios das experiências vividas na/da pandemia por parte de estudantes idosos e idosas em processo de escolarização na EJA, da rede municipal de Florianópolis/SC: Há algo ou alguma palavra que define esse momento vivido? Pensando na sua experiência de vida, que momentos você considera como os mais difíceis? Houve mudanças na sua rotina por causa da pandemia? Você se sentiu acolhido/a? E o isolamento

social, foi uma medida importante para evitar a Covid-19? Há palavras ou expressões sobre a velhice que lhe deixe triste ou indignado/a? O que foi mais importante para você para lidar com esses saberes na pandemia?

Ao aflorar suas memórias sobre a pandemia, o participante Cândido mencionou que, no instante em que assistia um noticiário sobre as inúmeras vidas perdidas pela Covid-19 em nosso país, lembrou-se do que seu sábio avô havia comunicado no passado, ao revelar que:

[...] Quando eu fiquei mais em casa aí sim, a tevê estava sempre ligada para saber as notícias do Covid. Dava ali, hoje faleceu dois, faleceu três e eu ficava na cabeça aquilo que o meu avô me falava, que o fim do mundo vinha muita coisa, muita morte, vinha muita guerra, muitas coisas para matar. E eu pensava, olha talvez tenha chegado o final do mundo porque o vô falava e estava morrendo tudo aí [...]. (CÂNDIDO, 2022).

Entende-se que a tragédia histórica anunciada pelo avô de Cândido coincide com o esvaziamento de experiências e de atrocidades humanas anunciadas por Benjamin (1987a), Beauvoir (2018), Morin (2021) e tantos outros/as autores/as, cujas barbáries se situam e evidenciam a megacrise inaugurada pela pandemia de Covid-19. Inclusive, Morin (2021) enfatiza que há duas barbáries que ameaçam cada vez mais a humanidade, são elas:

[...] a velha barbárie, vinda do fundo das eras, de dominação, sujeição, ódio, desprezo, que irrompe cada vez mais em xenofobias, racismos generalizados e guerras [...], e a barbárie fria e gélida do cálculo e do lucro, que assume o comando em grande parte do mundo [...]. (MORIN, 2021, p.18).

Vale lembrar, com base em Benjamin (1987a) e Silva (2011), que foi a partir da década de 1940, com o desencadeamento das guerras mundiais, que a ciência passou a ser questionada no momento em que se colocou a serviço da barbárie, sobretudo após o episódio do lançamento de bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, ou seja:

[...] a ciência passou a ser usada a serviço do mal, para os objetivos da guerra e pela guerra, passa agora a ser vinculada a uma dimensão imperialista. Visto que, até este evento, a ciência era vista e percebida como fonte produtora de bem-estar para a humanidade. Assim, tendo como marco histórico este evento, surge a perfeita união entre a ciência moderna e o capitalismo, a partir da chamada industrialização da ciência. Em que esta se comporta de acordo com as exigências do sistema vigente [...]. (SILVA, 2011, p. 9).

De modo que, em cada momento histórico, o capitalismo, para manter o seu modo de produção, precisa cada vez mais aniquilar as relações e vidas humanas. Isso significa que é preciso manter (agravar) a disparidade social para garantir a (máxima) condição de exploração. Inclusive, Beauvoir (2018) prenunciou essa situação ao mencionar que

[...] No mundo capitalista, o interesse a longo prazo não conta mais: os privilegiados que decidem o destino da massa não temem partilhá-lo. [...] A economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda a civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz. Depois, é jogado fora [...]. (BEAUVOIR, 2018, p. 9).

Logo, em nossa sociedade, a vida de cada pessoa idosa pobre, ao ser considerada “massa marginal” e um peso para os cofres públicos, não foi tão somente “controlada”, mas marcada para morrer, ao fazer parte do grupo de risco da Covid-19. Portanto, a pandemia conduzida por Bolsonaro foi para o extermínio de seres humanos considerados “descartáveis”, segundo a lógica da reprodução capitalista.

No que tange à experiência vivida no momento de pandemia de Covid-19, das cinco pessoas idosas participantes desta investigação, foi possível identificar os seguintes indícios: uma profunda tristeza por tantas vidas perdidas, um sentimento de aprisionamento por pertencer ao grupo de risco, uma maior fragilidade financeira e de saúde emocional, a decepção com relação ao governo Bolsonaro, o descontentamento perante à desvalorização e falta de respeito da sociedade para com aqueles/as que conseguem envelhecer.

Cândido, ao mencionar a sua experiência na pandemia, mostrou-se comprometido com as medidas de prevenção voltadas ao combate da Covid-19, quando diz: “[...] Era muito triste porque a gente não se achava com coragem. A gente tinha que respeitar. Eu só tinha um irmão e ele faleceu e tinha a minha cunhada numa fazenda [...] lá em Antônio Carlos [...]” (CÂNDIDO, 2022). Nota-se que o participante expressou o sentimento de compaixão que emana de pessoas humanas, de quem sofre com a tristeza dos/as outros/as, de quem sabe que a vida independente da idade tem importância e que, diante de um vírus extremamente ameaçador, a coragem perfaz-se na luta pela sobrevivência, em busca de informar-se e ter discernimento de que não se tratava de uma simples “gripezinha” e nem mesmo existia remédio milagroso para evitá-la, por isso, Cândido não hesitou em se vacinar.

A necessidade de isolamento social e de inúmeros cuidados na pandemia exigiu mudanças no cotidiano de todas as pessoas, contudo, os impactados foram gravemente

acentuados nos estratos sociais da classe baixa, como o caso das pessoas idosas que foram ainda mais oprimidas, violentadas e discriminadas. No entanto, existem nuances e particularidades que não podem ser capturadas por generalizações, pois a singularidade do ser humano é algo que se busca na relação com o/a outro/a, precisando de escuta atenta para que cada indivíduo se perceba sujeito da história, sujeito de saberes, sujeito que tem o seu modo de ser, de contar e intercambiar experiências, de aprender, de viver, de sentir, de perceber e de agir para transformar o mundo e a si mesmo, de modo que todo esse conhecimento empírico é de interesse desta investigação.

Entretanto, Joana (2022) considerou “[...] esse período de pandemia [...] como uma prisão! De ter que ficar presa mesmo! E o presidente invés de dar o exemplo para o povo, ficava desfilando com o nosso dinheiro [...]”. Logo, a participante, além de demonstrar o seu comprometimento perante as medidas de prevenção contra a Covid-19, expressou a sua indignação perante à conduta de Bolsonaro, pois sabe que a sua postura não condiz como a de um presidente, ainda mais quando zomba de uma nação faminta, violentada, adoecida e com tantas mortes que poderiam ter sido evitadas.

Ademais, o sentimento trazido por Joana, como o de “ficar presa mesmo”, revela o quão opressor foi o controle dos corpos de pessoas idosas na pandemia, pois além de serem mais vigiadas nas ruas, foram violentadas em casa (e em casa de repouso) e, ao serem desamparadas pelas políticas públicas, ficaram suscetíveis à morte na pandemia de Bolsonaro. Desse modo, essa vigilância generalizada e punição sobre os corpos e mentes de pessoas idosas ganhou o sentido de “vigiar e punir”, como destaca Foucault (1987):

[...] pela palavra punição, deve-se compreender tudo o que é capaz de fazer as crianças sentirem a falta que cometeram, tudo o que é capaz de humilhá-las, de confundi-las: ...uma certa frieza, uma certa indiferença, uma pergunta, uma humilhação, uma destituição de posto. Mas a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir, e que é apenas um modelo reduzido do tribunal. O que pertence à penalidade disciplinar é a inobservância, tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios [...]. (FOUCAULT, 1987, p.203).

A participante Joana ainda destacou que Bolsonaro “ficava desfilando com o nosso dinheiro”, sinalizando uma postura de consciência crítica perante os fatos, pois se sabe que um governo dispõe de recursos financeiros para oferecer bens e serviços à população, como hospitais, remédios, escolas, iluminação, vacinas etc.

Solange revelou que a sua experiência na pandemia foi de “[...] agoniada. Olhe! Porque a gente é acostumada a andar, acostumada na venda e a gente parada sem puder fazer nada, foi muito ruim [...]”. Solange depende do emprego informal para sobreviver, e, na feira do seu bairro, costuma vender paçoquinhas, chocolates, revender panos de prato, de limpeza etc. Contudo, na quarentena, foi o momento mais crítico e desesperador, como pode ser observado no trecho destacado a seguir:

[...] Quando parou tudo foi pesado! Foi tudo difícil. Mulher, vou te falar uma coisa! Se tivesse continuado, o pessoal parado, sem emprego tinha gente passando pra baixo da terra. Não podia sair para trabalhar, não tinha nada em casa para alimentar, com o tempo o presidente abriu, liberou porque esse pessoal tudinho parado, sem trabalhar, o governo nada de ajudar mais, cesta básica não dava, faltava tudo. O pessoal daqui, todos pobres, não é? Porque o rico não sente nada, mas o pobre ficou lá embaixo. Quando tudo voltou, eu coloquei máscara na boca e no nariz, álcool em gel na mão e fui vender [...]. (SOLANGE, 2022).

Assim, Solange vem confirmar o que foi declarado por Oliveira *et al.* (2020, p. 2), ao apontarem que essa doença não tem nada de “democrática”, pois além do aumento nos níveis de pobreza sem precedentes no Brasil, essa desigualdade escancarou a urgência de reduzir o fosso entre minoria rica e maioria pobre (pertencente à classe trabalhadora), cujos casos de óbitos da Covid-19 denunciam o verdadeiro extermínio de pessoas pobres, inclusive de pessoas negras e idosas. Entende-se, também, que, em um governo autoritário como o de Bolsonaro, satisfaz os poderosos (classe dominante) e opera por meio de mecanismos ideológicos de opressão, fazendo com que homens e mulheres das camadas populares se sintam incapazes de agir por vontade própria (FREIRE; SHOR, 1986).

Já a experiência de Carla revelou o quanto a pandemia afetou a saúde mental da população idosa, desencadeando sintomas depressivos, ansiedades e o medo do abandono, ou seja, essa situação está intimamente relacionada à opressão na velhice, assim definida por Ecléa Bosi (2010, p.18). De modo que Carla revelou:

[...] Eu senti! Eu senti que mexeu muito com os meus problemas de saúde, meus nervos, que eu tenho que sair, que eu tenho que andar para distrair um pouco. Só dentro de casa, presa dentro de casa é ruim. Eu senti mesmo! A palavra que escolho é tristeza, mesmo. Porque dava vontade de chorar. Eu sou chorona! [...]. (CARLA, 2022).

Como já mencionado neste estudo, o fato de as mulheres idosas serem predominantes nesse segmento etário, não significa que estejam em melhores condições financeiras, muito pelo contrário, são elas que mais sofrem com a exclusão social, com a

violência doméstica e são majoritariamente afetadas “[...] por doenças crônicas, incapacidade física, déficits cognitivos e emocionais [...]” (RODRIGUES; NERI, 2012, p.2130).

Paula sintetizou, em poucas palavras, a sua experiência, desejando “Tomara que termine logo!”. A mensagem trazida pela participante da pesquisa revelou o esperar por dias melhores, o esperar por uma velhice mais digna, o esperar por relações mais humanas.

É essencial destacar que as pessoas idosas deste estudo são sobreviventes da política de morte, adotada na pandemia por Bolsonaro (2019-2022), a qual grande parte da sociedade foi conivente, visto que há pessoas que julgam (autorizadas em deliberar) que, quando um indivíduo almejou uma determinada idade, tanto faz estar vivo ou morto, pois, para elas, ele já viveu o suficiente. Frente a essa situação desprezível, urge pensar na ética, trazida por Freire (2002a), ao declarar que:

[...] é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro [...]. Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano. [...]. A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais [...]. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe [...]. (FREIRE, 2002a, 16-17).

Quanto aos momentos mais difíceis da pandemia, os cinco participantes revelaram as dificuldades decorrentes do isolamento social, como: o impedimento de visitar os filhos doentes, a dificuldade financeira para sobreviver, a necessidade de maior permanência em casa, o pouco contato com a vizinhança, o medo de ser contaminado pelo novo coronavírus e a dificuldade em manusear o aparelho celular para se manter informado e participar das aulas remotas da EJA, ou seja, necessitavam do letramento digital.

Paula revelou que quase nem saía de casa por causa do isolamento social, enquanto Carla contou que reduziu o seu contato com os vizinhos, mas que, em algumas vezes, “[...] a gente só falava na porta porque não dava para sair, só de máscara! Mas todo mundo usava [...]” (CARLA, 2022).

A dificuldade de Joana foi a de visitar o filho doente, o que a fez lembrar a tristeza do falecimento de outro filho, quando diz “[...] filho ficou doente e eu não podia ir

visitar, quer ver coisa mais difícil! Eu tive o Covid, mas eu não fiquei com a sequela [...]” (JOANA, 2022).

Solange e Cândido, revelaram a mesma dificuldade em manusear o celular, sendo que a participante gostaria muito de “[...] aprender a mexer melhor no celular e estar informado sobre as notícias da pandemia [...]” (SOLANGE); e Cândido, por não saber como manusear o celular, deixou de participar das aulas remotas da EJA, conforme mencionado:

[...] Quando foi o ensino remoto eu não participei porque eu não tinha condição e quando voltou a EJA na escola me deu medo também porque comentavam na televisão não vai em tal lugar, não vai aqui, não vai ali. Eu uso o celular só para ligar, mais nada! [...]. (CÂNDIDO, 2022).

No que se refere às mudanças de rotinas na pandemia, o/as cinco participantes revelaram que suas atividades ficaram restritas ao espaço doméstico e à higienização de alimentos e limpeza da casa. Cândido, que é dono de uma firma em Palhoça, revelou que grande parte das suas atividades de trabalho foi realizada no conforto de sua casa, pois possui total confiança em seus funcionários. Já Joana, enfatizou que a necessidade de ficar em casa inviabilizou grande parte das suas atividades que realizava, ao mencionar que:

[...] Eu não saía para rua, eu fiquei confinada na pandemia. Para mim foi horrível! Porque eu era muito, muito ativa na rua. Fazia ginástica aqui na UFSC, vinha na escola, ia no teatro, ia na cantoria, ia nos grupos de idosos fazer as coisas, ia num grupo que fazia trabalhos manuais, parou tudo! De repente eu fiquei em casa, sem poder abrir a porta para sair! Para mim foi o fim! Durante eu acho que um ano não saí de casa. E como eu não saía de casa, tinha essa senhora, a D. Angela, que às vezes ia buscar no postinho um remedinho que eu tomo de vez em quando para a pressão. E as compras até as minhas netas compravam [...]. (JOANA, 2022).

Solange destacou que ficar em casa para ela foi muito angustiante, pois precisava trabalhar para comprar comida, pagar as contas do mês e, que “[...] passava álcool nas coisas [...]”. Carla considerou que o fato de precisar higienizar tudo, “[...] deu bastante trabalho! Porque quando minha filha vinha do trabalho, eu colocava tanto álcool que eu tinha até uma tontura [...]”. Já para Paula, as mudanças de rotina só ocorreram no início da pandemia, depois não foi mais preciso.

Além disso, os participantes apontaram como importante o acolhimento que receberam na pandemia de Covid-19, sendo que Carla contou da sua felicidade em receber ligações e áudios dos filhos, colegas e professores/as, e, para ela, “[...] foi uma sensação boa

para a minha vida, eu me senti valorizada. Eu senti meus filhos perto de mim, mesmo não conseguindo abraçar. A gente ficava conversando pelo celular, sabe! [...]” (CARLA, 2022).

E Cândido destacou a alegria e importância do contato físico com os vizinhos em Palhoça, os quais costumavam passar de vez em quando na sua firma, sendo enfatizado por ele: “[...] vinham lá [na firma] conversar um pouquinho e todo mundo com a máscara, o respeito e o álcool em gel na mão! Mas aquela coisa dá uma agonia [...]” (CÂNDIDO, 2022).

No que se refere à importância do isolamento social para evitar a Covid-19, as cinco pessoas idosas consideraram que foi uma medida extremamente importante para proteger as vidas, embora essa medida tenha trazido maior controle da sociedade perante os seus atos e interrompendo as atividades fora do espaço doméstico.

Assim, os/as participantes consideraram os seguintes elementos, como os mais importantes para lidar com seus saberes na pandemia:

Solange menciona que é preciso “[...] se cuidar mais. Valorizar a vida. Limpar bem a casa e usar máscara e álcool nas mãos. Ajudar as pessoas também. É isso! [...]”.

Já para Carla, “[...] a pandemia atrasou muitas coisas, mas por um lado foi bom porque – não pela doença – mas pelo ensinamento da gente. A gente se cuida mais, a nossa saúde, não é? E por outras coisas foi mais difícil [...]”.

Os registros, a seguir, das memórias recentes dessas pessoas, trazem o quanto, na experiência de viver a pandemia, reafirmam o que realmente, para elas, “o que vale é a vida” e a importância dos outros para o bem viver:

[...] Foi aprender a valorizar a vida e perceber a importância dos outros. Eu acho que essa pandemia veio chamar a atenção que pode vir coisa muito pior, que os governos têm de tomar providências para arrumar mais vacinas, mais outras coisas, quem faz as pesquisas, que estuda, já tem que fazer outras pesquisas porque vai vir outra coisa pior do que essa daí! [...]. (CÂNDIDO, 2022).

[...] Que as pessoas se valorizem mais! Elas estão indo para baile faz muito tempo. Tem pessoa que diz: Ah! Isso aí é bobagem! Mas eu não acho que seja bobagem porque é uma doença que veio, ninguém tem a culpa que veio, não sei! Mas eu acho que as pessoas devem se valorizar, se prevenir! Porque se a gente se previne, está se dando valor! Se não se previne, não está se dando valor e ainda não está dando valor para o outro [...]. (JOANA, 2022).

[...] Ajudou muito porque aí eu fui falar com a minha doutora e ela disse para mim que eu podia agora andar na rua sem a máscara, aí eu ando! Minha filha me disse: “Mãe, se cuida!” E eu disse para ela: “Mas os que mais se cuidam, tiveram e até morreram!” Claro, que no forte da pandemia não era muito bom porque eu queria

sair e não podia. Fiquei três meses, a bem dizer, intocada dentro de casa. Até o meu finado ex-marido faleceu de Covid [...]. (PAULA, 2022).

Por compreender que o valor do testemunho se centra na dimensão da vivência, ou seja, em fazer-se presença no cenário em que se desenrolaram os fatos, as mulheres e o homem idoso, participantes deste estudo, revelam a importância de valorizar a vida em sua plenitude, em que só é possível encharcá-la de sentido no intercambiar de experiências entre as pessoas, na relação intergeracional e no percurso de toda uma vida.

Beauvoir (2018, p. 399), ressalta que toda “[...] noção de experiência é válida na medida em que remete a um aprendizado ativo [...]”, inclusive, salienta que certas artes e ofícios, de tão difíceis, precisaram de uma vida inteira para conseguir dominá-los, de modo que existem experiências que só pertencem àqueles/as que conseguiram chegar à velhice, pois é necessário viver muito para “[...] ter uma ideia precisa da condição humana, para ter uma visão geral da maneira como se passam as coisas: só então somos capazes de ‘prever o presente’, o que é tarefa do [...] [ser] político [...]” (BEAUVOIR, 2018, p. 399).

E se “O que vale é a vida!”, o esperar da/s velhice/s se perfaz no engajamento de luta pela efetiva qualidade de vida – em nosso país e no mundo, em defesa de vidas longevas mais dignas, amorosas e valoradas. Sendo que toda sabedoria acumulada precisa conferir às pessoas idosas o *status* de anciãs de cultura em nossa sociedade, o que se reflete na exigência de maior reconhecimento e de participação social, como também da exigência e da efetivação por parte do Estado de mais políticas públicas destinadas a esse grupo etário em específico.

Entre esse reconhecimento, está o direito à educação das pessoas idosas que não tiveram o direito a seu acesso e permanência, quando crianças e/ou jovens, mas que também é um direito na idade adulta e idosa. É no espaço de busca de efetivação desse direito que se olha para o espaço escolar na EJA para apreender as nuances das experiências do e das participantes desta investigação, ao vivenciarem suas ações de estudo no contexto da pandemia, em turmas de alfabetização na EJA, da rede municipal de Florianópolis/SC.

Também, é preciso ressaltar que a EJA não se fez no hoje, a sua luta é histórica, atravessando muitos governos anteriores, cuja defesa é pelos direitos da sua classe trabalhadora, estando alicerçada na educação popular, sendo Paulo Freire um de seus principais anunciadores/precursores.

Desse modo, apresentam-se, a seguir, as memórias dessas pessoas idosas da classe trabalhadora e suas análises dessas experiências na pandemia de Covid-19.

6.4 “EU CONSEGUI ACOMPANHAR ALGUMA COISA PORQUE AÍ COMEÇAVA A ME DOER O OLHO”: A EXPERIÊNCIA ESCOLAR PELO ENSINO REMOTO NA PANDEMIA DE COVID-19

Vale ressaltar que experiências vividas por homens e mulheres contém um horizonte de sentido da vida compartilhada, de modo que o recordar é balizado por “relações determinadas” pela sociedade capitalista.

[...] Estamos falando de homens e mulheres, em sua vida material, em suas relações determinadas, em sua experiência dessas relações, e em sua autoconsciência dessa experiência. Por “relações determinadas” indicamos relações estruturadas em termos de classe, dentro de formações sociais particulares [...]. (THOMPSON, 1981, p. 111).

Thompson, ao relacionar cultura e experiência, enfatiza que, nas relações sociais, as pessoas vivem experiências que possibilitam a criação/estabelecimento de normas, valores, costumes, convicções religiosas, entre outros, notadamente ao mencionar que

[...] As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos [...]. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas [...]. (THOMPSON, 1981, p. 189).

Assim, buscou-se trazer questões nas quais se encontrassem os indícios sobre a experiência escolar das pessoas idosas no momento da pandemia de Covid-19: O que motivou você a não desistir de estudar na pandemia? Você mantém contato com algum(a) colega da sua turma de EJA? Na pandemia, como foram organizadas as aulas e as atividades na sua turma de EJA (no ensino remoto e presencial)? Você está enfrentando alguma dificuldade (ou mais de uma) para dar continuidade aos seus estudos na EJA? Você sentiu falta das aulas presenciais? De que (quem)? Como você, no decorrer da sua vida, buscou (busca) saber e se apropriar do que estava (está) escrito?

Em relação ao que motivou cada participante deste estudo a não desistir de estudar na pandemia de Covid-19, as cinco pessoas idosas apontaram dois principais motivos: a vontade de aprender e a motivação dos/as professores/as.

Para Cândido, a vontade de aprender vem como possibilidade de ampliação de conhecimentos, quando diz: “[...] vontade de saber mais, né querida! Na minha idade o que vier é lucro [...]” (CÂNDIDO, 2022). Já para Solange, a vontade de aprender, além de ampliação dos conhecimentos, apresentou-se como forma de reconhecimento social (familiar), ao buscar alterar o seu *status* de não alfabetizada para alfabetizada, quando menciona: “[...] É a vontade de aprender mais. Eu gosto de aprender e gosto de aprender. Para dizer para os meus bisnetos, que a vó foi para a escola [...]”. (SOLANGE, 2022).

No caso de Carla, a vontade de aprender veio como possibilidade de desvelar uma imagem positiva de si própria, pois sabe o que é sentir na pele a opressão e exclusão social. Também, a aprendizagem será benéfica para a sua saúde mental, assim, enfatizou que:

[...] O que me motivou a não desistir de estudar é porque eu gosto, eu gosto de estudar e eu quero aprender porque eu ainda estou atrapalhada. Eu tenho problema na cabeça mesmo, entendeu? É mais difícil, mas eu estou buscando e eu estou tentando conseguir para não desistir agora. Enquanto der para vir, eu venho! [...]. (CARLA, 2022).

Essa imagem positiva de si, ou mesmo de desvalorização de si em relação ao conhecimento do mundo letrado, remete ao que aponta Bernard Charlot (2000, p.17-18) ao situar que essa relação é marcada por uma percepção de se reconhecer como capaz ou de ausência e de diferença ao lidar com dificuldade, com situações que impõem o uso desse saber, construindo imagens de valorização ou não em relação a esse saber. Logo,

[...] precisamos lembrar que essa imagem é construída socialmente nas próprias relações desses sujeitos com o mundo. Construída na sua relação com o “saber” e com a valorização social desse saber. Desse modo, essa desvalorização não está no sujeito em si, mas é uma imagem que constrói na distância em que ele se percebe cotidianamente com relação às suas vivências com esse saber. Vale lembrar que enquanto o aluno desenvolve ou não ações de aprendizagens com relação a determinados conhecimentos, ele aprende também sobre suas potencialidades, suas capacidades e dificuldades de lidar com o saber e modos de enfrentar tais dificuldades [...]. (LAFFIN, 2007, p.111).

Charlot (2013), investe, ainda, na valorização das diferentes culturas como forma de subverter a “[...] depreciação das culturas populares em face à valorização da cultura elitizada [...]”. Por isso, para ele, é essencial preservar as formas variadas e heterogêneas de se ‘aprender’, sendo uma forma de desmistificar o entendimento de que é somente na escola que se aprende (e de que só existe um tipo de saber válido), bem como é o momento de

ressaltar essa heterogeneidade do aprender como forma de “[...] combater a ideia de que há carências nos alunos dos meios populares [...]” (CHARLOT, 2013, p.162).

Para Paula, a vontade de aprender veio como possibilidade de melhoria da qualidade de vida e ampliação de conhecimentos por meio da troca de experiências com os professores e colegas, em que vai (re)lendo o mundo. Assim, mencionou que “[...] eu poder me informar das coisas do mundo. A gente aprende bastante coisa com os professores, com as professoras, com os colegas [...]” (PAULA, 2022).

Nesse sentido, a apropriação do conhecimento da compreensão do mundo confere ao sujeito o que aponta Bernard Charlot (2000, p.60), ao declarar que: “[...] Adquirir saber permite assegurar-se um certo domínio do mundo no qual se vive, comunicar-se com os outros seres e partilhar o mundo com eles, viver certas experiências e, assim, tornar-se maior, mais seguro de si, mais independente [...]].

Sobre a manutenção de contatos com algum/a colega da sua turma de EJA, das cinco pessoas idosas, apenas uma mencionou que não possuía contato com os/as colegas. No contexto desses contatos, Cândido enfatizou ter bastante amizade na EJA, até com os ex-estudantes.

Já Joana comentou que, no forte da pandemia, as professoras foram as suas amigas no contato pela internet e destacou a importância de ser motivada por elas. Carla destacou a importância do uso do *WhatsApp* e mencionou que aprendeu com a filha a enviar mensagens em áudio, ao situar que:

[...] No *WhatsApp*, a minha filha me ensinou a mandar mensagens faladas para as pessoas, isso me ajuda muito! Ela me ensinou que tem que olhar aqui a mensagem, só o que eu tenho vontade e não aprendi ainda é escrever no celular. Foto já tiro. Às vezes tem umas que saem boas e outras não, mas acho que isso é normal [...]. (CARLA, 2022).

Durante a pandemia de Covid-19, e com a necessidade do ensino remoto, as mídias digitais (*WhatsApp*, *Google* e demais plataformas virtuais) ganharam maior espaço na vida das pessoas, de modo que Paula revelou que possui uma colega de EJA cujo relacionamento ocorre também fora do espaço escolar, enquanto Solange frisou que ainda não formou laços de amizade com os/as colegas da sua turma de alfabetização.

Sobre o modo de como foram organizadas as aulas remotas e as atividades nas turmas de alfabetização da EJA, nem todos/as participantes conseguiram participar, como foi o caso do estudante Cândido; já Paula ingressou na EJA após o ensino remoto. No entanto, as três estudantes idosas, que conseguiram, enfatizaram que algumas aulas foram prejudicadas por problemas ou falta de internet/equipamentos adequados e dificuldades com a plataforma virtual e as chamadas de vídeo.

Joana considerou que foi um pouco difícil porque não era possível um acompanhamento como na sala de aula, como também, em algumas vezes, precisou ir em uma *Lan House* para imprimir as atividades enviadas. Entretanto, revelou com alegria o dia da aula virtual e, quando, por algum motivo, a aula não acontecia, a falta era imensa porque as professoras se demonstravam preocupadas com a situação de cada pessoa idosa:

[...] eu consegui acompanhar alguma coisa porque aí começava a me doer o olho. [...]. A gente, eu ficava assim, quinta-feira era o dia da aula, eu ficava assim, esperando a quinta-feira! O dia que não fazia, que eu não via elas quando não tinha chamada da quinta-feira, aquilo me fazia uma falta! Mas uma falta, que ninguém pode imaginar!!!! Era na quinta, era o dia que a gente se reunia tudo. Era muito gostoso! Tinha bastante atividades. Elas nunca deixaram a gente sem, era pesquisa, atividades, bastante coisa! As professoras perguntavam como a gente estava, perguntavam e ligavam fora da hora da aula, assim, às vezes ligava direto, às vezes no *WhatsApp*, perguntavam como é que a gente estava. Às vezes elas iam lá em casa, apareciam lá no portão, mas nem entravam! [...]. (JOANA, 2022).

Assim como nesta tese, Paiva e Freitas (2022), em seus estudos, situam que os seus interlocutores também apontaram dificuldades em relação ao uso de tecnologia – tanto no trabalho, como na vida prática do dia a dia – desde o uso do celular que possuem, à necessidade de fazer uso de caixas eletrônicos e máquinas digitais, em razão de não saberem ler, atribuindo para si essa responsabilidade. Contudo, consideraram que essas dificuldades acerca da leitura e escrita apresentaram melhoras com a conclusão dos anos iniciais, mas o sentimento de culpabilização pelo não saber permanece. Elementos que também se evidenciaram nesta tese.

Cabe destacar, ainda, outra questão do registo de Joana, na qual se evidencia a ação das professoras na busca de ações dialógicas no contexto da pandemia da Covid-19, ações que se configuram como um “[...] acolhimento para o processo ensino-aprendizagem [e] nos aponta um fazer docente no sentido de criar um espaço de relações apropriadas para esse processo [...]” (LAFFIN, 2007, p.115). Compreende-se esse acolhimento:

[...] como uma disponibilidade emocional e uma intencionalidade que não se opõe ao ensino e à apropriação do conhecimento. [...] Nesse sentido, Ribeiro¹⁷⁹ ressalta esse cuidado como a importância do estabelecimento do diálogo como princípio educativo numa relação de reciprocidade entre professor e aluno. Nesse caso, opta-se por definir as ações de cuidado das professoras e professor[es] [...] como uma intencionalidade de acolhimento do sujeito para o ato de conhecimento [...]. (LAFFIN, 2007, p.116).

Ao pensar na questão do acolhimento no contexto da pandemia, frisa-se que Freire (1996) ressaltou a necessidade do/a professor/a de refletir criticamente acerca da sua prática pedagógica, situando cada estudante como sujeito/a sociocultural que ocupa um espaço intrínseco na realidade social da qual faz parte, de modo que a sua ação pedagógica precisa estar impregnada de perspectivas emancipatórias, que precisa ser rica, significativa e repleta de valores, visão de mundo, visão de sociedade e visão de ser humano, de modo que nunca falte a amorosidade, na qual não pode ser confundida com amor romântico, pois se trata de um amor que visa libertar, uma vez que a amorosidade é comprometida com os seres humanos.

Na visão de Andreola (2000), a amorosidade, no pensamento freireano, não pode

[...] esquecer as perspectivas da inteligência, da razão, da corporeidade, da ética e da política, para a existência pessoal e coletiva, enfatiza também o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, da vontade, da decisão, da resistência, da escolha, da curiosidade, da criatividade [...], como fatores básicos da vida humana e da educação [...]. (ANDREOLA, 2000, p. 22).

Já Solange, mencionou que era preciso buscar na escola as folhinhas de atividades, porém, como geralmente não tinha ninguém para lhe ajudar a ler e escrever, ficou bem difícil. Carla enfatizou a mesma dificuldade de Solange, mas com o acréscimo em relação à falta/oscilação de internet. E explicou:

[...] Tem foto, tem tudo aqui no telefone. Tem umas que a professora tirou e eu mandava para ela. [...] O bom mesmo é a gente estar aqui. Deu para quebrar um galho, não é! Para não ficar parado todo esse momento, para ocupar a noite, aprender alguma coisinha. A gente sempre falava com os professores que essas coisas iam passar logo. A gente sempre estava junto, conversando para passar o

¹⁷⁹ Fonte: RIBEIRO, V. M. A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico. **Educ. Soc.** [online]. dez. 1999, v. 20, n. 68, p.184-201. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301999000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 jun. 2023.

tempo e estudando junto. Tinha dias da semana que aconteciam, acho que era um dia da semana ou três dias na semana que a gente conversava, acho que era. Para mim foi difícil também ficar em casa para estudar, tive que dar conta da casa e estudo, sem muita ajuda. (CARLA, 2022).

Quanto às atividades presenciais, em turmas de alfabetização da EJA, os/as cinco participantes mencionaram “que está tudo tranquilo”. Cândido enfatizou que não costuma faltar às aulas e que, no início do ano letivo, estiveram “meio mal de professora”, mas agora mudou e melhorou. Salientou ainda que “[...] acho que a EJA para idosos é muito importante e não tem o que reclamar porque quem não quiser vir, também não tem como reclamar [...]”. Solange, Joana, Paula e Carla concordaram que agora com as aulas presenciais conseguem aprender mais.

Sobre o fato de estarem enfrentando alguma dificuldade para dar continuidade em seus estudos na EJA, Cândido mencionou que não possui dificuldades com as aulas presenciais, mas Joana manifestou dificuldade para ler fluentemente e escrever algumas palavras separadas. Nesse momento, ela rememorou a sua época de criança ao mencionar que

[...] Porque daquela época em diante se eu tivesse uma leitura correndo, eu já não estava mais aqui! Eu já tinha ido fazer uma faculdade. Mas agora, eu vou ficar até quanto der porque, eu não vou fazer na minha idade uma faculdade. A faculdade é aqui pertinho! Eu faço até ginástica lá! [...]. (JOANA, 2022).

Solange revelou que não está com muitas dificuldades nas aulas presenciais, contudo reforçou o seu direito de ter uma educação de qualidade ao frisar que

[...] Só que a professora tem que me ensinar bem direito, não é? Aqui na turma tem uns 18 colegas. Todos para aprender a ler e a escrever. A professora passa na lousa, mas não vai na gente, ver. Ela bota ali, aí ela pede para a gente ler. Isso para mim, ajuda. Os colegas não ajudam a gente muito não [...]. (SOLANGE, 2022).

Essa fala de Solange remete-nos a pensar o quão necessário é a incorporação do trabalho da EJA na formação inicial, em que, na visão de Silva (2020), não se trata apenas de preparar os/as futuros/as professores/as dando-lhes subsídios para terem segurança, mas pela necessidade de contribuir para a (re)construção de suas identidades (identidade

profissional docente da EJA), o que, automaticamente, fortalecerá as especificidades provenientes do campo da EJA, que são essenciais, tanto para a formação inicial como para a formação continuada.

Além disso, Silva (2020) frisa que a consolidação da EJA na formação inicial é, antes de tudo, a conquista de um direito aos futuros/as professores/as, já que precisam se apropriar de todo conhecimento de ensino na Educação Básica. Essa situação fragiliza a atuação do/a professor/a que vai para a EJA, pois é fundamental que eles/as possam “[...] conhecer a modalidade, as suas especificidades, os sujeitos que nela chegam, a diversidade do seu público-alvo e os principais desafios do campo [...]” (SILVA, 2020, p.331). Portanto, se a formação inicial não está considerando a EJA, possibilita dizer que existem tantos desafios, como resistências na organização curricular de disciplinas, que garantam estudos voltados à EJA em cursos de Licenciaturas das universidades (públicas) brasileiras¹⁸⁰.

Paula destacou que não possui dificuldades, enquanto Carla as possui, tanto para ler, como escrever porque se esquece das letras, mas, quando ela vai escrevendo, a professora fica acompanhando o seu desempenho. Carla também revelou que:

[...] Antigamente eu botei uma venda em casa, só passando o troco, que a minha filha me ensinava porque eu a botei na escola. Ela me ensinava o troco. Dizia: “Oh mãe! É assim: Eu disse isso para a senhora, dá esse troco para essa pessoa e se der tanto, sobra tanto”. E assim foi passando até eu chegar aqui de novo para estudar e aprender mais um pouco. Então o meu nome eu não sabia fazer, eu vim aprender aqui! Eu tinha esquecido de fazer. E para pegar o ônibus era uma dificuldade. Era muito ruim porque eu tinha que ficar perguntando para as pessoas no ponto, às vezes uns diziam certo e outros diziam: “Eu não sei, moça!” Como um falava certo, outro errado, aí eu ficava pensando, será que está certo? Eu tinha muita insegurança. Mas agora eu já estou bem melhor, o ônibus mesmo, eu olho pelo número, fico olhando Monte Cristo, Capoeiras e vou olhando e fico, porque eu tenho que lembrar para quando ele vir, eu já sei que é esse aí [...]. (CARLA, 2022).

Em relação ao fato de sentirem falta das aulas presenciais, situam as seguintes considerações: Cândido menciona que sentiu falta da professora, da coordenadora da EJA e

¹⁸⁰ Na maioria dos cursos de Pedagogia dessas universidades já há estudos voltados à EJA. Para essa afirmativa, consultar: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. Formação inicial de educadores no campo da Educação de Jovens e Adultos: espaço de direito e de disputas. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 53–71, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rieja/article/view/5228>. Acesso em: 8 jun. 2023.

dos colegas. Para Joana, a falta foi imensa, consistindo pela ausência “[...] de ficar junto com os colegas e professoras [...]” (JOANA, 2022).

Solange mencionou que não havia ninguém para lhe ajudar em casa e que também esteve doente, pois teve Covid-19. Enquanto Paula, comentou que apenas teve aulas presenciais, pois ingressou na EJA no meio da pandemia, no retorno ao presencial.

Já Carla sentiu falta de tudo da escola, da presença física dos colegas, professores e ainda realçou a distância entre a sua casa e a escola. Lembrou-se da sua dificuldade em estudar em casa – sem ajuda de ninguém – e mencionou ainda que, em razão das suas condições de saúde, não pôde acompanhar as aulas.

Logo, se nem todos/as estudantes de 60 anos ou mais de idade tiveram condições de acesso aos seus estudos, significa dizer que o direito à educação lhes foi negado, tendo em vista que era preciso garantir o acesso (e a familiaridade) ao mundo digital como um direito social básico no contexto vivido de pandemia.

6.5 “VOCÊ SABE COISA QUE EU NÃO SEI E EU SEI COISA QUE VOCÊ NÃO SABE, ENTÃO É MUITO IMPORTANTE A GENTE TROCAR”: A APROPRIAÇÃO DOS SABERES DO MUNDO LETRADO

Em relação a como cada participante, no decorrer da sua vida, buscou (busca) saber e se apropriar do que estava (está) escrito, ou seja, como lidam com os saberes do mundo letrado, situamos suas falas em conjunto, para se ter o panorama de seus desafios e formas de solução ao lidarem com esses saberes.

Cândido ressaltou que teve que dar um jeito com os novos desafios, mas reconhece e reafirmou os seus saberes de experiência feitos (FREIRE, 1996) no contexto de suas vivências sociais para se virar no mundo, ao destacar que:

[...] Tive que me virar. [...] Hoje sei, mas nem sabia mexer nem no *WhatsApp*! Porque antes de vir para a EJA, eu já sabia alguma coisinha. Olha só, se eu não soubesse, eu sequer teria condições de viajar para Mato Grosso, para o Rio de Janeiro, é o que sempre digo eu conheci o país afora, sei de coisa que muita gente estudada não sabe. Na verdade, é assim, o estudo é ótimo, mas tem que ter a prática! Uma pessoa aí se forma em agrônomo, se ele não for lá na lavoura, se ele não tiver a prática, ele vai ter só um papel, porque, como ele vai plantar, como ele faz a cova, fazer a muda, não dá né? Tem que ter a prática junta, tem que ter o dia a dia, a vivência senão não adianta de nada o papel [...]. (CÂNDIDO, 2022).

Uma das falas significativas de Cândido, que foi utilizada em parte do título desta tese, remete a esses saberes de experiência feita, que trazem uma concepção da pessoa idosa como aquela que produz saberes, pode aprender novos saberes e ainda ensinar: “[...] Tem experiência que é muito bom para muitas pessoas, você sabe coisa que eu não sei e eu sei coisa que você não sabe, então é muito importante a gente trocar¹⁸¹ [...]” (CÂNDIDO, 2022).

Essa fala remete ainda ao papel da professora nas mediações pedagógicas, nas ações de ensinar, buscando sempre o empoderamento e o reconhecimento dos saberes dessas pessoas idosas.

Três idosas relatam o quanto o não saber ler e escrever acarretou para suas vidas, e uma delas aponta que nunca assumia socialmente de que não sabia ler. Além disso, destacam o que significa se perceberem como sujeitas que já apreenderam alguns saberes escolares relacionados ao uso da leitura e da escrita:

[...] Eu nunca digo que eu não sei ler, não! Mas, eu lia alguma coisa e depois eu até já escrevia alguma coisa, mas esquecia! Mas nunca me fez muita falta porque eu sou muito de prestar atenção! Eu prestava muita atenção! Olha! Se tinha um número lá, se eu via aquela rua ali, eu sabia. Se eu precisava depois de dois meses ir lá, eu sabia. Eu sabia! O ônibus até hoje eu pego errado, mas eu cuidava a cor, eu cuidava o número e lá no Rio Grande do Sul quase não precisava pegar ônibus, mas quem morava em Porto Alegre, aí sim. Se tu moras num certo lugar, aquele ônibus, se está indo para o centro e é do teu trajeto, tu podes pegar! [...] (JOANA, 2022).

[...] Eu fazia pela minha cabeça, mesmo! Antes da escola, era muito ruim. Eu me perdia na rua. Olhe só! Eu colocava o dedo esse aqui para assinar. Agora não boto mais não! Uma receita de bolo, eu sei fazer e quem me ensinou foi a minha neta. Ela ia dizendo o tanto que botava de xícara de farinha, de ovo, de manteiga. Aí eu coloquei aquilo tudo na minha cabeça e o bolo cresce e fica lindo. Do mesmo é a leitura, a leitura você vai juntando as coisas, as letrinhas e faz tudinho certo. Do mesmo jeito é o bolo. (SOLANGE, 2022).

[...] Para as minhas netas eu contava, mas elas falaram: Ô vó! Isso aí já passou! Não fale isso, não! Aí eu parava de falar. Hoje em dia os jovens não querem mais escutar essas coisas de antigamente. Tenho duas que moram em Portugal com a mãe delas, da minha nora que se separou do meu filho. Eu tenho um outro filho que mora aqui na Palhoça e tenho outra filha, que mora lá na minha terrinha, Alagoas, a minha neta mais velha mora lá. Mas é assim, tem umas que querem até ouvir sobre a vida da gente e tem outras que dizem: Ai vó! Deixe lá! As que estão em Portugal, eu falo pelo *WhatsApp*. Eu tenho vontade de conhecer lá! Vai fazer uns três anos que elas foram para lá. Eu sempre tive vontade de saber o que estava

¹⁸¹ Desta fala emerge parte do título desta tese e deste item no capítulo.

escrito. Agora eu já sei alguma coisa, conheço mais as letras [...]. (CARLA, 2022).

Portanto, nessas falas dos quatro participantes, fica evidente que essas três mulheres e um homem idoso estão evidenciando as suas bagagens de conhecimentos advindos da experiência social, ou melhor, esse “saber de experiência feito”, o qual, por sua riqueza de saberes produzidos na prática, que precisam nutrir e serem nutridos de conhecimentos científicos para que seja possível buscar soluções que superem as barreiras enfrentadas pela população. Nesse sentido, destaca-se o reconhecimento de Paula, ao se perceber com o *status* de já estar alfabetizada ao entrar na turma, e afirma que reconhece que isso lhe permite apreender outros saberes.

6.5.1 Mas o que significa o fato de Paula se reconhecer como alfabetizada, as proximidades e os distanciamentos que essas pessoas idosas identificam em relação aos saberes do mundo letrado?

É importante situar que, na perspectiva freireana, compreende-se que a alfabetização tem um sentido mais amplo do que o de Magda Soares, sobre a qual será abordada na sequência, uma vez que, na ótica de Freire a alfabetização amplia a visão de mundo e situa o sujeito na história e em seu contexto social.

No prefácio do livro *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, de Paulo Freire (1989), Antônio Joaquim Severino assinala que Freire, ao pensar na alfabetização, sabia do quão transformador ela precisava ser na vida de jovens e pessoas de mais idade da classe trabalhadora, as/os quais já viveram tantas violências e opressões.

Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, *a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político*. Paulo Freire reafirma a necessidade de que educadores e educandos se posicionem criticamente ao vivenciarem a educação, superando as posturas ingênuas ou “astutas”, negando de vez a pretensa neutralidade da educação [...]. (SEVERINO, 1989, p. 7, grifo nosso).

Do mesmo modo, Henry Giroux (1990) assinala que

[...] a alfabetização para Freire é, inerente, um projeto político no qual homens e mulheres afirmam o seu direito não apenas de ler, compreender e transformar suas experiências pessoais, mas também de reconstituir sua relação com a sociedade mais ampla. Neste sentido, a alfabetização é fundamental para erguer agressivamente a voz de cada um como parte de um projeto mais amplo de possibilidade e de *empowerment* [...]. (GIROUX, 1990, p. 7, grifo do autor).

Portanto, a alfabetização, para Freire (2017), está intrinsecamente articulada à questão político-histórica e se assenta no diálogo que se constitui na relação dialética entre ação e reflexão, em que ganha preponderância a linguagem e a efetiva participação¹⁸² dos/as estudantes em todo o processo de ensino-aprendizagem. Logo, ao primar por uma leitura crítica da realidade que se vive, significa potencializar o pensamento para movimentos de reinvenção, de poder e de lutas, por direitos de melhorias de vida e para a sua classe social, no que tange aos meios de produção, à educação, à saúde etc.

Freire e Macedo (1990), salientam que a educação “[...] é, por si mesma, uma dimensão de cultura [...]”. Contudo, frisam que reconhecer a natureza cultural da educação “[...] não significa abençoar toda expressão cultural [...]”, haja vista que a cultura é gerada numa sociedade e, portanto, ela “[...] é uma totalidade atravessada por interesses de classe, por diferenças de classe, por gostos de classe [...]” (FREIRE; MACEDO, 1990, p.33). Logo, é fundamental “[...] reconhecer que as classes sociais existem e que sua presença é contraditória. Ou seja, a existência de classes sociais provoca um conflito de interesses. Provoca e dá forma a modos culturais de ser e, por isso, gera expressões contraditórias de cultura [...]” (FREIRE; MACEDO, 1990, p.34).

Para a compreensão dessa relação do social com os processos de alfabetização, Magda Soares (2018, p. 16, grifo da autora), apresenta-nos o conceito de letramento e considera importante fazer a distinção entre alfabetização e letramento, ao frisar que “[...] não parece apropriado, nem etimológica nem pedagogicamente, que o termo alfabetização designe tanto o processo de aquisição da língua escrita quanto o processo de seu *desenvolvimento* [...]”. Para a autora, o conceito de alfabetização, em seu sentido específico e próprio, consiste no processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e

¹⁸² Essa ativa e integral participação está intimamente ligada à vida cotidiana, uma vez que, para Freire, a “[...] leitura do mundo antecede a leitura da palavra [...]”, logo, há sempre um ato de criação, de reinvenção e de conhecimento em nossa existência humana.

de escrita, tendo em vista que deve ser “[...] entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita, alfabético e ortográfico [...]” (SOARES, 2004, p. 16).

O conceito de letramento, para a referida autora, traz o entrelaçamento entre esses dois conceitos, alfabetização e letramento ao serem situados como:

[...] processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um o de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses dois processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. Alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, [...] [pessoa] aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produções de texto reais, de práticas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 2020, p. 27).

Entende-se que a alfabetização pensada por Freire abarca os letramentos sociais, os quais, na defesa de Brian Street (2014), são de cunho ideológico, uma vez que considera Paulo Freire,

[...] o militante mais influente e radical do letramento, tendia a acreditar que pessoas sem o letramento do tipo ocidental são incapazes de ‘ler o mundo’, sua cruzada para despertar a consciência através de campanhas de alfabetização liderou a contestação contra as campanhas dominantes e autoritárias promovidas por governantes para fazer precisamente o contrário, mas ela frequentemente repousa sobre os pressupostos semelhantes acerca da ignorância e da falta de autoconsciência ou de consciência crítica dos ‘não letrados’ [...]. (STREET, 2014, p. 36-37).

Street (2014), defende o letramento como constituído como práticas sociais de leitura e escrita e, portanto, postula o termo “letramentos sociais” e, com base em abordagens críticas, propõe o modelo “ideológico” de letramento, notadamente ao reconhecer “[...] que as práticas de leitura e escrita estão sempre inseridas não só em significados culturais, mas em alegações ideológicas sobre o que conta como ‘letramento’ e nas relações de poder a ele associadas [...]” (STREET, 2014, p.13).

Por assim dizer, o autor mencionado refuta o modelo dominante de um ‘Letramento’ único, ‘neutro’ e escrito com L maiúsculo e no singular, por defender a existência de múltiplos letramentos praticados em contextos reais que merecem total atenção e enaltecimento, pois olhar para “[...] a especificidade dos letramentos em lugares e tempos particulares [...]” (STREET, 2014, p.18) faz-se imprescindível.

Street (2014, p.13), defende a natureza social do letramento, em “[...] oposição ao que denomina perspectiva ‘autônoma’ do letramento, voltada habilidades [...]”, em que esta última, reforça a teoria da ‘grande divisão’ fundamentada na visão etnocêntrica e hierárquica que privilegia uma forma particular de letramento sobre as inúmeras variedades existentes no mundo. Para esse propósito, o autor/pesquisador se assume como parte da tendência atual “[...] rumo a uma consideração mais ampla de letramento como práticas sociais, focalizando a natureza social da leitura e escrita e o caráter múltiplo das práticas letradas, valendo-se de perspectivas transculturais [...]” (STREET, 2014, p.13).

Por compreender que a realidade é “[...] mais complexa e mais difícil de enfrentar politicamente [...]”, Street (2014) frisa que alguns estudos, como o de Graff (1979), já mostraram que, para concorrer a uma vaga de emprego o “[...] nível de letramento é menos importante do que aspectos de classe social, gênero e etnia; o baixo letramento é mais provavelmente um sintoma de pobreza e de privação do que uma causa [...]” (STREET, 2014, p.34). Em outras pesquisas, como a de Levine (1986), verifica-se que os testes de letramento, que as empresas desenvolvem para as vagas de empregos, parecem nada ter a ver com as habilidades letradas exigidas na função do emprego, cujo processo seletivo procura “[...] filtrar certos grupos e tipos sociais e não determinar se o nível de letramento é adequado para as tarefas exigidas [...]” (STREET, 2014, p.34).

Ainda, o mesmo autor enfatiza os impactos provocados pelas representações de letramento resultantes das manifestações das agências e dos meios de comunicação durante o Ano Internacional da Alfabetização - AIA (1990)¹⁸³, cuja retórica conseguiu chamar a atenção do público para o letramento. Contudo, o principal propósito era o de “[...] atrair recursos financeiros e organizacionais [...]” e reproduzir “[...] vários estereótipos do modelo autônomo [...]” de letramento (STREET, 2014, p. 29).

Além disso, Street (2014) chama a atenção para o discurso adotado pelas agências internacionais com “preocupações/alardes” em relação ao nível de letramento da população mundial, em que ações promovidas para reduzir o crescente número absoluto de analfabetos

¹⁸³ A campanha da Unesco (1990), denominada de Ano Internacional da Alfabetização - AIA, tornou-se uma “[...] força-tarefa instalada para coordenar atividades mundo afora, o objetivo principal era criar uma consciência política e ‘desenvolver uma atmosfera de atitudes positivas diante do problema do analfabetismo enquanto problema cultural e necessidade de atacá-lo e combatê-lo. Sentimentos meritórios, mas que revelam falhas graves no modo como o letramento é tratado no debate público. [...] A atenção frequentemente se restringe a casos apavorantes sobre o número de ‘analfabetos’ tanto no Terceiro Mundo quanto em sociedades ‘avançadas’[...]” (STREET, 2014, p. 33).

fundem-se a partir de “[...] pressupostos paternalistas sobre o que significa ter dificuldade de leitura e escrita na sociedade contemporânea; e a criação de falsas esperanças em torno do que significa a aquisição do letramento para perspectivas de trabalho, mobilidade social e realização pessoal [...]” (STREET, 2014, p. 33).

As falas das idosas e do idoso, nesta tese, apontam para o seu olhar de leitura crítica e de reivindicação, falas que se constituem como práticas sociais de leitura e escrita e, portanto, constituição de letramentos sociais (STREET, 2014).

Esses letramentos sociais evidenciam em suas falas – por exemplo – nas diferentes dimensões analisadas nesta tese: a questão da pandemia, o social e o papel do governo, a questão do ensino remoto e a autonomia que lhes conferem os saberes. Elas e ele trazem em suas falas questões importantes que notam as implicações da pandemia em suas vivências, como, por exemplo, sobre a doença e a tristeza provocada pela pandemia, as questões sociais e o papel do governo e as dificuldades e desigualdades geradas pelo ensino remoto. Algumas dessas falas, a seguir, já foram apresentadas em outras discussões e, aqui, fez-se recortes delas para sistematizar essa análise:

a) A doença e a tristeza provocada pela pandemia

[...] Eu senti! Eu senti que mexeu muito com os meus problemas de saúde, meus nervos, que eu tenho que sair, que eu tenho que andar para distrair um pouco. Só dentro de casa, presa dentro de casa é ruim. [...] A palavra que escolho é tristeza, mesmo [...]. (CARLA).

b) O acirramento das desigualdades sociais e das exigências à esfera governamental:

[...] O governo nada de ajudar mais, cesta básica não dava, faltava tudo. O pessoal daqui, todos pobres, não é? Porque o rico não sente nada, mas o pobre ficou lá embaixo [...]. (SOLANGE).

Eu acho que essa pandemia veio chamar a atenção que pode vir coisa muito pior, que os governos têm de tomar providências para arrumar mais vacinas, mais outras coisas, quem faz as pesquisas, que estuda, já tem que fazer outras pesquisas porque vai vir outra coisa pior do que essa daí! (CÂNDIDO).

c) As dificuldades e desigualdades geradas pelo ensino remoto

[...] Para mim foi difícil também ficar em casa para estudar, tive que dar conta da casa e estudo, sem muita ajuda [...]. (CARLA)

[...] Só que a professora tem que me ensinar bem direito, não é? Aqui na turma tem uns 18 colegas. [...] A professora passa na lousa, mas não vai na gente, ver. Ela bota ali, aí ela pede para a gente ler. Isso para mim, ajuda. Os colegas não ajudam a gente muito não [...]. (SOLANGE)

As experiências vividas e registradas como atos de fala indicam momentos de mobilização e de reivindicação, no sentido de que Paulo Freire aponta para a alfabetização libertadora que “[...] implica caminhos diferentes de mobilização e de organização populares, métodos, táticas, estratégias [...]” (FREIRE, 2017, p. 114), assim como, para o desenvolvimento de letramentos sociais (STREET, 2014).

Em função do fato desta tese ter tido a intencionalidade de “ouvir e reconhecer”, nas falas das idosas e do idoso suas experiências de vida, suas condições de estudo na pandemia e as suas relações com o mundo letrado no cotidiano e no espaço escolar, foi se desvelando o envelhecer, nas suas formas de pensar, de agir, de sentir e de se relacionar com o mundo.

7 CONSIDERAÇÕES

Conforme já mencionado neste estudo, diante do obscurantismo que reinou em nosso país durante o governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), particularmente no enfrentamento da pandemia de Covid-19, a ameaça do potente vírus foi “utilizada irresponsavelmente” e intensificou a fragilidade da vida. O alvo ficou nos mais desfavorecidos, desvalidos e rejeitados. Assim, o “clarear dessa obscuridade” perfez-se no compromisso ético-político de valorização do ser humano, cujo processo de humanizar está baseado no intercambiar de experiência (*Erfahrung*), ou seja, o saber da experiência com o horizonte de sentido pleno (BENJAMIN, 1987a).

Historicizar a vida de quatro mulheres idosas e um homem idoso da classe trabalhadora ganhou sentido de conselho verdadeiro, conferindo, assim, a sua autoridade na arte de narrar. Portanto, apreender as experiências dos/as guardiões (e guardiãs) da nossa memória coletiva, que são sobreviventes da política do “deixar morrer porque já viveu o suficiente” de Bolsonaro – conforme a antiga faceta do capitalismo –, significa subverter a história oficial da pandemia de Covid-19.

No que tange à gestão da pandemia, o Brasil, devido ao ‘governo negacionista’ de Bolsonaro, foi considerado um dos piores países do mundo, inclusive, com um cenário de caos, de incertezas e de incomensuráveis violências, de destruições e mortes, contexto que foi refletido na experiência do participante Cândido, ao rememorar o que o seu sábio avô havia lhe transmitido no passado: o prenúncio de atrocidades humanas, com “muita morte, vinha muita guerra, muitas coisas para matar”.

Sendo que, o sobressalto de vidas perdidas de pessoas idosas pela Covid-19 clarifica o modo de como o Estado e a sociedade têm tratado o fenômeno da longevidade em nosso país. Lamentavelmente, essa longevidade vem sendo marcada por repúdios e desamparos, ou seja, o que antes era considerado como expectativa de evolução/conquista social, realisticamente, ganhou sentido de peso econômico para sociedade.

E isso fez toda a diferença na identificação da população idosa como principal grupo de risco para esse vírus, em que parte da população, ao invés de dar valor (proteger) a vida de quem alcançou a velhice (principalmente dos/as desafortunados/as), preocupou-se em contribuir e apoiar a política de morte de Bolsonaro.

Inclusive, a sensação de um corpo prisioneiro, relatada na fala dos/as participantes, foi de um corpo vigiado, punido e destituído de sua total capacidade de decidir, até mesmo,

pelo próprio direito de existência. Contudo, esses/as sujeitos/as resistiram para exigir velhices plenas, dignas e amorosas, em um esperar de existência humana que valha a pena.

Além disso, o alcance do bem-estar – para a autêntica qualidade de vida – em nossa sociedade esbarra em inúmeros obstáculos, os quais são provenientes das grandes disparidades socioeconômicas, do descrédito do papel social da pessoa idosa, oriundo da sua situação de desvalia no mercado de trabalho e da negação dos direitos voltados a esse segmento etário, mesmo que sejam previstos na Constituição Federal de 1988, na Política Nacional do Idoso – PNI (Lei no 8.842 de 1994) e no novo Estatuto da Pessoa Idosa (Lei Federal nº 14.423 de 2022).

Sendo que, o novo Estatuto firma a luta (e exige ações reais) para o combate da desigualdade de gênero, da violência contra a mulher e da própria disparidade salarial que ameaça a autonomia e qualidade de vida feminina em nossa sociedade. Quer dizer, o Estatuto da Pessoa Idosa (2022) torna-se uma das peças fundamentais nas batalhas de enfrentamento à violência, à misoginia, ao sexismo, ao machismo, ao racismo, que marcam tantas histórias de mulheres brasileiras invisibilizadas, silenciadas, oprimidas e violentadas.

Isso reforça a urgência de aprovação de políticas públicas voltadas à população idosa em nosso país, com vistas à efetiva garantia de maior independência financeira, de cuidados e proteção – institucional e familiar –, de ativa participação social, de autorrealização/níveis de bem-estar (desenvolvimento pessoal) e de dignidade (um envelhecer digno, seguro e feliz).

Vale destacar que, nesta investigação, as mulheres idosas possuem condições financeiras precárias, em que muitas delas sequer conseguiram suprir as suas necessidades básicas, aliás, muitas delas sentem-se envergonhadas/desprestigiadas por depender da ajuda dos/as filhos/as ou de pessoas conhecidas ou mesmo ter que abdicar da sua liberdade no aconchego da sua própria casa. A falta de dinheiro das mulheres idosas acelerou/acarretou muitos problemas emocionais, como também houve maior fragilização decorrente do processo de cuidado, enquanto o único homem idoso investigado – nascido com um direito à liberdade perfeita e em pleno gozo de seus direitos e de privilégios frente às mulheres em nossa sociedade – possui um padrão de vida mais confortável, em que pode desfrutar de uma velhice com mais qualidade de vida e sem maiores preocupações financeiras.

Quer dizer, a Covid-19 foi radicalmente nociva para quem alcançou a velhice, mas, apesar de tudo que passaram, o/as participante/as realçaram a importância do isolamento social para o resguardo de suas vidas, cujos laços afetivos e de amizade – com a família, vizinhos, amigos, colegas, professores/as e coordenadores da EJA – foram essenciais. As mulheres idosas destacaram, ainda, o *WhatsApp* (com o predomínio de áudios) como importante ferramenta de conexão na pandemia.

Em relação aos estudos, os/as participantes destacaram as suas dificuldades perante o ensino remoto, o qual não conseguiu atingir a todos/as. No entanto, para as mulheres idosas que conseguiram participar, os dias de aula eram os mais esperados, posto que se sentiam menos angustiadas devido ao acolhimento e ao sentimento de pertencimento.

Entretanto, o fato de o ensino remoto não atingir todas as pessoas investigadas, manifesta que o direito à educação lhes foi negado, uma vez que a exigência do acesso (incluindo a condição de familiaridade) ao mundo digital escancarou a disparidade social e educacional em nosso país. Quer dizer, o prosseguimento da escolaridade dependia da garantia de tal acesso como um direito social básico no contexto vivido pela pandemia da Covid-19.

Para a maioria das mulheres idosas, o desafio de aprender a manusear o celular foi encarado positivamente, pois se perceberam capazes de dominar essa tecnologia, tendo em vista que necessitavam manter a comunicação com a família, com os/as professores/as e colegas, como também garantir a participação nas aulas, mesmo caindo ou oscilando a conexão da internet e precisando (algumas vezes) do auxílio dos familiares para o acesso à plataforma virtual e chamadas de vídeo. Enquanto para o único estudante idoso, o desafio de aprender foi encarado negativamente, pois, para ele, foi um grande obstáculo saber utilizar o celular para dar continuidade aos seus estudos, já que necessitava do letramento digital.

Outro destaque para o momento de ensino remoto diz respeito à dificuldade para a realização das atividades pela maioria das estudantes idosas investigadas das turmas de alfabetização da EJA, pois, apesar de conseguirem imprimir e buscar as atividades presencialmente nas escolas, não se percebiam em condições de realizá-las sozinhas e nem mesmo tinham ninguém para lhes auxiliar – sistematicamente – no processo de alfabetização.

De igual modo, o estudo identificou que, em relação aos saberes do mundo letrado, a estudante Paula, pelo fato de possuir o *status* de alfabetizada desde a sua infância, não

precisou criar estratégias para disfarçar/contornar a falta de domínio das práticas de leitura e escrita, estando em melhores condições de acesso aos bens culturais de nossa sociedade, ou seja, a sua experiência com o mundo letrado fez-se diferente dos/as demais participantes idosos/as não alfabetizados/as.

Já essa condição social fez com que as três mulheres idosas e o homem idoso não alfabetizados buscassem, nas suas experiências – repleta de subjetividades –, modos de viver e resistir no mundo letrado, inclusive para se manter no mercado de trabalho. Aliás, no decorrer de suas trajetórias vividas, foram construindo e adquirindo domínios diferentes de sentido e de modos de utilização, com destaque para a memória e o diálogo (oralidade), conforme revelou Cândido, primando pelo horizonte de sentido da experiência do saber feito.

É mister que a educação pública esteja consciente do seu papel social e político para com a sua classe (trabalhadora), com os seus sujeitos e sujeitas (estudantes), valorizando a sua bagagem cultural, para que possa construir e consolidar um ensino de qualidade, primando pelo desvelamento das relações de alienação, mediante um processo de libertação (de consciências dos/as oprimidos/as), de modo que, cada vez mais, as pessoas comuns se percebam em condições de lutar pela sua emancipação, ou melhor, pelo próprio vir-a-ser, objetivando outra sociedade. Logo, um processo de ensino-aprendizado situado (historicizado), significativo, ético, estético, pautado na pluralidade cultural (aliás, os saberes aprendidos ressignificam outros) e consolidado no diálogo, na escuta atenta, na pesquisa, na conscientização e no empoderamento desses/as sujeitos/as.

Portanto, conforme destacado por Gadotti (2013), o direito à educação possibilita a concretização de outros direitos, dentre eles, o direito de envelhecer com dignidade, logo, a educação torna-se um potente instrumento formador, transformador e emancipador. Todavia, para a universalização da educação, é preciso que a sociedade e o poder público reconheçam que as pessoas mais empobrecidas e exploradas pelo sistema capitalista estão vivendo, no presente, o seu direito à educação.

Aliás, diante da seguinte indagação: o que podemos esperar na (e pós) pandemia da Covid-19? As experiências das quatro guardiãs e de um guardião do nosso patrimônio cultural imaterial revelam o esperar que se faz concebido no dizer de Solange: “O que vale é a vida!”, ou seja, o que vale é assegurar a existência enquanto direito humano em

qualquer sociedade, mas isso implica que mulheres e homens aprendam a se humanizar. Para tanto, é imprescindível restabelecer o vínculo afetivo entre as gerações, com vistas à valorização da vida de cada pessoa idosa e ao restabelecimento do seu *status* em nossa sociedade, como detentora de infinita sabedoria. Inclusive, uma sociedade que não protege (que não valoriza) a vida das pessoas idosas está fadada ao fracasso, sem mesmo esperar um futuro.

Assim, o processo de humanização precisa ser constantemente nutrido/fortalecido nas relações sociais da atualidade, pois é no estar com os/as outros/as que incide a superação dos obstáculos e o engajamento para a construção de inéditos viáveis para a transcendência e transformação das relações de opressão, uma vez que a reprodução das desigualdades sociais, oriundas do capitalismo, é naturalizada e, até mesmo, vista como insuperável. Destaca-se a importância/influência das forças sociais (com ênfase na educação para a liberdade), a fim de extirpar essa relação de dependência e de dominação, uma vez que fortalece o pensar e o agir consciente no e com o mundo em comunhão e no esperar em possibilidades históricas, no sentido da emancipação social.

Importante ressaltar que, o debate acerca das experiências das pessoas idosas na pandemia de Covid-19 não se encerra neste estudo, pois o propósito é de contribuição para o reconhecimento e empoderamento da pessoa idosa e o desenvolvimento de políticas sociais. Aponta-se, ainda, para a necessidade de experiências documentadas, como possibilidades para novos/outros olhares, com mais estudos que priorizem e valorizem a vida dos/as sujeitos/as idosas/as, e difundam os seus conhecimentos, as suas potencialidades e transmitam a segurança necessária para que se percebam capazes de autodeterminar as próprias vidas e de lutar coletivamente contra as injustiças sociais.

Frisa-se, ainda, que esta tese de doutorado voltou o seu olhar para as condições de vida e de estudo das pessoas idosas da classe trabalhadora, no contexto de pandemia de Covid-19 em nosso país, particularmente àquelas em processo de alfabetização em turmas da Educação de Jovens e Adultos - EJA, na rede municipal de ensino de Florianópolis, no estado de Santa Catarina, cuja escolha do tema originou-se, essencialmente, do fato da população idosa ter sido identificada como o grupo de risco de maior vulnerabilidade para a doença de Covid-19 – pela incidência e letalidade –, fazendo com que a vida de cada mulher e homem idoso fosse radicalmente impactada. Para tanto, deu-se a continuidade à investigação voltada às pessoas idosas em processos de escolarização, assim como a pesquisadora fez em sua dissertação de mestrado (2017).

Portanto, nesta tese, ao pensar na incompletude, no inacabamento e na inconclusão das pessoas, particularmente das idosas em suas histórias de vida, exigiu-se compreender o conceito de experiência, com base nas contribuições de Benjamin (1987a, 1987b, 1987c, 1994, 1995), Thompson (1981) e Freire (1989, 1992, 1994, 2002a, 2002b, 2015). Em outras palavras, olhar essas experiências das sujeitas idosas e do sujeito idoso requereu conhecer suas histórias de vida e seus pertencimentos sociais.

Vale realçar que, no pensamento benjaminiano, rememorar as experiências vividas não significa algo estático e nem mesmo contemplativo, como um “todo” alcançado e acabado, muito pelo contrário, ele pode e deve se constituir de um conjunto de imagens tecidas que convergem para as memórias das pessoas idosas e que produzem saberes.

Outrossim, esta investigação visou situar a riqueza do saber popular para o saber acadêmico (e vice-versa), e a inter-relação entre tais conhecimentos, na propositura de realçar o papel social da universidade, da escola pública e da pessoa idosa na EJA e em sua sociedade no momento de pandemia da Covid-19.

No âmbito da produção do conhecimento, a racionalidade instrumental objetiva vidas no limiar da sua subjetivação. Contudo, para essa mecânica do fazer capital, a vida se contrapõe como estratégia de sobrevivência, tendo em vista que a vida, em suas diferentes identidades, dá sentido e significado aos diferentes modos de fazer. A cada fazer instrumental, a vida interpõe um saber desse fazer.

É assim que as pessoas, ao aprender na vida e com a vida delas, acabam ampliando o saber, a fim de capturar não só o entendimento dos diferentes modos de vida e de saberes, mas os múltiplos usos, assim como a importância desses saberes para interagir com as exigências sociais impostas pela cultura letrada da nossa sociedade, do conhecimento adquirido enquanto “realidade”, ou seja, a realidade em sua essência mais significativa. Logo, a tese e a defesa desta investigação é de que os sujeitos sociais – as mulheres e homens idosas e idosos – também produzem conhecimentos válidos, ou seja, produzem outras epistemologias, com diferentes formas e condições, uma vez que se parte da premissa de que todos os seres humanos são produtores e produtos de conhecimento.

Perante esta defesa, para não encerrar, mas para refletir, voltamos o olhar para a frase de Cândido, que abre o título da tese: “*Você sabe coisa que eu não sei e eu sei coisa que você não sabe!*”.

As coisas que eu sei e que você não sabe, junto com as coisas que você sabe e eu não sei, são experiências da vida. E a vida, com suas experiências, não se resume apenas ao período de tantas incertezas, de tantas instabilidades, mas também de tantas esperanças renovadas.

As coisas que sabemos e as coisas que não sabemos estabelecem um diálogo no íntimo de cada um. Um diálogo que busca sentidos e significados. Nesse exercício de compreensão, que resulta no próprio movimento chamado experiências de vida, intrinsecamente revela-se uma dialética que, para uns, constrói-se pela ciência e, para outros, pelo fato de viver. Esses saberes não são incompatíveis, mas possuem naturezas e condições diversas e adversas.

Ao buscar em Saramago (1997) uma distinção possível para um diálogo entre as formas do conhecer, encontramos que

[...] sentido e significado nunca foram a mesma coisa; o significado fica-se logo por aí, é direto, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer, ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, fervilha de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-me com uma estrela quando se põe a projectar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições [...]. (SARAMAGO, 1997, p. 134).

O significado, ao ser direto e explícito, também nos aponta suas curvas de flexibilidade. Ao ser fechado em si mesmo, busca formas de alimento para, assim, permanecer. No entanto, alimenta-se um exterior que se faz desconhecido, mas que, ao acostumar-se com seu exílio unívoco, inicia diálogos de convivência até ambos se internalizarem em seus significados.

Qual seria o significado dos sentidos num diálogo entre as coisas que eu sei e que você não sabe e as coisas que você sabe e eu não sei? Ao enfatizar os sentidos de Saramago, ao que tudo indica, é que a sua irradiação, por perturbações magnéticas, com suas aflições é um cuidadoso caminho de acolhimento para a dialética desses saberes tão diversos que não se constituem em apenas um período de tempo, mas antes pelos ciclos das experiências de vida, cujos processos se internalizam e se movimentam em direção às novas aflições como produto do conhecer.

Os sentidos e os significados são concretudes da condição humana e nela cada intervenção, a cada período de esperança e desesperança, abre-se como produto de

experiências. Na perspectiva de Thompson (1981), é por meio dessas experiências que experimentamos a vida em função das nossas necessidades e interesses, no âmbito da cultura, e assumem um caráter qualitativo de reconfiguração das vivências.

Ao reinterpretar os sentidos das experiências, entre aquilo que sabemos e aquilo que ainda não sabemos, reconstruímos itinerários, não apenas da vida, mas do significado objetivo e direto que um saber do cotidiano desafia nas relações internas e externas da vida cotidiana. São esses múltiplos saberes que, alinhados pela dialética, constituem-se em diálogos possíveis para se construir e compreender identidades nos ciclos do tempo, da vida, das idades e das experiências.

Diante da condição humana, homens e mulheres, em seus diferentes contextos, próximos ou distantes da ciência, exercitam movimentos que, ao serem observados por diferentes espectros dos saberes socialmente construídos, refazem suas experiências internas no confronto de experiências externas. O próximo, o interno vivido e acolhido como condição de vida, abre-se ao distante, o ainda ausente, mas em condições de ser amalgamado pela vontade exausta de novas compreensões. Diante desse movimento, um saber não constitui “pobreza de experiência”, mas efetivamente significa o “[...] devorar tudo, a cultura [...]” (BENJAMIN, 1987a, p.118)., como forma de saciar a própria vida.

Depois de saciados, uma outra consciência se estabelece. Depois de saciados, uma identidade se afirma. Depois de saciados, novos caminhos e possibilidades se reafirmam. As coisas que eu sei e as coisas que você sabe não serão velhas coisas, e nem aquilo que você sabe e o que eu sei serão tão novos ou tão diferentes daquilo que a memória acolheu.

E é assim também a possibilidade da ciência, ao ouvir que você sabe coisas que eu não sei e eu sei coisas que você não sabe, e interagir com diversas culturas, em seus modos de ser e de fazer, de experiência feita, que o surpreendente se manifesta.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. C. S.; LAFFIN, M. H. L. F. O QUE ENSINAR E PORQUE ENSINAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O LUGAR DO CONHECIMENTO NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DA EJA. **EJA EM DEBATE**, Florianópolis, ano 3, n. 4. jul. 2014. p. 14. Disponível em: <<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/download/1684/pdf>>. Acesso em: 03 maio 2019.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. ABL. Novas Palavras. **Aporofobia**. 2020. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/aporofobia>>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- ALVAREZ, S. “**Balanco do Orçamento 2019-2021 revela desmonte generalizado de políticas sociais**”, diz Inesc. 11 de abril de 2022. Disponível em: <<https://www.inesc.org.br/balanco-do-orcamento-2019-2021-revela-desmonte-generalizado-de-politicas-sociais-diz-inesc/>>. Acesso em: 07 ago. 2022.
- ALVES, G.; ARAÚJO, R. Thompson, Lukács e o conceito de experiência ? um diálogo mais que necessário. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 5, n. 10, p. 53–70, 2013. DOI: 10.5007/1984-9222.2013v5n10p53. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2013v5n10p53>>. Acesso em: 9 jan. 2023.
- ANDREOLA, B. A. **Carta-prefácio a Paulo Freire**. In: FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- ANDRIGHETTO, F. **Bolsonaro extingue medalha em homenagem a Paulo Freire**. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/educacao/bolsonaro-medalha-paulo-freire/>>. Acesso em: 05 maio 2022.
- ARAÚJO, L.; RAMINHO, E. G. **(Entre)vistas leitoras com Freire**. In: SÍVERES, Luiz; LUCENA, J. I. A.; SILVA, J. A. A. **Diálogos com Paulo Freire: reflexão e ação**. 1. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2021. [recurso eletrônico]. p. 73 – 94. Disponível em: <<https://www.ucs.br/educs/arquivo/ebook/dialogos-com-paulo-freire-reflexao-e-acao/>>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- ARJONAS, A. C. **Terceira idade: veja como é a educação dos idosos em Florianópolis | ND Mais**. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/educacao/terceira-idade-veja-como-e-a-educacao-dos-idosos-em-florianopolis/>>. Acesso em: 14 jan. 2023.

BADDINI, B.; FERNANDES, D. **Primeira pessoa é vacinada contra Covid-19 no Brasil**. CNN Brasil. São Paulo, publicado em 17 jan. 2021. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/primeira-pessoa-e-vacinada-contra-covid-19-no-brasil/>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BARBOSA, C. **Relembre 7 vezes em que o governo Bolsonaro se espelhou no Brasil da ditadura militar**. Brasil de Fato. 31 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/03/31/relembre-7-vezes-em-que-o-governo-bolsonaro-se-espelhou-no-brasil-da-ditadura-militar>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

BARIFOUSE, R. **Coronavírus: primeira capital do Brasil em lockdown tem ruas lotadas e trânsito intenso**. BBC News Brasil. São Paulo, 9 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52497230>>. Acesso em: 13 maio 2020.

BASILIO, A. L. **Magda Soares**: “Pensar que se resolve a alfabetização com o método fônico é uma ignorância”. DE OLHO NOS PLANOS. 18 abr. 2019. Disponível em: <<https://deolhonosplanos.org.br/100-dias-de-bolsonaro-alfabetizacao/>>. Acesso em: 04 jul. 2020.

BASTOS, L.; EITERER, C. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E INTERSECCIONALIDADE: MULHERES NEGRAS E IDOSAS, TRABALHADORAS E ESTUDANTES. **Diversidade e Educação**, v. 9, n. 2, p. 443–465, 28 jan. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/download/13510/9305/46261>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

BATISTA, A. P.; FARIAS, G. B. DE; NUNES, J. V. Popularização científica e desinformação: reflexões a partir das percepções públicas da ciência. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 27, 4 nov. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/85326>> . Acesso em: 29 jul. 2023.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Martins. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BENJAMIN, W. **Experiência e Pobreza**. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política (Obras Escolhidas v. 1)**. 3. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet e Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987a, p. 114-119.

BENJAMIN, W. **Infância em Berlim por volta de 1900**. In: BENJAMIN, W. **Rua de mão única (Obras Escolhidas v. 2)**. 5. ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 71-142.

BENJAMIN, W. **O narrador** – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In:* BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política (Obras Escolhidas v. 1)**. 3. ed. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet e Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987b, p. 197-221.

BENJAMIN, W. **Sobre o conceito de História**. *In:* BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política (Obras Escolhidas v. 1)**. 3. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet e Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987c, p. 114-119.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 15 mar. 2019.

BRASIL. **Covid-19 no Brasil**. Brasília, DF: **Ministério da Saúde**, 2022a. Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em: 15 dez. 2022.

BRASIL. **DECRETO Nº 10.282, DE 20 DE MARÇO DE 2020**. Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Brasília, DF: **Presidência da República**, 2020. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/d10282.htm>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

BRASIL. **DECRETO Nº 10.329, DE 28 DE ABRIL DE 2020**. Altera o Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020, que regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Brasília, DF: **Presidência da República**, 2020. Disponível em: <[https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2020/decreto-10329-28-abril-2020-790135-norma-pe.html#:~:text=EMENTA%3A%20Altera%20o%20Decreto%20n%C2%BA,p%C3%BAblicos%20e%20as%20atividades%20essenciais.&text=Vide%20Norma\(s\)%3A,Executivo](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2020/decreto-10329-28-abril-2020-790135-norma-pe.html#:~:text=EMENTA%3A%20Altera%20o%20Decreto%20n%C2%BA,p%C3%BAblicos%20e%20as%20atividades%20essenciais.&text=Vide%20Norma(s)%3A,Executivo)>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

BRASIL. **DECRETO Nº 11.077, DE 20 DE MAIO DE 2022**. Declara a revogação, para os fins do disposto no art. 16 da Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998, de decretos normativos. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF: 2020. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2022/decreto-11077-20-maio-2022-792685-publicacaooriginal-165326-pe.html>>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

BRASIL. **DECRETO Nº 11.556, DE 12 DE JUNHO DE 2023**. Institui o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF: 2023. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11556.htm>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

BRASIL. **EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 103, DE 12 DE NOVEMBRO DE 2019**. Altera o sistema de previdência social e estabelece regras de transição e disposições transitórias. Brasília, DF: **Presidência da República**, 2019a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. **Estatuto do idoso**: Lei Federal n. 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: **Secretaria Especial dos Direitos Humanos**, 2004.

BRASIL. **LEI Nº 8.842, DE 4 DE JANEIRO DE 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências.. Brasília, DF: **Presidência da República**, 1994. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm>. Acesso em: 18 maio 2022.

BRASIL. **LEI Nº 9.192, DE 21 DE DEZEMBRO DE 1995**. Altera dispositivos da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, que regulamentam o processo de escolha dos dirigentes universitários. Brasília, DF: **Presidência da República**, 1995. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9192.htm>. Acesso em: 16 ago. 2019.

BRASIL. **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: **Presidência da República**, 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

BRASIL. **LEI Nº 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003**. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. (Redação dada pela Lei nº 14.423, de 2022). **Diário Oficial da União**: Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm#:~:text=LEI%20No%2010.741%2C%20DE%201%C2%BA%20DE%20OUTUBRO%20DE%202003.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20do%20Idoso%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=Art.,a%2060%20\(sessenta\)%20anos](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm#:~:text=LEI%20No%2010.741%2C%20DE%201%C2%BA%20DE%20OUTUBRO%20DE%202003.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20do%20Idoso%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=Art.,a%2060%20(sessenta)%20anos)>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

BRASIL. **LEI Nº 12.612, DE 13 DE ABRIL DE 2012.** Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. Brasília, DF: **Presidência da República**, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112612.htm>. Acesso em 22 jul. 2019.

BRASIL. **LEI Nº 13.979, DE 6 DE FEVEREIRO DE 2020.** Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF: 2020. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113979.htm>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

BRASIL. **LEI Nº 14.423 DE 22 DE JULHO DE 2022.** Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, para substituir, em toda a Lei, as expressões "idoso" e "idosos" pelas expressões "pessoa idosa" e "pessoas idosas", respectivamente. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF: 2022. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/norma/36111502#:~:text=Altera%20a%20Lei%20n%C2%BA%2010.741,%22pessoas%20idosas%22%2C%20respectivamente.&text=ALTERA%3%87%C3%83O%20%2C%20LEI%20FEDERAL%20%2C%20ESTATUTO%20DA,SUBSTITUI%3%87%C3%83O%20%2C%20DEFINI%3%87%C3%83O%20%2C%20PESSOA%20IDOSA%20>>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Alfabetização**. Brasília, DF: **Ministério da Educação**, [s.d.].

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização**. – Brasília: MEC, SEALF, 2019c. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.

BRASIL. **PL 151/2021.** Altera as Leis nºs 8.842, de 4 de janeiro de 1994, 9.250, de 26 de dezembro de 1995, 10.048, de 8 de novembro de 2000; 10.741, de 1º de outubro de 2003, e 12.213, de 20 de janeiro de 2010, para substituir as expressões “idoso” e “idosos” pelas expressões “pessoa idosa” e “pessoas idosas”. Brasília, DF: **Presidência da República**, 2021. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2268831#:~:text=Altera%20as%20Leis%20n%C2%BA%208.842,%E2%80%9D%20e%20%E2%80%9Cpessoas%20idosas%E2%80%9D>>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências**. – Brasília: **Câmara dos Deputados**, Edições Câmara, 2014. 86 p. – (Série legislação; n. 125).

Disponível em: <<https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/20204>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BRASIL. PORTARIA INTERMINISTERIAL N° 3.825, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2018. Reformula o Programa Interministerial de Implantação e Manutenção da Rede Nacional para Ensino e Pesquisa - RNP e de seu Comitê Gestor. Brasília, DF: **Presidência da República**, 2018. Disponível em:

<https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55221060/do1-2018-12-14-portaria-interministerial-n-3-825-de-12-de-dezembro-de-2018-55220835>.

Acesso em: 01 nov. 2022.

BRASIL. PROJETO DE LEI N° 2630, DE 2020. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Brasília, DF: **Senado Federal**, 2020.

Disponível em:

<<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8110634&disposition=inline>>.

Acesso em: 05 de nov. 2023.

BRASIL. Relatório do 3º ciclo de monitoramento das metas do Plano Nacional de Educação – 2020. [recurso eletrônico]. Brasília, DF: **Inep**, 2020d. Disponível em:

<https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/plano_nacional_de_educacao/relatorio_do_terceiro_ciclo_de_monitoramento_das_metas_do_plano_nacional_de_educacao.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2022.

BRASIL. Relatório do 4º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação – 2022. Brasília, DF: **Inep**, 2022c. Disponível:

<https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/plano_nacional_de_educacao/relatorio_do_quarto_ciclo_de_monitoramento_das_metas_do_plano_nacional_de_educacao.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

BRITO, R. Bolsonaro volta a se referir ao coronavírus como gripezinha, crítica governadores e gera reação. UOL Economia. 24 mar. 2020. Disponível em:

<<https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/03/24/bolsonaro-volta-a-se-referir-ao-coronavirus-como-gripezinha-e-criticar-governadores-por-restricoes.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CABRAL, U. De 2010 a 2022, população brasileira cresce 6,5% e chega a 203,1 milhões | Agência de Notícias. Rio de Janeiro, 28 jun. 2023. Disponível em:

<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

CAMARANO, A. A. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 35–63, dez. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/qw6Prnx6BwT3D5hq9mR6KNv/?lang=pt>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CAMARANO, A. A. **Os Dependentes da Renda dos Idosos e o Coronavírus: Órfãos ou Novos Pobres?** Brasília, DF: Ipea, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10145/1/NT_81_DisocOsDependRendaIdososCorona.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

CAMARANO, A. A. **Os idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2022. Disponível em: <https://saudeamanha.fiocruz.br/wp-content/uploads/2022/05/Camarano-AA_Os-idosos-brasileiros_muito-al%C3%A9m-dos-60_TD-89-versao_final.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CAMARANO, A. A. Vidas idosas importam, mesmo na pandemia. **Políticas sociais: acompanhamento e análise**, BPS, n. 28, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10821/1/BPS_28_nps1_vidas_idosas.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CAMARANO, A. A.; KANSO; S.; MELLO; J.L.; PASINATO; M. T. **Famílias: Espaço de Compartilhamento de Recursos e Vulnerabilidades**. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3012>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. **O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas**. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: Ipea, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3012>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

CARMO, M. Â. O. Michel Foucault a gestão da vida. **Kínesis**, v. XI, n. 28, jul. 2019, p.229-241. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/9143/5808>>. Acesso em: 12 out. 2020.

CARNEIRO, G. **Coronavírus: Na Itália, vítimas com mais de 80 anos serão deixadas para morrer**, diz jornal. **Estado de Minas Internacional**. Publicado em 19 mar. 2020b. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/17/interna_internacional,1129623/coronavirus-na-italia-vitimas-acima-de-80-anos-serao-deixadas-morrer.shtml#:~:text=V%C3%ADtimas%20de%20coronav%C3%ADrus%20na%20It%C3%A1lia,necessidade%20de%20leito%20de%20UTI>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CARVALHO, S. A. S.; ROCHA, J. G.; SANTOS, S. M. Cartilha Caminho Suave: Um estudo sobre as orientações para aplicação do método de alfabetização pela imagem. **Revista Brasileira de Alfabetização - ABAlf**, Vitória-ES, v. 1, n. 7, p. 183-209, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/269/205>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CEDEP. **História do CEDEP**. Florianópolis, [s.d]. Disponível em: <<https://cedeponline.com.br/historia-do-cedep/>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

CEPEDES/ENSP. **A GESTÃO DE RISCOS E GOVERNANÇA NA PANDEMIA POR COVID-19 NO BRASIL análise dos decretos estaduais no primeiro mês relatório técnico e sumário executivo CEPEDES | ENSP**. FIOCRUZ, 4 de maio de 2020.

Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u91/relatorio_cepedes_gestao_riscos_covid19_final.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2020.

CEPELLOS, V. M. FEMINIZAÇÃO DO ENVELHECIMENTO: UM FENÔMENO MULTIFACETADO MUITO ALÉM DOS NÚMEROS. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-759020210208>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

CRE MARIO COVAS. **Acervo digital on-line de cartilhas**. São Paulo. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/obj_a.php?t=cartilhas02>. Acesso em: 22 abr. 2023.

CHABALGOITY, D. ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE HISTÓRIA DA POLÍTICA E EDUCAÇÃO POPULAR. **Revista Enfil**, n. 7, p. 23–36, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/enfil/article/view/47279/27094>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CONFETAM. **Vidas ou lucro? Modelo capitalista neoliberal entra em xeque com pandemia do Novo Coronavírus**. Disponível em: <<http://www.confetam.com.br/noticias/vidas-ou-lucro-modelo-capitalista-neoliberal-entra-em-xeque-com-pandemia-do-novo-07df>>. Acesso em: 24 maio 2021.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. 3ª Região Bahia (CRP-03). **Ageísmo e a prática profissional da/o psicóloga/o**. Comissão de Saúde. GT Psicologia,

Envelhecimento e Velhice. 2021. Disponível em:

<<https://crp03.org.br/wp-content/uploads/2021/12/ageismo-ed.7-1.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

CORONAVÍRUS: idosos abandonados são encontrados mortos em asilos na Espanha.

UOL. Publicado em 24 mar. 2020a. Disponível em: <

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/03/24/coronavirus-idosos-abandonados-sao-encontrados-mortos-em-asilos.htm>. Acesso em: 25 abr. 2020.

COURA, I. G. M.; SOARES, L. J. G. **Também ensina quem aprende:** as relações de aprendizagens significativas entre educadores e idosos nas aulas de teatro e voz e violão. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 40, GT- 18, 2021, Pará. **Anais [...]**. Pará, 2021.

Disponível em: <http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_30_24>. Acesso em: 08 ago. 2022.

CRUZ, R. G.; BIGLIARDI, R. V.; MINASI, L. F. A dialética materialista de Paulo Freire como método de pesquisa em educação. **Conjectura: filosofia e educação**, v. 19, n. 2, p. 40–54, 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4811062>>. Acesso em 20 ago. 2022.

DADALTO, L.; MASCARENHAS, I. DE L.; MATOS, A. C. H. Salvem também os idosos: etarismo e a alocação de recursos na realidade brasileira de combate à COVID.

civilistica.com, v. 9, n. 2, p. 1–19, 7 ago. 2020.. Disponível em:

<<https://civilistica.emnuvens.com.br/redc/article/view/547>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

DALSENTER, T. A proteção das pessoas idosas e a pandemia do covid-19: os riscos de uma política de "limpa-velhos". **Migalhas**. 17 abr. 2020. Disponível em:

<<https://www.migalhas.com.br/coluna/migalhas-de-vulnerabilidade/324904/a-protecao-das-pessoas-idosas-e-a-pandemia-do-covid-19--os-riscos-de-uma-politica-de--limpa-velhos>>. Acesso em: 19 maio 2020.

DAMATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOLCE, J. **Mirian Goldenberg:** “Lutar contra a velhofobia é lutar pela nossa própria velhice”. **Pública**. 19 jun. 2020. Disponível em:

<<https://apublica.org/2020/06/mirian-goldenberg-lutar-contr-a-velhofobia-e-lutar-pela-nossa-propria-velhice/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

DUARTE, N. **Crítica ao fetichismo da individualidade**. São Paulo, SP: Autores Associados, 2004.

“EU fiz sozinho”, diz Bolsonaro sobre discurso em rede nacional. **Correio Braziliense**. Brasília, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/25/interna_politica,836606/eu-fiz-sozinho-diz-bolsonaro-sobre-discurso-em-rede-nacional.shtml>. Acesso em: 27 jun. 2020.

EUGÊNIO, J.; MACHADO, C. C. A. C. Memórias, experiências e política: primeiros escritos a "contrapelo" da história do Clube do Barril (1975-2015). PAIM, E. A.; PEREIRA, P. M.; FREIRE, A. P. S. (Orgs). **Diálogos com Walter Benjamin: memórias e experiências educativas**. Florianópolis: UFSC, 2018, p. 261-276.

FAGUNDES, L. B. **Participação docente na produção da atual proposta curricular para educação de jovens e adultos da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Dissertação [Mestrado em Educação]. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p. 235. 2020.

FELL, D. H. **O Ontem no Hoje: Escola Básica Municipal Almirante Carvalhal**. Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://www.livrosdigitais.org.br/baixar-livro/38414HNXV26TED>>. Acesso em: 21 out. 2022.

FERRAÇO, C. E.; SOARES, M. C. S.; ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas no/dos/com os cotidianos em educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

FERREIRA, C. A. Narrativas, imaginação e experiência: reflexões sobre formação. PAIM, E. A.; PEREIRA, P. M.; FREIRE, A. P. S.. (Org.). **Diálogos com Walter Benjamin: Memórias e experiências educativas**. 01 ed. Florianópolis: Editora Copiart, 2018, v. 01, p. 103-122.

FERREIRA, I. Inflação sobe 0,62% em dezembro e fecha 2022 com alta de 5,79%. **Agência IBGE Notícias**. Publicado em: 10 jan. 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36051-inflacao-sobe-0-62-em-dezembro-e-fecha-2022-com-alta-de-5-79>>. Acesso em 17 jan. 2023.

FLORIANÓPOLIS. **Na pandemia, escolas municipais de Florianópolis criam estratégias para atender crianças com deficiência**. Florianópolis, SC, Secretaria Municipal de Educação, 2020. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina¬i=22348>>. Acesso em: 10 maio 2022.

FLORIANÓPOLIS. **Plano Municipal de Educação de Florianópolis 2015 – 2025**. Plano Municipal de Educação de Florianópolis: Lei Complementar n.º 546, de 12/01/2016. 134 p. Disponível em:
<https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/26_10_2018_12.15.31.3e1bcbd82c8eb1f6ff80d75e1fb8cd64.pdf>. Acesso em: 20 set. de 2020.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Plano Municipal de Contingência – Educação**. Florianópolis, 2022. 29 p. Disponível em:
<https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/07_02_2022_11.18.39.918145fbd8a2e8655c40709ade7b4e2a.pdf>. Acesso em: 02 nov. de 2022.

FORTES, C. TCU alerta para esquema de corrupção na compra de cloroquina pelo Exército. **Revista Fórum**. 18 fev. 2022. Disponível em:
<<https://revistaforum.com.br/brasil/2022/2/18/tcu-alerta-para-esquema-de-corrupo-na-comp-ra-de-cloroquina-pelo-exercito-110343.html>>. Acesso em: 09 mar. 2022.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Trad. de Maria T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir, nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p. Disponível em:
<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2023.

FRANÇA, C. S.; PAIM, E. A. Memórias e narrativas benjaminianas. PAIM, E. A.; PEREIRA, P. M.; FREIRE, A. P. S. (Orgs). **Diálogos com Walter Benjamin: memórias e experiências educativas**. Florianópolis: UFSC, 2018 pp. 39-60.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira** [recurso eletrônico]/ Paulo Freire; Ana Maria Araújo Freire, .11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. Disponível em:
<<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2021/11/paulo-freire-a-sombra-desta-mangueira.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2020.

FREIRE, P. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, v.15, n.42, 2001b. p. 259-269. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ea/a/QvgY7SD7XHW9gbW54RKWHcL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

- FREIRE, P. No fundo, eu fui expulso do país porque lutei pela cidadania brasileira. [Entrevista cedida a] Carlos Magno Borges, **Muito mais**, [s. l.], [s. n.], p. 14-15, maio 1994.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002b.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a.
- FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização**: leitura da palavra leitura do mundo. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREITAS, M. L. DE Q. et al. Alfabetização e letramento na educação de jovens e adultos: mapeamento da produção acadêmica em periódicos no Brasil. **Perspectiva**, v. 38, n. 1, p. 1–18, 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2020.e66018>>. Acesso em: 13 abr. 2023.
- FRIEDRICH, M.; BENITE, A. M. C.; BENITE, C. R. M.; PEREIRA, V. S. Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.** Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, 2010.
- GADOTTI, M. Educação de Adultos como Direito Humano. **EJA em Debate**, Florianópolis, Ano 2, n. 2. jul. 2013. pp. 12- 29 Disponível em: <<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1004/pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2023.
- GALHARDI, C. P. *et al.* Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4201-4210, 2020.

GALVÃO, M. C. B. O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica. *In*: FRANCO, L. J.; PASSOS, A. D. C. (org.). **Fundamentos de epidemiologia**. São Paulo: Manole, 2010.

GESSER, M. Como construir uma escola que acolha a todas as pessoas? **UFSC: Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional - LAPEE**. 16 de nov. 2020. Disponível em:
<<https://lapee1.paginas.ufsc.br/2020/11/16/como-construir-uma-escola-que-acolha-a-todas-as-pessoas/>>. Acesso em: 18 maio 2021.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIOVANI, F.; SOUZA, A. C. Entrevista com Magda Soares: Vivências e perspectivas sobre educação, alfabetização e docência. **Fórum Linguístico**, v. 20, n. 1, p. 8800-8804, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e89630>>. Acesso em 20 jul.. 2023.

GIROUX, H. **Introdução: alfabetização e a pedagogia do empowerment político**. *In*: FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 1-27.

GODINHO, D. B. **Etnodidáticas da educação de jovens e adultos no contexto da pandemia da covid19**. [Tese] Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. 2022.

GOMES, A. A. Considerações sobre a pesquisa científica: em busca de caminhos para a pesquisa científica. **Revista da Toledo**, Presidente Prudente: Associação Educacional Toledo, v. 5, p. 61- 81, nov. 2001.

GOMES, L.; LOURES, M. C.; ALENCAR, J.. Universidades abertas da terceira idade. **História da Educação**, Pelotas, v. 9, n. 17, p.119-135, jan./jun. 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3216/321627121008.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2023.

GONZÁLEZ REY, F L. **O. social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, F L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GOULART, A. C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 1, p. 101-42, 2005. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Wkqm45R4ptVzTqSpKxJhfRh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 15 mar. 2023.

GULARTE, E. C. *et al.* **O direito e acesso à Educação de Jovens e Adultos no contexto da pandemia da Covid-19: um recorte de classe.** TCC (graduação em Pedagogia), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2022.

GUIMARÃES, L. O que é a cartilha Caminho Suave, que alfabetizou milhões e caiu em desuso, mas mantém fãs como Bolsonaro. **BBC NEWS.** São Paulo. Publicado em 13 janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51070840>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

HOBSBAWM, E. **Da história social à história da sociedade.** *In: Sobre História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: PNAD** Contínua-Educação 2019.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: síntese de indicadores** 2012 a 2019. Rio de Janeiro: 2019. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

IDOETA, P. A. Coronavírus: o que está por trás da explosão de mortes em casa em meio à pandemia de COVID-19. **BBC News Brasil.** jun. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52802249>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORESTAS - IBF. **Bioma Pampa.** Londrina: IBF, [s.d]. Disponível em: <<https://www.ibflorestas.org.br/bioma-pampa>>. Acesso em: 17 maio 2023.

LAFFIN, M. H. L. F. A constituição da docência na Educação de Jovens e Adultos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 210-228, Jan/Abr 2012. Disponível em: <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/laffin.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

LAFFIN, M. H. L. F. FORMAÇÃO INICIAL DE EDUCADORES NO CAMPO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: espaço de direito e de disputas. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 1, p. 53–71, 16 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rieja/article/view/5228>>. Acesso em: 8 jun. 2023.

LAFFIN, M. H. L. F. Reciprocidade e acolhimento na educação de jovens e adultos: ações intencionais na relação com o saber. **Educar em revista**, Curitiba, n. 29, p. 101-119, 2007.

Editora UFPR. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/er/a/MrnR5c4CZZCNn7WnxZwzM5D/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

LAFFIN, M. H. L. F. Sujeitos jovens, adultos e idosos em processos de escolarização: o trabalho e o contexto social como elementos marcantes em suas vidas. *In*: DANTAS; T. R.; AMORIM, A.; LEITE, G.O. (Org.). **Pesquisa, formação, alfabetização e direitos em educação de jovens e adultos**. 170 ed. Salvador: Editora Universidade Federal da Bahia-EDUFBA, 2016, v. 1, p. 151-168.

LAFFIN, M. H. L. F.; MACHADO, C. C. A. C.; MARTINS, P. B. Resistências e esperanças em Freire: reflexões acerca da educação de jovens e adultos no período de pandemia da Covid-19. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 13, n. Esp, p. 200–227, 2021. DOI: 10.28998/2175-6600.2021v13nEsp200-227. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/%20debateseducacao/%20article/view/12114>>. Acesso em: 15 set. 2022.

LAFFIN, M. H. L. F.; SANCEVERINO, A. R. DOCUMENTOS CURRICULARES, MARCOS LEGAIS E DEMANDAS POTENCIAIS DE MATRÍCULA PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. **e-Mosaicos**, v. 10, n. 24, p. 63–80, 28 set. 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/57851>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão *et al.* Campinas: SP: Editora da Unicamp, 1990. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

LENOIR, R. **Objeto sociológico e problema social**. *In*: CHAMPAGNE, P.; LENOIR, R.; MERLLIÉ, D. **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis: Vozes. 1998.

LENZA, P. **Direito constitucional esquematizado**: igualdade formal e material. São Paulo: Saraiva, 2010.

LIMA, E. E. **Educação Integral**: As repercussões do financiamento nos redesenhos curriculares, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC – Campus de Florianópolis (Centro de Ciências da Educação). 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

LISBOA, T. K. **Gênero, classe e etnias: trajetórias de vida de mulheres migrantes**. Florianópolis: Ed. da Ufsc; Chapecó: Argos, 2003.

LOBATO, C. Benjamin e a questão da experiência. **Cadernos Walter Benjamin**, v. 7, n. 7, p. 111, 30 dez. 2011. Disponível em:

<https://www.gewebe.com.br/pdf/cad07/texto_cidiane.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2023.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2.ed. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986. 128 p.

MACHADO, C. C. A. C. **O empoderamento de idosos na escolarização da EJA do Núcleo de Estudos da Terceira Idade/UFSC**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186408>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

MAFRA, J. **Esperançar em Paulo Freire: Jason Mafra comenta a obra Pedagogia da Esperança**. 25 ago. 2021 (youtube). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=hANAXXaYJik>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MANZINI, E J. **Entrevista: definição e classificação**. Marília: Ed. UNESP, 2004.

MARTINS FILHO, L. J. Alfabetização de idosos e idosas durante a pandemia: olhares de quem aprende. Programa de Extensão. **Olhares**, Udesc/Faed, 2020. Disponível em:

<https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/5226/Relato___Lourival___28_08_2020_15992276903888_5226.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MELO, B. D. *et al.* (Orgs.). **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: violência doméstica e familiar na COVID-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, Cartilha, 2020.

MENDEZ, R. H.; GONZALEZ, T. O caso da Escola Donícia Maria da Costa – Florianópolis. **Diversa**, 07 nov. 2016. Disponível em:

<<https://diversa.org.br/estudos-de-caso/o-caso-da-escola-donicia-maria-da-costa-florianopolis-santa-catarina-brasil/>>. Acesso em: 04 maio 2023.

MENDONÇA, O. S. **Percurso Histórico dos Métodos de Alfabetização**. In: COELHO, Sônia Maria (org.). **Caderno de Formação**: Formação de Professores Didática dos Conteúdos. 2. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 02, p. 23-35.

MICK, J.; BORBA, J.; GRAÇA, L. F. G., FREITAS, S. F. T., AMORIM, L. **Covid-19 em Santa Catarina**: estudo sobre níveis de conhecimento, padrões de comportamento social e impactos na vida social e econômica. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, agosto de 2020.

MINAYO, M. C. DE S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621–626, 1 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

MINAYO, M. C. DE S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em Saúde. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec; Abrasco, 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus Brasil**. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

MORAIS, A. G. Análise crítica da PNA (Política Nacional De Alfabetização) imposta pelo MEC através de decreto em 2019. **Revista Brasileira de Alfabetização - ABAlf**, MG, v. 1 | n. 10 (Edição Especial), p. 66-75, jul./dez. 2019.

MORIN, E. **É hora de mudarmos de via**: lições do coronavírus. Trad. Ivone Castilho Benedetti; colaboração Sabah Abdessalam. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

NASCIMENTO, S. **Inflação corrói aposentadoria e idoso vai ao trabalho informal para sobreviver | O TEMPO**. 04 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/economia/inflacao-corroi-aposentadoria-e-idoso-vai-ao-trabalho-informal-para-sobreviver-1.2690859>>. Acesso em: 05 out. 2022.

NERI, A. L. **Psicologia do envelhecimento: uma área emergente**. In: _____ (Org.). **Psicologia do envelhecimento**. Campinas/SP: Papyrus, 1995. p.13-40.

OLIVEIRA, F. A. G.; GABRY, T. DA S. EDUCAÇÃO, ÉTICA E ENVELHECIMENTO: o aspecto intergeracional como fator de exclusão no Brasil. **movimento-revista de educação**, v. 7, n. 15, 23 dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/42422/27646>>. Acesso em: 14 set. de 2021.

OLIVEIRA, M. C. C.; RAMOS, A. L. B. M.; AZEVEDO, N. O.; ALVES, I. F. R. D.; PECORELLI, D. G.; MENDONÇA, G. J. M. G.; TISSIAN, A. A.; DEININGER, L. S. C. Análise da violência doméstica contra a mulher em tempos de pandemia da Covid-19. **Revista eletrônica acervo saúde**, v. 13, n. 11, p. e9050-e9050, 2021. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/9050>>. Acesso em 23 maio de 2022.

OLIVEIRA, R. G. DE et al. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 9, 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csp/a/QvQqmGfwsLTFzVqBfRbkNRs/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 07 maio 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>>. Acesso em: 22 jun. 2023.

PACHECO, H. O PENSAMENTO DE E.P. THOMPSON E A “EXPERIÊNCIA” COMO MEDIAÇÃO NECESSÁRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES EM ITABORAÍ/RJ. **Revista Trabalho Necessário**, v. 12, n. 19, 28 jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/8608/6171>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

PAIM, E. A.; PEREIRA, P. M.; FREIRE, A. P. S. **Apresentação. Porque dialogar com experiências e memórias na acepção de Walter Benjamin ou a modo de apresentação**. PAIM, E. A.; PEREIRA, P. M.; FREIRE, A. P. S. (Orgs). **Diálogos com Walter Benjamin: memórias e experiências educativas**. Florianópolis: UFSC, 2018, p. 261-276.

PAIVA, T. J. DA C.; FREITAS, M. L. DE Q. Os sujeitos da EJA e o reconhecimento de saberes: a experiência nos anos iniciais / The subjects of youth and adult education and the knowing recognition: the initial years experience. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 5, p. 39992–40014, 24 maio de 2022. Disponível em: <<https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/48459/pdf>>. Acesso em: 14 out. 2022.

PALMA, C. B. **Leitura, cognição e envelhecimento saudável**: uma revisão sistemática. 2021. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/234611>>. Acesso em: 03 jul. 2022.

PASSARINHO, N. 3 erros que levaram à falta de vacinas contra covid-19 no Brasil. **BBC Brasil**, Londres. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56160026>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

PERES, E.; RAMIL, C. A. Alfabetização pela imagem: uma análise iconográfica da cartilha Caminho Suave e do material de apoio. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, PPG-UFES, Vitória/ES, v. 19, n. 41, p. 53-79, jan./jun., 2015.

PETERS, M. A. Education in a post-truth world. **Educational Philosophy and Theory**, v. 49, n. 6, p. 563–566, 8 jan. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/00131857.2016.1264114>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

PICCOLI, M. S. DE Q.; PANIZZON, M. A POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO COMO FORMA DE INTERAÇÃO ENTRE A ACADEMIA E A SOCIEDADE. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 17, n. 37, p. 1–22, 29 jul. 2021. Disponível em: <<https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/1735>>. Acesso em: 03 ago. 2022.

PINHOLATO, A. Z. **Apropriação e expropriação da velhice como um dos elementos para a reprodução do capital**. [Dissertação], 2013. Disponível em <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/6487/2/tese_6474_Aniele%20Zanardo%20Pinholato.pdf>. Acesso em 23 ago. 2020.

PIRES, E. G. Experiência e linguagem em Walter Benjamin. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 3, p. 813–828, 29 abr. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/tCR8MnK9RBZmBvvdYlJ6MPw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

PORTAL da Transparência - Registro Civil. Disponível em: <<https://transparencia.registrocivil.org.br/especial-covid>>. Acesso em: 10 out. 2022.

PORTAL da Transparência - Registro Civil. Disponível em: <<https://transparencia.registrocivil.org.br/registrar-covid>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

PRIMEIRO caso de covid-19 no Brasil completa um ano. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*. Disponível em: <<https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2022.

RAMOS, P. R. B. **A Velhice no século XXI**. In: **Estatuto do Idoso**: dignidade em foco. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013. p 16-31.

RATHSAM, L. **Negacionismo na pandemia**: a virulência da ignorância. Cultura e Sociedade. Unicamp. 14 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/04/14/negacionismo-na-pandemia-virulencia-da-ignorancia>>. Acesso em: 23 set. 2021.

RIBEIRO, V. M. A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 68, p. 184–201, dez. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301999000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 jun. 2023.

RIBEIRO, V. M. Questões em torno da construção de indicadores de analfabetismo e letramento. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n. 2, p. 283–300, jul. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/VKFcgFrXXBjvxbcVnc9zk8k/?lang=pt>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

ROCHA, J. G.; OLIVEIRA; M. V.; SANTOS, S. M. A política nacional de alfabetização – PNA: “do direito de criticar – do dever de não mentir, ao criticar”. **Revista Brasileira de Alfabetização (ABAlf)**. Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 10 (Edição Especial), p. 117-121, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/374/263>>. Acesso em: 04 mar. 2022.

RODRIGUES, N. O.; NERI, A. L. Vulnerabilidade social, individual e programática em idosos da comunidade: dados do estudo FIBRA, Campinas, SP, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 8, p. 2129–2139, ago. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/hXdPHHxLVdyNz3SGqZrJxNC/?lang=pt>>. Acesso em: 14 set. 2020.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As Pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte" em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, sept./dic., 2006, pp. 37-50, Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1891/189116275004.pdf>> Acesso em: 05 mai. 2023.

RUMMERT, S. M.; ALGEBAILLE, E.; VENTURA, J. Educação da classe trabalhadora brasileira: expressão do desenvolvimento desigual e combinado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 54, p. 717–738, 1 set. 2013. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/7mWLQpZwNVfML7wyt6zjQ6R/?lang=pt#>>. Acesso em: 25 set. 2022.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. DE; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, 7 jul. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>> . Acesso em: 24 jan. 2023.

SALGADO, C. D. S. Mulher Idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 4, 23 jun. 2002. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4716>>. Acesso em: 30 abr. 2023.

SANTOS, J. A. S. Mulheres negras e o trabalho doméstico: racismo e desigualdades na pandemia do covid-19. **Revista O Público e o Privado**, v. 19 n. 40 set/dez (2021): Do racismo estrutural às lutas antirracistas: resistências negras no Brasil. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/7344>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SANTOS, M. S. **A morte do velho, o negócio do corpo está na moda: sobre o envelhecimento pendular e as subjetividades compartilhadas**. In: TEIXEIRA, D. P.; BATISTA, F. E. A. (org.). **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento, corporalidade e mídia** [recurso eletrônico]. Catú, BA: Ed. Bordô Grená, 2021b, p. 11-28. Disponível em: <https://www.editorabordogrena.com/_files/ugd/d0c995_7b7c657ac487458f9d4b146ec59084cb.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

SANTOS, P. DOS; SILVA, G. DA. Os Sujeitos da EJA nas Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/TcK5QFPgf6KspxwxvpG7qYG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

SARAMAGO, J. **Todos os nomes**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SCHERER, S.; CARRETTA, M. B. PERSPECTIVAS ATUAIS NA PREVENÇÃO DA DOENÇA DE ALZHEIMER. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 17, n. 1, 20 dez. 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/14368>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

SCHIER, J.; ALVAREZ, Â. M. A.; VAHL, E. A. C.; GONÇALVES, L. H. T. 30 Anos NETI: o percurso de um modelo de educação permanente em gerontologia. **Revista Eletrônica de Extensão**, UFSC, v. 10. n. 15, 2013. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2013v10n15p1>>. Acesso em: 05 nov. 2023.

SENADO aprova projeto de combate a notícias falsas; texto vai à Câmara. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/06/30/aprovado-projeto-de-combate-a-noticias-falsas>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SENADO FEDERAL. **Relatório Final CPI da Pandemia.** Brasília, DF, 2021. Disponível em:

<<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/fc73ab53-3220-4779-850c-f53408ecd592>>. Acesso em 18 fev. 2022.

SERRA, E. et al. Interrogando o direito à educação: oferta e demanda por Educação de Jovens e Adultos no estado do Rio de Janeiro. **Crítica Educativa**, v. 3, n. 3, p. 25, 19 jan. 2018. Acesso em: 12 jan. 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SHIROMA, E. O.; MORAES, M. C. M.; EVANGELISTA, O. **Política Educacional.** 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SIEDLER, M. J. **NETI 30 anos (vídeo).** Florianópolis: Youtube, 2012. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=24O6KNzdmYM>>. Acesso em: 28 jul. 2023.
SILVA, F. C. CURRÍCULOS PRATICADOS PENSADOS NOS COTIDIANOS DA EJA: condições e procedimentos de tradução. **Revista Espaço do Currículo**, v. 12, n. 2, 2019.

SILVA, F. M.. **Universidade e Compromisso Social: a prática da Universidade Federal de Santa Catarina no Núcleo de Estudos da Terceira Idade, do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFSC – Campus de Florianópolis.** 2013.

Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103497/318074.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 maio 2022.

SILVA, J. L. DA. A (QUASE) invisibilidade da Educação de Jovens e Adultos na Política Nacional de Alfabetização. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 10, n. 2, p. 716–732, 21 jul. 2021. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducapoliticas/article/view/60074/32282> . Acesso em: 14 ago. 2022.

SILVA, J. L. DA. Formação de Educadores para a alfabetização de Jovens e Adultos: Contribuições de um Projeto de Extensão. **RevistAleph**, n. 35, p. 330- 347, dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/42831>>. Acesso em: 13 mai. 2022.

SILVA, S. S. DA. A relação entre ciência e senso comum. Para uma compreensão do patrimônio cultural de natureza material e imaterial. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 9, 1 dez. 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/359>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

SILVA JÚNIOR, M. D. Vulnerabilidades da população idosa durante a pandemia pelo novo coronavírus. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 23, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200319>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

SOARES, M. **Alfalettrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: As muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 05-17, 1 abr. 2004. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SOUZA, I. M. D.; SILVA, F. M. D.; BASÍLIO, T. G. Extensão para inclusão no NETI - Núcleo de Estudos da Terceira Idade: previdência e cidadania. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 21, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/59796689/Extens%C3%A3o_para_inclus%C3%A3o_no_NETI_-_N%C3%BAcleo_de_Estudos_da_Terceira_Idade_previd%C3%A2ncia_e_cidadania>. Acesso em: 03 dez. 2022.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TEIXEIRA, I. N. D. O.; NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Psicologia USP**, v. 19, n. 1, p. 81–94, mar. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000100010>>. Acesso em: 04 set. 2022.

TEIXEIRA, L. C. T. **Práticas da infância na memória de velhos**: entre a tradição e a modernidade na cidade de Florianópolis (1930-1950). 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205618>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TODARO, M. DE Á.; CACHIONI, M. O legado de Paulo Freire sobre a velhice: história de vida e o contexto brasileiro atual. **Praxis Educativa**, v. 16, p. 1–9, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/%20article/view/16554>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

UM caminho diferente para aprender a ler e escrever. **Colégio de Aplicação/UFSC**, 2023. Disponível em: <<https://www.ca.ufsc.br/um-caminho-diferente-para-aprender-a-ler-e-escrever-2/>>. Acesso em: 12 maio 2023.

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 16 maio de 2020.

VEIGA, E. **O Brasil vive a banalização da morte?** Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/08/23/o-brasil-vive-a-banalizacao-da-morte.htm>>. Acesso em: 15 set. 2020.

VELHO, F.D.; HERÉDIA, V. (2020) O idoso em quarentena e o impacto da tecnologia em sua vida. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 12 (3 – Especial Covid-19), 1-14. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/download/8903/pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

VENTURA, J. A EJA E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE NAS LICENCIATURAS. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 21, n. 37, 2 set. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/download/458/398/0>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

VIGANO, S. M. M. Sentidos e significados de ser mulher, negra, pobre e analfabeta. **Fronteiras: Revista de História**, v. 22, n. 39, p. 107-123, Jan./Jun. 2020. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/12572>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

VILELA, P. R. Mulheres negras são 65% das trabalhadoras domésticas no país. **Agência Brasil**, 27 abr. 2022. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/mulheres-negras-sao-65-das-trabalhadoras-domesticas-no-pais>>. Acesso em 13 out. 2022.

VIVERET, P. **O que faremos com a nossa vida?** *In*: MORIN, Edgar; VIVERET, Patrick (org.). **Como viver em tempo de crise?**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 18-41.

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO RECEBIDO E ASSINADO PELO/AS ENTREVISTADO/AS


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPIUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE
CEP 88010-970 - Campus Universitário - Florianópolis - SC - Brasil
E-mail: ppge@contato.ufsc.br

1 de 3

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado e este documento trata-se do convite de sua participação na pesquisa, contendo nele os termos para a sua análise. Esse documento refere-se aos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa em Educação intitulada "AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA/DA PANDEMIA DE COVID-19 POR PESSOAS IDOSAS EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO DA EJA", que está sendo realizada no curso do doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da professora Dr^a Maria Herminia Lage Fernandes Laffin.

Sua participação será de grande contribuição para esta pesquisa porque suas lembranças propiciarão maior conhecimento sobre as condições de vida e de estudos dos(as) estudantes idosos(as) no período da pandemia de Covid-19 (2020-2022) na EJA da rede municipal de Florianópolis. Também surgirão reflexões acerca das práticas sociais de leitura e escrita vivenciadas por cada participante, especialmente, ao revelar as táticas provenientes da sua experiência frente às exigências de uso da leitura e da escrita em nossa sociedade. Acrescenta-se aqui, as demandas sociais e as condições de permanência na EJA no contexto de pandemia.

Sua colaboração na pesquisa consistirá em participar da entrevista que será pré-agendada com cada participante e informada aos coordenadores de cada Núcleo. Na data marcada para a entrevista, você pode disponibilizar alguma fotografia para que seja tirada uma cópia e mediante a sua autorização, possa ser incluída na pesquisa.

Em razão da pandemia de Covid-19, será mantida as medidas de proteção durante todo período da entrevista presencial, ou seja, o uso de máscara e o distanciamento entre a pesquisadora/assistente e o/a participante.

No momento da entrevista é possível que ao relembrar acontecimentos ou experiências vividos, isso possa lhe provocar emoções diversas, como: raiva, saudade, alegria ou tristeza. Caso isso aconteça, você terá a plena liberdade de interromper a entrevista, podendo transferi-la para outro dia ou até mesmo desistir definitivamente da pesquisa, sem penalização alguma.

Durante a coleta de dados, que acontecerá no mês de abril de 2022, você será entrevistado(a) pela assistente Cássia, de modo que, essas entrevistas serão gravadas para posteriormente serem transcritas.

As pesquisadoras (doutoranda e orientadora) serão as únicas a terem acesso aos dados dessa pesquisa e tomarão todas as providências necessárias para mantê-las em sigilo, inclusive os nomes dos participantes da pesquisa serão substituídos por nomes fictícios.

Os resultados dessa pesquisa serão expostos na conclusão da tese, assim como serão apresentados em encontros ou publicações em revistas científicas, sempre prezando pelo sigilo dos/as participantes.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE
CEP 88010-970 - Campus Universitário - Florianópolis - SC - Brasil
E-mail: ppge@contato.ufsc.br

Sua participação será de grande importância, visto que contribuirá para a produção de conhecimentos referentes às condições de vida e de estudo de pessoas idosas em uma sociedade que sequer está preparada para o envelhecimento de sua população. Também possibilitará subsidiar propostas e práticas pedagógicas que atendam as especificidades e necessidades desse público da Educação de Jovens e Adultos, inclusive contribuindo com uma visão mais positiva frente a velhice e incentivando a implantação de mais políticas públicas destinadas a população de mais idade em todo território brasileiro.

Caso tenha alguma dúvida sobre os procedimentos dessa pesquisa você poderá entrar em contato com a pesquisadora/assistente a qualquer momento pelo telefone ou e-mail, indicados abaixo.

É importante salientar que você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação nessa pesquisa.

Eu, como pesquisadora responsável, que também assino esse documento, comprometo-me a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012 e Resolução do CNS 510/16, da CONEP, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

Este documento possui duas vias que serão rubricadas e assinadas por você, as quais já estão assinadas com minha assinatura (pesquisadora responsável). Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

Você poderá entrar em contato com a pesquisadora ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC nos seguintes endereços:

Contatos da pesquisadora:

Telefone xxxx

Endereço residencial: Rua xxx, nº xx, apto. xx Bloco xx .CEP: xxx

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC:

Telefone: 37216094

E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

Endereço: Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE
CEP 88010-970 - Campus Universitário - Florianópolis - SC - Brasil
E-mail: ppge@contato.ufsc.br

Eu, _____,
li este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança)
e obtive da pesquisadora todas as informações que julguei necessárias para me sentir
esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa: **“AS
EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA/DA PANDEMIA DE COVID-19 POR PESSOAS
IDOSAS EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO DA EJA”**.

Florianópolis, ____ / 04 / 2022.

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura da Pesquisadora Assistente

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS PESSOAS IDOSAS

O presente roteiro de entrevista semiestruturada foi elaborado de acordo com a Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e a Resolução do CNS¹⁸⁴ 510/16, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP e foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Portanto, esse instrumento foi utilizado para produzir a análise científica da pesquisa intitulada **“Você sabe coisa que eu não sei e eu sei coisa que você não sabe!”: as experiências vividas na/da pandemia de Covid-19 por pessoas idosas em processos de alfabetização da EJA**, abarcando cinco pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, matriculadas em turmas de Educação de Jovens e Adultos - EJA no contexto de pandemia da Covid-19.

As perguntas elencadas foram elaboradas para servir de guia na abordagem com cada entrevistado(a). Nesse intuito, para assegurar ao(a) entrevistado(a) sua integridade moral, afetiva e física, no ato da entrevista, adotou-se os seguintes procedimentos:

- a) definir as datas e horários das entrevistas¹⁸⁵;
- b) organizar o espaço da entrevista, seguindo os protocolos de prevenção contra a Covid-19 para que o ambiente esteja confortável para a pessoa entrevistada, pois precisa se sentir segura e à vontade para falar sobre o assunto investigado;
- c) lembrar no ato da entrevista sobre o assunto, a modo de condução da entrevista e em relação aos aspectos voltados aos princípios éticos, presentes no processo de consentimento livre esclarecido, com ênfase na importância da contribuição na investigação, como também dos possíveis riscos, danos e desconfortos que podem ocorrer;
- d) conduzir a entrevista por meio do roteiro elaborado, mas com possibilidade de realizar perguntas espontâneas no transcorrer da conversa;
- e) evitar interrupções, assim como nunca discordar da resposta do(a) entrevistado(a);
- f) estar atento para qualquer sinal de desconforto do/a entrevistado/a e caso ocorrer, convidá-lo/a para uma pausa, perguntar se deseja transferir a entrevista para outra data, sinalizar que não é obrigada a responder a pergunta ou mesmo pode desistir definitivamente de participar da pesquisa.

Vale destacar, que na transcrição direta (em anexo) foram mantidos os dados das entrevistadas e do entrevistado em anonimato, cujos nomes fictícios foram escolhidos pelas pessoas idosas investigadas.

¹⁸⁴ Sigla utilizada para Conselho Nacional de Saúde

¹⁸⁵ Frisa-se a importância do auxílio dos/as coordenadores/as da EJA de cada Núcleo da rede municipal de Florianópolis para o agendamento com as participantes idosas e o participante idoso, cuja entrevista ocorreu no espaço da escola/instituição.

Outro realce é que o roteiro da entrevista foi estruturado de acordo com a tríade da qual se perscruta:

a) a dimensão da experiência de vida na perspectiva histórica (momentos da vida vivida, as condições de participação social);

b) as velhices na contemporânea (dimensões social e cultural deste fenômeno);

c) as condições de estudo das pessoas idosas em turmas de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos no contexto de pandemia; e

d) os saberes vivenciados na prática social por pessoas idosas das classes subalternizadas (as táticas e demandas sociais manifestadas frente às exigências de uso da leitura e da escrita em nossa sociedade), por meio do cotejando de memórias/lembranças de pessoas com 60 anos ou mais de idade que muito tem a nos revelar sobre as suas experiências vividas e sentidas na classe trabalhadora em nosso país no momento de pandemia da Covid-19, sobretudo na condição de estudantes em turmas de alfabetização na EJA da rede municipal de Florianópolis/SC.

QUESTÕES RELACIONADAS À DIMENSÃO DA EXPERIÊNCIA DE VIDA NA PERSPECTIVA HISTÓRICA (MOMENTOS DA VIDA VIVIDA E DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL):

Escolha um nome qualquer (nome fictício) a fim de preservar a sua identidade na pesquisa: Há algum motivo para a escolha desse nome? Em caso de resposta afirmativa, perguntar: Fale um pouco sobre essa escolha.

1) Em que ano você nasceu? Em que localidade? Como eram as condições de vida da sua família? Há algo que você tenha vontade de destacar sobre a infância e/ou juventude? Na época de criança ou jovem, você frequentou alguma escola/colégio? Em caso de resposta afirmativa, até que idade estudou? Por que saiu da escola?

2) Qual o seu estado civil? Ou seja, é solteiro(a), casado(a), viúvo(a), divorciado(a), etc. E quanto à sua origem étnico-racial, quer dizer, como você se define quanto à raça/etnia?

3) Onde você mora? Essa moradia foi comprada ou é alugada? Você gosta de morar lá? Por quê? Você mora com alguém? Em caso de resposta afirmativa, perguntar:

Quantas pessoas possuem na sua moradia e quem são elas? A moradia é própria, alugada ou emprestada?

4) Faz muito que você mora nessa localidade/bairro? Possui contato com vizinhos? Qual a sua relação com o seu bairro? Há lazer? De que tipo? Há escola? Existe alguma pessoa de referência/responsável por tratar de assuntos da comunidade? Você participa ou já participou de alguma atividade ou debate em prol de melhorias para sua comunidade? Teve algo ou algum serviço público implantado no seu bairro que somente ocorreu por causa das reivindicações da comunidade de seu bairro?

5) E sobre as atividades diárias na sua moradia, como elas estão organizadas? Caso não seja mencionado, perguntar: E as compras, quem faz? Quem fica responsável por cuidar do dinheiro do mês?

6) Qual é a sua renda mensal (mais ou menos)? E esse valor é suficiente para pagar todas as suas despesas? Em caso de resposta negativa, perguntar: Recebe ajuda financeira de alguém?

7) Você possui algum problema de saúde? Em caso de resposta afirmativa, perguntar: Qual (Quais)? E quando vai às consultas médicas ou exames clínicos, você costuma ir sozinho/a ou alguém lhe acompanha? Realiza alguma atividade física? O que significa ter qualidade de vida para você? Em sua opinião, o que o governo deve fazer para melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas?

8) Você já está aposentado/a? É pensionista? Atualmente trabalha fora? E o que faz? Em caso de resposta afirmativa sobre trabalhar fora, perguntar: Em razão da pandemia de Covid-19 houve alguma alteração ou redução na sua jornada de trabalho? Utiliza transporte coletivo para ir ao trabalho?

9) O que nesse momento da vida que lhe dá prazer? Caso dê uma resposta positiva, perguntar: Qual (Quais)? Você possui amigos/as? Caso dê uma resposta positiva, perguntar: Que importância essas pessoas têm para a sua vida? Pensando na sua experiência de vida, que momentos você considera como os mais difíceis? E quais momentos você sente prazer e orgulho em falar?

10) Você gosta de se manter informada sobre os acontecimentos da sua comunidade/localidade/cidade, do seu país e do mundo? Caso dê uma resposta positiva, perguntar: Que informações mais lhe interessam? De que maneira você e as pessoas que você tem mais contato costumam se informar sobre os acontecimentos do dia a dia? Você costuma se informar sobre a pandemia? Já ouviu falar de notícia falsa (ou recebeu alguma

informação falsa) a respeito da pandemia? Como se sente em relação a isso? Como busca saber se é verdade ou não?

QUESTÕES ENVOLVENDO A VELHICE CONTEMPORÂNEA (DIMENSÕES SOCIAL E CULTURAL DO FENÔMENO ENVELHECIMENTO):

11) Você conhece o Estatuto do Idoso? Caso dê uma resposta positiva, perguntar: Considera ele importante? Por quê?

12) Quando você completou 60 anos e a partir daí passou a ser considerada como pessoa idosa, o que isso significou/representou para você? Você consegue perceber alguma diferença ou mudança entre a vida de uma pessoa idosa de antigamente (quando era criança ou jovem) e sua vida, agora como uma pessoa considerada idosa (no momento presente)? Você acha que há necessidade das pessoas se prepararem para a velhice? Caso a resposta seja afirmativa, perguntar: De que modo?

13) Você tem liberdade de tomar as suas próprias decisões em sua vida? Por quê?

14) Você acha que a pessoa idosa se sente respeitada em nossa sociedade? Por quê? Caso de resposta negativa, perguntar: Em sua opinião, o que falta para que se tenha uma visão mais positiva e respeitosa frente à velhice em nosso país? Você já presenciou ou ouviu comentários sobre a ocorrência de atos discriminatórios contra pessoas idosas em razão de terem pouco ou nenhum estudo?

15) Há palavras ou expressões relacionadas à pessoa idosa e à velhice que lhe causam tristeza ou mesmo indignação? Caso a resposta seja afirmativa, perguntar: Poderia dar exemplos?

16) Na sua opinião, o isolamento social foi uma medida importante para evitar a disseminação da Covid-19? Você ainda está em isolamento, mesmo que parcial? (explique) Você sente ou sentiu falta de alguma coisa ou de alguém? Há alguma palavra que define esse momento vivido? Houve mudanças na sua rotina por causa da pandemia? Você ou alguém da sua família teve a doença Covid-19? Em sua opinião, as pessoas idosas estão recebendo a atenção necessária por parte do governo de nosso país? Por quê? Tem algo a mais para dizer sobre esse momento vivido de pandemia?

17) Você se sentiu acolhida por seus familiares, vizinhos ou outros conhecidos nesse momento de pandemia? Em caso de resposta afirmativa, conte um pouco sobre essa relação de acolhimento.

QUESTÕES SOBRE AS CONDIÇÕES DE ESTUDO NA ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO CONTEXTO DE PANDEMIA DA COVID-19:

18) Na pandemia, você continuou seus estudos? Onde? Como foram organizadas as aulas e as atividades na sua turma de EJA? Você se sente em condições de acompanhar as aulas? Caso dê uma resposta negativa, perguntar: Por quê? E quanto aos estudos, como você conseguiu se organizar e aprender?

19) Considerando as suas necessidades práticas do dia a dia, o que você considera como importante aprender? Há alguma dificuldade a ser destacada em relação aos seus estudos?

20) O que tem motivado você a não desistir de estudar nesse período de pandemia? De que modo ocorre/ocorreu a comunicação entre você e seu/sua professor/a nesse momento de distanciamento social?

21) Você tem telefone celular, computador ou notebook (ou alguém da sua moradia)? Utilizou algum desses instrumentos nas aulas? Qual (Quais)? Você já ouviu falar em internet? Você possui acesso à internet? Acha importante ter? Por quê? Na sua moradia, alguém tem acesso à internet? Caso a resposta seja afirmativa, perguntar: Desde quando (faz muito tempo)? Você mantém contato com algum/a colega da sua turma de EJA? Como?

22) Nesse momento de isolamento social, como você faz ou fez para se comunicar com as pessoas da sua localidade? Tem contato com pessoas que moram mais distantes? Caso a resposta seja afirmativa, perguntar: De que modo?

23) O que você considera como essencial para aprender neste momento de pandemia? Você está enfrentando alguma dificuldade (ou mais de uma) para dar continuidade em aos seus estudos na EJA? Caso a resposta seja afirmativa, perguntar: Comente um pouco sobre a/s dificuldade/s enfrentada/s.

24) Você sente/sentia falta das aulas presenciais? Caso dê uma resposta positiva, perguntar: De que sente falta? Quais as dificuldades que mais sentiu nesse contexto da pandemia, principalmente em relação aos estudos? Nesse contexto de pandemia, em que ora

foram aulas presenciais ora aulas remotas, você se sentiu acolhida por seus professores e colegas? Em caso de resposta afirmativa, conte-me um pouco sobre essa relação de acolhimento. O que mais incentivava você a continuar a estudar?

QUESTÕES ACERCA DOS SABERES VIVENCIADOS NA PRÁTICA
SOCIAL POR PESSOAS IDOSAS DAS CLASSES SUBALTERNIZADAS E AS
DEMANDAS SOCIAIS MANIFESTADAS FRENTE ÀS EXIGÊNCIAS DE USO DA
LEITURA E DA ESCRITA EM NOSSA SOCIEDADE:

25) Como a pessoa com pouco ou nenhum estudo é vista por nossa sociedade? Por quê? A maioria das pessoas da sua família conseguiu fazer valer o seu direito de estudar? E as pessoas de seu convívio e com mais ou menos a sua idade, conseguiram estudar? Caso dê uma resposta negativa, perguntar: Sabe dizer o motivo?

26) Com base na sua história de vida, conte como foi a sua experiência em ter que lidar com os materiais escritos no dia a dia. Você costuma falar dessa experiência para outras pessoas? Como você buscou (busca) saber e se apropriar do que estava (está) escrito? Você já recebeu a ajuda de alguém? Caso a resposta seja afirmativa, perguntar: Conte um pouco mais sobre essa ajuda.

27) E, agora no contexto da pandemia, como se virou? Como lidou com esses saberes?

28) Em seus grupos de convivência (ou que mais conviveu) a oralidade se fez (faz) importante? Você frequenta (frequentou) locais em que a leitura é realizada em voz alta e de forma coletiva? Caso a resposta seja afirmativa, perguntar: Que locais são esses? Como você se sente nesses locais?

29) Você considera a memorização, isto é, o efeito de memorizar, de lembrar e de fixar na memória, como algo importante para as pessoas que não estão habituadas ao mundo da escrita?

30) Há algo mais a ser considerado sobre essa situação?

31) O que foi mais importante para você para lidar com esses saberes escolares na pandemia? Como fez? Quem ajudou? O que não fez? O que teve mais dificuldade?

APÊNDICE C – ENTREVISTAS DAS PESSOAS IDOSAS

C.1 Saberes da experiência de Joana

 <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA</p>	
<p>PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ROTEIRO DE ENTREVISTA</p>	
<p>Local: NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade) da UFSC</p>	
<p>Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Florianópolis, Rua Des. Vítor Lima, 145 -Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88040-400</p>	
<p>Turma: 1º Segmento EJA</p>	<p>Turno: matutino</p>
<p>Data da Entrevista: 12 /04/2022</p>	<p>Horário da Entrevista: 9h (manhã)</p>
<p>Entrevistada: Joana</p>	<p>Idade: 87 anos</p>
<p>OBS: A estudante testou positivo para COVID-19.</p>	

QUESTÕES RELACIONADAS À DIMENSÃO DA EXPERIÊNCIA DE VIDA NA PERSPECTIVA HISTÓRICA (MOMENTOS DA VIDA VIVIDA E DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL):

Pergunta: Escolha um nome qualquer (nome fictício):

Resposta: O nome é Joana. Eu vou querer Joana. É um nome que agora me veio na cabeça de botar. Eu acho um nome bonito. Mas na minha família não tem Joana.

1- Pergunta: Em que ano você nasceu?

Resposta: Nasci no mês 7, em julho. A ano de 35. Dia 30 do mês 7 do ano de 1935.

Pergunta: Em que localidade?

Resposta: Eu nasci em Pinheiro Machado/RS

Pergunta: Como eram as condições de vida da sua família?

Resposta: Era uma condição, dizem que era difícil, mas não era tão difícil assim! A gente trabalhava nas fazendas, plantava, colhia. As mães cuidavam dos seus filhos, cuidavam das fazendas, da sua casa e da casa das patroas. Os maridos cuidavam do campo. Eu naquela época, eu achava bom. Eu gostava!

Pergunta: Há algo que você tenha vontade de destacar sobre a infância e/ou juventude?

Resposta: Olha! Naquela época não sei se a gente tinha infância. Não tinha infância porque a gente nascia, aí quando começava a crescer já tinha que ajudar a cuidar do menor, ajudar a limpar a casa, fazer atividade de adulto, de gente grande. Já lavava a sua calcinha. Mas, a juventude tinha porque a gente começava a crescer. A juventude que se chama é dos seus 14, 15 e 16 anos, não é? Mas naquela época, as mães não deixavam as filhas sair. Se a vizinha não fosse levar numa festinha, se ela não pudesse ir, a gente não ia. As meninas naquela época de 15 anos, elas estavam um começando a ficar mocinha, as mães cuidavam muito porque tinha um problema, se as mães não cuidassem, a vizinha falava mal. Ah! Tu deixas solta a tua filha!

Pergunta: Na época de criança ou jovem, você frequentou alguma escola/colégio?

Resposta: Fui um pouco. Eu tinha acho que meus acho que uns 11 anos, que a gente foi para uma outra fazenda, porque o pai quando saía de uma fazenda fechava com outra, que tinha um cavalo, mas tinha um único cavalo e eram 3 ou 4 crianças e o colégio era como daqui até lá o centro. Aí ia todo mundo naquele cavalinho, coitado! Já chega muito cansada, eu tinha muita dor de cabeça, eu chegava na sala de aula era como eu tivesse duas cabeças. Eu não atendia o quadro, mas até que eu aprendi! Porque tinham muitas que botavam o dedão e eu nunca precisei botar o dedão para assinar nada! Eu sempre assinava meio mal o meu nome, mas sempre assinava. Mas a gente ia para aula quando não tinha que capinar na lavoura. Aquela semana dos feijões que tinha que capinar, não se ia. Então eu tive que sair do colégio porque a gente foi se mudando e se mudando, cada vez o colégio ficava mais longe. Claro que o filho do patrão ou levavam uma mulher para

ensinar em casa ou mandavam para a cidade grande. Mas o filho do empregado, não! Ele ficava lá, analfabeto, o pai já era mesmo, não é?

Pergunta: Qual o seu estado civil? Ou seja, é solteira, casada, viúva, divorciada etc.?

Resposta: Eu me casei com 18 anos. E agora eu sou viúva.

Pergunta: E quanto à sua origem étnico-racial, quer dizer, como você se define quanto à raça/etnia?

Resposta: Negra.

Pergunta: Onde você mora?

Resposta: No Rio Vermelho. Não sei se você sabe, é um bairro de Florianópolis.

Pergunta: Essa moradia foi comprada ou é alugada?

Resposta: É comprada.

Pergunta: Você gosta de morar lá?

Resposta: Eu até gostava mais.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Agora eu acho muito longe porque eu tenho muita dificuldade para me locomover. Eu já acho longe! Mas eu gosto. E é onde eu tenho, não é?

Pergunta: Você mora com alguém?

Resposta: Antes eu morava assim, a minha filha tinha uma casa no lado quando eu fiquei sozinha. Ela ficou na casa do lado, morava ali, ficava ali. Mas, eu morava sozinha. Agora tem um rapaz que veio, o meu neto está lá em casa.

Pergunta: Quantas pessoas possuem na sua moradia e quem são elas?

Resposta: Duas pessoas, eu e o meu neto.

Pergunta: Faz muito que você mora nessa localidade/bairro?

Resposta: Faz uns trinta anos já!

Pergunta: Possui contato com vizinhos?

Resposta: Tenho!

Pergunta: Qual a sua relação com o seu bairro?

Resposta: Eu me dou bem com a vizinhança.

Pergunta: Há lazer?

Resposta: Tem.

Pergunta: Que tipo de lazer?

Resposta: Baile eu sei que tem, eu não vou, mas tem! Para passear não tem muito. Tem um posto de saúde que, do lado, como é que a gente diz, tem um salão com aparelhos de fazer ginástica. Ah! E na frente da minha casa botaram, de tanto que eu reclamei, colocaram uns aparelhos também. O prefeito foi lá, a vizinhança sempre me encaminha coisas para ajudar no bairro e quando tem alguma coisa assim, o prefeito vai lá e eu reclamo mesmo.

Pergunta: Há escola?

Resposta: Tem sim.

Pergunta: Existe alguma pessoa de referência/responsável por tratar de assuntos da comunidade?

Resposta: Eu quase nunca resolvo nada, mas eu ajudo! Ontem mesmo eu fui, e a vizinha (fulana), ela é da pastoral e é quem mobiliza a vizinhança. Qualquer coisa, ela vai lá e me grita: Vem dona Joana! Vem ajudar a gente!

Pergunta: Você participa ou já participou de alguma atividade ou debate em prol de melhorias para sua comunidade?

Resposta: Já. Para melhorar as ruas porque mesmo assim, está difícil. Mas eu não desisto! Quando eu posso eu vou lá e falo!

Pergunta: Teve algo ou algum serviço público implantado no seu bairro que somente ocorreu por causa das reivindicações da comunidade de seu bairro?

Resposta: O posto de saúde já tinha. Tudo já tinha quando eu fui morar lá, só foi reformado. Tudo já tinha.

Pergunta: E sobre as atividades diárias na sua moradia, como elas estão organizadas?

Resposta: Ah! Eu que faço tudo! Até a minha roupa eu lavo na mão.

Pergunta: Caso não seja mencionado, perguntar: E as compras, quem faz?

Resposta: Eu vou lá no mercado e vou comprar as minhas coisinhas.

Pergunta: Quem fica responsável por cuidar do dinheiro do mês?

Resposta: Sou eu mesmo.

Pergunta: Qual é a sua renda mensal (mais ou menos)?

Resposta: É mais do que um salário-mínimo. Eu recebo a minha aposentadoria e a do meu falecido esposo.

Pergunta: E esse valor é suficiente para pagar todas as suas despesas?

Resposta: Se não cuidar, não!

Pergunta: Recebe ajuda financeira de alguém?

Resposta: Não.

Pergunta: Você possui algum problema de saúde?

Resposta: Eu vou dizer que eu não tenho, mas eu tenho!

Pergunta: Em caso de resposta afirmativa, perguntar: Qual (Quais)?

Resposta: Eu tenho problema de coluna, mas problema de diabetes e colesterol, eu não tenho!

Pergunta: E quando vai as consultas médicas ou exames clínicos, você costuma ir sozinho(a) ou alguém lhe acompanha?

Resposta: Ultimamente uma das filhas tem me acompanhado, mas eu que falo. Eu nem gosto que elas vão, porque não são elas que tem que falar, sou eu que sei o que tem que falar.

Pergunta: Realiza alguma atividade física?

Resposta: Faço caminhada porque até isso antes eu fazia lá na Ufsc, não é? Mas agora fechou. Então eu faço caminhada e vou naquele pedalinho ali.

Pergunta: O que significa ter qualidade de vida para você?

Resposta: Olha! Para mim qualidade de vida é vir na escola, conversar com elas, fazer as coisas que elas pedem, conversar com a vizinha, você estar de bem com a vida. Ter um negócio melhor na rua assim, que tu passas não andar não tenha que se cuidar. Para mim qualidade de vida é mais ou menos isso, comer direitinho. Não ter que estar correndo todo dia para ir para o médico para tomar, tomar e tomar aquelas coisas. Para mim isso é qualidade de vida!

Pergunta: Em sua opinião, o que o governo deve fazer para melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas?

Resposta: E muito! Eu acho que, já começa aumentando o salário. Já começa aumentando para ajudar o povo. Para ajudar, sabe? Se mobilizar mais. Se eu preciso de tal coisa, deveria, você vai lá na minha casa, tem uma pessoa assim, vou na casa daquela idosa, depois na casa daquela idosa. Por que que eles não vão na vacina? Por que não vai aqui e não vai ali? Ninguém aparece para saber e isso aí o governo deveria mandar, fazer! Para saber a causa. Ou ir lá, aconteceu isso, tem lugares que dizem que faz! Mas lá no meu lugar, não foi feito!

Pergunta: Você já está aposentada? É pensionista?

Resposta: Eu sou aposentada.

Pergunta: Atualmente trabalha fora? E o que faz? Em caso de resposta afirmativa sobre trabalhar fora, perguntar: Em razão da pandemia de Covid-19 houve alguma alteração ou redução na sua jornada de trabalho ou na sua rotina?

Resposta: Eu não saía para rua, eu fiquei confinada da pandemia. Para mim foi horrível! Porque eu era muito, muito ativa na rua. Fazia ginástica aqui na Ufsc, vinha na escola, ia no teatro, ia na cantoria, ia nos grupos de idosos fazer as coisas, ia num grupo que fazia trabalhos manuais, parou tudo! De repente eu fiquei em casa, sem poder abrir a porta para sair! Para mim foi o fim!

Pergunta: Que palavra representa esse momento vivido de pandemia?

Resposta: Pois é! Esse período de pandemia para mim foi, tipo assim, como uma prisão! De ter que ficar presa mesmo! E o presidente invés de dar o exemplo para o povo, ficava desfilando com o nosso dinheiro

Pergunta: Utiliza transporte coletivo para ir ao trabalho?

Resposta: Durante eu acho que um ano eu não saí de casa. E como eu não saía de casa, tinha essa senhora, a D. Angela, que às vezes ia buscar no postinho um remedinho que eu tomo de vez em quando para a pressão. E as compras até as minhas netas compravam e levavam lá no portão para mim. Até essas professoras um dia levaram para nós.

Pergunta: O que nesse momento da vida lhe dá prazer?

Resposta: Prazer, eu já tive mais em outros momentos da vida!

Pergunta: Qual (Quais)?

Resposta: Eu já tive. Bom! O prazer de que estou viva! Mas agora tem tanto limite que às vezes eu fico meio, sabe? [ficou pensativa]

Pergunta: Você possui amigos/as?

Resposta: Tenho! Eu tenho muitas amigas, essas professoras tudo são minhas amigas, o professor também é amigo, o meu colega é meu amigo, vou com elas tomar café no Mercado público, a gente faz muitas coisas.

Pergunta: Que importância essas pessoas têm para a sua vida?

Resposta: Todo mundo tem alguma coisa para me dar desde uma vez que uma coisa, não sei como é que se fala, mas para a mim as pessoas todas as pessoas que me rodeia me faz, porque para mim todo mundo é importante para minha vida! Até você é importante para a minha vida! Todo mundo ser humano, eu não sou de me incomodar muito! É todo mundo ser humano! Para mim é muito importante e eu digo assim, tem os meus netos, tem as minhas netas, as minhas bisnetas, as tataranetas, para mim tudo é importante!

Pergunta: Pensando na sua experiência de vida, que momentos você considera como os mais difíceis?

Resposta: Ixi! Na pandemia eu tive dificuldade porque ficava em casa e o filho ficou doente e eu não podia ir visitar, quer ver coisa mais difícil! Eu tive o Covid, mas eu não fiquei com a sequelas. E quando eu perdi o meu filho de acidente. Olha! Isso é a pior coisa assim! Até hoje, até hoje!

Pergunta: E quais momentos você sente prazer e orgulho em falar?

Resposta: Ai! quando eu chego nos lugares, as pessoas ficam assim: Dona Joana! ou Vó! Todo mundo me chamando. Eu tenho uma filha, essa filha nova e eu vou na feira, essa minha filha sempre me leva, mas ela tem mania, aí eu chego lá e uma diz: Olha a vó Joana! E vem outra: Pega uma cadeira para a vó Joana! Uma mesa para a vó Joana! Olha, eu me sinto! Eu me sinto muito valorizada.

Pergunta: Você gosta de se manter informada sobre os acontecimentos da sua comunidade/localidade/cidade, do seu país e do mundo?

Resposta: Eu gosto, mas é meio difícil, mas eu gosto! Às vezes eu vejo, mas eu sou muito de ficar em cima, mas eu cato. Hoje mesmo tinha uma feira no centro e desde ontem eu estou catando as notícias da feira para saber se eu ia para a feira ou se eu não ia. Como eu não fui para a feira, eu vim para cá. Eu me informo alguma coisa, não é todas, sabe! Às vezes passa. Eu já fiz até um filme!

Pergunta: Que informações mais lhe interessam?

Resposta: Para mim tudo é política e dentro da nossa casa é matemática! Por isso eu vejo o jornal quando eu quero me informar de alguma coisa, eu ligo a televisão e vejo o jornal. Não aquelas bobagens do jornal.

Pergunta: De que maneira você e as pessoas que você tem mais contato costumam se informar sobre os acontecimentos do dia a dia?

Resposta: Acho que a televisão.

Pergunta: Você costuma se informar sobre a pandemia?

Resposta: Informação sobre a pandemia de vez em quando eu ouvia porque eu achava muito deprimente.

Pergunta: Já ouviu falar de notícia falsa (ou recebeu alguma informação falsa) a respeito da pandemia?

Resposta: Já. E tem muita!

Pergunta: Como a senhora busca saber se a notícia é verdadeira ou falsa?

Resposta: Eu acho, na minha opinião porque eu não estou julgando ninguém, é falta do que fazer. Falta de respeito com os outros, com o ser humano.

QUESTÕES ENVOLVENDO A VELHICE CONTEMPORÂNEA (DIMENSÕES SOCIAL E CULTURAL DESTE FENÔMENO):

Pergunta: Você conhece o Estatuto do Idoso?

Resposta: Conheço sim.

Pergunta: Já teve acesso ou não?

Resposta: Eu tenho até lá em casa!

Pergunta: Considera ele importante?

Resposta: Alguma coisa.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Alguma coisa é importante porque dizem que tem a ideia tenho o idoso tem aquele dia que tem direito a isto que tem direito aquilo. Mas na prática não é bem assim! Eu queria que aquele Estatuto acontecesse o que está escrito lá, mas não. Porque existe preconceito contra o idoso. Olha! Falta muita consciência! Falta muita consciência do povo, desse povo mais jovem que fazem as coisas, vamos supor o governador, o prefeito, o vice, falta, eu não sei se é consciência ou se é conhecimento que eles não adquirem porque eles deveriam adquirir, isso é conhecimento! Porque eles nasceram de uma mãe, eles têm uma avó, eles têm um pai, mas eles não ligam para os idosos dos outros, não sei eles cuidam dos deles, mas nós temos muita, muita, dificuldade! Que vê, o ônibus a altura é dessa aqui! E aí eu já fiz essa palestra, eu já fiz essa fala lá numa reunião da prefeitura, como é que a pessoa idosa com essa altura aqui, como que ela desce do ônibus? Como é que ela sobe no ônibus se tem problema de joelho? Eu ainda subo no ônibus e ainda desço bem, mas e os outros? Isso tinha que ter passado por algum teste, não é? Tem que cuidar disso! É olhar para o outro.

Pergunta: Quando você completou 60 anos e a partir daí passou a ser considerada como pessoa idosa, o que isso significou para você?

Resposta: Não, sessenta anos ainda não era idoso, não!. Não me afetou em nada! Sabe qual foi a idade que me afetou? Depois que eu fiz oitenta. Me afetou mesmo! Mas até os meus sessenta, setenta, eu não sentia! Eu sei que eu tinha e eu não me aceito como eu sou, eu só não aceito é de ficar com dor. E uma coisa que eu não aceito! Mas eu, agora depois dos oitenta é que fui tomar remédio para a dor.

Pergunta: Você consegue perceber alguma diferença/mudança entre a vida da pessoa idosa de antigamente (quando você era criança ou jovem) e a do momento presente?

Resposta: Não o idoso de hoje está muito, eu tenho um doutor que faz palestra para a gente, que ele diz que que é envelhecimento. É um velho adolescente. Os idosos de hoje não sei, mas mesmo com as dificuldades, está muito melhor que quando era na época da minha mãe. Porque na época de minha mãe com sessenta anos, com setenta, a minha mãe morreu com setenta, já era bem velha, era uma velha e o corpo já estava cansado porque trabalhava muito na roça. Era muito trabalho! Era bom, mas também ficou com 60 anos já era um velho. Tu ficas em casa e cuida do meu filho! E aí a mulher que era mãe e era filha deixava para ela cuidar porque ela já era uma velha. Eu não fiz isso, mas vi e conheci! Eu me casei e fui morar ao lado da minha mãe, mas os meus filhos era eu que cuidava!

Pergunta: Você acha que há necessidade das pessoas se prepararem para a velhice?

Resposta: Acho.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: De que modo?

Resposta: Olha! Eu acho que já desde o começo, já vai se preparando. Tem certas coisas que você não deve comer então não comi, que é para cuidar do colesterol alto, não cria uma diabetes, pode comer tudo, mas não exagerar! Tem que caminhar para não ficar com as pernas tortas e arqueadas. Se puder fazer uma ginástica é bom. Se gostar de dançar vai dar dançar porque vai fazer bem e o corpo mexe todo. E já está se preparando para ser idoso! Eu sou idosa assim desse jeito porque eu fiz isso por muitos anos! Eu trabalhava e eu tinha quarenta anos e já saía daqui, de lá, para fazer a minha ginástica.

Pergunta: Você tem liberdade de tomar as suas próprias decisões na sua vida?

Resposta: Eu tenho. Graças a Deus, ainda!

Pergunta: Por quê?

Resposta: É muito bom a gente poder tomar as decisões.

Pergunta: Você acha que a pessoa idosa se sente respeitada em nossa sociedade?

Resposta: Olha! Lembra da senhora que participou da pesquisa da outra vez? Diz que está numa casa de repouso. Eu acho, o idoso tem que, os jovens eu sei que têm que trabalhar, eu sei que não é aquela época que era mais fácil, não se ganhava é muito dinheiro, mas tinha o necessário para viver. Não tinha vaidade! Então, eles cuidavam mais dos idosos deles. Agora, eles têm que criar filho, tem que cuidar, o mundo te pede isso! O mundo te exige. Mas também tem que ter mais consciência porque assim, eu não vou cuidar mais da minha mãe, precisa ser: eu preciso dar mais uma olhadinha na minha mãe! O idoso tem que cuidar da sua vida, fazer as suas coisinhas, mas os filhos têm que dar uma cuidadinha.

Pergunta: Em sua opinião, o que falta para que se tenha uma visão mais positiva e respeitosa frente à velhice em nosso país?

Resposta: Tem idoso que é meio safadinho mesmo, não é? Mas, eu acho que as pessoas têm que respeitar mesmo porque mais daqui à frente, ele vai ser um idoso e fazer a mesma coisa! Hoje em dia o jovem não respeita o idoso. Eles dizem: Olha esses velhos aí! O que eles estão fazendo aqui? Então eu acho que o jovem de hoje, tem que aprender isso na escola, não sei se aprende, mas tem que ser na escola! E ele tem que aprender que o idoso é idoso e tem que respeitar porque está idoso porque ele já viveu. Também eu acho que não dá para ficar se colocando coisas no rosto porque aí fica assim, não se sabe se é uma jovem ou o que é! E outra coisa, esse ano a gente ficou em casa para ver bastante essas porcarias de notícias, que tem homem que não respeita às mulheres, eu falei para elas esses dias, as professoras têm que ensinar os meninos a se comportar com as mulheres, saber que mulheres são mulheres, têm que ter respeito porque ele tem uma mãe, hoje mesmo eu vi uma notícia do filho que matou a mãe. Ele tem que respeitar as mães! Ele tem que respeitar aquela mais velha ou mesmo a mulher que ele se casa. E isso é muito sério! Na minha época mulher sozinha era ruim, se cassava e tinha que ficar casada para o resto da vida, podia ser quem fosse. Tinha que aguentar! Agora não! Eu até acho assim, um pouco liberta demais, mas eu acho bom!

Pergunta: Você já presenciou ou ouviu comentários sobre a ocorrência de atos discriminatórios contra pessoas idosas em razão de terem pouco ou nenhum estudo?

Resposta: Já. Comigo já aconteceu!

Pergunta: Há palavras ou expressões relacionadas a pessoa idosa e a velhice que lhe causam tristeza ou mesmo indignação?

Resposta: Sim.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Poderia dar exemplos?

Resposta: Nós estávamos num ônibus eu e minha irmã gêmea que ela tinha vindo de Porto Alegre e a gente estava passeando e, tinha dois homens, um que era motorista e um outro motorista que estava de folga, acho que ele estava indo para casa, ele estava sentado. E ele foi e disse assim: Tem que me levantar para dar lugar para idosa porque ela sai de segunda a segunda! Ele disse isso para nós, olhando para o outro.

Pergunta: Na sua opinião, o isolamento social foi uma medida importante para evitar a disseminação da Covid-19?

Resposta: Eu acho que foi. Para mim foi mesmo.

Pergunta: Você sente falta de alguma coisa ou de alguém?

Resposta: Foi difícil ficar em casa e as pessoas não puderem ir na minha casa porque assim, eu sou muito de gente! Mas isso foi bom, foi bom!

Pergunta: Há algo ou alguma palavra que defina esse momento vivido? Houve mudanças na sua rotina por causa da pandemia? Você ou alguém da sua família teve a doença Covid-19?

Resposta: O meu filho de Porto Alegre pegou, o meu filho daqui que é enfermeiro pegou, eu não peguei e eles não vinham na minha casa mesmo. As minhas netas, têm uma porção que pegou!

Pergunta: Em sua opinião, as pessoas idosas estão recebendo a atenção necessária por parte do governo de nosso país?

Resposta: Não! Não!

Pergunta: Por quê?

Resposta: Falta muita coisa para os idosos. Olha! O idoso não foi vacinar, por quê? O idoso com pouco dinheiro, sofre, não tem ajuda, não tem apoio do governo, não tem uma vida boa. E muitos morreram!

Pergunta: Tem algo a mais para dizer sobre esse momento vivido de pandemia?

Resposta: Eu acho que isso aí, não sei, veio, assim, não é uma coisa boa, mas acho que veio mais para acrescentar alguma coisa. Eu sempre penso assim: isso veio para te acrescentar alguma coisa, veio para te ensinar alguma coisa, não sei dizer bem o que é, mas veio!

QUESTÕES SOBRE AS CONDIÇÕES DE ESTUDO NA ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO CONTEXTO DE PANDEMIA:

Pergunta: Na pandemia, como foram organizadas as aulas e as atividades na sua turma de EJA?

Resposta: Para mim foi um pouco difícil porque não a gente não ficava junto, não é? Mas elas mandavam tudo pela internet para nós, pelo WhatsApp. E eu consegui acompanhar alguma coisa porque aí começava a me doer o olho. Às vezes eu ia lá na Lan House para pegar uma cópia para poder fazer. Mas foi bom! A gente, eu ficava assim, quinta-feira era o dia da aula, eu ficava assim, esperando a quinta-feira! O dia que não fazia, que eu não via elas quando não tinha chamada da quinta-feira, aquilo me fazia uma falta! Mas uma falta! Que ninguém não pode imaginar! Era na quinta, era o dia que a gente se reunia tudo. Era muito gostoso! Tinha bastante atividades. Elas nunca deixaram a gente sem, era pesquisa, atividades, bastante coisa! As professoras perguntavam como a gente estava, perguntavam e ligavam fora da hora da aula, assim, às vezes ligava direto, às vezes no WhatsApp, perguntavam como é que a gente estava. Às vezes elas iam lá em casa, apareciam lá no portão, mas nem entravam!

Pergunta: Você se sente em condições de acompanhar as aulas?

Resposta: Tive! Essa pandemia era uma coisa desconhecida para todo mundo! Eu até que acompanhava as aulas!

Pergunta: E quanto aos estudos, como você tem conseguido se organizar e aprender?

Resposta: Sim.

Pergunta: Considerando as suas necessidades práticas do dia a dia, o que você considera como importante aprender?

Resposta: Não sei, mas eu acho que o ser humano quase todo ele, tem uma necessidade de aprender, uns mais! E eu acho que eu tenho mais que os outros, não sei! Porque eu tenho desejo de fazer as coisas que eu gosto, porque para mim, sabe! Seria uma realização! Sabe que a minha história de vida está lá! Eu já coloquei no papel, eu só não publiquei ainda!

Pergunta: Há alguma dificuldade a ser destacada em relação aos seus estudos? O que tem motivado você a não desistir de estudar nesse período de pandemia?

Resposta: Elas me motivaram! Porque elas ficavam fazendo chamada, elas faziam chamada e a gente às vezes caía e a gente dizia: Ai caiu! Ai caiu a internet! E a gente feito tola porque a gente ficava não entendendo nada porque a internet lá no Rio Vermelho, não é muito boa. A internet no telefone que o prefeito deu para gente não era muito boa.

Pergunta: De que modo ocorre a comunicação entre você e seu(sua) professor(a) nesse momento de distanciamento social?

Resposta: Era pelo telefone.

Pergunta: Você tem telefone celular, computador ou notebook (ou alguém da sua moradia)?

Resposta: Eu só tenho o celular.

Pergunta: Você já ouviu falar em internet?

Resposta: Claro!

Pergunta: Você possui acesso à internet?

Resposta: Sim. Mexer nas minhas coisinhas, eu sei!

Pergunta: Acha importante ter?

Resposta: Sim, muito!

Pergunta: Por quê?

Resposta: Para a gente se comunicar, para procurar coisas, ver notícias, fazer áudio, muitas coisas.

Pergunta: Na sua moradia, alguém tem acesso à internet?

Resposta: Sim

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Desde quando (faz muito tempo)?

Resposta: Agora não lembro!

Pergunta: Você mantém contato com algum(a) colega da sua turma de EJA?

Resposta: No forte da pandemia, eu não tive, só com as professoras pela internet.

Pergunta: Como nesse momento de isolamento social você faz para se comunicar com as pessoas da sua localidade?

Resposta: Antes eu falava pouco ou era no portão. Agora já dá para falar.

Pergunta: Tem contato com pessoas que moram mais distantes?

Resposta: Sim.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: De que modo?

Resposta: Eu falo com a minha irmã lá de Caçapava do Sul, a gente se vê! Tem os outros lá de Porto Alegre. Eu ligo lá! Eu faço chamada.

Pergunta: Nesse momento de pandemia, o que você considera como essencial para aprender?

Resposta: Eu não sei se elas aprenderam, mas é muito, muito, importante, mas para mim, é aprender a respeitar o outro, a respeitar o espaço do outro. Se se eu quero me preservar, respeitar porque para mim, é muito importante, eu não quero, eu não quero entrar nessa sala cheio de gente! Não fica insistindo! É importante para mim decidir que não quero ir!

Pergunta: Você está enfrentando alguma dificuldade (ou mais de uma) para dar continuidade em seus estudos na EJA?

Resposta: Não!

Pergunta: Comente um pouco sobre sobre a/s dificuldade/s enfrentada/s.

Resposta: Mas eu tenho um problema: que eu leio, mas eu para escrever, eu escrevo separado. Porque daquela época em diante se eu tivesse uma leitura correndo, eu já não estava mais aqui! Eu já tinha ido fazer uma faculdade. Mas agora, eu vou ficar até quanto der porque, eu não vou fazer na minha idade uma faculdade. A faculdade é aqui pertinho! Eu faço até ginástica lá!

Pergunta: Você sente falta das aulas presenciais? De que sente falta?

Resposta: Senti e muita! Muita falta mesmo!

Pergunta: Quais dificuldades que sentiu no contexto de pandemia?

Resposta: De acompanhar os estudos por causa da internet no celular.

QUESTÕES ACERCA DOS SABERES VIVENCIADOS NA PRÁTICA SOCIAL POR PESSOAS IDOSAS DAS CLASSES SUBALTERNIZADAS E AS DEMANDAS SOCIAIS MANIFESTADAS FRENTE ÀS EXIGÊNCIAS DE USO DA LEITURA E DA ESCRITA EM NOSSA SOCIEDADE:

Pergunta: Como a pessoa com pouco ou nenhum estudo é vista por nossa sociedade?

Resposta: Analfabeta.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque não tem aquele conhecimento que você tem, você é professora, não é? Você não vai achar que eu sou analfabeta, mas eu sou na sua frente, eu sou analfabeta. E tem gente que acha isso! Ah! Tu não saber ler! Tu sabes muito pouco! Citar uma coisa que não é política, mas quando o Lula se inscreveu para ser político, disseram: O que esse analfabeto vai fazer? Só porque ele não tinha faculdade? Mas olha o conhecimento que ele tinha!

Pergunta: A maioria das pessoas de sua família conseguiu fazer valer o seu direito de estudar?

Resposta: Sim.

Pergunta: E as pessoas de seu convívio e com mais ou menos a sua idade, conseguiram estudar?

Resposta: Muitos não!

Pergunta: Sabe dizer o motivo?

Resposta: Porque os filhos de pobre tinham que ajudar a família.

Pergunta: Com base na sua história de vida, conte como foi a sua experiência em ter que lidar com os materiais escritos no dia a dia. Você costuma falar dessa experiência para outras pessoas?

Resposta: Ah! Mais muito! Eu dou muito valor para tudo isso!

Pergunta: Como você buscou (busca) saber e se apropriar do que estava (está) escrito?

Resposta: Eu nunca digo que eu não sei ler, não! Mas, eu lia alguma coisa e depois eu até já escrevia alguma coisa, mas esquecia! Mas nunca me fez muita falta porque eu sou muito de prestar atenção! Eu prestava muita atenção! Olha! Se tinha um número lá, se eu via aquela rua ali, eu sabia. Se eu precisava depois de dois meses ir lá, eu sabia. Eu sabia! O ônibus até hoje eu pego errado, mas eu cuidava a cor, eu cuidava o número e lá no Rio Grande do Sul quase não precisava pegar ônibus, mas quem morava em Porto Alegre, aí sim. Se tu moras num certo lugar, aquele ônibus se está indo para o centro e é do teu trajeto, tu podes pegar! De volta para cá, aí tu perguntas: Esse vai para tal lugar? Mas, as pessoas discriminam, as pessoas sempre discriminam. Hoje mesmo, agora não sei se foi hoje ou ontem. Lembrei! Ontem nós fomos num lugar e minha filha inventou de ir na neta dela e me levou, pra ver a minha bisneta. Subiu um morro e errou, subiu a rua errada e ela perguntou para um moço: Como é o nome dessa rua aqui? E o moço olhou para nós e disse assim: Está lá embaixo, vai ler lá! E ele estava nessa rua, era morador do local.

Pergunta: Você já recebeu a ajuda de alguém?

Resposta: Sim

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Conte um pouco mais sobre essa ajuda?

Resposta: Eu recebo ajuda das professoras, elas têm muita paciência para ensinar a gente! A dificuldade antes era ler um livro, mas agora já não é tanto porque aprendi bastante! Mas eu não leio a Bíblia porque a Bíblia porque a letra é muito miudinha e eu tenho maior dificuldade! E a coisa muito comprida assim, eu tenho bastante dificuldade!

Pergunta: Em seus grupos de convivência (ou que mais conviveu) a oralidade se fez (faz) importante?

Resposta: Sim.

Pergunta: Você frequenta (frequentou) locais em que a leitura é realizada em voz alta e de forma coletiva?

Resposta: Para mim, sim.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Que locais são esses? Como você se sente nesses locais?

Resposta: Na igreja, no grupo de teatro, grupo de ginástica, muitos grupos que eu participo.

Pergunta: Você considera a memorização, isto é, o efeito de memorizar, de lembrar e de fixar na memória, como algo importante para as pessoas que não estão habituadas ao mundo da escrita?

Resposta: Ai! eu acho muito importante!

Pergunta: Há algo mais a ser considerado sobre essa situação?

Resposta: As pessoas têm que ter o hábito de memorizar as coisas! Isso me ajudou muito na minha vida.

Pergunta: Você costuma valorizar os saberes provenientes da sua própria experiência de vida (na família, na profissão, na escola, em todos os espaços sociais) e que são produzidos no dia a dia da sua prática em sociedade?

Resposta: E como!

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque é a minha história, eu tenho orgulho de quem eu sou e da minha família. Eu sou assim, meio agitada, meio teimosa, mas com um coração que cabe todo mundo. Minha alegria é estar junto com as pessoas, é levantar todo dia. Todo mundo é importante! Eu gosto de saber mais, de ajudar os outros e, se está ruim, eu reclamo mesmo!

Pergunta: O que foi mais importante para a senhora para lidar com esses saberes da pandemia?

Resposta: Que as pessoas se valorizem mais! Elas estão indo para baile faz muito tempo. Tem pessoa que diz: Ah! Isso aí é bobagem! Mas eu não acho que seja bobagem porque é uma doença que veio, ninguém tem a culpa que veio, não sei! Mas eu acho que as pessoas devem se valorizar, se prevenir! Porque se a gente se previne, está se dando valor! Se não se previne, não está se dando valor e ainda não está dando valor para o outro.

C.2 Saberes da experiência de Cândido



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ROTEIRO DE ENTREVISTA

Local: Escola Básica Municipal Almirante Carvalhal
Endereço: R. Bento Góia, 113 - Coqueiros, Florianópolis – SC, CEP 88080-150
Turma: 1º Segmento EJA Turno: noturno
Data da Entrevista: 14 /04/2022 Horário da Entrevista: 19h
Entrevistada: Cândido Idade: 76 anos

QUESTÕES RELACIONADAS À DIMENSÃO DA EXPERIÊNCIA DE VIDA NA PERSPECTIVA HISTÓRICA (MOMENTOS DA VIDA VIVIDA E DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL):

Pergunta: Escolha um nome qualquer (nome fictício):

Resposta: Vou colocar o nome de Cândido que é o nome do meu pai. Porque toda a pessoa, assim como eu e você, tem pelo pai e pela mãe amor por eles. Feliz aquele que tem a sua mãezinha, não sei se a senhora ainda tem. E eu não tenho mais a minha, a minha faleceu já com 95 anos. Mas toda a semana eu ia na casa dela, levava as coisinhas para ela.

Pergunta: Em que ano você nasceu?

Resposta: Eu nasci em 03 de novembro de 1946.

Pergunta: Em que localidade?

Resposta: Em São Pedro de Alcântara

Pergunta: Como eram as condições de vida da sua família naquela época?

Resposta: Eu lembro. Trabalhava tudo na lavoura, naquele tempo chamavam de lavoura, na roça. Eu porque era pequeno não podia estudar porque tinha que ficar com meu vô e eles iam tudo para roça, por causa que meu vô era ceguinho. Tinha que ficar lá! De tarde eu tinha que fazer um cafezinho para ele, acender o paieiro dele. Ele fumava cigarro, eu tinha uns 10 anos. Eu ficava lá dentro de casa. Eu tinha outro irmão, mas como ele era mais velho, já ia para roça com meu pai e a minha mãe. Aí trabalhavam na lavoura. Tinha lavoura de fazer melado, açúcar, tinha outra lavoura de fazer farinha. E era tudo da família, terreno do meu pai, chamava de fazenda. Aqui é a cuieira de café, cuieira de banana, cada uma é uma coisa, mas só que tinha o tempo certo para fazer, por exemplo, farinha era feita no mês de maio, a cana precisava cortar para fazer cachaça, fazer açúcar grosso, fazer o melado e com aquele melado fazia cachaça e por isso que se chama cachaça de melado porque fica mais gostosa.

Pergunta: Há algo que você tenha vontade de destacar sobre a infância e/ou juventude?

Resposta: E como eu estava explicando para você, quando eu era menor, eu ficava com o meu vô. Ele era um alemão que veio da Alemanha. Ele morreu com 105 anos, nunca foi ao médico. Morreu de velhinho! Não tinha doença não! A família que fazia todo o serviço, mas quando era um serviço que tinha que fazer bastante aí trocava dias com os vizinhos, se chamava de fazer pixurum. Então tinha uma família que tinha cinco pessoas naquela gente trabalhava de uma vez por dois dias, três dias aquele pessoal tudo com a gente. Quando terminava de fazer aquela plantação, esse pessoal já ia lá ajudar outro pessoal para trabalhar na lavoura. O pessoal dizia: Vamos fazer um pixurum! E assim por diante. Naquela época, morava o pai e a mãe, nós dois, eu e meu irmão, mais o vô e a vô eram seis pessoas. Também quando eu completei 18 anos, fui para exército em Brasília. Aliás, foi quando estava fundando Brasília, eu fui lá servir no exército porque naquela

época, faltava gente e eu, fiquei lá um ano e meio, segui mais um tempo na carreira, mas depois resolvi sair, me machuquei e decidi vir embora. E desde lá, eu tenho uns comércios grandes em Palhoça.

Pergunta: Na época de criança ou jovem, você frequentou alguma escola/colégio?

Resposta: Eu não pude estudar quando eu era criança, só um pouquinho, porque eu tinha que ficar com meu vô. Umás vezes eu ia na aula e outras vezes eu não podia. Não tinha quem ficasse com o meu vô.

Pergunta: Qual o seu estado civil? Ou seja, é solteiro, casado, viúvo, divorciado etc.

Resposta: Sou viúvo.

Pergunta: E quanto à sua origem étnico-racial, quer dizer, como você se define quanto à raça/etnia?

Resposta: Eu acredito que sou branco porque meu pai era de descendência alemã e a minha mãe de descendência italiana.

Pergunta: Onde você mora?

Resposta: Moro em Campinas, bem perto da Delegacia e de um colégio grande que tem ali.

Pergunta: Essa moradia foi comprada ou é alugada?

Resposta: É moradia própria, moro num apartamento.

Pergunta: Você gosta de morar lá?

Resposta: Gosto muito! Mas como eu trabalho bastante raramente eu tenho contato com os meus vizinhos.

Pergunta: Por quê?

Resposta: A localização é boa, tem comércio.

Pergunta: Você mora com alguém?

Resposta: Eu moro sozinho no apartamento em Campinas e a minha filha mora na minha casa em Palhoça.

Pergunta: Em caso de resposta afirmativa, perguntar: Quantas pessoas possuem na sua moradia e quem são elas?

Resposta: Duas, eu e minha filha.

Pergunta: Faz muito que você mora nessa localidade/bairro?

Resposta: Faz 10 anos

Pergunta: Possui contato com vizinhos?

Resposta: Muito pouco! Porque quem mora em apartamento não tem esse negócio de ficar se visitando muito.

Pergunta: Qual a sua relação com o seu bairro?

Resposta: Como eu tenho negócios em outras cidades, saio cedo e chego tarde.

Pergunta: Há lazer?

Resposta: Tudo essas coisas têm na Beira Mar. Perto do bairro Kobrasol, lá tem uma pracinha.

Pergunta: De que tipo de lazer?

Resposta: Fazer exercícios, tem bicicleta para pedalar, tem um monte de coisas

Pergunta: Há escola?

Resposta: Deve de ter. Sei que tem escola que tem EJA ali perto, mas eu gosto mesmo é dessa escola. Eu gosto do pessoal daqui! Eu já estou acostumado aqui. Aqui eu tenho amizade com todo mundo, com os colegas, com os professores, a coordenadora, inclusive as pessoas que já saíram da EJA. Eu vim estudar na EJA um pouco antes da pandemia. Eu tenho amizade com essas pessoas, também com pessoas que já estiveram na EJA, lá do centro, de outros lugares. Tenho muito amizade com a coordenadora daqui, foi ela que me convenceu a voltar a estudar porque eu acabei não participando do ensino remoto. Ela disse para mim: Volta! Vem! Que agora a doença não está tão perigosa! E foi como eu voltei a estudar. Aqui é um passatempo porque eu sou um homem que não bebo, não fumo, não gosto de andar em boteco.

Pergunta: Existe alguma pessoa de referência/responsável por tratar de assuntos da comunidade?

Resposta: Não me envolvo nessas coisas. Só se tiver alguma coisa só no meu condomínio, aí eu reclamo.

Pergunta: Você participa ou já participou de alguma atividade ou debate em prol de melhorias para sua comunidade?

Resposta: Já tenho bastante coisa para me envolver.

Pergunta: Teve algo ou algum serviço público implantado no seu bairro que somente ocorreu por causa das reivindicações da comunidade de seu bairro?

Resposta: Não sei dizer.

Pergunta: E sobre as atividades diárias na sua moradia, como elas estão organizadas? Resposta: Eu mesmo! Tanto administro ali como na cidade de Palhoça.

Pergunta: Caso não seja mencionado, perguntar: E as compras, quem faz?

Resposta: Para o pouco que eu consumo sou eu mesmo que compro. Mas a minha filha compra algumas vezes quando passa por lá.

Pergunta: Quem fica responsável por cuidar do dinheiro do mês?

Resposta: Eu mesmo.

Pergunta: Qual é a sua renda mensal (mais ou menos)?

Resposta: É bem mais. Eu recebo a pensão do exército, o aposento meu já recebo há 26 anos e da minha falecida esposa recebo uma pensão dela. E ainda tem as coisas das minhas firmas. Como se diz: Enquanto o velho falar, é ele que administra!

Pergunta: E esse valor é suficiente para pagar todas as suas despesas?

Resposta: Graças ao bom Deus, sim!

Pergunta: Recebe ajuda financeira de alguém?

Resposta: Não

Pergunta: Você possui algum problema de saúde?

Resposta: Não. Já fiz umas dez cirurgias, mas está tudo bem.

Pergunta: Qual (Quais)?

Pergunta: E quando vai as consultas médicas ou exames clínicos, você costuma ir sozinho(a) ou alguém lhe acompanha?

Resposta: Tem uma moça do meu trabalho que de vez em quando ela vai, também tem a minha filha que é muito preocupada comigo. Mas elas só me acompanham, eu que converso com os médicos, eu tenho uma equipe muito boa de médicos.

Pergunta: Realiza alguma atividade física?

Resposta: Eu estava participando porque mandaram fazer, mas aí veio a pandemia eu parei, foi a hidroginástica, o médico mandou eu fazer. Caminhar eu sou muito malandro. Vou na padaria ou qualquer lugar sempre de carro.

Pergunta: O que significa ter qualidade de vida para você?

Resposta: Eu acho muito importante! Qualidade de vida que eu entendo para mim, não sei se estou falando certo ou errado, é você ter saúde, você pode fazer o que você quiser, ir aonde você quer ir. Eu saio vou passear para São Paulo, eu vou lá na Aparecida do Norte, não sei se a senhora conhece! Todo ano vou uma vez ou duas vezes, já fui no final do ano e agora quando chegar dia 6 de agosto, nós sempre vamos.

Pergunta: Em sua opinião, o que o governo deve fazer para melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas?

Resposta: Todos os idosos, não! Nem os idosos nem os mais jovens também. É que toda a vida desde que eu me conheço por gente, a saúde sempre esteve atrasada. Nunca veem o que não deu certo. Aquele lá que não tem um remédio. Aí vai atender um, quem precisa de uma consulta, tem um posto lá na Palhoça pertinho do meu escritório e tem uma pessoa que disse para mim, que esperou oito anos para uma consulta para usar óculos. Triste não é! Então é difícil! É complicado isso aí! Eu não sei também se depende tudo dos governos, mas se for assim desde que eu me conheço por gente, é isso e não sai daqui. É complicado!

Pergunta: Você já está aposentado? É pensionista?

Resposta: Sou aposentado, pensionista e empresário.

Pergunta: Atualmente trabalha fora?

Resposta: Sim

Pergunta: E o que faz?

Resposta: Nunca trabalhei de empregado sempre fui patrão.

Pergunta: Em caso de resposta afirmativa sobre trabalhar fora, perguntar: Em razão da pandemia de Covid-19 houve alguma alteração ou redução na sua jornada de trabalho ou na sua rotina?

Resposta: Eu ficava muito em casa, mas sempre mexendo nas coisas. Nós temos uma empresa grande que fornece o cilindro para o SAMU e aqueles cilindro que teve o falatório, que vai os cilindros para os hospitais, não tem? De oxigênio. E o SAMU ia lá pegar porque tem o contrato daqui da grande Florianópolis até Criciúma, esse aí é nosso. Então! Ai a gente trabalhava, tinha que ter um plantão que trabalhava de 24 horas porque vem às carretas com aquele produto, nós chegamos a buscar produto até no Maranhão porque faltou nós vínhamos com as carretas de lá e descarrega tudo num tanque assim, igual a descarregar gasolina, nos tanques né? E depois que enche lá, tem que distribuir e era uma coisa, por causa dessa doença braba e tinha que ter, tinha que ter. E teve uma hora que estava faltando, a gente via notícia que lá para cima, lá para onde é o Amazonas para aquele lado de lá, faltou e morreu muita gente porque faltou oxigênio, tudo! E aqui, era aquela agonia, né querida! Eu mesmo resolvia porque eu tenho um monte de funcionário. Eu resolvia mais pelo telefone e eles faziam e atendiam as entregas tudo.

Pergunta: Utiliza transporte coletivo para ir ao trabalho?

Resposta: Não

Pergunta: O que nesse momento da vida que lhe dá prazer?

Resposta: Para mim a coisa melhor do mundo é levantar de manhã, ter saúde e poder trabalhar. Porque eu vejo tanta gente aí que é muito mais novo do que eu, que é doente, de muleta, outro falando assim: eu tenho pressão alta não posso tomar nada ou tem colesterol ou tem diabetes, porque graças à Deus eu não tenho nada disso! Minha pressão é 12 por 8. Então, eu acho para mim é uma felicidade, eu ter essa idade que eu tenho e se tu quiseres embarcar num caminhão porque eu vivi a vida toda em um carreto. Se quiser embarcar numa carreta agora vamos embora! Eu saí daqui com o cara e quando vou indo já estou lá em Belo Horizonte. A minha carteira de motorista já fez 50 anos, tirei no exército. No nosso tempo era diferente porque hoje tem quase fazer uma faculdade para tirara a carteira. No nosso tempo era diferente era tudo assinalado, vou passar dentro de Florianópolis fazia um desenho com a psicóloga e tinha que três risquinhos mais dois e um e depois tinha que dizer assim: Oh! Poucos e bem-feitos! Então a pessoa para não passar, só se ela não estivesse bem da cabeça para não sabe fazer aquilo ali, não é?

Pergunta: Você possui amigos/as?

Resposta: Sim, muitos.

Pergunta: Que importância essas pessoas têm para a sua vida?

Resposta: Eu acho que é muito importante ter amigos. Não tem coisa mais triste você não ter amigos. Você não poder falar com ninguém, ninguém gostar de você. Nós trocamos experiências. Tem experiência que é muito bom para muitas pessoas, você sabe coisa que eu não sei e eu sei coisa que você não sabe, então é muito importante a gente trocar. Mesmo no período de pandemia eu sempre conversava com os meus amigos. Eles perguntavam assim: Como você está? Está bem? Não aconteceu nada contigo? Tem aquele era muito amigo meu, que faleceu! Nem foi desse Covid foi de coração. E tem outro amigo que o filho dele é médico, menino muito querido, que também é meu amigão e trabalha no hospital do coração.

Pergunta: Pensando na sua experiência de vida, que momentos você considera como os mais difíceis?

Resposta: Momento muito, muito difícil! Viajava dia e noite, quando comecei a minha vida eu puxava arroz de Ijuí. Nós ía na ponte do Guaíba e daí pega à direita em cima da ponte vai para o Ijuí e depois tem o Uruguai. Então, a gente carregava naquele tempo o arroz, naquela época o arroz não era o de pacotinho, saca de sessenta quilos, a gente carregava e levava para o Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro, naquele tempo era a Casa da Banha, não sei se você já ouviu falar isso. Hoje a Casa da Banha sabe em que está formada? No Pão de Açúcar. Quando a Casa da Banha quebrou formou o Pão de Açúcar. Naquele tempo, a gente levava o arroz nos sacos de 60 kg e descarregava, levava banha de porco, tudo em lata, tudo dentro do caminhão só com a régua por cima. Chegava no Rio, naquele sol quente, a gente corria para o banheiro e voltava para o caminhão. Nada fazia mal! Descarregava aquilo. E olha! Eu comecei só com um caminhão! Descarregava e voltava do Rio, para ir eu pegava para a direita e para vir era por outro lado. Tinha Volta Redonda, não sei se você conhece. Em Volta Redonda, eu carregava ferro. Aquele ferro ia para o Uruguai. No Uruguai a gente descarregava o ferro e já voltava para pegar o arroz em Ijuí, já pegava e ia! Ia e voltava! Só passava em casa e ia embora.

Pergunta: E quais momentos você sente prazer e orgulho em falar?

Resposta: Meu pai, era pobre de família pobre, lavrador era como se chamava. Aí a gente começou do nada e fui à luta! Foi na luta. Eu puxei muito boi de Mato Grosso e naquele tempo a carne do boi vinha em plancha nas câmeras fria, a gente trazia o boi vivo, três dias e três noites, tinha que tocar para o boi porque depois disso, o boi deita. E se ele se deitar, o outro pisa em cima, daí fica magoada a carne. Se acontecia isso, o comprador chegava ali, olhava, já tinha que descontar no frete. Mas quando ele caía mesmo, tinha um cabo que estava na bateria do caminhão e dava um choque na rosca do ouvido para ele levantar e levantava. E quando o sono batia, o sono batia, a gente tomava o rebite, não sei se já ouviu falar. Rebite é para não dormir, tomava aquilo com Coca-Cola, café porque a gente tinha que tocar três dias. Para a gente entender, lá era como daqui até Biguaçu, lá não tinha uma casa, não tem um posto no Mato Grosso. Quando a gente vinha voltando vinha aquele comboio de caminhão embalado e a gente olhava o caminhão que ia parecia que tinha 8 faróis. Esse amigo meu sabe, muita gente já não existe mais já morreu. Já morreu tudo! Um monte morria de porrada, lambada no caminhão. A coisa não era brincadeira não!

Pergunta: Você gosta de se manter informada sobre os acontecimentos da sua comunidade/localidade/cidade, do seu país e do mundo?

Resposta: Gosto mais de ver reportagem mais tem gente nem gosta de ver. Ligo a televisão de manhã um pouquinho e fico sabendo das notícias.

Pergunta: Que informações mais lhe interessam?

Resposta: A televisão eu ligo lá no canal de São Paulo do Ratinho, lá dá tudo, começa de manhã cedo e vai até 10 horas, 10 e meia.

Pergunta: De que maneira você e as pessoas que você tem mais contato costumam se informar sobre os acontecimentos do dia a dia?

Resposta: Acho que a televisão e celular.

Pergunta: Você costuma se informar sobre a pandemia?

Resposta: Quando eu fiquei mais em casa aí sim, a tevê estava sempre ligada para saber as notícias do Covid. Dava ali hoje faleceu dois, faleceu três e eu ficava na cabeça aquilo que o meu avô me falava, que o fim do mundo vinha muita coisa, muita morte, vinha muita guerra, muitas coisas para matar. E eu pensava, olha talvez tenha chegado o final do mundo porque o vô falava e tava morrendo tudo aí.

Pergunta: Já ouviu falar de notícia falsa (ou recebeu alguma informação falsa) a respeito da pandemia?

Resposta: Daí só se a televisão estava passando mentira, mas eu chegava a ver, se lá dizia que 400 tinha morrido e era só 200, eu não como saber. Eu assisti aquilo da Cloroquina que diziam que era bom e depois os estudos de médicos disseram que não era. Isso tudo eu assisti, naquele canal que era o fulano de tal.

Pergunta: O senhor se sentiu acolhido pelos familiares, vizinhos ou conhecidos no momento de pandemia?

Resposta: Sempre tive muita atenção dos vizinhos lá na Palhoça e na minha firma vinham lá conversar um pouquinho e todo mundo com a máscara, o respeito e o álcool em gel na mão! Mas aquela coisa dá uma agonia!

QUESTÕES ENVOLVENDO A VELHICE CONTEMPORÂNEA (DIMENSÕES SOCIAL E CULTURAL DESTE FENÔMENO):

Pergunta: Você conhece o Estatuto do Idoso?

Resposta: Vejo falar muito, mas dentro da lei eu não estou sabendo.

Pergunta: Já teve acesso ou não?

Resposta: Não

Pergunta: Considera ele importante?

Resposta: Eu sou de acordo de punir quem desrespeita os mais velhos, de ter direito na fila, do idoso ter vaga de estacionamento nos locais e na rua, tudo isso.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque ele tem que ter prioridade, nem todas as pessoas envelhecem com saúde, se a pessoa já trabalhou tanto, né? Já trabalhou tanto depois de estar com uma certa idade e ainda ser judiada é muito triste porque hoje ele ainda fala dos governos mas assim, se eles fazem alguma coisa tem que apoiar, tem que apoiar o que é correto e tem que dizer o que tem que melhorar. Não vê como era no tempo do meu vô, a pessoa ficava velha ia vendendo as coisinha que tinha e ficava totalmente dependente da família, sem uma renda. Isso já melhorou, não é?

Pergunta: Quando você completou 60 anos e a partir daí passou a ser considerada como pessoa idosa, o que isso significou para você?

Resposta: Nunca me causou nada. Tudo aonde eu vou nas empresas que vou sou sempre bem recebido e toda vida foi assim. Compro o carro faço que eu quero, não é?

Pergunta: Você consegue perceber alguma diferença/mudança entre a vida da pessoa idosa de antigamente (quando você era criança ou jovem) e a do momento presente?

Resposta: É! Mas hoje também tem, depende de pessoa para pessoa e das condições de vida, né querida! Se a pessoa já tem problema de saúde e anda todo ruim de muleta, o outro: Ai o meu joelho! Ai a minha perna! Mas não tenho dúvida que a vida do idosos melhorou com o passar dos anos. Porque antigamente, na época do meu vô era assim: quando estava com uma certa idade, ele ia vendendo o terreninho e ia comendo o dinheirinho. Naquele tempo era dinheiro de um mil reis, cinco mil reis, dois mil reis, um conto de reis e quando terminava aquele dinheiro não tinha mais nada na vida. Vendia a terra e vendeu tudo, igual a vender um carro e gastar o dinheiro, né! Ai o filho tinha que sustentar ou o genro ou a filha, é o que acontecia com o meu avô, o meu avô não tinha dinheiro para comprar um, fumava fumo de corda, não tinha como posso dizer hoje, não tinha um real para comprar aquilo. Meu pai era quem comprava e deixava preparadinho. Então hoje reclamam que o governo só rouba, até por um lado eu não vou dizer que não, mas todo o colono quando deu 60, aliás a mulher é 55 e o colono é 60, ele aposenta com um salário. Hoje o salário é um mil duzentos e doze reais, vai dar para ele comer alguma coisinha, vou comprar um remedinho, pior se ele não ganhasse nada. E quando a pessoa tem 70 anos e ele não é colono, não é agricultor, ele não tem nada, muita gente se não tem é porque não procura o direito dele. Então, quando ele completou 70 anos, ele já aposenta, é um aposento que se chama pensão vitalícia. Só que aquele aposentozinho não dá o direito de 13° e nada, só, mas já ajuda né! Aquele que não ganha nada!

Pergunta: Você acha que há necessidade das pessoas se prepararem para a velhice?

Resposta: Saúde sempre tem que estar em primeiro lugar. Se você tiver, quantas pessoas novas aí que tem problemas, um no pulmão, outro é no fígado, é não sei mais o quê, porque ninguém está livre! Quantas vezes morre uma pessoa nova de trinta anos, quarenta, cinquenta e o outro velho fica porque ele tem saúde. Agora, uma coisa que a pessoa tem que ser sempre cuidar é que, você não vai estar com 80 anos e trabalhar como está trabalhando agora, sempre tem que deixar alguma coisa, alguma renda. Porque se tu dependeres do aposentozinho só, não tiver mais alguma coisa, vai ser complicado! Eu tenho um médico, um gurizão, dono de uma clínica médica e é diretor da Unimed, ele ganha mais de 100.000 por mês, mas ele falou para mim que se ele se aposentar ele vai ganhar o teto do INSS, 5 mil e pouco. Outro médico que também é meu amigo, que foi professor da universidade, me disse que o ordenado dele é esse aí. E como ele vai manter o padrão de vida se ele não tiver uma reserva. Ele já está aposentado e continua trabalhando, mas vai chegar uma hora que ele não vai conseguir mais.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: De que modo?

Resposta: A gente tem que entender que com o passar dos anos a disposição da gente vai mudando, tem transformações porque quando você tiver aí, uns sessenta anos, não vai conseguir meter a cara numa balada junto a gurizada. Ai já é outro ritmo, né?

Pergunta: Você tem liberdade de tomar as suas próprias decisões na sua vida?

Resposta: Eu tenho, graças à Deus. Por quê? Eu que controlo todos os meus negócios até hoje.

Pergunta: Você acha que a pessoa idosa se sente respeitada em nossa sociedade?

Resposta: Em um monte de lugar, não.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Eu já presenciei muito falta de respeito, principalmente com os idosos com pouco dinheiro, nas lotéricas, no banco, dizem assim: Ah esse velho! Tem todo tempo para ficar na fila e a gente que trabalha tem que ficar esperando.

Pergunta: Em sua opinião, o que falta para que se tenha uma visão mais positiva e respeitosa frente à velhice em nosso país?

Resposta: Falta mais punição porque é muito falta de respeito. É no trânsito, na fila do supermercado, em vários lugares. As pessoas mais novas pararem de falar mal da gente, no meu parecer. Porque tomara que elas consigam chegar na nossa idade e recebam mais respeito!

Pergunta: Você já presenciou ou ouviu comentários sobre a ocorrência de atos discriminatórios contra pessoas idosas em razão de terem pouco ou nenhum estudo?

Resposta: Já aconteceu comigo, eu estava manobrando a minha caminhoneta para colocar no shopping, tem aquela plaquetinha para deficiente e para idoso. Eu estava fazendo a volta e veio um gurizão e colocou no meu lugar, abriu a porta do carro fechou e disparou lá para dentro do shopping. E eu fiquei louco para gritar: Ô seu safado! Que dizer, que é uma falta de respeito com a gente, não é? Que nem aqui no centro, se eu não botar na minha caminhonete, sabe aquela plaqueta de identificação que a minha filha fez lá na prefeitura porque se a gente parar no lugar do idoso e não tiver a plaqueta, o guarda já multa.

Pergunta: Há palavras ou expressões relacionadas a pessoa idosa e a velhice que lhe causam tristeza ou mesmo indignação? Caso de resposta afirmativa, perguntar: Poderia dar exemplos?

Resposta: É tanta falta de respeito que no trânsito, não sei se a senhora tem carro e dirige, mas outro dia eu saí daqui e eu sempre vou pelo Abraão e levo de carona um colega, não é que passou um motoqueiro por mim, que me ultrapassou pelo lado errado, na contramão, ele me buzinou e levantou o dedo do meio. Isso não é educado, né? Ninguém estava fazendo mal para ele! Sobre algum termo, se você está falando sobre numa brincadeira como nós estamos aqui conversando e alguém falar: Ô velho bobo! ou Ô velho tosco! Isso não me incomoda. Agora, se a gente vê que estão falando para prejudicar, aí não!

Pergunta: Na sua opinião, o isolamento social foi uma medida importante para evitar a disseminação da Covid-19?

Resposta: Sim, foi. Nós sofremos muito imagina se não tivesse cuidado com isso.

Pergunta: Você sente falta de alguma coisa ou de alguém?

Resposta: Sim. Porque a gente se encontrava muito pelo Centro, eu e os amigos meu mais velhos e não dava. Da escola senti também porque eu fiquei acho que quase dois anos sem vir para aqui. Não vim com medo da doença. E pelo computador e por essas coisas isso aí para mim já não dava porque eu já não sei mexer muito nisso, aí né! Então a gente foi criado diferente, sabe o básico. Aonde vou, eu sei onde eu vou e sei o que faço e o que eu não sei mexer eu não mexo. Ali para mim não era do meu alcance.

Pergunta: Há algo ou alguma palavra que defina esse momento vivido?

Resposta: Era muito triste porque a gente não se achava com coragem. A gente tinha que respeitar. Eu só tinha um irmão e ele faleceu e tinha a minha cunhada numa fazenda, eles têm muita terra lá em Antônio Carlos. Aí ela fez uma cirurgia do coração e o médico falou para a família que ela ia durar de 2 ou 3 anos. Quando ela ficou doente, eu fui lá e conversei com ela na rua e eu disse que não queria entrar. Eu não frequentei muito porque eu sabia que podia a família não gostar. Quando eu soube a notícia ela tinha falecido. Não foi de Covid nada, foi de coração.

Pergunta: Houve mudanças na sua rotina por causa da pandemia?

Resposta: Sim, eu ficava mais em casa.

Pergunta: Você ou alguém da sua família teve a doença Covid-19?

Resposta: A minha filha pegou fraquinho e o filho mais velho. E eu não peguei. E o outro filho não.

Pergunta: Em sua opinião, as pessoas idosas estão recebendo a atenção necessária por parte do governo de nosso país?

Resposta: Um pouco.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Não, eu acho, sei lá! Pelo que a gente via estavam tudo lá na fila, quem não tinha condição ou outro dizia que não tinha recebido e outro reclamava que não tinha gente para atender. Mas eu acho que se o governo ajudou, foi muito pouco.

Pergunta: Tem algo a mais para dizer sobre esse momento vivido de pandemia?

Resposta: Não.

QUESTÕES SOBRE AS CONDIÇÕES DE ESTUDO NA ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO CONTEXTO DE PANDEMIA:

Pergunta: Na pandemia, como foram organizadas as aulas e as atividades na sua turma de EJA?

Resposta: Quando foi o ensino remoto eu não participei porque eu não tinha condição e quando voltou a EJA na escola me deu medo também porque comentavam na televisão não vai em tal lugar, não vai aqui, não vai ali. Eu uso o celular só para ligar, mais nada! Até foi a minha filha que comprou o celular, ela me deu esse que tem os números bem grandes porque eu estava meio ruim das vistas, eu fiz uma cirurgia muito especial, coloquei duas lentes e agora não uso mais óculos. Eu só uso óculos para ler pertinho, a letrelinha miúda e longe para a carteira de motorista e pergunta: as letras f, a, r, g, i. Aí coordenadora daqui me convenceu e eu voltei. Adoro isso aqui! É como fosse a minha família!

Pergunta: Você se sente em condições de acompanhar as aulas?

Resposta: Quando não tinha a aula na escola era pela internet eu não tinha condições de participar porque eu não sabia, não sei mexer nem no WhatsApp! Porque antes de vir para a EJA, eu já sabia alguma coisinha. Olha só, se eu não soubesse, eu sequer teria condições de viajar para Mato Grosso, para o Rio de Janeiro, é o que sempre digo eu conheci o país afora, sei de coisa que muita gente estudada não sabe. Na verdade, é assim, o estudo é ótimo, mas tem que ter a prática! Uma pessoa aí se forma em agrônomo, se ele não for lá na lavoura, se ele não tiver a prática, ele vai ter só um papel, porque, como ele vai plantar, como ele faz a cova, fazer a muda, não dá né? Tem que ter a prática junta, tem que ter o dia a dia, a vivência senão não adianta de nada o papel.

Pergunta: E quanto aos estudos, como você tem conseguido se organizar e aprender?

Resposta: Agora no presencial está tudo tranquilo. Eu estou gostando e tivemos meio mal de professora, mas agora veio essa aí e está tudo bom. Eu venho todos os dias sagrado, de segunda a quinta, sexta nós não temos. Acho que a EJA para idosos é muito importante e também não tem o que reclamar porque quem não quiser vir, também não tem como reclamar. Antes teve alguns problemas por ter na mesma gente mais jovem, adulta e os idosos, mas agora isso já mudou.

Pergunta: Considerando as suas necessidades práticas do dia a dia, o que você considera como importante aprender?

Resposta: Eu gostaria de aprender por uma realização própria, não é que eu não necessite porque eu tenho que fazer isso para ganhar dinheiro, mas para que eu consiga saber o que diz um documento. assim se tiver alguma coisa. Na verdade, naquela escolinha quando a gente era guri tinha essa letra de hoje não existia, era umas letras miudinhas: o b, a r, q, s. E toda vida quando você está viajando pelo mundo afora quando você pode observar as placas da BR é tudo aquela letra lá! (apontou para um cartaz na sala dos professores com a letra caixa alta). E quando está chegando perto de uma Polícia Rodoviária está escrito POLÍCIA RODOVIÁRIA quinhentos metros. Quando está chegando lá em Itajaí ENTRADA para ITAJAÍ, quinhentos metros. Lá mais à frente está escrito ENTRADA para BRUSQUE, quinhentos metros. E assim por diante.

Pergunta: Há alguma dificuldade a ser destacada em relação aos seus estudos?

Resposta: Quando a aula era no celular eu não tinha condição. Eu não uso WhatsApp, só faço ligação e só para atender. Vou te contar uma coisa, tem uma menina que mora perto da minha casa, mora num galpão alugado, vende as coisas para a China, estudada! Outro dia comeram cinco mil dela do banco, pegaram a senha e não sei mais o que. Sei que essas coisas vêm ajudar, mas para uma pessoa estudada que nem você. Não para mim! Computação nós temos aqui agora, a gente tem por semana, um dia, dois dias, até agora eu sei mexer um pouquinho. Mas no meu time não vai!

Pergunta: O que tem motivado você a não desistir de estudar nesse período de pandemia?

Resposta: Vontade de saber mais. né querida! Na minha idade o que vier é lucro.

Pergunta: De que modo ocorre a comunicação entre você e seu(sua) professor(a) nesse momento de distanciamento social?

Resposta: Era só por telefone.

Pergunta: O que a pandemia nos trouxe de ensinamento?

Resposta: Eu acho que essa pandemia veio chamar a atenção que pode vir coisa muito pior, que os governos têm que tomar providências para arrumar mais vacinas mais outras coisas, quem faz as pesquisas, que estuda, já tem que fazer outras pesquisas porque vai vir outra coisa pior do que essa daí! Nós temos que

estar mais preparados, temos que arrumar e fazer mais vacinas. Eu já tomei a primeira, a segunda e a terceira vacina, já tomei a da gripe e essa médica que eu vou, vai me dar uma requisição para fazer a outra porque em São Paulo já estão tomando. Aqui é que está sendo mais devagar!

Pergunta: Você tem telefone celular, computador ou notebook (ou alguém da sua moradia)?

Resposta: Tenho celular e a minha filha tem essas coisas tudo.

Pergunta: Você já ouviu falar em internet?

Resposta: Sim

Pergunta: Você possui acesso à internet?

Resposta: O meu estudo não foi para isso. Eu não sei mexer.

Pergunta: Acha importante ter?

Resposta: Sim

Pergunta: Por quê?

Resposta: É bom porque agiliza muita coisa. No forte do Covid, a minha filha me falava sobre as notícias da pandemia, se tinha morrido muita gente.

Pergunta: Na sua moradia, alguém tem acesso à internet?

Resposta: Tem

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Desde quando (faz muito tempo)?

Resposta: Bastante tempo

Pergunta: Você mantém contato com algum(a) colega da sua turma de EJA?

Resposta: Tenho sim, bastante amigos, até de quem já saiu da EJA.

Pergunta: Como?

Resposta: No telefone e na rua, as vezes a gente se encontra.

Pergunta: Nesse momento de isolamento social como você faz para se comunicar com as pessoas da sua localidade?

Resposta: Mais pelo telefone e eu falava quando eu ia na casa de Palhoça com os vizinhos.

Pergunta: Tem contato com pessoas que moram mais distantes?

Resposta: Sim.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: De que modo?

Resposta: Pelo telefone.

Pergunta: Nesse momento de pandemia, o que você considera como essencial para aprender?

Resposta: Ora! Foi aprender a valorizar a vida e perceber a importância dos outros.

Pergunta: Você está enfrentando alguma dificuldade (ou mais de uma) para dar continuidade em seus estudos na EJA?

Resposta: Agora não.

Pergunta: Comente um pouco sobre a/s dificuldade/s enfrentada/s. Você sentia falta das aulas presenciais?

Resposta: Sim.

Pergunta: De que sente falta?

Resposta: Da professora, da coordenadora e dos colegas.

QUESTÕES ACERCA DOS SABERES VIVENCIADOS NA PRÁTICA SOCIAL POR PESSOAS IDOSAS DAS CLASSES SUBALTERNIZADAS E AS DEMANDAS SOCIAIS MANIFESTADAS FRENTE ÀS EXIGÊNCIAS DE USO DA LEITURA E DA ESCRITA EM NOSSA SOCIEDADE:

Pergunta: Como a pessoa com pouco ou nenhum estudo é vista por nossa sociedade?

Resposta: No geral, se eles já contarem a vida dele para os outros, aí vão começam a falar palavras mais feias: de palhaço, de bobo, de bocó, não é? Você não pode é contar!

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque quem tem estudo ofende quem não tem. Eles acham que a inteligência está no estudo, o que é errado.

Pergunta: A maioria das pessoas de sua família conseguiu fazer valer o seu direito de estudar?
Resposta: Conseguiram.

Pergunta: E as pessoas de seu convívio e com mais ou menos a sua idade, conseguiram estudar?
Resposta: Alguns.

Pergunta: Sabe dizer o motivo?

Resposta: Tinham que ajudar, trabalhar junto com a família.

Pergunta: Com base na sua história de vida, conte como foi a sua experiência em ter que lidar com os materiais escritos no dia a dia. Você costuma falar dessa experiência para outras pessoas?

Resposta: Sempre.

Pergunta: Como você buscou (busca) saber e se apropriar do que estava (está) escrito?

Resposta: Tive que me virar.

Pergunta: Você já recebeu a ajuda de alguém?

Resposta: Sim

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Conte um pouco mais sobre essa ajuda.

Resposta: Eu quando comecei a viajar pelo mundo, Natal, Rio Grande do Norte, Belém onde a gente ia ficava na balsa às vezes três dias e lá na terra do Sarney, Maranhão, isso eu corri tudo! Então, é o seguinte se eu estava meio perdido, sabe o que eu fazia? Fazia uma pergunta: ô eu queria ir para tal lugar? Como é que é? A pessoa dizia: É só seguir por tal lugar assim e assim, depois eu perguntava para outra pessoa para ver se o outro falava a mesma coisa. E outra. Três. É possível que todos os três serem mentirosos, né querida! Você não pode confiar numa palavra só! Se um falava assim e o outro já falava trocado, esse aqui dizia uma coisa e aquele lá outra coisa, opa! Vamos tomar outra atitude porque tem coisa errada aí! Assim que eu comecei a minha vida para conhecer o mundo. E dinheiro nunca ninguém me enganou, não me engana mesmo! Claro que tenho pessoas que trabalham comigo e agora a minha filha é formada em administração, ela todo mês vai lá no meu escritório e anota toda despesa. Ela soma tudo, coloca no caderno e me diz: A tua despesa foi tanto e depois recebesse mais tanto e sobrou isso. E quando não era a minha filha, eu sempre pagava uma pessoa para trabalhar. Toda a vida eu tinha uma menina que agora já está uma senhorinha, ela se criou lá comigo, ela era formada em contabilidade, trabalhou lá comigo mais de trinta anos.

Pergunta: Em seus grupos de convivência (ou que mais conviveu) a oralidade se fez (faz) importante?

Resposta: É bom. Eu acho que quem quiser aprender mais alguma coisinha assim como eu, vai estudar, mas quem não estiver trabalhando. Porque antes, quando eu era mais novo não fui para a escola porque estava trabalhando andando pelo mundo. Mas quem quer saber, você mesma não foi procurar fazer a tua faculdade para crescer? Então! Se eu quero alguma coisa melhor para a minha vida, eu vou procurar, vou aprender a escrever mais alguma coisinha e quando alguém me perguntar, vou falar: Não, não! Você está enganado! Isso aqui é assim, assim, assim.

Pergunta: Você frequenta (frequentou) locais em que a leitura é realizada em voz alta e de forma coletiva?

Resposta: Não.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Que locais são esses? Como você se sente nesses locais?

Pergunta: Você considera a memorização, isto é, o efeito de memorizar, de lembrar e de fixar na memória, como algo importante para as pessoas que não estão habituadas ao mundo da escrita? Há algo mais a ser considerado sobre essa situação?

Resposta: Muito importante.

Pergunta: Você costuma valorizar os saberes provenientes da sua própria experiência de vida (na família, na profissão, na escola, em todos os espaços sociais) e que são produzidos no dia a dia da sua prática em sociedade?

Resposta: Com certeza.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Eu tenho orgulho do que que eu sou e toda vida fui bem recebido no país inteiro e fora dele. Eu acho que fiz muito bem para muita gente, mal eu não fiz. Acredito que eu levo a minha vida, fiz

muito bem para muita gente, já ajudei a fazer muitas casas para gente pobre, muita mudança os meus caminhões levaram e eu não cobrei nada. Eu fiz muita coisa mesmo! E não canso de ajudar.

C.3 Saberes da experiência de Solange



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ROTEIRO DE ENTREVISTA

Local: Escola Básica Municipal Donísia Maria da Costa
Endereço: Rod. Virgílio Várzea, 1264 - Saco Grande, Florianópolis - SC, CEP 88032-001
Turma: 1º Segmento EJA Tuno: noturno
Data da Entrevista: 08/04/2022 Horário da Entrevista: 18h.
Entrevistada: Solange Idade: 70 anos
OBS: A estudante testou positivo para COVID-19.

QUESTÕES RELACIONADAS À DIMENSÃO DA EXPERIÊNCIA DE VIDA NA PERSPECTIVA HISTÓRICA (MOMENTOS DA VIDA VIVIDA E DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL)

Pergunta: Escolha um nome qualquer (nome fictício):

Resposta: Eu quero Solange porque é o nome da minha filha e sempre cuida de mim. Ela liga para mim e ela mora em Itaguaçu.

Pergunta: Em que ano você nasceu?

Resposta: No dia 21 de dezembro de 1951.

Pergunta: Em que localidade?

Resposta: Eu nasci em Frecheirinha, Ceará.

Pergunta: Como eram as condições de vida da sua família?

Resposta: É roça, trabalhando em roça. Era roça no inverno, passava o inverno todinho plantando e capinando e colher. Depois que nós colhíamos o legume, nós íamos para algodão, para apanhar o algodão no mês de agosto, um mês todo. Botava a sacola aqui e puxava com as duas mãos o algodão e jogava dentro, o dia todo no sol quente, mulher! O sol quente, quente, quente! Era eu e toda a minha família. Você sabe quanto é uma roupa de algodão? Não né? É aquele sacão grande de estopa cheinho, ali é uma roupa de algodão. Aí nós levávamos para casa. Eu apanhava algodão com o meu pai! Nesse tempo eu tinha uns 14 anos, só que eu comecei trabalhar na idade uns 6 anos. Era eu, minha irmã e quatro irmãos. A minha irmã hoje mora no Rio de Janeiro. Essa faz uns 50 anos que a gente não se vê, nem notícia eu tinha! Aí eu mandei a minha neta pesquisar pelo celular, pelo ZapZap e ela encontrou a minha irmã. Agora eu estou conversando com ela pelo celular. E eu a vejo, direitinho, direitinho e ela pede para mim ir na casa dela no Rio de Janeiro. Mas eu tenho medo de ir sozinha! Eu tenho medo de andar só, mas meu filho me disse: Mamãe quando eu tirar férias, eu vou com a senhora lá! Nós vamos passear lá. Esse é o filho mais novo, o caçula, já é casado com uma mulher ali nas Canavieiras. Para eu não ir só porque eu tenho medo de me perder. Agora, lá para Frecheirinha eu não tenho medo ir só! Eu compro a passagem pego o avião e vou lá, na minha irmã eu não sei o endereço da casa dela, é a primeira vez que eu vou lá, por isso.

Pergunta: Há algo que você tenha vontade de destacar sobre a infância e/ou juventude?

Resposta: Foi assim, a escola era difícil, era pago e meus pais não tinham condições de pagar, né! Ter até ele tenha, mas ele botava mais nós para trabalhar porque não precisava botar trabalhador para a roça dele. Mas, eu me arrependi tanto de não ter estudado no tempo de nova porque eu estou precisando, né! Como

eu sempre estou dizendo: Trabalhei tanto nessa vida! Sabe que o meu pai comprou uns terrenos lá, tudo fruto do nosso trabalho, foi em 58, eu tinha parece uns 6 anos de idade, eu me lembro como hoje, o meu pai comprou um terreno de duas léguas e meia, custou 10 mil réis e agora está lá, os terrenos tudo nas mãos do INCRA. Foi tudo porque eles não quiseram mais pagar e já morreram também. Aí é assim: irmão ou neto pode trabalhar nos terrenos da família, mas não tinha ninguém da família, então os outros tomaram da gente.

Pergunta: Na época de criança ou jovem, você frequentou alguma escola/colégio?

Resposta: Eu nunca estudei. Eu não sabia nem assinar o meu nome, mulher! Agora eu já sei botar o meu nome, o nome dos meus filhos, já sei botar o nome da cidade que eu moro aqui e Teresina, já sei.

Pergunta: Qual o seu estado civil? Ou seja, é solteiro(a), casado(a), viúvo(a), divorciado(a), etc.?

Resposta: Eu fui casada, no padre e no civil, mas meu marido morreu e agora eu sou viúva.

Pergunta: E quanto à sua origem étnico-racial, quer dizer, como você se define quanto à raça/etnia?

Resposta: Eu sou morena clara.

Pergunta: Onde você mora?

Resposta: Eu moro aqui no bairro da Cachoeira.

Pergunta: Essa moradia foi comprada ou é alugada?

Resposta: É minha mesmo! É assim, eu tinha uma casa em Teresina que eu trabalhei lavando roupa para os outros lá, eu peguei a juntar um trocadinho e eu fiz a minha casa lá em Teresina, aí eu deixei os filhos lá e vim embora mais a minha filha. Eu tenho aqui duas filhas e dois filhos. Primeiro veio a minha neta para aqui, depois ela ligou para a mãe dela vir, falando que ela mandava o dinheiro para pagar a passagem porque lá a minha irmã trabalhava também, lavando roupa para fora. A minha filha veio de ônibus, coitada, ela sofreu! Chegou aqui igual um palito de fósforo de tão magrinha! E quando a minha filha chegou aqui, ela começou a botar currículo, começou a trabalhar, começou a trabalhar e começou também a estudar. Estudou e trabalhou bastante até que ela mandou dinheiro para eu vir. Eu vim e comecei a trabalhar e o primeiro serviço meu foi naquele hotel Maria do Mar Maria, eu passei dois anos e seis meses fazendo a limpeza. Até hoje eu faço faxina aparecendo eu faço, até hoje eu fiz uma.

Pergunta: Você gosta de morar lá?

Resposta: Sim

Pergunta: Por quê?

Resposta: Aqui tenho a minha casinha e é tranquilo de morar.

Pergunta: Você mora com alguém?

Resposta: Sim

Pergunta: Em caso de resposta afirmativa, perguntar: Quantas pessoas possuem na sua moradia e quem são elas?

Resposta: duas pessoas, Mora eu e mais um filho que não está trabalhando.

Pergunta: Faz muito que você mora nessa localidade/bairro?

Resposta: Já faz nove anos que moro aqui.

Pergunta: Possui contato com vizinhos?

Resposta: Tenho! Assim, de amiga sabe! Mas tens alguns que não tenho muito contato. Mas dou bom dia, boa tarde, isso sim.

Pergunta: Qual a sua relação com o seu bairro?

Resposta: Tranquila.

Pergunta: Há lazer?

Resposta: Para idosos? Não. Tem umas coisas que eu faço com as amigas que estudam aqui comigo.

Pergunta: De que tipo de lazer?

Resposta: Tem só esses pesos aqui e para fazer exercício, só isso.

Pergunta: Há escola?

Resposta: Sim.

Pergunta: Existe alguma pessoa de referência/responsável por tratar de assuntos da comunidade?

Resposta: Não tem não!

Pergunta: Você participa ou já participou de alguma atividade ou debate em prol de melhorias para sua comunidade?

Resposta: Não

Pergunta: Teve algo ou algum serviço público implantado no seu bairro que somente ocorreu por causa das reivindicações da comunidade de seu bairro?

Resposta: Só a estrada mesmo. Fazem limpeza, a limpeza melhorou!

Pergunta: E sobre as atividades diárias na sua moradia, como elas estão organizadas?

Resposta: Eu faço a minha limpeza só em casa. Esse filho que mora comigo, ajuda um pouco.

Pergunta: Caso não seja mencionado, perguntar: E as compras, quem faz?

Resposta: Eu e o filho.

Pergunta: Quem fica responsável por cuidar do dinheiro do mês?

Resposta: O dinheiro sou eu mesmo. Porque se eu entregar para o filho, o filho bebi, aí já viu!

Pergunta: Qual é a sua renda mensal (mais ou menos)?

Resposta: Bem pouco.

Pergunta: E esse valor é suficiente para pagar todas as suas despesas?

Resposta: Claro que não! Eu só recebi 200 e com esse dinheirinho, eu pago a água, a luz, o gás e faço uma despesinha. Não dá nem para um remédio. Eu me consulto ali no posto, eles me dão o remédio assim, qualquer doencinha que eu tiver, se sentir dor de cabeça, dor no braço agora mesmo eu estou, faz mais de dias que dói o meu ombro. Eu fui lá eu falei com o médico, aí eles me deram um papel e mandaram eu ir lá no centro para bater um Raio X. Mas não deu nada não! Porque está inflamado aqui e eu estou tomando uns remédios, mas não estou ainda cem por cento não! Já me chamaram para fazer a fisioterapia.

Pergunta: Recebe ajuda financeira de alguém?

Resposta: As pessoas me ajudam.

Pergunta: Você possui algum problema de saúde?

Resposta: Sim, só varizes. Não tenho pressão, diabetes, nada disso.

Pergunta: Qual (Quais)?

Resposta: Eu tenho varizes nas pernas por isso eu tomo remédio que não pode parar. O médico passou meia para eu usar, aquela meia de elástico.

Pergunta: E quando vai as consultas médicas ou exames clínicos, você costuma ir sozinho(a) ou alguém lhe acompanha?

Resposta: Eu vou só.

Pergunta: Realiza alguma atividade física?

Resposta: Tem dia que eu caminho e tem dia que não. Porque eu não tenho tempo. Eu tenho a minha vendinha de docinho.

Pergunta: O que significa ter qualidade de vida para você?

Resposta: A Pessoa ter saúde, memória para fazer as coisas. Porque tem gente, como essa colega aqui que veio estudar com a gente, que falou para nós, que quando saiu para o centro acabou ficando tonta e não sabendo onde estava. Aí fez aquele negocinho na cabeça no hospital porque não sabia onde é que estava. Eu disse para ela: Mulher pelo amor de Deus, não faço isso mais não! Não pode mais sair sozinha. Porque, olhe, eu saio só, eu pego o ônibus aqui e desço lá na Trindade e pego ônibus e desço no Centro, desço e ando para fazer as minhas comprinhas. Mas graças a Deus, eu lembro de tudo!

Pergunta: Em sua opinião, o que o governo deve fazer para melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas?

Resposta: Tem que fazer, não é? Tem que fazer mais porque para ter saúde tem que ter um dinheirinho para pagar as contas do mês.

Pergunta: Você já está aposentada? É pensionista?

Resposta: Eu não sou aposentada, o que eu tenho é um benefício que o governo me deu.

Pergunta: Atualmente trabalha fora?

Resposta: Sim

Pergunta: E o que faz?

Resposta: Eu tenho uma vendinha de docinhos que eu vendo aqui nas verduras. Eu vendo paçoquinha, vendo chocolate, amendoim e compro de prato, pano de limpeza. Eles gostam de mim ali. O dia que eu não vou eles sentem a minha falta.

Pergunta: Em caso de resposta afirmativa sobre trabalhar fora, perguntar: Em razão da pandemia de Covid-19 houve alguma alteração ou redução na sua jornada de trabalho ou na sua rotina?

Resposta: Quando parou tudo foi pesado! Foi tudo difícil. Mulher, vou te falar uma coisa! Se tivesse continuado, o pessoal parado, sem emprego tinha gente passando pra baixo da terra. Não podia sair para trabalhar, não tinha nada em casa para alimentar, com o tempo o presidente abriu, liberou porque esse pessoal tudinho parado, sem trabalhar, o governo nada de ajudar mais, cesta básica não dava, faltava tudo. O pessoal daqui todos pobres, não é? Porque o rico não sente nada, mas o pobre ficou lá embaixo. Quando tudo voltou, eu coloquei máscara na boca e no nariz, álcool em gel na mão e fui vender

Pergunta: Utiliza transporte coletivo para ir ao trabalho?

Resposta: Eu ia de máscara e era todo mundo de máscara e era só uma quantidade pouquinho de gente, não era um monte de gente, não! Depois com o tempo, começou a ficar muito cheio!

Pergunta: O que nesse momento da vida que lhe dá prazer?

Resposta: É viver com tudo limpo, com as coisas arrumadinha em casa, não é? A louça limpa, casa limpa, o banheiro limpo e eu limpo e as minhas coisas tudo limpinha! Eu adoro ver tudo limpinho! Também me dá prazer estudar, eu gosto muito de estudar aqui. Eu estou aqui um bocado de tempo! Porque quando eu cheguei logo na cidade, eu passei 4 anos morando lá em cima do morro e dia eu ia para a escola e dia não, era assim, mas eu estudava na EJA da outra escola. Depois que eu cheguei ali na casa de agora, eu vim estudar direto aqui! Mas é assim, todos os anos troca de professora e tem uma dessas que é boa e às vezes nem tanto. E até que ela se interesse e se adapte com a gente, demora! Assim, porque a pessoa que vem, é para estudar, para a pessoa aprender, não é mulher! Aí não dá vontade de aprender se a professora não ajuda. Eu tenho muita vontade de aprender! E a nossa turma é assim, no início tem um monte de gente mais no final começam a sair. Eu gosto também de fazer uma viagem e quando eu saio um pouco de casa, eu sempre deixo tudo arrumadinho porque aí quando eu chego está tudo arrumadinho! A gente sai para fazer compras e quando chega, já organiza tudo ali. Depois eu faço o almoço e saio para a minha venda. Eu gosto muito de trabalhar!

Pergunta: Você possui amigos/as?

Resposta: Tenho! Tenho amigas daqui da escola e os vizinhos, onde eu trabalho, num monte de lugar.

Pergunta: Que importância essas pessoas têm para a sua vida?

Resposta: Muita! Elas me ajudam, me escutam e a gente faz coisas juntas.

Pergunta: Pensando na sua experiência de vida, que momentos você considera como os mais difíceis?

Resposta: Olha eu vou lhe dizer, eu criei todos os meus filhos pequenos lá em Teresina. Era 7 filhos. E com 7 filhos, eu trabalhava lavando roupa, lavando roupa nas casas era todo dia eu ia, todo dia, todo dia! Quando era tarde, as mulheres me davam dinheiro para fazer as compras para os meninos, para deixar o alimento por causa que no outro dia eu ia de novo. E tinha o mais velho que ficava em casa, era ele que fazia comida e quando eu chegava, eles já tinham almoçado e deixam uma parte separada para a janta, mas era assim, a minha vida essa! Eu dei conta de 7 filhos, bem dizer sozinha porque eu tinha marido, mas era o mesmo que não ter. Não ligava, ele não ligava para a vida, não ligava para os filhos e nem para mim, Era assim, eles trocavam de mulher como trocavam de roupa. A minha vida foi dura!

Pergunta: E quais momentos você sente prazer e orgulho em falar?

Resposta: Mas eu consegui! Consegui criar todos os filhos e estão tudo criado. Tem um que está mais eu, que é o mais apegado comigo, está morando aí, ele gosta de beber umas coisinhas, umas cervejinhas, mas isso faz parte!

Pergunta: Você gosta de se manter informada sobre os acontecimentos da sua comunidade/localidade/cidade, do seu país e do mundo?

Resposta: Eu gosto muito daqui, de Florianópolis. Eu me informo muito com a vizinhança e com os filhos. Lá aconteceu isso, aconteceu isso. Eu tenho televisão, mas eu a tranco porque só sai coisa de ruim, aí fico com medo.

Pergunta: Que informações mais lhe interessam?

Resposta: Gosto de saber sobre os acontecimentos do bairro, da cidade, sobre um vizinho, assim.

Pergunta: De que maneira você e as pessoas que você tem mais contato costumam se informar sobre os acontecimentos do dia a dia?

Resposta: Acho que é a televisão.

Pergunta: Você costuma se informar sobre a pandemia?

Resposta: Eu converso com as pessoas.

Pergunta: Já ouviu falar de notícia falsa (ou recebeu alguma informação falsa) a respeito da pandemia?

Resposta: Já! Passa! Passa pelo celular, eu não aceito e nem respondo. Agora mesmo, tem uma mulher que ligou dizendo que eu tenho uma quantidade de dívida e é trote. Eles pedem o nosso documento para depois a gente assinar ou pegam os números da gente e no banco eles tiram o nosso dinheiro. E isso aí, mas eu sou esperta!

Pergunta: Como a senhora busca saber se a notícia é verdadeira ou falsa?

Resposta: Pergunto para o meu filho que mora comigo.

QUESTÕES ENVOLVENDO A VELHICE CONTEMPORÂNEA (DIMENSÕES SOCIAL E CULTURAL DESTE FENÔMENO):

Pergunta: Você conhece o Estatuto do Idoso?

Resposta: Já ouvi.

Pergunta: Já teve acesso ou não?

Resposta: Não, mas eu sei que até para a gente viajar de ônibus aquele pessoal mais novo tem que sair porque os idosos tem o direito de se sentar.

Pergunta: Considera ele importante?

Resposta: É bem importante.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque os idosos tem essas leis que ajudam ele muito.

Pergunta: Quando você completou 60 anos e a partir daí passou a ser considerada como pessoa idosa, o que isso significou para você?

Resposta Não! Para mim eu estou ainda com o espírito bem jovem. Com a cabeça ativa que é para a pessoa ficar mais esperta. Eu tenho já 70 anos, mulher! Eu sou de 51.

Pergunta: Você consegue perceber alguma diferença/mudança entre a vida da pessoa idosa de antigamente (quando você era criança ou jovem) e a do momento presente?

Resposta: Era mais era, como é que se diz, na minha idade já estava mais acabado, sabe por quê? Roça. A roça acaba com a pessoa. Capinar no inverno, no sol quente, é sol, é chuva, a pessoa pega chuva trabalhando, o esforço é imenso! Dormir mal, levantar cedo, comer mal, tudo com muito sacrifício.

Pergunta: Você acha que há necessidade das pessoas se prepararem para a velhice?

Resposta Tem que se preparar, né mulher!

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: De que modo?

Resposta A gente tem que se aceitar, não é? Cuidar da saúde e se sentir alguma coisa no corpo, tem que tomar remédio porque pode piorar.

Pergunta: Você tem liberdade de tomar as suas próprias decisões na sua vida?

Resposta Sim

Pergunta: Por quê?

Resposta Meus filhos me apoiam muito. Se eu decido viajar, eles dizem: pode ir mãe.

Pergunta: Você acha que a pessoa idosa se sente respeitada em nossa sociedade?

Resposta Acho que não.

Pergunta: Por quê?

Resposta Porque tem gente que não respeita a gente, são sem educação.

Pergunta: Em sua opinião, o que falta para que se tenha uma visão mais positiva e respeitosa frente à velhice em nosso país?

Resposta: Eu só acho que o mais jovem precisa valorizar o mais velho e também o mais velho respeitar o mais jovem.

Pergunta: Você já presenciou ou ouviu comentários sobre a ocorrência de atos discriminatórios contra pessoas idosas em razão de terem pouco ou nenhum estudo?

Resposta: Eu nunca vi.

Pergunta: Há palavras ou expressões relacionadas a pessoa idosa e a velhice que lhe causam tristeza ou mesmo indignação?

Resposta: Tem sim. Tem palavras que me incomodam.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Poderia dar exemplos?

Resposta: Falar que é caduca! É feio, né? Tem que saber respeitar as pessoas. É o respeito. Eu tenho 7 filhos e graças à Deus todos me respeitam os mais velhos.

Pergunta: Na sua opinião, o isolamento social foi uma medida importante para evitar a disseminação da Covid-19?

Resposta Porque essa doença está aí no mundo, evitando era melhor, não é?

Pergunta: Você sente falta de alguma coisa ou de alguém?

Resposta Dentro de casa, eu fiquei agoniada. Mas a gente saía um pouco para ir nos pesos ali. Para passear, para fazer exercícios, se movimentar e eu sempre com a máscara e álcool na mão. Era assim!

Pergunta: Há algo ou alguma palavra que defina esse momento vivido?

Resposta É agoniada. Olhe! Porque a gente é acostumada a andar, acostumada na venda e a gente parada sem puder fazer nada, foi muito ruim.

Pergunta: Houve mudanças na sua rotina por causa da pandemia?

Resposta Eu passava álcool nas coisas.

Pergunta: Você ou alguém da sua família teve a doença Covid-19?

Resposta Pegou. Eu peguei uma vez no ano passado, não lembro o mês.

Pergunta: Em sua opinião, as pessoas idosas estão recebendo a atenção necessária por parte do governo de nosso país?

Resposta Está recebendo. É pouco, mas está recebendo.

Pergunta: Por quê?

Resposta O dinheirinho dá para o alimento.

Pergunta: Tem algo a mais para dizer sobre esse momento vivido de pandemia?

Resposta: Sim. Na feirinha das verduras, tem uma mulherzinha ali, que todo o mês me dá uma cestinha básica. O filho que mora comigo me ajudou também com um dinheirinho.

Pergunta: A senhora se sentiu acolhida pela família, vizinhos e professores nesse momento de pandemia?

Resposta: Sim.

QUESTÕES SOBRE AS CONDIÇÕES DE ESTUDO NA ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO CONTEXTO DE PANDEMIA:

Pergunta: Na pandemia, como foram organizadas as aulas e as atividades na sua turma de EJA?

Resposta: Eu vinha buscar as folhinhas de atividades, eu pegava com as meninas aqui. Em casa eu começava a escrever, mas só eu sozinha, eu não tinha ninguém para me ensinar, não dava. Algumas vezes o meu menino me ajudava, mas às vezes ele estava cansado.

Pergunta: Você se sente em condições de acompanhar as aulas?

Resposta Tinha às vezes.

Pergunta: Por quê?

Resposta Eu pegava as folhinhas e levava. Guardava e estudava. E quando era o dia marcado, eu vinha deixar as folhinhas para elas aqui.

Pergunta: E quanto aos estudos, como você tem conseguido se organizar e aprender?

Resposta Agora que voltou as aulas aqui na escola, sim. Mas quando eu estava em casa não

Pergunta: Considerando as suas necessidades práticas do dia a dia, o que você considera como importante aprender?

Resposta: Sim, muito importante.

Pergunta: Há alguma dificuldade a ser destacada em relação aos seus estudos?

Resposta: Eu não tenho uma pessoa para ajudar em casa, nem sempre o meu filho podia me ajudar.

Pergunta: O que tem motivado você a não desistir de estudar nesse período de pandemia?

Resposta: Assim, sem ninguém que me ensinasse em casa foi difícil. Mas eu queria mesmo estudar, acho que foi isso mesmo.

Pergunta: De que modo ocorre a comunicação entre você e seu(sua) professor(a) nesse momento de distanciamento social?

Resposta: Eles falavam comigo pelo celular.

Pergunta: Você tem telefone celular, computador ou notebook (ou alguém da sua moradia)?

Resposta: Não tenho computador em casa. Só tenho celular, uso o ZapZap e ligação. A família liga para mim e eu ligo. Eu vejo a foto, ainda não sei tirar.

Pergunta: Você já ouviu falar em internet?

Resposta: Sim.

Pergunta: Você possui acesso à internet?

Resposta: Eu uso um pouco e o meu filho usa bastante.

Pergunta: Acha importante ter?

Resposta: Sim.

Pergunta: Por quê?

Resposta Foi como eu achei a minha irmã que mora no Rio de Janeiro. A minha neta que mora no Ceará aí ela mandou pelo celular para a minha outra neta que mora aqui e me disse assim: Olha vó! O que a Larissa mandou pelo ZapZap está aqui. A sua irmã. Aqui está o retrato dela.

Pergunta: Na sua moradia, alguém tem acesso à internet?

Resposta Sim.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Desde quando (faz muito tempo)?

Resposta Faz pouco tempo que a gente tem.

Pergunta: Você mantém contato com algum(a) colega da sua turma de EJA?

Resposta Não.

Pergunta: Como? Nesse momento de isolamento social, como você faz para se comunicar com as pessoas da sua localidade?

Resposta Eu falava pouco e usava máscara.

Pergunta: Tem contato com pessoas que moram mais distantes?

Resposta Sim, com a minha família.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: De que modo?

Resposta Mais pelo celular.

Pergunta: Nesse momento de pandemia, o que você considera como essencial para aprender?

Resposta Sim

Pergunta: Você está enfrentando alguma dificuldade (ou mais de uma) para dar continuidade em seus estudos na EJA?

Resposta Agora que voltou as aulas, não estou com muita dificuldade.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Comente um pouco sobre a/s dificuldade/s enfrentada/s.

Resposta: Só que a professora tem que me ensinar bem direito, não é? Aqui na turma tem uns 18 colegas. Todos para aprender a ler e a escrever. A professora passa na lousa, mas não vai na gente ver. Ela bota ali, aí ela pede para a gente ler. Isso para mim, ajuda. Os colegas não ajudam a gente muito não.

Pergunta: Você sentia falta das aulas presenciais?

Respostar: Senti. Senti muito. Bastante!

Pergunta: De que sente falta?

Resposta: Foi um ano já, né? Eu não tinha ninguém para e ensinar porque estava essa doença, tinham medo. Era tudo longe, tudo afastado não podia ficar perto.

Pergunta: O que mais lhe incentiva a continuar estudando?

Resposta: É aprender mais. Eu gosto de aprender e gosto de aprender. Para dizer para os meus bisnetos, que a vó foi para a escola.

QUESTÕES ACERCA DOS SABERES VIVENCIADOS NA PRÁTICA SOCIAL POR PESSOAS IDOSAS DAS CLASSES SUBALTERNIZADAS E AS DEMANDAS SOCIAIS MANIFESTADAS FRENTE ÀS EXIGÊNCIAS DE USO DA LEITURA E DA ESCRITA EM NOSSA SOCIEDADE:

Pergunta: Como a pessoa com pouco ou nenhum estudo é vista por nossa sociedade? Por quê?

Resposta: Tem discriminação um pouco.

Pergunta: A maioria das pessoas de sua família conseguiu fazer valer o seu direito de estudar?

Resposta: Conseguiram estudar. Eu tenho uma filha que quando ela veio para cá, ela tinha pouco estudo e hoje ela trabalha no posto saúde.

Pergunta: E as pessoas de seu convívio e com mais ou menos a sua idade, conseguiram estudar?

Resposta: Tudo que morava na roça, não.

Pergunta: Sabe dizer o motivo?

Resposta: Precisava trabalhar para viver. Sabe que eu convido as vizinhas, eu digo: Bora mulher, vamos estudar! E elas dizem: Não, mulher! Não vou mais não! Eu já aprendi o básico. E eu digo: Aprende, mulher!

Pergunta: Com base na sua história de vida, conte como foi a sua experiência em ter que lidar com os materiais escritos no dia a dia.

Resposta: Eu colocava o dedo, esse aqui para assinar. Agora não boto mais não! Olhe só! Uma receita de bolo, eu sei fazer e quem me ensinou foi a minha neta. Ela ia dizendo o tanto que botava de xícara farinha, de ovo, de manteiga e assim. Aí eu coloquei aquilo tudo na minha cabeça e o bolo cresce e fica lindo. Do mesmo é a leitura, a leitura você juntando as coisas, as letrinhas e faz tudinho certo. Do mesmo jeito é o bolo.

Pergunta: Você costuma falar dessa experiência para outras pessoas?

Resposta: Eu sempre digo para as pessoas.

Pergunta: Como você buscou (busca) saber e se apropriar do que estava (está) escrito?

Resposta: Eu fazia pela minha cabeça, mesmo! Antes da escola, era muito ruim. Eu me perdia na rua.

Pergunta: Você já recebeu a ajuda de alguém?

Resposta: Eu perguntava para as pessoas, para o motorista: Ô motorista! Esse ônibus para onde que vai? E ele respondia: Vai para tal parte.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Conte um pouco mais sobre essa ajuda.

Resposta: Mas tinha gente que falava tudo errado por isso eu tinha medo de me perder. Agora que eu estou nos estudos, eu já sei qual é o meu ônibus. Eu sei ir daqui até lá no centro. Sei ir para a Trindade, para o Centro, Canasvieiras, Cachoeira do Bom Jesus, sei ir também para Balneário, já sei o nome todinho completo. Isso foi muito bom! Me deu segurança porque agora, sou eu mesmo na minha cabeça que consigo.

Pergunta: Em seus grupos de convivência (ou que mais conviveu) a oralidade se fez (faz) importante?

Resposta: Eu ia na igreja Universal, mas não vou mais não. Eu não me sinto bem lá. Porque na hora daquelas orações forte, as pessoas ficam tremendo e eu fico com medo. Passo até mal! Aí eu deixei de ir. Prefiro ir para a minha igreja católica. Eu acho que esses lugares com mais fala ajuda bastante.

Pergunta: Você frequenta (frequentou) locais em que a leitura é realizada em voz alta e de forma coletiva?

Resposta: Na igreja.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Que locais são esses?

Resposta: Quando eu vou para a igreja, eu me acho de tal maneira, eu sei que eu posso participar, me sinto bem, tenho segurança porque estou na igreja, não é?

Pergunta: Como você se sente nesses locais?

Resposta: Muito bem.

Pergunta: Você considera a memorização, isto é, o efeito de memorizar, de lembrar e de fixar na memória, como algo importante para as pessoas que não estão habituadas ao mundo da escrita?

Resposta: Eu sou boa de memória e isso me ajudou muito na minha vida. E eu mesmo não tendo estudo, eduquei todos os meus filhos.

Pergunta: Há algo mais a ser considerado sobre essa situação?

Resposta: Assim, quando eu estou sentindo qualquer dor, vou no médico, aí ele passa a receita e eu vou na farmácia. Se for o caso de fazer exame, ele passa uma requisição, vou fazer o exame e quando o resultado do exame está na minha mão, eu levo até o médico para ver o que deu e se precisa algum remédio.

Pergunta: Você costuma valorizar os saberes provenientes da sua própria experiência de vida (na família, na profissão, na escola, em todos os espaços sociais) e que são produzidos no dia a dia da sua prática em sociedade?

Resposta: Sim, eu costumo contar para as pessoas que eu trabalhava. E quando meus filhos eram pequenos e estavam estudando à noite em casa eu dizia: Continua escrevendo aí, é muito bom meu filho! Pode escrever! Pode aprender porque é muito bom, viu!

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque a gente tem que ser educado. E respeitar os mais velhos e respeitar o mais novo também. E se perceber que uma pessoa está precisando de ajuda, ajuda mesmo. Se você sabe mais ler, ensina aquele que não sabe! É assim!

Pergunta: O que foi mais importante para a senhora para lidar com esses saberes da pandemia?

Resposta: Se cuidar mais. Valorizar a vida. Limpar bem a casa e usar máscara e álcool nas mãos. Ajudar as pessoas também. É isso!

C.4 Saberes da experiência de Paula



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ROTEIRO DE ENTREVISTA

Local: EBM Intendente Aricomedes da Silva

Endereço: R. Leonel Pereira, 930 - Cachoeira do Bom Jesus, Florianópolis - SC, CEP 88056-300

Turma: 1º Segmento EJA

Turno: noturno

Data da Entrevista: 07/04/2022

Horário da Entrevista: 19h

Entrevistada: Paula

Idade: 69 anos

QUESTÕES RELACIONADAS À DIMENSÃO DA EXPERIÊNCIA DE VIDA NA PERSPECTIVA HISTÓRICA (MOMENTOS DA VIDA VIVIDA E DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL):

Pergunta: Escolha um nome qualquer (nome fictício):

Resposta: Da minha filha Paula porque eu estou morando com ela e foi ela que me tirou do Rio Grande do Sul e me trouxe para Florianópolis.

Pergunta: Em que ano você nasceu?

Resposta: 17 de abril de 1953.

Pergunta: Em que localidade?

Resposta: Santa Maria/RS.

Pergunta: Como eram as condições de vida da sua família?

Resposta: Eu não me lembro muito porque fui para o internato de um colégio chamado Educandário São Vicente de Paulo dos seis anos aos quatorze anos. Nesse colégio agora é uma universidade.

Pergunta: Há algo que você tenha vontade de destacar sobre a infância e/ou juventude?

Resposta: Não tenho nada para dizer.

Pergunta: Na época de criança ou jovem, você frequentou alguma escola/colégio?

Resposta: Estudei até a quarta série. Mas naquele tempo eles faziam a quarta e quinta série juntas, mas eu não sabia a quarta como é que eu ia saber a quinta? Por isso que eu rodei. Eu acho que eu saí da escola porque a minha mãe tinha casado de novo e eles achavam que eu devia voltar para casa.

Pergunta: Qual o seu estado civil? Ou seja, é solteiro(a), casado(a), viúvo(a), divorciado(a), etc.

Resposta: Sou divorciada há mais de 20 anos.

Pergunta: E quanto à sua origem étnico-racial, quer dizer, como você se define quanto à raça/etnia?

Resposta: Branca

Pergunta: Onde você mora?

Resposta: Moro aqui numa rua da Cachoeira do Bom Jesus.

Pergunta: Essa moradia foi comprada ou é alugada?

Resposta: É paga, é alugada.

Pergunta: Você gosta de morar lá?

Resposta: Gosto.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque é bom, me dou bem com todo mundo!

Pergunta: Você mora com alguém?

Resposta: Eu, minha filha e um rapaz que ela é casada.

Pergunta: Em caso de resposta afirmativa, perguntar: Quantas pessoas possuem na sua moradia e quem são elas?

Resposta: 3 pessoas

Pergunta: Faz muito que você mora nessa localidade/bairro?

Resposta: Vai fazer quatro anos que moro aqui, dois anos no Rio Vermelho e dois anos aqui na Cachoeira do Bom Jesus.

Pergunta: Possui contato com vizinhos?

Resposta: Tenho sim. É gostoso morar ali. Perto da minha casa tem um edifício, onde eu moro.

Pergunta: Qual a sua relação com o seu bairro?

Resposta: Todo mundo me conhece, todo mundo me cumprimenta, falam comigo. Às vezes até carona me dão! Hoje eu fui fazer um exame lá no Barriga Verde e o pastor da Igreja me deu carona, ele e a esposa dele. Não sei o que eles iam fazer para cá, mas ele me perguntou se eu queria carona e eu disse: Quero sim! Porque o ônibus lá, só para a senhora ter uma ideia, eu parei às 9 horas na parada e lá ele só ia passar às 10 horas e meia.

Pergunta: Há lazer?

Resposta: Tem uma praça que tem um monte de aparelho para a gente fazer exercício. Às vezes eu vou ali, mas não é sempre. De manhã cedo, a minha filha acha muito frio para eu ir por causa que no dia da Páscoa eu vou fazer 69 anos.

Pergunta: De que tipo de lazer?

Resposta: Eu caminho e em casa eu faço tricô, eu faço com a mão canhota e fica bem bonitinho.

Pergunta: Há escola?

Resposta: Eu não posso lhe dizer, mas me parece que tem uma lá embaixo. Tem bastante escola aqui, mas eu não conheço.

Pergunta: Existe alguma pessoa de referência/responsável por tratar de assuntos da comunidade?

Resposta: Não sei.

Pergunta: Você participa ou já participou de alguma atividade ou debate em prol de melhorias para sua comunidade?

Resposta: Já, quando aqui na minha rua tinha, não sei muito bem dizer, mas eles saíram daqui, era um Centro Espírita. Minha filha até ia e ele dizia que era bom.

Pergunta: Teve algo ou algum serviço público implantado no seu bairro que somente ocorreu por causa das reivindicações da comunidade de seu bairro?

Resposta: Tem uma coisa que não sei se é porque eles estão arrumando as ruas, mas tem cada buraco nas ruas! E por causa disso, eu tenho que vir mais cedo para o colégio. Eu já disse isso para a minha filha! A segurança do bairro não está bem porque não tem gente assim, que assalta, isso não tem.

Pergunta: E sobre as atividades diárias na sua moradia, como elas estão organizadas? Caso não seja mencionado, perguntar:

Resposta: Eu de manhã ajudo a minha filha a fazer comida, limpo a casa, lavo roupa, coloco na máquina e ajudo ela. E de tarde, eu me deito um pouco porque tomo um remédio, o mesmo que eu tomo de manhã eu tomo à tarde. De manhã se eu tomo, não posso sair porque me dá um sono danado esse remédio. Depois de meio dia também. Mas para mim é muito bom porque de noite eu tenho dormido muito bem agora. Ele dá uma relaxada no corpo.

Pergunta: E as compras, quem faz?

Resposta: Minha filha Paula.

Pergunta: Quem fica responsável por cuidar do dinheiro do mês?

Resposta: Minha filha e o esposo que trabalha na farmácia, ele dá um cartão, eu não sei qual é o nome do cartão, mas ele dá para a minha filha e ele faz as compras da casa. E às vezes os dois vão juntos no mercado.

Pergunta: Qual é a sua renda mensal (mais ou menos)?

Resposta: Tenho uma renda que é a minha aposentadoria.

Pergunta: E esse valor é suficiente para pagar todas as suas despesas?

Resposta: Claro que não! A minha filha que me dá o resto das coisas. Eu nem pego o dinheiro porque não adianta, o que eu recebo não dá para pagar as minhas despesas, aí eu vou pegar o dinheiro, para quê? Se ele quem me dá tudo!

Pergunta: Recebe ajuda financeira de alguém?

Resposta: Só a minha filha Paula.

Pergunta: :Você possui algum problema de saúde?

Resposta: Sim.

Pergunta: Qual (Quais)?

Resposta: Tenho pressão alta e agora a doutora pediu um monte de exames. Vamos ver porque ela acha que estou com um pequeno problema no coração.

Pergunta: E quando vai as consultas médicas ou exames clínicos, você costuma ir sozinho(a) ou alguém lhe acompanha?

Resposta: Minha filha me acompanha.

Pergunta: Realiza alguma atividade física?

Resposta: Só umas caminhadas.

Pergunta: O que significa ter qualidade de vida para você?

Resposta: Para mim, qualidade de vida é a pessoa ser bem tratada, tudo, como minha filha. Às vezes de vez em quando a gente dá umas ruzgazinhas, mas graças à Deus ela me trata bem e nesse ponto, eu não tenho queixa alguma.

Pergunta: Em sua opinião, o que o governo deve fazer para melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas?

Resposta: Devia dar mais lazer, mais lugar para a gente ir porque ela só sabe falar besteira na televisão.

Pergunta: Você já está aposentada? É pensionista?

Resposta: Aposentada.

Pergunta: Atualmente trabalha fora?

Resposta: Não.

Pergunta: E o que faz? Em caso de resposta afirmativa sobre trabalhar fora, perguntar: Em razão da pandemia de Covid-19 houve alguma alteração ou redução na sua jornada de trabalho ou na sua rotina?

Resposta: Eu não saí três meses de casa. Eu fiquei em casa, mas naquele tempo eu estava com um rapaz que era meu companheiro, estava comigo, mas depois desgringolou (degringolou) e não quis ficar mais comigo. Não quer vai, eu não vou te segurar!

Pergunta: Utiliza transporte coletivo para ir ao trabalho?

Pergunta: O que nesse momento da vida que lhe dá prazer?

Resposta: Eu gosto de vir para a escola.

Pergunta: Qual (Quais)?

Resposta: As aulas daqui.

Pergunta: Você possui amigos/as?

Resposta: Eu agora mesmo que eu estava vindo encontrei a minha amiga Márcia. Ela mora na nossa rua mesmo, onde tem um bequinho. Ela perguntou: O que tu estás fazendo? E eu falei: Vou no colégio. E ela: Bom se tu vais no colégio então vai!

Pergunta: Que importância essas pessoas têm para a sua vida?

Resposta: Tem sim.

Pergunta: Pensando na sua experiência de vida, que momentos você considera como os mais difíceis?

Resposta: Foi quando eu me separei do meu marido há 20 anos atrás.

Pergunta: E quais momentos você sente prazer e orgulho em falar?

Resposta: Da minha filha Paula.

Pergunta: Você gosta de se manter informada sobre os acontecimentos da sua comunidade/localidade/cidade, do seu país e do mundo?

Resposta: Gosto! Nós olhamos a CNN, eu e ela (filha Paula). O Datena, nem eu e nem a minha filha não estamos gostando mais, ele coloca nas notícias depois do Datena. Eu tiro da Band e coloco na CNN e coloco para escutar.

Pergunta: Que informações mais lhe interessam?

Resposta: Eu gosto de assistir tudo. Gosto mais é das notícias.

Pergunta: De que maneira você e as pessoas que você tem mais contato costumam se informar sobre os acontecimentos do dia a dia?

Resposta: Acho que a televisão. Também eu vou na igreja, na Assembleia de Deus.

Pergunta: Você costuma se informar sobre a pandemia?

Resposta: Sim, na televisão, eles informam a gente. Também eu converso sobre isso com a minha filha.

Pergunta: Já ouviu falar de notícia falsa (ou recebeu alguma informação falsa) a respeito da pandemia?

Resposta: E muito! Já, bah! Cada coisa que minha filha diz: Mãe, se eu não tivesse cabelo iria ficar careca! É muito ruim, né? Onde já se viu! Agora estão dizendo que se a pessoa que fizer isso nas eleições, vão prender. Mas eu acho bom mesmo!

Pergunta: Como a senhora busca saber se a notícia é verdadeira ou falsa?

Resposta: Eu não sei, eu pergunto para a Paula, ela que sabe mais. Ela que me ajuda nisso!

QUESTÕES ENVOLVENDO A VELHICE CONTEMPORÂNEA (DIMENSÕES SOCIAL E CULTURAL DESTE FENÔMENO):

Pergunta: Você conhece o Estatuto do Idoso?

Resposta: Já ouvi falar.

Pergunta: Já teve acesso ou não?

Resposta: Não

Pergunta: Considera ele importante?

Resposta: Acho importante sim para gente.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque tem pessoas que judiam dos idosos pelo menos nesse ponto não tenho queixa.

Pergunta: Quando você completou 60 anos e a partir daí passou a ser considerada como pessoa idosa, o que isso significou para você?

Resposta: Eu fiquei lá no Rio Grande do Sul um tempão morando sozinha. Isso significou muita coisa e foi muito bom. Mas tem um certo peso ser idosa não é nem positivo e nem negativo. Às vezes positivo, às vezes negativo. Negativo quando começam a chamar a gente de velha, preconceitos sabe! Positivo porque a gente pode ir onde a gente quiser, tem mais liberdade.

Pergunta: Você consegue perceber alguma diferença/mudança entre a vida da pessoa idosa de antigamente (quando você era criança ou jovem) e a do momento presente?

Resposta: Tem muita diferença! O idoso de antigamente nem podia sair de casa, agora pode. O idoso de hoje é mais ativo.

Pergunta: Você acha que há necessidade das pessoas se prepararem para a velhice?

Resposta: Não, acho que não é necessário não.

Caso de resposta afirmativa, perguntar: De que modo?

Pergunta: Você tem liberdade de tomar as suas próprias decisões na sua vida?

Resposta: Sim, geralmente sim.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Mas eu sempre falo para a minha filha. Ela só não me deixa sair de manhã cedo porque é muito frio. E eu tenho que me cuidar.

Pergunta: Você acha que a pessoa idosa se sente respeitada em nossa sociedade?

Resposta: Não.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Há muito preconceito de desrespeito das pessoas.

Pergunta: Em sua opinião, o que falta para que se tenha uma visão mais positiva e respeitosa frente à velhice em nosso país?

Resposta: Meu Deus! É muito difícil, eles, principalmente no ônibus o motorista tem que dizer para as crianças saírem do banco dos idosos porque senão eles não saem. E os pais e as mães ficam brabos, já viu essa?

Pergunta: Você já presenciou ou ouviu comentários sobre a ocorrência de atos discriminatórios contra pessoas idosas em razão de terem pouco ou nenhum estudo?

Resposta: Já presenciei sim, muitas vezes!

Pergunta: Há palavras ou expressões relacionadas a pessoa idosa e a velhice que lhe causam tristeza ou mesmo indignação? Caso de resposta afirmativa, perguntar: Poderia dar exemplos?

Resposta: Para mim por enquanto não disseram nada. Só para os outros.

Pergunta: Na sua opinião, o isolamento social foi uma medida importante para evitar a disseminação da Covid-19

Resposta: Para mim foi porque eu fiz as três doses da vacina e não tive Covid.

Pergunta: Você sente ou sentiu falta de alguma coisa ou de alguém?

Resposta: Dos meus filhos, um está no Rio Grande do Sul e outro está aqui, em Camboriú. Até ele vai vir no meu aniversário, ele e a minha nora. Que Deus dê saúde para eles porque eles não estavam com muita vontade de vir por causa que ela deu tipo um infarte nela. E no período do isolamento eu tive contato com eles pelo telefone. Eu não me senti sozinha porque eu tinha o minha filha Paula. Também naquela época eu não estava aqui estudando, eu comecei a estudar em agosto do ano passado.

Pergunta: Há algo ou alguma palavra que defina esse momento vivido?

Resposta: Tomara que termine logo!

Pergunta: Houve mudanças na sua rotina por causa da pandemia?

Resposta: No início da pandemia sim, agora não.

Pergunta: Você ou alguém da sua família teve a doença Covid-19?

Resposta: Nem eu e nem a minha filha.

Pergunta: Em sua opinião, as pessoas idosas estão recebendo a atenção necessária por parte do governo de nosso país?

Resposta: Com certeza que não.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Ele é muito cheio de nove horas, fala besteira na televisão e não faz nada de bom para a gente.

Pergunta: Tem algo a mais para dizer sobre esse momento vivido de pandemia?

Resposta: Não.

Pergunta: Você se sentiu acolhida pelos familiares, vizinhos ou conhecidos no momento da pandemia?

Resposta: Sim.

Pergunta: Na pandemia, você continuou os estudos?

Resposta: Aqui, eu iniciei as aulas em agosto do ano passado e até o final do ano tudo foi presencial.

QUESTÕES SOBRE AS CONDIÇÕES DE ESTUDO NA ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO CONTEXTO DE PANDEMIA:

Pergunta: Na pandemia, como foram organizadas as aulas e as atividades na sua turma de EJA?

Resposta: Tinha que usar máscara e também a gente tinha que sentar mais afastado. Eu estava no primeiro segmento e eram poucos alunos que vinham, mas eram bastante matriculados. Mas poucos vinham! Idosos como eu tinham dois colegas, eles eram mais velhos do que eu, ela tinha 80 e ele 85.

Pergunta: Você se sente em condições de acompanhar as aulas?

Resposta: Eu me senti.

Pergunta: E quanto aos estudos, como você tem conseguido se organizar e aprender?

Resposta: Sim porque eu já sei ler e escrever.

Pergunta: Considerando as suas necessidades práticas do dia a dia, o que você considera como importante aprender?

Resposta: Claro que é! Muito importante! É sempre bom aprender para saber mais, a gente vai percebendo que estudar é muito bom. A gente nota coisas que antes não via. Hoje eu falo com minha filha sobre um monte de coisas que antes eu nem dava bola! Falo da pandemia, dos políticos, sobre as coisas que estão acontecendo no mundo. Procuro saber cada vez mais.

Pergunta: Há alguma dificuldade a ser destacada em relação aos seus estudos?

Resposta: Por enquanto não, tudo tranquilo.

Pergunta: O que tem motivado você a não desistir de estudar nesse período de pandemia?

Resposta: Para que eu possa me informar das coisas do mundo. A gente aprende bastante coisa com os professores, com as professoras, com os colegas.

Pergunta: De que modo ocorre a comunicação entre você e seu(sua) professor(a) nesse momento de distanciamento social?

Resposta: Era uma professora, mas ela não foi muito boa comigo porque ela era Bolsonaroista e eu não era, e a gente ficava se pegando.

Pergunta: Você tem telefone celular?

Resposta: Não

Pergunta: Computador ou notebook (ou alguém da sua moradia)?

Resposta: A minha filha tem.

Pergunta: Você já ouviu falar em internet?

Resposta: Já.

Pergunta: Você possui acesso à internet?

Resposta: Não, quem acessa é a minha filha.

Pergunta: Acha importante ter?

Resposta: É importante ter sim.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Para a gente saber das notícias.

Pergunta: Na sua moradia, alguém tem acesso à internet?

Resposta: Minha filha.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Desde quando (faz muito tempo)? Você mantém contato com algum(a) colega da sua turma de EJA?

Resposta: Tem a moça que trabalha ali no mercado. Como é o nome dela, mesmo! Ela tem uma menininha. Eu esqueci o nome dela. Lembrei! É a fulana. E a gente mantém o contato fora da escola. Nós conversamos. Eu só tenho contato com ela daqui da EJA.

Pergunta: Como? Nesse momento de isolamento social, como você fez para se comunicar com as pessoas da sua localidade?

Resposta: Eu quase nem saía de casa.

Pergunta: Tem contato com pessoas que moram mais distantes?

Resposta: Não, só no celular da minha filha.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: De que modo?

Pergunta: Nesse momento de pandemia, o que você considera como essencial para aprender?

Resposta: Muita coisa! Aprender que a vida é uma só. E que a vacina foi importante na pandemia. Infelizmente tem gente que ainda pensa que essa doença não é perigosa, deve achar que vive em outro planeta, só pode!

Pergunta: Você está enfrentando alguma dificuldade (ou mais de uma) para dar continuidade em seus estudos na EJA?

Resposta: Não.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Comente um pouco sobre a/s dificuldade/s enfrentada/s.

Resposta: Não tenho nada a dizer.

Pergunta: Você sente falta das aulas presenciais?

Resposta: Eu só tive aulas presenciais.

Pergunta: O que mais incentiva você a estudar?

Resposta: Para eu aprender, para melhorar a vida. Saber das coisas da vida.

QUESTÕES ACERCA DOS SABERES VIVENCIADOS NA PRÁTICA SOCIAL POR PESSOAS IDOSAS DAS CLASSES SUBALTERNIZADAS E AS DEMANDAS SOCIAIS MANIFESTADAS FRENTE ÀS EXIGÊNCIAS DE USO DA LEITURA E DA ESCRITA EM NOSSA SOCIEDADE:

Pergunta: Como a pessoa com pouco ou nenhum estudo é vista por nossa sociedade?

Resposta: Bem dizer como uma analfabeta.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque elas não sabem ler e nem escrever.

Pergunta: A maioria das pessoas de sua família conseguiu fazer valer o seu direito de estudar?

Resposta: Sim, meus irmãos, meus filhos, todos estudaram.

Pergunta: E as pessoas de seu convívio e com mais ou menos a sua idade, conseguiram estudar?

Resposta: Aí eu não sei te dizer! Os meus vizinhos daquela época acho que não conseguiram estudar.

Pergunta: Sabe dizer o motivo?

Resposta: Não sei o motivo.

Pergunta: Com base na sua história de vida, conte como foi a sua experiência em ter que lidar com os materiais escritos no dia a dia.

Resposta: Foi bom, foi tranquilo porque eu já sou alfabetizada.

Pergunta: Você costuma falar dessa experiência para outras pessoas?

Resposta: Às vezes sim e às vezes não. Eu costumo falar para as colegas daqui. Até às vezes com os professores.

Pergunta: Como você chegou na EJA?

Resposta: Eu cheguei e já disse para a professora que eu sabia ler e escrever. Ninguém indicou a EJA para mim. Eu vi um papelzinho na rua num mural e eu falei para a minha filha: Eu vou estudar. Ela achou que eu estava brincando e eu disse: Não! Eu disse assim: Eu não estou brincando. E ela disse: Ah então tá! Quer ir estudar, então vai

Pergunta: E você gosta de ajudar os colegas da turma?

Resposta: Se eles pedem, eu ajudo.

Pergunta: Você já recebeu a ajuda de alguém?

Resposta: Não, eu consigo fazer sozinha as atividades.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Conte um pouco mais sobre essa ajuda.

Resposta: xxxxxx

Pergunta: Em seus grupos de convivência (ou que mais conviveu) a oralidade se fez (faz) importante?

Resposta: Claro que é! Tem que ser importante porque ela ajuda também as pessoas que não sabem ler a participar.

Pergunta: Você frequenta (frequentou) locais em que a leitura é realizada em voz alta e de forma coletiva?

Resposta: Sim.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Que locais são esses?

Resposta: Na igreja Assembleia de Deus.

Pergunta: Como você se sente nesses locais?

Resposta: Bem.

Pergunta: Você considera a memorização, isto é, o efeito de memorizar, de lembrar e de fixar na memória, como algo importante para as pessoas que não estão habituadas ao mundo da escrita?

Resposta: Eu acho!

Pergunta: Há algo mais a ser considerado sobre essa situação?

Resposta: No momento, não.

Pergunta: Você costuma valorizar os saberes provenientes da sua própria experiência de vida (na família, na profissão, na escola, em todos os espaços sociais) e que são produzidos no dia a dia da sua prática em sociedade?

Resposta: Sim

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque a gente tem que valorizar a vida, a família. E eu me sinto bem e é importante gostar do que a gente viveu.

Pergunta: O que foi mais importante para você para lidar com esses saberes na pandemia?

Resposta: Ajudou muito porque aí eu fui falar com a minha doutora e ela disse para mim que eu podia agora andar na rua sem a máscara, aí eu ando! Minha filha me disse: Mãe, se cuida! E eu disse para ela: Mas os que mais se cuidam, tiveram e até morreram! Claro que no forte da pandemia não era muito bom porque eu queria sair e não podia. Fiquei três meses bem dizer intocada dentro de casa. Até o meu finado ex-marido faleceu de Covid.

C.5 Saberes da experiência de Carla



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ROTEIRO DE ENTREVISTA

Local: Centro de Educação e Evangelização Popular- CEDEP

Endereço: R. Frei Fabiano de Cristo - Monte Cristo, Florianópolis - SC, CEP 88090-490

Turma: 1º Segmento EJA

Turno: noturno

Data da Entrevista: 12 /04/2022

Horário da Entrevista: 19h

Entrevistada: Carla

Idade: 61 anos

QUESTÕES RELACIONADAS À DIMENSÃO DA EXPERIÊNCIA DE VIDA NA PERSPECTIVA HISTÓRICA (MOMENTOS DA VIDA VIVIDA E DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL):

Pergunta: Escolha um nome qualquer (nome fictício):

Resposta: Vou colocar o nome da minha filha mais velha, Carla. Porque eu amo muito ela. Ela é muito boa comigo.

Pergunta: Em que ano você nasceu?

Resposta: Eu nasci em dia 08 de setembro de 1961.

Pergunta: Em que localidade?

Resposta: Na Alagoas em Marechal Deodoro.

Pergunta: Como eram as condições de vida da sua família?

Resposta: Era muito difícil!

Pergunta: Há algo que você tenha vontade de destacar sobre a infância e/ou juventude?

Resposta: Eu lembro que eu brincava muito mais as minhas colegas e também quando eu cresci eu fui trabalhar com a minha mãe a cortar cana, fui trabalhar no campo, ajudar ela e meus pais por de ajudar ela porque as condições da gente eram muito ruim, aí então, não deu para estudar na escola. Fui para escola, mas tive que sair para trabalhar.

Pergunta: Na época de criança ou jovem, você frequentou alguma escola/colégio?

Resposta: Sim. Lembro que eu não tinha como sair para estudar mais e com 10 anos eu saí da escola para trabalhar no campo e depois eu fui trabalhar para ser babá por 3 anos e depois saí. Decidi ir para casa, o meu pai morreu e eu fiquei ajudando a minha mãe, plantando cana trabalhando. Também a gente passava muita dificuldade, o dinheiro era pouco. Eu tenho três irmãos, hoje todos são vivos, um é doente, ele mora com o meu irmão e a minha cunhada. Então eu fui babá e saí do emprego com 16 anos, fui para casa e me casei com 17 anos, aí o meu marido não deixou mais eu trabalhar era só dentro de casa, era ele quem me dava de tudo! Logo eu engravidei. Naquele tempo não tinha creche para botar os filhos e eu tinha que tomar conta dos filhos até ficar grande, cuidando deles e da casa.

Pergunta: Qual o seu estado civil? Ou seja, é solteiro(a), casado(a), viúvo(a), divorciado(a), etc.

Resposta: Eu sou casada no padre e no civil.

Pergunta: E quanto à sua origem étnico-racial, quer dizer, como você se define quanto à raça/etnia?

Resposta: Eu sou parda

Pergunta: Onde você mora?

Resposta: Moro aqui perto do postinho ali embaixo, aqui mesmo no Monte Cristo.

Pergunta: Essa moradia foi comparada ou é alugada?

Resposta: Ela é alugada.

Pergunta: Você gosta de morar lá?

Resposta: Sim.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque é mais barato do que quem paga o aluguel é a minha filha. Eu não tenho condição de pagar.

Pergunta: Você mora com alguém?

Resposta: Com a minha filha mais nova.

Pergunta: Em caso de resposta afirmativa, perguntar: Quantas pessoas possuem na sua moradia e quem são elas?

Resposta: Duas

Pergunta: Faz muito que você mora nessa localidade/bairro?

Resposta: 11 anos

Pergunta: Possui contato com vizinhos?

Resposta: Sim. Eu me dou bem com eles.

Pergunta: Qual a sua relação com o seu bairro?

Resposta: Tenho uma relação boa.

Pergunta: Há lazer?

Resposta: Sim.

Pergunta: De que tipo de lazer?

Resposta: Eu faço pelo postinho de saúde porque eu tenho problema na coluna e faço ginástica aqui na quadrinha do Cedep

Pergunta: Há escola?

Resposta: Tem.

Pergunta: Existe alguma pessoa de referência/responsável por tratar de assuntos da comunidade?

Resposta: Sim, eu procuro. Tem minha colega que trabalha e estuda aqui comigo. Quando eu preciso de algo eu converso com ela.

Pergunta: Você participa ou já participou de alguma atividade ou debate em prol de melhorias para sua comunidade?

Resposta: Não

Pergunta: Teve algo ou algum serviço público implantado no seu bairro que somente ocorreu por causa das reivindicações da comunidade de seu bairro?

Resposta: Não. Já tinha tudo.

Pergunta: E sobre as atividades diárias na sua moradia, como elas estão organizadas? Resposta: Eu mais a minha filha me ajuda a limpar a casa porque eu não posso fazer tudo por causa que eu tenho um problema de coluna, aí então, ele me ajuda a fazer e no dia da folga dele a gente faz a faxina na casa.

Pergunta: Caso não seja mencionado, perguntar: E as comparas, quem faz?

Resposta: Minha filha

Pergunta: Quem fica responsável por cuidar do dinheiro do mês?

Resposta: É o meu também.

Pergunta: Qual é a sua renda mensal (mais ou menos)?

Resposta: Eu não recebo ainda não porque não saiu o auxílio-doença. A minha filha ganha mais um pouco que um salário mínimo.

Pergunta: E esse valor é suficiente para pagar todas as suas despesas

Resposta: Não, sempre falta, né!

Pergunta: Recebe ajuda financeira de alguém?

Resposta: Antes eu ganhava ajuda daqui, mas não estão dando mais.

Pergunta: Você possui algum problema de saúde?

Resposta: Sim.

Pergunta: Qual (Quais)?

Resposta: Eu tenho um problema. Tenho hérnia de disco. Tenho pressão alta e problema de coluna que desde 2014 eu não consigo mais trabalhar. Sabe que eu estava na perícia, mas agora me tiraram de novo e eu estou sem benefício, já faz um ano sem receber. Diz que vai sair, mas não sei quando!

Pergunta: E quando vai as consultas médicas ou exames clínicos, você costuma ir sozinho(a) ou alguém lhe acompanha?

Resposta: Sim, às vezes ele acompanha, mas quando dá para ir eu vou só porque é pertinho.

Pergunta: Realiza alguma atividade física?

Resposta: Sim.

Pergunta: O que significa ter qualidade de vida para você?

Resposta: Qualidade de vida é ter uma coisa melhor, ter uma vida melhor, ter o meu dinheirinho para poder comprar as coisas que eu quero e para conseguir ajudar os meus filhos. Cada um me dá uma coisinha e me ajuda.

Pergunta: Em sua opinião, o que o governo deve fazer para melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas?

Resposta: Agora eu acho que ele está melhorando, não! Não está melhor ainda! Tem melhorar! Quem é mais pobre depende dos outros para viver.

Pergunta: Você já está aposentada? É pensionista?

Resposta: Não. Estou encostada. Estou esperando porque, como é que se diz mesmo, eu recorri por olhe só, foi negado ano passado e esse ano eu estou esperando para ver se vai sair. Disse que vai sair! Se vai demorar mais não sei e também quanto tempo.

Pergunta: Atualmente trabalha fora?

Resposta: Não

Pergunta: E o que faz? Em caso de resposta afirmativa sobre trabalhar fora, perguntar: Em razão da pandemia de Covid-19 houve alguma alteração ou redução na sua jornada de trabalho ou na sua rotina?

Resposta: xxxxxx

Pergunta: Utiliza transporte coletivo para ir ao trabalho?

Resposta: xxxxxx

Pergunta: O que nesse momento da vida que lhe dá prazer?

Resposta: O que dá prazer é eu vou ter os meus filhos pertinho de mim, eles cuidando de mim e eu cuidando deles. Gosto de estudar e saio com minha filha para passear no dia da folga dele. Eu vou com ele para a minha nora também.

Pergunta: Você realiza alguma atividade física?

Resposta: Sim, atividade física aqui no Monte Cristo mesmo.

Pergunta: Qual (Quais)?

Resposta: Eu faço ginástica para melhorar a coluna.

Pergunta: Você possui amigos/as?

Resposta: Tenho as amigas da ginástica. Eu sempre faço amizade com elas e eu falo no telefone com elas.

Pergunta: Que importância essas pessoas têm para a sua vida?

Resposta: Tem importância porque é boa amizade porque é muito bom ter amigo, saber conversar porque ajuda a gente com nos problemas. Eu converso. É bom desabafar um pouco. Eu sou muito nervosa, elas me dão conselho e aquilo vai passando, aí venho para a escola para transparecer mais um pouco.

Pergunta: Pensando na sua experiência de vida, que momentos você considera como os mais difíceis?

Resposta: É assim, aprender a ler e escrever. Eu quero aprender a ler e escrever porque onde eu estou ainda atrapalhada nas letras. O meu nome eu já estou sabendo. Às vezes eu erro algumas palavras, mas eu quero aprender mais. Eu gosto de estudar aqui! As minhas professoras são muito boas.

Pergunta: E quais momentos você sente prazer e orgulho em falar?

Resposta: Sim, isso aqui eu consegui, estar aqui, sabe? E a minha saúde que Deus também está me dando para eu continuar batalhando para ir em frente. E eu quero conseguir mais ainda.

Pergunta: Você gosta de se manter informada sobre os acontecimentos da sua comunidade/localidade/cidade, do seu país e do mundo?

Resposta: Sim

Pergunta: Que informações mais lhe interessam?

Resposta: Sim. Eu assisto mais pela televisão. Eu gosto de assistir o jornal.

Pergunta: De que maneira você e as pessoas que você tem mais contato costumam se informar sobre os acontecimentos do dia a dia?

Resposta: Acho que a televisão.

Pergunta: Você costuma se informar sobre a pandemia?

Resposta: Sim.

Pergunta: Já ouviu falar de notícia falsa (ou recebeu alguma informação falsa) a respeito da pandemia?

Resposta: Sim.

Pergunta: Como a senhora se sente com relação a isso?

Resposta: Olha! Eu acho a notícia falsa, eu acho ruim demais. Não podia ter isso, mas acontece, não é?

Pergunta: Como a senhora busca saber se a notícia é verdadeira ou falsa?

Resposta: Aí eu vou atrás da verdade, procuro uma pessoa que me fale se é verdade e se não é. Busco descobrir, eu procuro a minha filha que mora comigo, primeiro porque ele entende de algumas coisas porque está estudando, fazendo curso de administração. Aí ele vai descobrir, mas pergunto para o professor também para ver as verdades.

QUESTÕES ENVOLVENDO A VELHICE CONTEMPORÂNEA (DIMENSÕES SOCIAL E CULTURAL DESTE FENÔMENO):

Pergunta: Você conhece o Estatuto do Idoso?

Resposta: Eu já ouvi falar.

Pergunta: Já teve acesso ou não?

Resposta: Não

Pergunta: Considera ele importante?

Resposta: Sim, eu quero que sim. Mas tem que cobrar mais porque às vezes o idoso não tem onde ficar mesmo. As pessoas não aguentam mais o coitado do idosos. Para ficar com ele ter que ser bem assim, tem que ter respeito e não magoar ele, cuidar bem.

Pergunta: Ao completar 60 anos você foi considerada como uma pessoa idosa, o que isso representou/significou para você?

Resposta: Não me afetou em nada.

Pergunta: Você consegue perceber alguma diferença/mudança entre a vida da pessoa idosa de antigamente (quando você era criança ou jovem) e a do momento presente?

Resposta: Eu lembro da minha mãe quando ela completou 60 anos, ela era mais doente, mas assim, diferente de eu e das outras pessoas que eu conheço. Bem mais diferente! Eu acho que ela, idosa trabalhou mais do que eu no campo, ela ficou mais envelhecida. E as oportunidades de hoje melhoraram.

Pergunta: Você acha que há necessidade das pessoas se prepararem para a velhice?

Resposta: Sim, importante se cuidar, para ter mais saúde porque hoje em dia tem mais doenças. E para se aceitar mais, se conseguir chegar na idade que eu estou.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: De que modo?

Resposta: Fazer ginástica, se alimentar bem, trabalhar, estudar, um monte de coisa.

Pergunta: Você tem liberdade de tomar as suas próprias decisões na sua vida?

Resposta: Depende.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Se eu saio para longe, minha filha se preocupa. Eu tenho problema de saúde e aí ela ficou com medo de ir eu ir sozinha, por exemplo numa viagem, então, ele liga. Ela diz assim: E se acontecer alguma coisa com a senhora ou se a senhora ficar doente, quem vai cuidar? Mas para eu estudar, ela quer. Ir na casa de uma amiga, ele quer. Aí é bem tranquilo!

Pergunta: Você acha que a pessoa idosa se sente respeitada em nossa sociedade?

Resposta: Sim, tem alguns lugares que a gente passa e é respeitado, mas tem outros que não.

Pergunta: Por quê?

Resposta: É porque eu conheço. Eu olho assim, no olho das pessoas só na passada e eu conheço logo! Mas a gente faz de conta que não vê porque se for ligar é pior! Tem que deixar eles chegarem na idade da gente, se conseguirem chegar!

Pergunta: Em sua opinião, o que falta para que se tenha uma visão mais positiva e respeitosa frente à velhice em nosso país?

Resposta: Falta ter mais respeito com os idosos, ensinar desde pequeno para ter mais respeito com as pessoas.

Pergunta: Você já presenciou ou ouviu comentários sobre a ocorrência de atos discriminatórios contra pessoas idosas em razão de terem pouco ou nenhum estudo?

Resposta: Sim, eu já ouvi falarem idoso só atrapalha a vida da gente, idoso caduco. Só que eu fiz que não vi porque não ia falar nada, não é! Porque se eu fosse falar eu passava por errada. Eu fiquei calada, mas só que eu não gostei! Não gostei porque eu estou ficando também.

Pergunta: Há palavras ou expressões relacionadas a pessoa idosa e a velhice que lhe causam tristeza ou mesmo indignação?

Resposta: Sim.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Poderia dar exemplos?

Resposta: Assim, chamar de velha caduca. Essa velha! Aí é xingamento, não é?

Pergunta: Na sua opinião, o isolamento social foi uma medida importante para evitar a disseminação da Covid-19?

Resposta: Eu até que achei bom! Porque se a gente saísse mais, mais gente tinha pego e até falecido. Ficamos em casa. Só que o problema, é que quem era acostumada a sair para cuidar da saúde, senti um pouco. Mas eu aprendi com as meninas do postinho de saúde a fazer em casa. Deu para sair um pouquinho, aprender para fazer em casa, mas não é bom! É muito bom poder sair!

Pergunta: Você sente falta de alguma coisa ou de alguém?

Resposta: Sempre eu ia no final de semana para casa da minha filha que mora na Palhoça. Então para ir lá não podia. E todos os meus amigos da escola também. Aí complicou né! Mas para a saúde foi bom.

Pergunta: Há algo ou alguma palavra que defina esse momento vivido?

Resposta: Eu senti! Eu senti que mexeu muito com os meus problemas de saúde, meus nervos, que eu tenho que sair, que eu tenho que andar para distrair um pouco. Só dentro de casa, presa dentro de casa é ruim. Eu senti mesmo! A palavra que escolho é tristeza, mesmo. Porque dava vontade de chorar. Eu sou chorona!

Pergunta: Houve mudanças na sua rotina por causa da pandemia?

Resposta: Sim, teve que higienizar tudo! Deu bastante trabalho! Porque quando minha filha vinha do trabalho, eu colocava tanto álcool que eu tinha até uma tontura.

Pergunta: Você ou alguém da sua família teve a doença Covid-19?

Resposta: Meus filhos tiveram. Eu não.

Pergunta: Em sua opinião, as pessoas idosas estão recebendo a atenção necessária por parte do governo de nosso país? Olha!

Resposta: Está pouco!

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque para mim mesmo não sai nada!

Pergunta: Tem algo a mais para dizer sobre esse momento vivido de pandemia?

Resposta: Na pandemia a gente tem que usar máscara e a gente se cuidando. E ficar distante um do outro.

Pergunta: A senhora se sentiu acolhida pelos familiares, vizinhos e professores(as) aquelas pessoas?

Resposta: Eu senti meus filhos perto de mim, mesmo não conseguindo abraçar. A gente ficava conversando pelo celular, sabe! Isso me acalmava. A gente conversando tudinho sobre isso aí, isso ia passar, vai passar! Mas na saída assim, para sair para a rua, quem pode fazer caminhada ficava muito difícil porque

não podia fazer caminhada. Se sair quando deu para passar, eu fui com máscara e ficava muito ruim caminhar de máscara.

Pergunta: A senhora se sentiu acolhida pela família, colegas e professores?

Resposta: E sempre eu sentia as pessoas está perto de mim, mesmo eu não conseguindo abraçar. A gente fica conversando pelo celular, isso me acalmava e todo santo dia, me diziam isso aí passar, vai passar. Mas assim, para sair assim, para sair para a rua para fazer caminhada foi muito difícil. E se saia para caminhar tinha que usar máscara e é muito ruim!

QUESTÕES SOBRE AS CONDIÇÕES DE ESTUDO NA ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO CONTEXTO DE PANDEMIA:

Pergunta: Na pandemia, como foram organizadas as aulas e as atividades na sua turma de EJA?

Resposta: No início para estudar era *online*. Eu acompanhava as aulas, mas não todas porque às vezes onde eu estava, não pegava, ficava ruim a internet e também eu não sei mexer aqui no telefone, tenho dificuldade, sabe! Mas até que tem umas vezes que a gente conseguia. Tem foto, tem tudo aqui no telefone. Tem umas que a professora tirou e eu mandava para ela. Ela mandava em papel, aí mandava a gente escrever no caderno, tirar a foto e mandar para ela. Não foi bom não! O bom mesmo é a gente estar aqui. Deu para quebrar um galho, não é! Para não ficar parado todo esse momento, para ocupar a noite, aprender alguma coisinha. A gente sempre falava com os professores que essas coisas iam passar logo. A gente sempre estava junto, conversando para passar o tempo e estudando junto. Tinha dias da semana que aconteciam. Acho que era um dia da semana ou três dias na semana que a gente conversava, acho que era. Para mim foi difícil também ficar em casa para estudar, tive que dar conta da casa e estudo, sem muita ajuda.

Pergunta: Você se sente em condições de acompanhar as aulas?

Resposta: Agora sim.

Pergunta: E quanto aos estudos, como você tem conseguido se organizar e aprender?

Resposta: Nesse momento da aula na escola, sim.

Pergunta: Considerando as suas necessidades práticas do dia a dia, o que você considera como importante aprender?

Resposta: Tem importância sim. É importante. Pelo menos quando a gente já chegou na aula e já mostrava e já estava tudo certinho.

Pergunta: Há alguma dificuldade a ser destacada em relação aos seus estudos?

Resposta: Sim, tive. Acho que um filme para a gente assistir seria bom e depois discutir ele.

Pergunta: O que tem motivado você a não desistir de estudar nesse período de pandemia?

Resposta: O que me motiva a vir é porque eu gosto, eu gosto de estudar e eu quero aprender porque eu não sei ainda estou atrapalhada. Eu tenho problema na cabeça mesmo, entendeu? É mais difícil, mas eu estou buscando e eu estou tentando conseguir para não desistir agora. Enquanto der para vir, eu venho!

Pergunta: De que modo ocorre a comunicação entre você e seu(sua) professor(a) nesse momento de distanciamento social?

Resposta: Foi no WhatsApp. Depois da aula eu ligava às vezes para a professora para saber como ela estava e ela perguntava por mim, sabe!? E contato foi bem importante porque eu não ficava só. Porque quando minha filha ia trabalhar, eu ficava sozinha casa, aí dava uma vontade de falar com as pessoas. As pessoas começavam a ligar e mandar mensagens, aí é tão bom!

Pergunta: Você tem telefone celular, computador ou notebook (ou alguém da sua moradia)?

Resposta: Tenho celular. tem esse último aí e eu não sei para mexer.

Pergunta: Você já ouviu falar em internet?

Resposta: Sim.

Pergunta: Você possui acesso à internet?

Resposta: Eu uso um pouquinho. Minha filha coloca, aí eu consigo.

Pergunta: Acha importante ter?

Resposta: Sim.

Pergunta: Por quê?

Resposta: Porque é muito bom para a gente se comunicar com as pessoas, sabe! Saber mandar mensagem, saber como é que está a família e os amigos, todo mundo!

Pergunta: Na sua moradia, alguém tem acesso à internet?

Resposta: Sim

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Desde quando (faz muito tempo)?

Resposta: Faz tempo.

Pergunta: Você mantém contato com algum(a) colega da sua turma de EJA?

Resposta: Sim

Pergunta: Como?

Resposta: No WhatsApp, a minha filha me ensinou a mandar mensagem falada para as pessoas, isso me ajuda muito! Ele me ensinou que tem que olhar aqui a mensagem, só que eu tenho vontade e não aprendi ainda é escrever no celular. Foto já tiro. Às vezes tem umas que sai boa e outras não, mas acho que isso é normal.

Pergunta: Nesse momento de isolamento social, como você faz para se comunicar com as pessoas da sua localidade?

Resposta: Agora na pandemia a gente só falava na porta porque não dava para sair, só de máscara! Mas todo mundo usava.

Pergunta: Tem contato com pessoas que moram mais distantes?

Resposta: Não

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: De que modo?

Resposta: xxxxxx

Pergunta: Nesse momento de pandemia, o que você considera como essencial para aprender?

Resposta: A pandemia está nos dando a lição que a gente cuidar mais, não é! Cuidar da gente, da saúde e de todo mundo, mais higiene também. Tem muita gente que não tem nem o que comer, então a gente tem que prestar mais atenção!

Pergunta: Você está enfrentando alguma dificuldade (ou mais de uma) para dar continuidade em seus estudos na EJA?

Resposta: Sim, dificuldade.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Comente um pouco sobre a/s dificuldade/s enfrentada/s.

Resposta: É porque sempre eu tenho, eu esqueço das letras. Eu vou escrevendo e a professora muito boa ela, mas na hora estou lembrada, mas depois eu vou estudar já não lembro mais. Eu esqueço! Só o não ler porque eu faço conta de cabeça. Sou contra comprar, fazer compras, só na cabeça. Antigamente eu botei uma venda em casa, só passando o troco, que a minha filha me ensinava porque eu a botei na escola. Ela me ensinava o troco. Dizia: Oh mãe! É assim: Eu disse isso para a senhora, dá esse troco para essa pessoa e se der tanto, sobra tanto. E assim foi passando até eu chegar aqui de novo para estudar e aprender mais um pouco. Então o meu nome eu não sabia fazer, eu vim aprender aqui! Eu tinha esquecido de fazer. E para pegar o ônibus era uma dificuldade. Era muito ruim porque eu tinha que ficar perguntando para as pessoas no ponto, às vezes uns diziam certo e outros diziam: Eu não sei, moça! Como um falava certo, outro errado, aí eu ficava pensando, será que está certo? Eu tinha muita insegurança. Mas agora eu já estou bem melhor, o ônibus mesmo, eu olho pelo número, fico olhando Monte Cristo, Capoeiras e vou olhando e fico porque eu tenho que lembrar para quando ele vir, eu já sei que é esse aí.

Pergunta: Você sente falta das aulas presenciais?

Resposta: Sim

Pergunta: De que sente falta?

Resposta: De tudo, do contato com os colegas, com os professores, de sair de casa para vir estudar.

Pergunta: Você teve o acolhimento dos colegas, professores e amigos?

Resposta: Eu fui acolhida por colegas e professores. Foi uma sensação boa para sua vida, eu me senti valorizada.

QUESTÕES ACERCA DOS SABERES VIVENCIADOS NA PRÁTICA SOCIAL POR PESSOAS IDOSAS DAS CLASSES SUBALTERNIZADAS E AS DEMANDAS SOCIAIS MANIFESTADAS FRENTE ÀS EXIGÊNCIAS DE USO DA LEITURA E DA ESCRITA EM NOSSA SOCIEDADE:

Pergunta: Como a pessoa com pouco ou nenhum estudo é vista por nossa sociedade?

Resposta: A pessoa da minha época não estudava porque tinha que trabalhar desde novinha. E isso vai ser ruim para arrumar emprego, para trabalhar, tem a gente vai pegar uma receita médica ou pegar o carro para ir para o hospital não sabe, tem que ficar perguntando para os outros. Não sabe nem como tomar um remédio porque não ler e também do horário porque não sabe ler, não sabe que hora tomou, não sabe o nome nada. A gente tem que buscar!

Pergunta: Por quê?

Resposta: A gente considerada cega porque não sabe ler.

Pergunta: A maioria das pessoas de sua família conseguiu fazer valer o seu direito de estudar?

Resposta: Conseguiu, o meu irmão.

Pergunta: E as pessoas de seu convívio e com mais ou menos a sua idade, conseguiram estudar?

Resposta: Acho que também.

Pergunta: Sabe dizer o motivo?

Resposta: Não sei.

Pergunta: Com base na sua história de vida, conte como foi a sua experiência em ter que lidar com os materiais escritos no dia a dia.

Resposta: Eu gravava o horário e também quando eu tinha um radinho eu cuidava a hora, deu tal hora. Se era um remédio de 6 em seis hora eu somava, de 8 em 8 hora também, de 12 em 12 hora, eu contava as horas para ser certo e eu consegui.

Pergunta: Você costuma falar dessa experiência para outras pessoas?

Resposta: Eu quero esquecer o passado e viver agora o bom. O que passou fica muita coisa na vida da gente, o que passou deu. Lembrar a gente lembra, mas é bom esquecer as coisas ruins. Mas tem que seguir para frente! Valoriza só as coisas boas que eu passei. Aconteceu só quando eu morrer, aí vou esquecer. Para as minhas netas eu contava, mas elas falaram: Ô vó! Isso aí é já passou! Não fale isso, não! Aí eu parava de falar. Hoje em dia os jovens não querem mais escutar essas coisas de antigamente. Tenho duas que moram em Portugal com a mãe delas, da minha nora que se separou do meu filho. Eu tenho um outro filho que mora aqui na Palhoça e tenho outra filha, que mora lá na minha terrinha, Alagoas, a minha neta mais velha mora lá. Mas é assim, tem umas que querem até ouvir sobre a vida da gente e tem outras que dizem: Ai vó! Deixe lá! As que está em Portugal, eu falo pelo WhatsApp. Eu tenho vontade de conhecer lá! Vai fazer uns três anos que elas foram para lá.

Pergunta: Como você buscou (busca) saber e se apropriar do que estava (está) escrito?

Resposta: Eu sempre tive vontade de saber o que estava escrito. Agora eu já sei alguma coisa, conheço mais as letras.

Pergunta: Você já recebeu a ajuda de alguém?

Resposta: Muitas vezes.

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Conte um pouco mais sobre essa ajuda.

Resposta: Lembro da minha tristeza de entrar num lugar e não saber. Eu ficava olhando, olhando e tinha que pedir ajuda para uma pessoa que trabalhava ali. Aí ela dizia: É isso? O preço é tanto. Eu me sentia muito envergonhada em ter que perguntar e muitas vezes eu deixava de comprar por vergonha de ter que perguntar. Aconteceu muitas vezes! Eu também tinha um relógio de ponteiro, o meu pai me ensinou os números e eu olhava, tal hora vai dar dez horas, onze horas, dependia do horário. Eu me organizei pelo horário porque assim, só o que está difícil mesmo, é aprender a escrever e ler. Mas tenho muita vontade de aprender!

Pergunta: Em seus grupos de convivência (ou que mais conviveu) a oralidade se fez (faz) importante?

Resposta: Não

Pergunta: Você frequenta (frequentou) locais em que a leitura é realizada em voz alta e de forma coletiva?

Resposta: Não

Pergunta: Caso de resposta afirmativa, perguntar: Que locais são esses? Como você se sente nesses locais?

Resposta: xxxxxx

Pergunta: Você considera a memorização, isto é, o efeito de memorizar, de lembrar e de fixar na memória, como algo importante para as pessoas que não estão habituadas ao mundo da escrita?

Resposta: Sim, muito importante para quem não sabe ainda ler e escrever, igual eu.

Pergunta: Há algo mais a ser considerado sobre essa situação?

Resposta: Não

Pergunta: Você costuma valorizar os saberes provenientes da sua própria experiência de vida (na família, na profissão, na escola, em todos os espaços sociais) e que são produzidos no dia a dia da sua prática em sociedade?

Resposta: Sim

Pergunta: Por quê?

Resposta: É bom. Eu gosto de contar como eu fui estudar aqui na EJA. Acho que é só aqui que tem, que eu sei, depois tem outras para o lado, lá no centro. Foi por uma colega minha que é minha vizinha que me disse que tinha EJA e depois a gente veio estudar juntas. E depois eu já trouxe outra, eu fui buscando outra e outra e assim vai. Aí vou chamando! Vou fazendo o boca a boca. Eu acho muito bom ficar aqui, estudar aqui. Na minha turma tem bastante gente, mas sempre tem gente que falta porque eles trabalham chegam tarde e não dá vontade, outras não dá para vir porque tem que ficar com o filho que está doente, muita coisa acontece! Mas a gente que está aqui é tudo bom, as meninas, os meninos e a professora também. Só a gente sente um pouco porque todo ano muda de professora, mas essa mudança depois é tranquila. A gente sente no início, mas se acostuma novamente.

Pergunta: O que foi mais difícil para lidar com esses saberes da pandemia?

Resposta: Olha! Isso aí foi muito ruim! A pandemia atrasou muitas coisas, mas por um lado foi bom porque não pela doença, mas pelo ensinamento da gente. A gente se cuida mais, a nossa saúde, não é? E por outras coisas foi mais difícil.

ANEXO 1: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS USOS E AS RELAÇÕES DAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA COM AVIDA DOS(AS) ESTUDANTES IDOSOS(AS) DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Pesquisador: Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 51846321.0.0000.0121

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.148.740

Apresentação do Projeto:

Tese de doutorado de Cassia Machado, orientada por Maria Herminia Lage Fernandes Laffin, no PPG em Educacao da UFSC.

O objetivo geral do estudo e analisar as estratégias e táticas no uso e na relação com as praticas de leitura e escrita na vida dos(as) estudantes idosos(as) da EJA pertencentes a rede municipal de Florianópolis, no contexto de pandemia.

A metodologia inclui entrevistas com 8 pessoas acima de 60 anos, estudantes da EJA, conduzidas via plataformas digitais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primario:

Compreender as estratégias e táticas no uso e na relação com as praticas de leitura e escrita na vida dos(as) estudantes idosos(as) da EJA do município de Florianópolis, no contexto de pandemia da Covid-19.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Já avaliados.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.148.740

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Tese de Doutorado

Estudo qualitativo e exploratório

N= 8

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram resolvidas adequadamente. Não há impedimentos para a realização da pesquisa.

Lembramos que a presente aprovação refere-se apenas aos aspectos éticos do projeto. Qualquer alteração nos documentos aprovados deve ser encaminhada para avaliação do CEPESH. Informamos que, obrigatoriamente, a versão do TCLE a ser utilizada deverá corresponder na íntegra à versão vigente aprovada.

Esclarecemos que o CEPESH está sob fiscalização da CONEP e tem a obrigação de verificar se todos itens exigidos estão de acordo com a legislação, sob pena de sanções tais como suspensão ou descredenciamento, o que seria extremamente prejudicial a toda a comunidade acadêmica da UFSC e de outras instituições que utilizam seu serviço.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1801691.pdf	19/11/2021 15:32:25		Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	Solicitacao_do_CEP.pdf	28/09/2021 15:44:11	Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEEstudante_CM_assinado.pdf	28/09/2021 15:36:34	Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.148.740

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Comite_de_etica_Brochurapesquisa.pdf	02/09/2021 22:35:26	Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado	Aceito
Orçamento	Orcamento_pesquisa.pdf	02/09/2021 22:33:31	Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto__CED_assinado.pdf	02/09/2021 22:32:46	Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado	Aceito
Outros	Questoes_para_Comite_de_Etica_pront o.pdf	02/09/2021 22:30:29	Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_SME.pdf	02/09/2021 22:26:19	Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado	Aceito
Cronograma	Cronograma_ATIVIDADES PESQUISA.p df	16/08/2021 01:57:52	Cássia Cilene de Almeida Chalá Machado	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 06 de Dezembro de 2021

Assinado por:
Nelson Canzian da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br